

BEST-SELLER Nº 1 DO *THE NEW YORK TIMES*

O segredo do *meu* marido

*O problema da verdade
é que ela pode
mudar tudo...*



Liane Moriarty



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Liane Moriarty

O segredo do meu marido

TRADUÇÃO DE

Rachel Agavino



TÍTULO ORIGINAL

The Husband's Secret

REVISÃO

Ulisses Teixeira

Milena Vargas

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo Livros

E-ISBN

978-85-8057-480-7

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Para Adam, George e Anna.

E para Amelia.

Errar é humano; perdoar é divino.

ALEXANDER POPE

Pobre, pobre Pandora. Zeus a envia para se casar com Epitemeu, um homem não muito inteligente que ela nunca viu, e que tem um misterioso jarro tampado. Ninguém diz a Pandora uma palavra sobre o jarro. Ninguém diz a ela para não abri-lo. Naturalmente, ela o abre. O que mais poderia fazer? Como ela deveria saber que todos aqueles males terríveis se derramariam para atormentar a humanidade até o fim dos tempos, e a única coisa que restaria no jarro seria a esperança? Por que não havia um selo de advertência?

Então todo mundo fica dizendo: Ah, Pandora, onde está sua força de vontade? Disseram-lhe para não abrir a caixa, sua bisbilhoteira, sua mulher típica, com uma curiosidade insaciável; agora veja só o que você fez. Quando, para começar, era um jarro, não uma caixa e, além disso — quantas vezes ela teria que repetir? —, ninguém disse uma palavra sobre não abri-lo!

SEGUNDA-FEIRA

Foi tudo por causa do Muro de Berlim.

Se não fosse o Muro de Berlim, Cecília nunca teria encontrado a carta, e então não estaria sentada ali, à mesa da cozinha, tentando convencer a si mesma a não abri-la com um rasgo.

O envelope estava cinza por causa de uma fina camada de poeira. As palavras na frente haviam sido escritas com uma caneta esferográfica de um azul berrante, a caligrafia tão familiar quanto a dela própria. Ela virou o envelope. Estava lacrado com um pedaço de fita adesiva amarelada. Quando a carta tinha sido escrita? Parecia velha, como se tivesse sido anos antes, mas não havia como saber ao certo.

Ela não iria abri-la. Estava bastante claro que não deveria fazer isso. Ela era a pessoa mais determinada que conhecia, e já decidira que não abriria a carta, então não havia mais por que pensar no assunto.

Embora, honestamente, se ela a abrisse, que problema haveria nisso? Qualquer mulher abriria a carta na mesma hora. Listou todas as suas amigas e o que diriam se ligasse para elas naquele exato momento e perguntasse o que achavam.

Miriam Oppenheimer: *Sim. Abra.*

Erica Edgecliff: *Você está brincando? Abra agora mesmo.*

Laura Marks: *Sim, você deveria abri-la e depois lê-la para mim.*

Sarah Sacks: ...

Não tinha sentido perguntar a Sarah, pois ela era incapaz de tomar uma decisão. Se Cecília perguntasse a Sarah se queria chá ou café, ela ficaria sentada por um minuto inteiro, a testa franzida enquanto penava pesando os prós e contras de cada bebida, antes de, por fim, dizer: “Café! Não, espere, chá!” Uma decisão como aquela a faria ter um colapso.

Mahalia Ramachandran: *Claro que não. Seria um completo desrespeito ao seu marido. Você não deve abri-la.*

Mahalia às vezes podia ser um pouco confiante demais, com aqueles olhos castanhos enormes e éticos.

Cecília deixou a carta na mesa da cozinha e foi ligar a chaleira.

Malditos Muro de Berlim, Guerra Fria e quem quer que estivesse lá em mil novecentos e quarenta e sei lá quanto ruminando sobre o que fazer com aqueles alemães ingratos; o cara que de repente estalou os dedos e disse: “Ok, já sei! Vamos construir uma droga de um muro enorme e deixar os vagabundos do lado de dentro!”

Provavelmente não deve ter soado como um sargento-mor britânico.

Esther saberia de quem foi a ideia de construir o Muro de Berlim. Era provável que ela soubesse até a data de nascimento do sujeito. Deve ter sido um homem, claro. Só um homem poderia ter uma ideia tão cruel, tão essencialmente estúpida e de uma eficiência tão brutal.

Será que isso era sexista?

Ela encheu a chaleira, ligou-a e, com um papel-toalha, secou as gotinhas d'água na pia, para que ficasse brilhando.

Uma das mães da escola, que tinha três filhos com quase exatamente a mesma idade das três filhas de Cecília, dissera que um de seus comentários fora “um tantinho sexista”, logo antes de elas começarem a reunião do Comitê de Festas na última semana. Cecília não se lembrava do que dissera, mas tinha sido só uma brincadeira. De todo modo, as mulheres não estavam autorizadas a serem sexistas pelos próximos dois mil anos, mais ou menos, até igualarem o placar?

Talvez ela fosse sexista.

A chaleira apitou. Cecília mergulhou um saquinho de chá Earl Grey e observou as espirais pretas se espalharem pela água como tinta. Havia coisas piores do que ser sexista. Por exemplo, você poderia ser o tipo de pessoa que encosta as pontas dos dedos indicador e polegar quando fala “um tantinho”.

Ela olhou para o chá e suspirou. Uma taça de vinho cairia bem naquele momento, mas ela havia parado de beber álcool para a Quaresma. Faltavam apenas seis dias. Tinha uma garrafa cara de Shiraz pronta para ser aberta no domingo de Páscoa, quando trinta e cinco adultos e vinte e três crianças viriam para o almoço, então ela precisaria do vinho. Embora, é claro, tivesse experiência com essas recepções. Era Cecília que recebia as pessoas na Páscoa, no Dia das Mães, no Dia dos Pais e no Natal. John-Paul tinha cinco irmãos mais novos, todos casados e com filhos. O que constituía uma pequena multidão. O segredo era o planejamento. Um planejamento meticuloso.

Ela pegou o chá e o levou para a mesa. Por que mesmo tinha parado de tomar vinho para a Quaresma? Polly fora mais sensata. Tinha abandonado a geleia de morango. Cecília nunca vira Polly demonstrar mais do que um pequeno interesse por geleia de morango, embora depois da promessa, é claro, sempre a pegasse na frente da geladeira, olhando com desejo para o pote. O poder da proibição.

— Esther! — gritou ela.

Esther estava no cômodo ao lado com as irmãs, assistindo a *The Biggest Loser* enquanto dividiam um pacote gigante de batatas chips sabor sal e vinagre, que tinha sobrado do churrasco em comemoração ao Dia da Austrália, meses antes. Cecília não sabia por que suas três filhas magras adoravam ver pessoas acima do peso suarem, gritarem e morrerem de fome. Aquilo não parecia ensinar a elas hábitos alimentares saudáveis. Ela deveria ir lá e confiscar o pacote de batatas, só que as três tinham comido salmão e brócolis ao vapor no jantar sem reclamar, e ela não tinha forças para encarar uma discussão.

Ela ouviu alguém vociferar na televisão: “Sem sacrifício não há resultado!”

Não era uma afirmativa tão ruim para suas filhas escutarem. Cecília sabia disso melhor do que ninguém! Ainda assim, não gostava das expressões de nojo no jovem rosto das meninas. Ela tomava sempre muito cuidado para não fazer comentários negativos sobre sua forma física na frente das filhas, embora não pudesse dizer o mesmo de suas amigas. Outro dia mesmo Miriam Oppenheimer dissera, alto o bastante para suas filhas impressionáveis ouvirem: “Meu Deus! Vejam só a minha barriga!”, e apertou a carne entre os dedos como se fosse algo desprezível. Ótimo, Miriam, como se nossas filhas já não recebessem um milhão de mensagens todos os dias dizendo a elas para odiarem seus corpos.

Na verdade, a barriga de Miriam *estava* mesmo ficando um pouco saliente.

— Esther! — gritou ela de novo.

— O que foi? — Esther berrou de volta, com uma voz paciente de quem se sente explorado que Cecilia desconfiou ser uma imitação inconsciente da sua própria.

— Quem teve a ideia de construir o Muro de Berlim?

— Bem, eles têm quase certeza de que foi Nikita Khrushchev! — respondeu Esther imediatamente, pronunciando o nome de som exótico com grande contentamento e com sua interpretação peculiar de sotaque russo. — Ele era, tipo, o primeiro-ministro da Rússia, só que o chamavam de premier. Mas pode ter sido...

As irmãs reagiram na mesma hora, com sua educação impecável de costume.

— Cala a boca, Esther!

— Esther! Não consigo *ouvir* a televisão!

— Obrigada, querida!

Cecilia deu um gole no chá e se imaginou voltando no tempo e botando o tal Khrushchev no devido lugar.

Não, Sr. Khrushchev, o senhor não pode ter um muro. Isso não vai provar que o comunismo funciona. Isso não vai dar certo. Agora, veja, não concordo que o capitalismo seja essa maravilha toda! Deixe-me mostrar ao senhor a última fatura do meu cartão de crédito. Mas o senhor realmente precisa pensar melhor.

E então, cinquenta anos depois, Cecilia não teria encontrado aquela carta que a fazia se sentir tão... Qual era a palavra?

Dispersa. Era isso.

Ela gostava de se sentir focada. Tinha orgulho de sua capacidade de concentração. Seu dia a dia era preenchido por mil pecinhas minúsculas — “Preciso comprar coentro”; “Cortar o cabelo da Isabel”; “Quem vai ficar com Polly no balé terça-feira enquanto levo Esther à fonoadióloga?” —, como um daqueles terríveis quebra-cabeças gigantes que Isabel passava horas montando. E Cecilia, que não tinha paciência alguma para quebra-cabeças, sabia exatamente onde ficava cada pecinha da sua vida e qual deveria ser encaixada depois.

E, ok, talvez a vida que Cecilia levava não fosse tão incomum ou impressionante. Ela era uma mãe que levava as filhas para a escola e uma consultora de meio expediente da Tupperware, não uma atriz, uma atuária ou uma... poetisa morando em Vermont. (Recentemente, Cecilia descobrira que Liz Brogan, com quem estudara no ensino médio, se tornara uma poetisa premiada que morava em Vermont. Liz, que comia sanduíches de queijo com Vegemite e sempre perdia o bilhete do ônibus. Cecilia precisou de todo o seu considerável autocontrole para não achar aquilo irritante. Não que ela quisesse escrever poesia. Mas mesmo assim. Seria de se imaginar que, se alguém fosse levar uma vida comum, esse alguém era Liz Brogan.) É claro que Cecilia nunca havia aspirado a nada diferente do comum. *Aqui estou eu, uma típica mãe de classe média*, às vezes ela se pegava pensando, como se alguém a tivesse acusado de ter se impedido de ser alguma outra coisa, algo maior que isso.

As outras mães falavam que se sentiam sobrecarregadas e sobre a dificuldade de se concentrar em uma única coisa, e sempre diziam: “Como você consegue fazer tudo isso, Cecilia?”, mas ela não sabia que resposta dar. Na verdade, não entendia o que elas achavam tão difícil.

Mas agora, por algum motivo, tudo parecia estar em risco. Não fazia sentido.

Talvez não tivesse nada a ver com a carta. Talvez fossem os hormônios. Ela estava “possivelmente na pré-menopausa”, segundo o Dr. McArthur. (“Ah, não estou, *não!*”, reagira Cecília de forma automática, como se respondesse a uma provocação gentil, uma piada.)

Talvez fosse um caso daquela vaga ansiedade que algumas mulheres experimentavam. *Outras* mulheres. Ela sempre considerara pessoas ansiosas fofas. Pobres pessoas ansiosas que nem Sarah Sacks. Ela tinha vontade de afagar suas cabeças cheias de preocupações.

Talvez se ela abrisse a carta e visse que não era nada, voltasse a ter tudo em foco. Tinha coisas a fazer. Duas cestas de roupa lavada para dobrar. Três telefonemas urgentes para dar. Bolinhos sem glúten para assar para os membros do Grupo do Projeto do Site da Escola intolerantes a glúten (i.e., Janine Davidson), que se reuniria no dia seguinte.

Havia outras coisas além da carta que poderiam estar deixando Cecília ansiosa.

A questão do sexo, por exemplo. Isso estava sempre na cabeça dela, bem no fundo.

Ela franziu a testa e deslizou as mãos pelas laterais da cintura. Pelos “músculos oblíquos”, de acordo com seu professor de pilates. Ah, veja bem, a questão do sexo não era *nada*. Não estava de verdade na sua cabeça. Ela se recusava a permitir que estivesse. Era irrelevante.

Talvez fosse verdade que desde aquela manhã no ano passado ela tinha ganhado consciência de um latente senso de fragilidade, uma nova compreensão de que sua vida de coentro e lavanderia poderia ser roubada num instante, que sua normalidade poderia desaparecer, e de repente você seria uma mulher de joelhos, com o rosto erguido para o céu, e algumas outras mulheres correriam para lhe ajudar, mas outras já estariam lhe dando as costas, com as palavras não articuladas, mas sentidas: *Não deixe que isso me atinja*.

Cecília viu aquilo de novo, pela milésima vez: o pequeno Homem-Aranha voando. Ela foi uma das mulheres que correram. Bem, claro que foi, escancarando a porta do carro, mesmo sabendo que nada do que fizesse poderia resultar em qualquer diferença. Não era a sua escola, sua vizinhança, sua paróquia. Nenhuma de suas filhas jamais brincara com o menininho. Ela nunca tomara café com a mulher de joelhos. Estava apenas parada no sinal do outro lado do cruzamento quando aquilo aconteceu. Um garotinho, com cerca de cinco anos, vestindo um macacão do Homem-Aranha, azul e vermelho, esperava ao lado da rua, segurando a mão da mãe. Era a Semana do Livro. Por isso o garotinho estava fantasiado. Cecília olhava para ele, pensando *Humm, na verdade o Homem-Aranha não é um personagem de livro*, quando, sem que pudesse perceber um motivo, ele soltou a mão da mãe e deu um passo para fora da calçada, no meio do tráfego. Cecília gritou. Por instinto, lembrou depois, tinha metido a mão na buzina.

Se Cecília tivesse passado por ali apenas alguns minutos depois não teria visto aquela cena. Dez minutos depois e a morte do garotinho não significaria para ela nada além de outro acidente de trânsito. Agora, era uma lembrança que um dia provavelmente faria seus netos dizerem: “Não aperte minha mão com tanta *força*, vovó.”

É claro que não havia ligação alguma entre o pequeno Homem-Aranha e aquela carta.

Ele apenas lhe vinha à mente em momentos estranhos.

Cecília empurrou a carta em cima da mesa com a ponta do dedo e alcançou o livro que Esther pegara na biblioteca: *A ascensão e a queda do Muro de Berlim*.

Então, o Muro de Berlim. Maravilha.

Só soubra que o Muro de Berlim se tornaria uma parte importante da sua vida naquele dia, no café da manhã.

Apenas Cecilia e Esther estavam sentadas à mesa da cozinha. John-Paul estava viajando, ficaria em Chicago até sexta, e Isabel e Polly ainda dormiam.

Normalmente, Cecilia não se sentava de manhã. Em geral, tomava café em pé junto à bancada, enquanto preparava a merenda que as meninas levavam para a escola, checava os pedidos de Tupperware no seu iPad, esvaziava o lava-louça, mandava mensagens para clientes sobre suas reuniões, qualquer coisa, mas aquela era uma rara oportunidade de ter algum tempo sozinha com sua estranha e querida filha do meio, então, enquanto Esther devorava uma tigela de cereais de arroz, ela se sentou com seus cereais Bircher e esperou.

Tinha aprendido isso com as filhas. Não dizer uma palavra. Não fazer perguntas. Dê a elas tempo suficiente que, no fim, acabam lhe contando o que têm na cabeça. Era como pescar. Era necessário silêncio e paciência. (Pelo menos foi o que ela ouviu dizer. Cecilia preferiria martelar pregos em sua testa a ir pescar.)

O silêncio não era algo fácil para ela. Cecilia era muito falante. “Sério, você consegue ficar de boca calada por um minuto?”, um ex-namorado lhe perguntara certa vez. Ela falava demais quando ficava nervosa. Esse ex-namorado devia deixá-la nervosa. Embora ela também falasse muito quando estava feliz.

Mas não disse nada naquela manhã. Apenas comeu, e esperou, e, como previra, Esther começou a falar.

— Mãe — começou ela, com sua vozinha rouca e precisa, ceceando um pouco. — Você sabia que algumas pessoas escaparam por cima do Muro de Berlim em balões de ar quente que elas mesmas fizeram?

— Eu não sabia disso — respondeu Cecilia, embora talvez soubesse.

Adeus, Titanic; olá, Muro de Berlim, pensou.

Ela teria preferido que Esther tivesse compartilhado algo que estivesse sentindo, suas preocupações com a escola, com os amigos, que perguntasse algo sobre sexo. Mas não, ela queria falar sobre o Muro de Berlim.

Desde os três anos Esther vinha desenvolvendo esses interesses ou, mais precisamente, essas obsessões. Primeiro foram os dinossauros. Claro que muitas crianças se interessam por dinossauros, mas a curiosidade de Esther era, para ser sincera, bastante exaustiva, e um pouco peculiar. Nada mais a interessava. Ela desenhava dinossauros, brincava com dinossauros, se fantasiava de dinossauro. “Não sou Esther”, dizia. “Sou um tiranossauro rex.” Todas as histórias antes de dormir tinham que ser sobre dinossauros. Todas as conversas tinham que ter alguma relação com eles. Por sorte, John-Paul demonstrava interesse, porque Cecilia ficava entediada em cerca de cinco minutos. (Eles estavam extintos! Não tinham nada a dizer!) John-Paul levava Esther a excursões especiais no museu. Chegava em casa com livros para ela. Passava horas sentado com a menina, conversando sobre herbívoros e carnívoros.

Desde então, os “interesses” de Esther abrangeram de montanhas-russas a sapos-cururus. O mais recente fora o *Titanic*. Agora que estava com dez anos, tinha idade suficiente para fazer suas próprias pesquisas na biblioteca e na internet, e Cecilia ficava impressionada com as informações que ela reunia.

Que criança de dez anos ficava deitada na cama lendo livros de história tão grandes e volumosos que ela mal conseguia segurá-los?

“Incentive-a!”, diziam os professores, mas, às vezes, Cecilia ficava preocupada. Achava que talvez Esther fosse um pouco autista ou que estivesse pelo menos em algum ponto do espectro do autismo. A mãe de Cecilia rira quando ela mencionara sua preocupação. “Mas Esther é exatamente como você era!”, dissera ela. Não era verdade.

— Tenho um pedaço do Muro de Berlim — Cecilia contara a Esther naquela manhã, tendo se lembrado disso de repente, e fora gratificante ver os olhos da filha se iluminarem com interesse. — Eu estive na Alemanha, depois que o Muro caiu.

— Posso ver? — perguntou Esther.

— Você pode ficar com ele, querida.

Joias e roupas para Isabel e Polly. Um pedaço do Muro de Berlim para Esther.

Cecilia, na época com vinte anos, fizera uma viagem de férias de seis semanas pela Europa com sua amiga Sarah Sacks, em 1990, apenas alguns meses após o anúncio de que o Muro seria derrubado. (A famosa indecisão de Sarah, combinada à conhecida determinação de Cecilia, as tornavam companheiras de viagem perfeitas. Não havia conflito de modo algum.)

Quando chegaram a Berlim, viram turistas enfileirados na frente do Muro, tentando tirar lascas dele (para guardar como recordação) usando chaves, pedras ou qualquer coisa que encontrassem. O Muro era como a carcaça gigante de um dragão que havia aterrorizado a cidade, e os turistas eram corvos bicando seu cadáver.

Sem as ferramentas apropriadas, era quase impossível tirar um bom pedaço, então Cecilia e Sarah decidiram (bem, foi Cecilia) comprar seus pedaços dos empreendedores locais que haviam estendido tapetes e estavam vendendo uma variedade de pedras. O capitalismo tinha mesmo triunfado. Era possível comprar qualquer coisa, desde lascas acinzentadas do tamanho de bolas de gude até blocos gigantes com pichações.

Cecilia não se lembrava de quanto pagara pela minúscula pedra cinza que poderia ter sido retirada do jardim de qualquer pessoa. “Provavelmente foi”, dissera Sarah naquela noite, quando elas pegaram o trem e deixaram Berlim, e as duas riram de sua ingenuidade, mas ao menos sentiam que tinham feito parte da história. Cecilia guardara sua lasca num saco de papel no qual escrevera “MEU PEDAÇO DO MURO DE BERLIM”, e quando voltou para a Austrália, jogou-o numa caixa com todas as outras lembranças que colecionara: descansos de copo, bilhetes de trem, cardápios, moedas estrangeiras, chaves de hotel.

Cecilia agora desejava ter se concentrado mais no Muro, tirado fotos, procurado saber de outros casos curiosos que poderia compartilhar com Esther. Na verdade, o que ela mais se lembrava da viagem a Berlim era de ter beijado um alemão bonito, de cabelo castanho, numa boate. Ele ficava tirando os cubos de gelo do drinque e os deslizava pela clavícula dela, o que na época parecera incrivelmente sexy, mas agora parecia anti-higiênico e desagradável.

Se ao menos ela tivesse sido o tipo de garota curiosa e com consciência política que conversava com os moradores locais sobre como fora viver à sombra do Muro. Em vez disso, tudo o que tinha para dividir com a filha eram histórias de beijos e cubos de gelo. É claro que Isabel e Polly iriam amar ouvi-la contar

sobre os beijos e cubos de gelo. Ou Polly iria; talvez Isabel já tivesse chegado à idade em que imaginar a mãe beijando alguém fosse chocante.

Cecilia pôs *Encontrar o pedaço do Muro de Berlim para E* na sua lista de afazeres do dia (havia vinte e cinco itens — ela usava um aplicativo no iPhone para listá-los), e, por volta das duas da tarde, foi ao sótão procurá-lo.

“Sótão” provavelmente era uma palavra muito generosa para descrever a área usada como depósito no espaço abaixo do telhado. Chegava-se ali puxando uma escada de mão de um alçapão no teto.

Quando estava lá em cima, ela precisava manter os joelhos dobrados para não bater com a cabeça. John-Paul recusava-se terminantemente a ir lá em cima. Ele sofria de uma claustrofobia terrível e subia seis lances de escada todos os dias até o escritório para não ter que usar o elevador. O pobre coitado tinha pesadelos recorrentes em que estava preso numa sala cujas paredes se fechavam. “As paredes!”, gritava ele, e logo depois acordava, suado e de olhos arregalados. “Você acha que ficou trancado num armário quando criança?”, perguntara Cecilia certa vez (ela não duvidava de que a mãe dele fosse capaz de deixar isso acontecer), mas ele dissera que tinha quase certeza de que não. “Na verdade, John-Paul nunca teve pesadelos quando era pequeno”, contou a mãe dele a Cecilia quando ela lhe perguntara sobre isso. “Ele dormia *como um anjo*. Será que você não está dando uma comida muito pesada para ele à noite?” Cecilia acabou se acostumando com os pesadelos.

O sótão era pequeno e entulhado, mas limpo e bem organizado, é claro. Nos últimos anos, “organizada” parecia ter se tornado a principal característica de Cecilia. Era como se ela fosse uma subcelebridade famosa por esse único talento. Era engraçado notar que, quanto mais sua família e seus amigos implicavam com essa característica, mais ela se perpetuava, de forma que agora a vida de Cecilia era *extraordinariamente* bem organizada, como se a maternidade fosse um esporte e ela fosse uma atleta de ponta. Era como se ela pensasse: *Até onde posso levar isso? Quantas coisas mais consigo encaixar na minha vida sem perder o controle?*

E era por isso que outras pessoas, como sua irmã Bridget, tinham quartos cheios de tralhas empoeiradas, enquanto no sótão de Cecilia havia caixas brancas de plástico claramente etiquetadas. A única parte que não parecia muito “Ceciliana” era a torre de caixas de sapato no canto. Eram de John-Paul. Ele gostava de guardar os controles financeiros de cada ano em uma caixa de sapato diferente. Era algo que ele fazia havia anos, antes de conhecer Cecilia. E tinha orgulho daquilo, então ela conseguira se controlar para não dizer a ele que um arquivo seria um modo muito mais eficiente de usar aquele espaço.

Graças a suas caixas rotuladas, ela encontrou o pedaço do Muro de Berlim quase de imediato. Abriu a tampa da caixa identificada como *Cecilia: lembranças de viagens. 1985-1990*, e lá estava ele, no saco de papel pardo desbotado. Seu pequeno pedaço da história. Ela pegou o pedaço de pedra (cimento?) e o segurou na palma da mão. Era ainda menor do que se lembrava. Não parecia especialmente impressionante, mas ela esperava que bastasse para que fosse recompensada com um dos raros e tortos sorrisinhos de Esther. Requeria um grande esforço arrancar um sorriso dela.

Então Cecilia se permitiu uma pequena distração (sim, ela fazia muitas coisas todos os dias, mas não era uma *máquina*, e às vezes desperdiçava algum tempo) olhando as coisas na caixa e rindo da foto que tirara com o alemão dos cubos de gelo. Ele, assim como o pedaço do Muro de Berlim, não era tão

impressionante quanto se lembrava. Então o telefone de casa tocou, despertando Cecília do passado, e ela se levantou rápido demais e bateu dolorosamente a lateral da cabeça no teto. As paredes, as paredes! Ela xingou, cambaleou para trás, e seu cotovelo esbarrou na torre de caixas de sapato de John-Paul.

Pelo menos três caíram, perdendo a tampa e o seu conteúdo, o que provocou uma pequena avalanche de papéis. Justamente por isso as caixas de sapato não eram uma boa ideia.

Cecília xingou de novo e esfregou a cabeça, que estava doendo mesmo. Deu uma olhada nas caixas de sapato e viu que todas tinham documentos financeiros dos anos 1980. Começou a enfiar a pilha de recibos numa das caixas quando bateu os olhos no próprio nome escrito num envelope comercial branco.

Ela o pegou e viu que era a letra de John-Paul.

Estava escrito:

Para minha esposa, Cecília Fitzpatrick

Para ser aberto apenas na ocasião da minha morte

Ela riu alto e então parou abruptamente, como se estivesse numa festa e risse de algo que alguém acabara de dizer, mas depois percebesse que não era uma piada, que, na verdade, era bem sério.

Leu outra vez — *Para minha esposa, Cecília Fitzpatrick* — e de um jeito estranho, apenas por um momento, sentiu as bochechas ficarem quentes, como se ela estivesse envergonhada. Por ele ou por ela? Não tinha certeza. Era como se ela tivesse tropeçado em algo vergonhoso, como se o tivesse flagrado se masturbando no chuveiro. (Miriam Oppenheimer certa vez pegara Doug se masturbando no chuveiro. Era *terrível* que todos soubessem disso, mas quando Miriam tomava a segunda taça de champanhe, os segredos simplesmente lhe escapavam, e uma vez sabendo disso, era impossível deixar de saber.)

O que a carta *dizia*? Considerou abri-la naquele segundo, antes que tivesse tempo para pensar, do mesmo modo como ela às vezes (não com muita frequência) enfiava o último pedaço de biscoito ou chocolate na boca, antes que sua consciência tivesse tempo de deter sua gula.

O telefone tocou de novo. Ela não estava de relógio e, de repente, sentiu que havia perdido completamente a noção do tempo.

Jogou o resto dos papéis na caixa de sapato e levou o pedaço do Muro de Berlim e a carta lá para baixo.

Assim que saiu do sótão, foi arrebatada pela usual correria da sua vida. Havia uma grande encomenda de Tupperware para entregar, tinha que ir buscar as meninas na escola, comprar peixe para o jantar (elas comiam muito peixe quando John-Paul viajava a trabalho, porque ele detestava), telefonemas a retornar. O sacerdote da paróquia, Padre Joe, estava ligando para lembrá-la de que no dia seguinte haveria o funeral da Irmã Ursula. Parecia haver certa preocupação quanto ao número de presentes. Ela iria, é claro. Deixou a misteriosa carta de John-Paul em cima da geladeira e deu a Esther o pedaço do Muro de Berlim logo antes de se sentarem para jantar.

— Obrigada. — Esther manuseava o pequeno pedaço de pedra com uma reverência tocante. — De que parte do Muro exatamente isso veio?

— Bem, acho que de perto do Checkpoint Charlie — respondeu Cecília, com uma confiança alegre.

Ela não fazia a menor ideia.

Mas posso lhe dizer que o garoto dos cubos de gelo usava uma camiseta vermelha e uma calça jeans branca, e pegou meu rabo de cavalo, segurou-o entre os dedos e disse: "Muito bonita."

— Isso vale algum dinheiro? — quis saber Polly.

— Duvido. Como poderia provar que veio mesmo do Muro? — perguntou Isabel. — Parece apenas um pedaço de pedra.

— Teste de DMA — disse Polly. Ela estava assistindo à televisão demais.

— É DNA, não DMA, e só pode ser feito em pessoas — corrigiu Esther.

— Eu *sei* disso! — Polly viera ao mundo furiosa porque suas irmãs tinham chegado antes dela.

— Bem, então por que...

— E aí, quem vocês acham que vai ser eliminado do *The Biggest Loser* esta noite? — indagou Cecilia, ao mesmo tempo em que pensava: *Sim, quem quer que esteja observando a minha vida, estou desviando o assunto de um fascinante período da história moderna, que poderia de fato ensinar alguma coisa às minhas filhas, para um terrível programa de TV que não tem nada a ensinar para elas, mas que vai manter a paz e me poupar de uma dor de cabeça.*

Se John-Paul estivesse em casa, ela provavelmente não teria mudado de assunto. Era uma mãe muito melhor quando tinha uma plateia.

As meninas falaram sobre *The Biggest Loser* até o fim do jantar, enquanto Cecilia fingia estar interessada e pensava na carta que deixara em cima da geladeira. Depois de tirar a mesa e de as meninas terem ido assistir à TV, ela pegou a carta e a ficou encarando.

Pousou sua xícara de chá e ergueu o envelope contra a luz, rindo um pouco de si mesma. Parecia uma carta escrita à mão numa folha de caderno pautada. Não conseguiu decifrar uma palavra sequer.

Será que John-Paul tinha visto alguma coisa na TV sobre como os soldados no Afeganistão escreviam cartas para serem enviadas a suas famílias caso eles morressem, como mensagens do túmulo, e pensara que seria legal fazer algo parecido?

Ela não conseguia imaginá-lo fazendo uma coisa dessas. Era tão sentimental.

E ao mesmo tempo adorável. Se ele morresse, queria que elas soubessem quanto ele as amava.

...apenas na ocasião da minha morte. Por que ele estava pensando em morte? Estaria doente? Mas a carta parecia ter sido escrita muito tempo antes, e ele continuava vivo. Além disso, ele tinha feito um checkup havia poucas semanas, e o Dr. Kluger dissera que ele estava tão em "forma quanto um cavalo ganhão". Ele passara os dias seguintes jogando a cabeça para trás e relinchando pela casa, com Polly nas costas, agitando um pano de prato acima da cabeça como se fosse um chicote.

Cecilia sorriu com aquela lembrança, e sua ansiedade se dissipou. Então alguns anos atrás, John-Paul fizera algo estranhamente sentimental e escrevera a carta. Não havia razão para ficar toda agitada, e é claro que ela não deveria abri-la só para matar sua curiosidade.

Olhou para o relógio. Quase oito da noite. Ele ligaria em breve. Em geral, ligava a essa hora quando estava viajando.

Ela nem mencionaria a carta para ele. Isso o deixaria constrangido, e não era um assunto que se devesse falar por telefone.

Só uma coisa: como exatamente ela deveria encontrar a carta se ele *tivesse* morrido? Ela poderia nunca

encontrá-la! Por que ele não a deixara com seu procurador, o marido de Miriam, Doug Oppenheimer? Era tão difícil não imaginá-lo no chuveiro sempre que pensava nele. É claro que isso não interferia em nada nas suas habilidades como advogado; talvez dissesse mais a respeito das habilidades de Miriam na cama. (Cecilia mantinha uma relação um tanto competitiva com ela.)

Claro que, dadas as circunstâncias atuais, aquele não era o momento de se sentir convencida por causa de sexo. *Pare. Não pense na questão do sexo.*

De todo modo, tinha sido burrice de John-Paul não entregar a carta a Doug. Se ele tivesse morrido, ela provavelmente teria jogado fora todas aquelas caixas de sapato em um dos seus acessos de arrumação sem nem se preocupar em dar uma olhada no que havia dentro delas. Se ele queria que ela encontrasse a carta, era loucura jogá-la numa caixa de sapato qualquer.

Por que não deixá-la no arquivo, junto com as cópias do seu testamento, do seguro de vida e essas coisas?

John-Paul era uma das pessoas mais inteligentes que ela conhecia, exceto quando se tratava de logística da vida.

— Eu realmente não entendo como os homens conseguiram controlar o mundo — dissera ela para sua irmã, Bridget, naquela manhã, depois de lhe contar que John-Paul havia perdido a chave do carro que alugara em Chicago.

Cecilia ficara furiosa ao receber aquela mensagem de texto dele. Ela não podia fazer nada! Ele não esperava que ela fizesse alguma coisa, mas mesmo assim...

Esse tipo de coisa sempre acontecia com John-Paul. Na sua última viagem ao exterior, deixara o laptop num táxi. Ele vivia perdendo as coisas. Carteiras, telefones, chaves, a aliança. Seus pertences simplesmente fugiam dele.

— Eles são muito bons em construir coisas — disse a irmã. — Como pontes e estradas. Quer dizer, você seria capaz de construir ao menos uma cabana? Uma bem básica feita de barro?

— Eu conseguiria construir uma cabana — afirmou Cecilia.

— Provavelmente conseguiria mesmo — resmungou Bridget, como se isso fosse um defeito. — De todo modo, os homens não controlam o mundo. Temos uma primeira-ministra mulher. E é você quem controla o seu mundo. É você quem controla a família Fitzpatrick. A escola de St. Angela. E o mundo da Tupperware.

Cecilia era presidente da Associação de Pais e Amigos da Escola Fundamental de St. Angela. Era também a décima primeira melhor consultora da Tupperware na Austrália. Sua irmã achava esses dois títulos extremamente cômicos.

— Não controlo a família Fitzpatrick — reagiu Cecilia.

— Claro que não — zombou Bridget.

Era verdade que se Cecilia morresse a família Fitzpatrick ficaria... Bem, era insuportável pensar no que aconteceria. John-Paul precisaria de mais do que uma carta dela. Precisaria de um manual completo, incluindo uma planta baixa da casa indicando onde ficava a lavanderia e o armário de roupa de cama.

O telefone tocou e ela o agarrou na mesma hora.

— Deixe-me adivinhar: nossas filhas estão assistindo às pessoas gordas, não é? — disse John-Paul.

Ela sempre adorara a voz dele ao telefone: profunda, calorosa e reconfortante. Ah, sim, seu marido não tinha jeito, perdia coisas e se atrasava, mas cuidava da esposa e das filhas daquela forma antiquada, responsável e “eu sou o homem e essa é a minha tarefa”. Bridget estava certa: Cecília controlava seu mundo, mas ela sempre soubera que, se houvesse uma crise — um louco armado, uma enchente, um incêndio —, seria John-Paul que salvaria a vida delas. Ele se jogaria na frente da bala, construiria uma jangada, as conduziria em segurança pelo inferno e, depois que tivesse terminado, passaria o controle de volta para Cecília, bateria nos bolsos e perguntaria: “Alguém viu minha carteira?”

A primeira coisa que ela fez depois de ver o pequeno Homem-Aranha morrer foi ligar para John-Paul, os dedos tremendo ao apertar as teclas.

— Encontrei a carta — disse Cecília.

Ela deslizou a ponta dos dedos pela letra dele na frente do envelope. Assim que ouviu a voz do marido, soube que tocara no assunto com ele no mesmo instante. Eles estavam casados havia quinze anos. Nunca houvera segredos entre os dois.

— Que carta?

— Uma carta sua. — Cecília tentava soar leve, brincalhona, para que toda aquela situação ficasse na perspectiva certa, de forma que o que estivesse escrito na carta, fosse o que fosse, não significasse nada, não mudasse nada. — Para mim, para ser aberta caso você morresse.

Era impossível dizer as palavras “na ocasião da sua morte” para o marido sem que sua voz soasse estranha.

Houve um silêncio. Por um momento, ela achou que a ligação tivesse caído, mas dava para ouvir um leve ruído de conversa ao fundo. Parecia que ele estava ligando de um restaurante.

Ela sentiu seu estômago se contrair.

— John-Paul?

— Se isso é uma brincadeira, não tem graça alguma — disse Tess.

Will pôs a mão no braço dela. Felicity apoiou a mão no outro braço de Tess. Eles pareciam um par de apoiadores de livros a segurando.

— Nós sentimos muito, muito mesmo — falou Felicity.

— Muito mesmo — ecoou Will, como se eles cantassem um dueto.

Estavam sentados à grande mesa redonda de madeira que às vezes usavam para se reunir com os clientes, mas principalmente para comer pizza. O rosto de Will estava de um branco cadavérico. Tess podia ver com clareza cada pelinho de sua barba rala espetada, como se um tipo de planta em miniatura brotasse de sua pele muito branca. Felicity tinha três manchas vermelhas no pescoço.

Por um instante, Tess ficou fixada naquelas manchas, como se elas tivessem a resposta. Pareciam impressões digitais no novíssimo pescoço magro de Felicity. Por fim, Tess ergueu o olhar e viu que os olhos de Felicity — seus famosos belos olhos verdes amendoados; “A gordinha tem olhos tão bonitos!” — estavam vermelhos e marejados.

— Então essa compreensão... — começou Tess. — Essa compreensão de que vocês dois... — Ela parou. Engoliu em seco.

— Queremos que você saiba que nada aconteceu de fato — interrompeu Felicity.

— Nós não... Você sabe — disse Will.

— Vocês não dormiram juntos.

Tess percebeu que os dois estavam orgulhosos disso, e quase esperavam que ela os admirasse por seu autocontrole.

— Definitivamente não — respondeu Will.

— Mas queriam — rebateu Tess. Ela estava quase rindo diante do absurdo daquela situação. — É isso que estão me dizendo, não é? Que querem ir para a cama.

Eles deviam ter se beijado. O que era pior do que se tivessem dormido juntos. Todo mundo sabia que um beijo roubado era a coisa mais sensual do mundo.

As manchas no pescoço de Felicity começaram a subir para o maxilar. Ela parecia estar sofrendo de uma rara doença infecciosa.

— Sentimos muito — repetiu Will. — Nós nos esforçamos muito para não... não permitir que isso acontecesse.

— Tentamos de verdade — disse Felicity. — Durante meses, você sabe, nós só...

— Meses? Isso vem acontecendo há meses!

— Na verdade, nada aconteceu — enfatizou Will, num tom solene, como se estivesse numa igreja.

— Bem, alguma coisa aconteceu — disse Tess. — Alguma coisa significativa aconteceu. — Quem diria que ela era capaz de se expressar com tanta dureza? Cada palavra parecia um bloco de concreto.

— Desculpe-me — pediu Will. — É claro... eu só estava dizendo que... você sabe.

Felicity pressionou as têmporas com as pontas dos dedos e começou a chorar.

— Ah, Tess.

Instintivamente, Tess ergueu a mão para consolá-la. As duas eram mais íntimas do que irmãs. Ela sempre dizia isso às pessoas. Suas mães eram gêmeas, e Tess e Felicity eram filhas únicas, nascidas com apenas seis meses de diferença uma da outra. Tinham feito tudo juntas.

Certa vez, Tess socara um garoto — um belo gancho de punho fechado direto no queixo — porque ele chamara Felicity de bebê elefante, que era exatamente com o que Felicity parecera durante toda sua vida escolar. Ela se tornara uma adulta gorda, “uma garota grande com um rosto lindo”. Bebia Coca-Cola como se fosse água, nunca fazia dieta nem se exercitava, e não parecia se incomodar muito com o quanto pesava. E então, cerca de seis meses antes, Felicity entrou para o Vigilantes do Peso, parou de beber Coca-Cola, se matriculou numa academia, perdeu quarenta quilos e ficou bonita. Muito bonita. Ela era exatamente o tipo de pessoa que procuravam para o programa *The Biggest Loser*: uma mulher estonteante presa no corpo de uma pessoa gorda.

Tess ficara empolgada por ela. “Talvez Felicity encontre alguém realmente legal”, dissera para Will. “Agora que ganhou mais confiança.”

Parecia que Felicity tinha mesmo encontrado alguém realmente legal. Will. O homem mais legal que Tess conhecia. Era preciso ser muito confiante para roubar o marido da prima.

— Sinto muito. Só queria morrer agora — choramingou Felicity.

Tess recolheu a mão. Felicity — a irascível, sarcástica, divertida, esperta e gorda Felicity — soava como uma líder de torcida americana.

Will jogou a cabeça para trás e ficou olhando para o teto com o maxilar cerrado. Ele estava tentando não chorar também. A última vez que Tess o vira chorar fora no nascimento de Liam.

Os olhos de Tess estavam secos. Seu coração batia acelerado, como se ela estivesse apavorada, como se sua vida corresse perigo. O telefone tocou.

— Deixe — disse Will. — O expediente já acabou.

Tess se levantou, foi até a sua mesa e pegou o aparelho.

— Agência TWF — atendeu ela.

— Tess, meu amor, sei que está tarde, mas temos um probleminha.

Era Dirk Freeman, diretor de marketing da Petra Pharmaceutical, seu cliente mais importante e rentável. Era função de Tess fazer Dirk se sentir importante, assegurar-lhe que, embora estivesse com cinquenta e seis anos e nunca fosse passar de gerente sênior, ele era o mestre, e ela sua serva, sua criada, sua humilde empregada, e que ele podia lhe dizer o que fazer e ser sedutor, rabugento ou inflexível, e ela poderia dar a ele uma mordidinha fingida no lábio, mas, no fim das contas, *tinha que fazer o que ele mandava*. Havia pouco tempo lhe ocorrera que o serviço que ela prestava a Dirk Freeman beirava os favores sexuais.

— A cor do dragão na embalagem do novo xarope para tosse está completamente errada — disse Dirk. — Está muito roxa. Roxa demais. Já mandamos para a gráfica?

Sim, já tinham mandado para a gráfica. Cinquenta mil caixinhas de papel cartão tinham passado pelas prensas naquele dia. Cinquenta mil dragões sorridentes, perfeitamente roxos.

O trabalho que aqueles dragões tinham dado! Os e-mails, as discussões. E enquanto Tess falava sobre dragões, Will e Felicity estavam se apaixonando.

— Não — respondeu Tess, seus olhos no marido e na prima, ainda sentados à mesa de reunião no centro da sala, de cabeça baixa, examinando as pontas dos dedos como adolescentes de castigo na escola. — É seu dia de sorte, Dirk.

— Ah, achei que já tivessem ido... bem, melhor assim.

Ele mal conseguia esconder a decepção. Queria deixar Tess atordoada e preocupada. Queria ouvir a voz dela tremer de pavor.

Seu tom de voz ficou mais grave, tão abrupto e autoritário quanto se estivesse prestes a liderar sua tropa pelo campo de batalha.

— Preciso que você segure tudo relacionado ao xarope, ok? Todo o lote. Entendido?

— Entendido. Segurar tudo relacionado ao xarope.

— Telefone de volta.

Ele desligou. Não havia nada de errado com a cor. Ele ligaria de novo no dia seguinte e diria que estava tudo certo. Só precisava se sentir poderoso por um tempo. Um dos jovens bem-sucedidos devia ter acabado de fazê-lo se sentir inferior em uma reunião.

— As caixinhas de xarope foram para a gráfica hoje. — Felicity se virou na cadeira e lançou um olhar preocupado para Tess.

— Está tudo bem — garantiu Tess.

— Mas se ele for mudar... — começou Will.

— Eu *disse* que está tudo bem.

Ela ainda não estava irritada. Não de verdade. Mas sentia a possibilidade de uma raiva pior do que qualquer coisa que já tinha vivenciado, um barril de fúria fervendo lentamente, que poderia explodir como uma bola de fogo, destruindo tudo em seu caminho.

Ela não tornou a se sentar. Em vez disso, virou-se e observou o quadro branco onde eles anotavam todos os trabalhos em andamento.

Embalagens de xarope!!!

Site das roupas de cama 

Era humilhante ver sua letra rabiscada, despreocupada e confiante com aqueles irreverentes pontos de exclamação. A carinha sorridente ao lado do “site das roupas de cama” estava lá, porque eles haviam se esforçado muito para conseguir aquele trabalho, concorrendo com empresas maiores, e então, sim! Eles ganharam. Ela tinha desenhado a carinha sorridente no dia anterior, enquanto ainda ignorava o segredo que Will e Felicity compartilhavam. Será que eles trocaram olhares de lamentação às suas costas quando a viram desenhar a carinha? *Ela não vai ficar tão sorridente quando confessarmos nosso segredinho, não é?*

O telefone tocou de novo.

Dessa vez, Tess deixou cair na secretária eletrônica.

Agência TWF. Suas iniciais combinadas para formar o pequeno negócio dos seus sonhos. O “e se” de uma conversa desprezível que eles de fato tornaram real.

Fora no Natal retrasado, quando tinham ido passar as festas em Sydney. Seguindo a tradição, tinham passado a véspera do Natal na casa dos pais de Felicity. Mary e Phil, tios de Tess. Felicity ainda era gorda. Bonita, corada e transpirando num vestido GG. Comeram as tradicionais linguças grelhadas, a tradicional salada cremosa de macarrão, a tradicional pavlova. Felicity e Will estavam reclamando de seus empregos. Gerenciamento incompetente. Colegas idiotas. Escritórios gelados. E por aí vai.

— Meu Deus, vocês são um bando de sofrendores, não é? — dissera o tio Phil, que não tinha do que se queixar agora que estava aposentado.

— Por que não abrem um negócio juntos? — sugerira a mãe de Tess.

Era verdade que os três trabalhavam em áreas afins. Tess era gerente de comunicação e marketing de uma editora de livros jurídicos, daquelas que faziam o tipo “mas sempre fizemos assim”. Will era diretor criativo de uma agência de publicidade grande, prestigiada e extremamente orgulhosa de si. (Foi assim que se conheceram. Tess fora cliente de Will.) Felicity era designer e trabalhava para um tirano.

Assim que começaram a conversar sobre o assunto, as ideias se encaixaram muito rápido. Clique, clique, clique! Quando comiam os últimos pedaços da pavlova, já estava tudo arranjado. Will seria o diretor criativo. Óbvio! Felicity seria a diretora de arte! É claro! Tess seria a gerente de contas! Isso não era tão óbvio. Ela nunca desempenhara um papel como esse. Sempre estivera no lado do cliente, e se considerava um pouco introvertida.

Na verdade, algumas semanas antes, na sala de espera de um consultório médico, ela tinha feito um teste na revista *Reader's Digest* intitulado “Você sofre de ansiedade social?” e suas respostas (todas letra C) confirmaram que ela de fato sofria de ansiedade social e deveria procurar ajuda profissional ou “se juntar a um grupo de apoio”. Todo mundo que fazia aquele teste devia obter o mesmo resultado. Afinal, alguém que não desconfiasse que sofria de ansiedade social não se daria o trabalho de fazer o teste; estaria ocupado demais conversando com a recepcionista.

Lógico que ela não havia procurado ajuda profissional nem contara aquilo para ninguém. Nem para Will. Nem mesmo para Felicity. Falar sobre o assunto o tornaria real. Os dois iriam observá-la em ocasiões sociais e seriam gentilmente compreensivos quando vissem a prova humilhante da sua timidez. O importante era *disfarçar*. Quando era criança, sua mãe lhe dissera que a timidez era quase uma forma de egoísmo. “Sabe, querida, quando você abaixa a cabeça desse jeito, as pessoas acham que você não gosta delas!” Tess tinha levado isso a sério. Crescera e aprendera a ter conversas informais com o coração disparado. Obrigava-se a manter contato visual, mesmo quando seus nervos gritavam *olhe para o outro lado, olhe para o outro lado!* “Estou um pouco resfriada”, dizia ela para explicar a secura em sua garganta. Aprendera a conviver com aquilo, do mesmo modo que outras pessoas aprendiam a conviver com intolerância a lactose ou pele sensível.

De todo modo, Tess não estava muito preocupada naquela véspera de Natal, dois anos antes. Aquilo era só papo furado, e eles tinham bebido muito ponche da tia Mary. Não iam abrir *de verdade* um negócio juntos. Ela não se tornaria realmente a gerente de contas.

Mas então, no ano-novo, quando voltaram para Melbourne, Will e Felicity continuaram falando daquilo. A casa de Will e Tess tinha uma enorme área no subsolo, com entrada exclusiva, que os antigos proprietários usavam como um retiro de adolescentes. O que eles tinham a perder? Os custos iniciais

seriam irrisórios. Will e Tess haviam adiantado algumas parcelas do financiamento da casa. Felicity dividia um apartamento. Se não desse certo, eles poderiam desistir e arrumar outro emprego.

Tess fora arrebatada pelo entusiasmo deles. Ficara bastante feliz ao pedir demissão, mas na primeira vez em que se sentou no escritório de um potencial cliente, teve que apertar as mãos entre os joelhos para que elas parassem de tremer. Com frequência, conseguia mesmo sentir a *cabeça* estremecer. Mesmo agora, depois de dezoito meses, ela ainda ficava nervosa toda vez que se encontrava com um novo cliente. Mesmo assim era estranhamente bem-sucedida em sua função. “Você é diferente das pessoas das outras agências”, dissera-lhe um cliente ao final da primeira reunião deles, enquanto apertava a mão de Tess para fechar o negócio. “Você é capaz de escutar mais do que falar.”

O terror dos nervos era equilibrado pela euforia gloriosa que ela sentia a cada vez que saía de uma reunião. Era como flutuar no ar. Ela conseguira de novo. Lutara contra o monstro e vencera. E, o melhor de tudo, ninguém desconfiava do seu segredo. Ela conseguia os clientes. O negócio deslanchou. O lançamento que eles fizeram para um produto de uma empresa de cosméticos tinha até sido indicado a um prêmio publicitário.

A função de Tess exigia que ela passasse muito tempo fora do escritório, deixando Will e Felicity sozinhos por várias horas. Se alguém tivesse lhe perguntado se isso a preocupava, ela teria rido. “Felicity é como uma irmã para Will”, diria ela.

Ela deu as costas para o quadro branco. Suas pernas pareciam fracas. Foi sentar-se à mesa e escolheu uma cadeira do lado oposto ao deles. Tentou manter o controle.

Eram seis da tarde de uma segunda-feira. Ela estava bem no meio da vida.

Havia tantas outras coisas em sua cabeça quando Will subira e lhe dissera que ele e Felicity tinham um assunto para conversar com ela. Tess acabara de falar ao telefone com a mãe, que ligara para dizer que tinha fraturado o tornozelo jogando tênis. Teria que andar de muletas durante as próximas oito semanas, e sentia muito mesmo, mas será que a Páscoa esse ano poderia ser em Sydney, e não em Melbourne?

Nos quinze anos desde que ela e Felicity mudaram de estado, era a primeira vez que Tess se sentia mal por não morar mais perto da mãe.

— Vamos pegar um voo na quinta-feira, logo depois da escola — dissera ela. — Consegue se virar até lá?

— Ah, vou ficar bem. Mary vai me ajudar. E as vizinhas.

Mas a tia Mary não dirigia e não se podia esperar que o tio Phil a levasse de um lado para outro todos os dias. Além disso, Mary e Phil também estavam começando a parecer frágeis. E as vizinhas da mãe de Tess eram senhoras idosas, ou famílias jovens tão ocupadas que mal tinham tempo de acenar quando tiravam seus carros enormes da garagem. Era improvável que eles levassem uma panela de comida para ela.

Tess estava aflita, pensando se deveria reservar um voo para Sydney para o dia seguinte mesmo e talvez arrumar uma enfermeira para a mãe. Lucy detestaria ter uma estranha em sua casa, mas como ela iria tomar banho? Como iria cozinhar?

Era difícil. Eles tinham tanto trabalho, e ela não gostava de ficar longe de Liam. O menino não andava bem. Havia um garoto na turma dele, Marcus, que estava lhe causando problemas. Não era exatamente bullying; o que seria melhor e mais direto, pois poderiam seguir o severo código de conduta da escola, que

destacava: “Temos Tolerância Zero a Bullying” Marcus era mais complicado que isso. Ele era um pequeno psicopata encantador.

Algo novo e terrível envolvendo Marcus havia acontecido na escola naquele dia, Tess tinha certeza. Ela estava dando o jantar a Liam enquanto Will e Felicity ficavam lá embaixo trabalhando. Na maioria das noites, ela, Will e Liam, às vezes Felicity também, conseguiam jantar juntos, em família, mas o site das roupas de cama deveria ser entregue na próxima sexta-feira, então todos estavam fazendo hora extra.

Liam estava mais quieto do que o normal durante o jantar. Era um garotinho sonhador e pensativo; nunca fora de falar muito, mas havia algo de maduro e triste no modo mecânico como ele espetava cada pedaço de salsicha com o garfo e o passava no molho de tomate.

— Você brincou com Marcus hoje? — perguntou Tess.

— Não — disse Liam. — Hoje é segunda-feira.

— E daí?

Mas ele se fechara e se recusara a dizer mais uma palavra sequer sobre o assunto, e Tess sentiu seu coração se encher de raiva. Precisava conversar com a professora dele de novo. Tinha a forte sensação de que seu filho estava numa relação abusiva e ninguém via isso. O parquinho da escola parecia mais um campo de guerra.

Era isso que Tess tinha em mente quando Will lhe perguntara se ela poderia descer: o tornozelo de sua mãe e Marcus.

Will e Felicity estavam sentados à mesa de reunião esperando por ela. Antes de se juntar a eles, Tess recolheu todas as xícaras de café espalhadas pelo escritório. Felicity tinha o hábito de se servir de xícaras de café fresco que ela nunca bebia todo. Tess enfileirou as xícaras na mesa de reunião e, ao se sentar, falou:

— Novo recorde, Felicity. *Cinco* xícaras pela metade.

Felicity não dissera nada. Olhava para Tess de um jeito estranho, como se *realmente* se sentisse mal pelas xícaras, então Will fez seu pronunciamento extraordinário:

— Tess, não sei como lhe dizer isso — começou ele. — Mas Felicity e eu nos apaixonamos.

— Muito engraçado. — Tess reuniu as canecas e sorriu. — Hilário.

Mas não parecia ser brincadeira.

Tess colocou as mãos no pinho cor de mel e ouro da mesa. Suas mãos pálidas, com veias azuis e os nós dos dedos grossos. Certa vez, um ex-namorado, ela não se lembrava qual exatamente, lhe dissera que estava apaixonado por suas mãos. Will tivera uma grande dificuldade de fazer a aliança passar pelo nó do dedo dela no casamento. Os convidados riram baixinho. Will fingia dar um suspiro de alívio quando conseguia pôr a aliança, enquanto acariciava sua mão em segredo.

Tess ergueu os olhos e viu Will e Felicity trocarem olhares discretos de preocupação.

— Então é amor verdadeiro, hein? — disse Tess. — Vocês são *almas gêmeas*, é isso?

Um nervo latejou no rosto de Will. Felicity mexeu no cabelo.

Sim. Era isso o que os dois achavam. *Sim, é amor verdadeiro. Sim, somos almas gêmeas.*

— Quando exatamente começou? — perguntou ela. — Quando esse “sentimento” entre vocês surgiu?

— Isso não importa — respondeu Will, apressado.

— Importa para *mim*! — Tess elevou o tom de voz.

— Não tenho certeza, acho que, talvez, há uns seis meses? — murmurou Felicity, olhando para a mesa.

— Então foi quando você começou a emagrecer — disse Tess.

Felicity deu de ombros.

Tess voltou-se para Will:

— Curioso você nunca ter olhado para ela de outra forma quando Felicity era gorda.

O gosto amargo da crueldade inundou sua boca. Quanto tempo havia que ela não se permitia dizer algo tão cruel? Pelo menos desde que era adolescente.

Ela nunca chamara Felicity de gorda. Nunca fizera uma única crítica a seu peso.

— Tess, por favor... — começou Will, sem nenhum tom de censura na voz, apenas um apelo suave, desesperado.

— Tudo bem — interveio Felicity. — Eu mereço. Nós merecemos.

Ela ergueu o queixo e olhou para Tess com uma humildade pura e corajosa.

Então permitiriam que Tess os atacasse o quanto quisesse. Eles apenas ficariam sentados ali e aguentariam tudo o quanto durasse. Não iriam reagir. Will e Felicity eram essencialmente bons. Ela sabia disso. Eram pessoas boas, e por essa razão seriam tão *legais* naquela situação, compreenderiam e aceitariam a raiva de Tess, de modo que, no fim das contas, *Tess* seria a pessoa ruim, não eles. Não tinham nem dormido juntos, não a haviam traído. Eles se apaixonaram! Não era um casinho escuso qualquer. Era o destino. Estavam predestinados. Ninguém poderia julgá-los.

Era genial.

— Por que você não me contou a sós?

Tess tentou prender o olhar de Will, como se a força de seu olhar pudesse trazê-lo de volta de onde quer que ele tivesse ido. Os olhos dele, de um estranho castanho-claro, cor de cobre batido, com cílios pretos e grossos, olhos tão diferentes dos de Tess, de um azul-claro comum; os olhos que seu filho tinha herdado e que agora Tess sentava que eram algo *pertencente* a ela, um bem adorado pelo qual ela graciosamente aceitava os elogios: “Seu filho tem olhos lindos.” “Puxaram os do meu marido. Não têm nada a ver comigo.” Mas tinham tudo a ver com ela. *Dela*. Eram *dela*. Os olhos dourados de Will costumavam estar contentes; ele estava sempre pronto para rir do mundo; achava a vida cotidiana muito divertida. Essa era uma das coisas que ela mais gostava nele. Mas, naquele momento, eles olhavam para ela como se implorando, do mesmo modo como Liam olhava para ela quando queria alguma coisa no supermercado.

Por favor, Mamãe, eu quero aquele doce cheio de açúcar, com todos os conservantes e a embalagem colorida e eu sei que prometi não pedir nada, mas eu quero.

Por favor, Tess, eu quero sua prima deliciosa e eu sei que prometi ser fiel a você na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, mas por favooooor.

Não. Você não pode ficar com ela. Eu disse não.

— Nós não conseguíamos escolher a hora e o lugar certos — disse Will. — E nós dois queríamos lhe contar. Nós não conseguimos... mas então percebemos que não suportávamos mais a ideia de você não

saber... então nós apenas... — O queixo dele se moveu de um lado para o outro, para a frente e para trás. — Percebemos que nunca haveria uma boa hora para uma conversa como esta.

Nós. Eles eram “nós”. Havi­am conversado sobre aquilo. Sem ela. Bem, é claro que tinham conversado sem ela. Eles “se apaixonaram” sem ela.

— Achei que eu também deveria estar presente — disse Felicity.

— Achou, é? — rebateu Tess. Ela não suportaria olhar para Felicity. — Então o que acontece agora?

Fazer a pergunta a encheu com uma nova e nauseante onda de descrença. É claro que nada iria acontecer. Felicity certamente correria para uma de suas novas aulas de ginástica e Will subiria e conversaria com Liam, durante o banho do menino, talvez chegasse ao cerne do problema com Marcus, enquanto Tess cozinhava um refogado para o jantar; ela já deixara os ingredientes preparados. Era muito bizarro pensar na pequena bandeja de tirinhas de frango embrulhada com plástico dentro da geladeira. Sem dúvida, ela e Will ainda tomariam uma taça daquela garrafa de vinho que estava pela metade e conversariam sobre possíveis pretendentes para a novíssima esbelta Felicity. Já haviam considerado tantas possibilidades. O italiano que era o gerente do banco deles. O cara grande e calado que vendia compotas gourmet. Will nunca dera um tapa na testa e dissera: “É claro! Como não pensei nisso? *Eu!* Eu seria perfeito para ela!”

Era uma piada. Ela não conseguia parar de pensar que tudo aquilo não passava de uma piada.

— Sabemos que nada pode tornar isso mais fácil, ou certo, ou melhor — disse Will. — Mas nós vamos fazer o que você quiser, o que você achar que é o certo para você e para Liam.

— Para Liam — repetiu Tess, chocada.

Por alguma razão, não lhe ocorrera que Liam deveria ficar sabendo, que Liam teria algo a ver com aquilo, ou seria afetado de alguma forma. Liam, que estava no andar de cima naquele exato momento, deitado de bruços, assistindo à televisão, sua cabecinha de seis anos cheia de gigantescas preocupações com Marcus.

Não, pensou ela. *Não, não, não. Definitivamente não.*

Ela visualizou a mãe surgir na porta de seu quarto e dizer: “Papai e eu queremos ter uma conversa com você.”

Com Liam as coisas não aconteceriam da mesma maneira que tinham acontecido com ela. Só por cima do seu cadáver. Era o único sofrimento do qual ela sempre soubera que poderia e iria poupá-lo. Seu garotinho lindo, de rosto sério, não sentiria a perda e a confusão que ela sentira naquele verão terrível, tantos anos antes. Ele *não* iria preparar uma mala para dormir fora na sexta-feira, a cada quinze dias. Ele *não* precisaria olhar um calendário na geladeira para saber onde dormiria a cada fim de semana. Ele *não* teria que pensar antes de falar sempre que um de seus pais fizesse uma pergunta que parecia inocente sobre o outro.

A mente de Tess estava a mil.

Tudo o que importava agora era Liam. Os sentimentos dela eram irrelevantes. Como ela poderia salvar a situação? Como poderia acabar com aquilo?

— Nós nunca, nunca quisemos que isso acontecesse. — Os olhos de Will estavam arregalados e sinceros. — E queremos fazer tudo do jeito certo. Da melhor maneira para todos nós. Chegamos até a pensar...

Tess viu Felicity balançar levemente a cabeça para Will.

— Chegaram até a pensar no quê? — perguntou ela.

Ali estava mais uma evidência do que tinham conversado. Ela podia imaginar a agradável intensidade daquelas conversas. Olhos marejados que mostravam como eles eram boas pessoas, como estavam sofrendo com a ideia de magoar Tess, mas que escolha tinham diante da paixão, do amor que sentiam?

— É cedo demais para falarmos sobre o que vamos fazer. — A voz de Felicity de repente ficou firme.

Tess cravou as unhas na palma das mãos. Como ela se atrevia? Como se atrevia a manter o tom de voz normal, como se aquela fosse uma situação normal, um problema normal?

— Vocês chegaram até a pensar *no quê*? — Tess mantinha os olhos fixos em Will.

Esqueça Felicity, disse a si mesma. *Você não tem tempo para ficar com raiva. Pense, Tess, pense.*

O rosto branco de Will ficou vermelho.

— Chegamos a pensar se seria possível morarmos todos juntos. Aqui. Pelo bem de Liam. Essa não é uma separação normal. Somos todos... uma família. Então foi por isso que pensamos, quer dizer, talvez seja loucura, mas só achamos que talvez fosse possível. Quem sabe.

Tess gargalhou. Foi um som duro, quase gutural. Eles estavam loucos?

— Você está querendo dizer que eu simplesmente saio do meu quarto e Felicity entra? E então nós dizemos a Liam: “Não se preocupe, querido. Agora o papai dorme com Felicity e a Mamãe vai para o quarto de hóspedes.”

Felicity parecia mortificada.

— É claro que não.

— Quando você põe as coisas assim... — começou Will.

— Mas de que outra forma eu posso pôr?

Will respirou fundo. Inclinou-se para a frente.

— Olhe — disse ele —, não temos que decidir nada agora.

Às vezes, quando queria que as coisas no escritório fossem feitas de determinada maneira, Will usava um tom de voz particularmente masculino, racional e autoritário. Tess e Felicity o infernizavam por causa disso. Ele estava usando esse tom agora, como se fosse hora de manter as coisas sob controle.

Como ele *se atrevia*?

Tess ergueu os punhos e bateu na mesa com força, fazendo-a estremecer. Nunca tinha feito uma coisa como aquela. Parecia ridículo, absurdo e ao mesmo tempo eletrizante. Ela ficou contente ao ver Will e Felicity se encolherem.

— Vou dizer a vocês o que vai acontecer — afirmou ela, porque de repente tudo estava muito claro.

Era simples.

Will e Felicity precisavam viver aquele caso. Quanto antes, melhor. A chama entre eles tinha que seguir seu curso. No momento, era doce e sexy. Eles eram amantes malfadados, Romeu e Julieta se olhando apaixonadamente por sobre o dragão roxo da embalagem de xarope. Aquilo precisava se tornar meloso, pegajoso, sórdido e, por fim — ela esperava, se Deus quisesse —, banal e maçante. Will amava o filho e, uma vez que a névoa da luxúria se dissipasse, ele veria que tinha cometido um erro terrível, mas não irreparável.

Tudo poderia se ajustar.

A única solução era Tess ir embora. Imediatamente.

— Liam e eu vamos passar um tempo em Sydney — anunciou ela. — Com a minha mãe. Ela acabou de ligar para dizer que quebrou o tornozelo. Precisa de alguém para ajudá-la.

— Ah, não! Como foi? Ela está bem? — perguntou Felicity.

Tess a ignorou. Felicity não podia mais bancar a sobrinha preocupada. Ela era a outra. Tess era a esposa. E iria enfrentar aquilo. Pelo bem de Liam. Iria enfrentar e vencer.

— Vamos ficar com ela até seu tornozelo melhorar.

— Mas, Tess, você não pode levar o Liam para morar em *Sydney*. — O tom autoritário de Will havia desaparecido.

Ele era um garoto de Melbourne. Jamais havia questionado se eles deveriam morar em algum outro lugar.

Will olhou para Tess com uma expressão magoada, como se ele fosse Liam sendo injustamente repreendido. Então sua testa, antes franzida, voltou ao normal.

— E a escola? — perguntou ele. — Ele não pode faltar aula.

— Ele pode frequentar a St. Angela por um tempo. Precisa se afastar de Marcus. Vai ser bom para ele. Uma completa mudança de ambiente. Vai poder ir a pé para a escola, como eu ia.

— Você não vai conseguir uma vaga para ele — declarou Will, nervoso. — Ele não é católico!

— Quem disse que ele não é católico? — rebateu Tess. — Ele foi batizado na Igreja Católica.

Felicity abriu a boca, mas logo a fechou.

— Vou conseguir uma vaga para ele — afirmou Tess. Ela não fazia ideia se isso era verdade. — Mamãe conhece gente da igreja.

Enquanto Tess falava, imagens de St. Angela, a pequena escola católica local onde ela e Felicity tinham estudado, enchiam sua mente. Pular amarelinha à sombra das torres da igreja. O som dos sinos. O cheiro doce de bananas apodrecendo, esquecidas no fundo da mochila. Era uma caminhada de cinco minutos da casa da mãe de Tess até a escola. Ficava no final de uma rua sem saída de três pistas, e, no verão, as árvores formavam uma abóboda, como em uma catedral. Era outono e, em Sydney, ainda fazia calor suficiente para se nadar. As folhas das árvores-do-âmbar estariam verdes e douradas. Liam andaria pelos montes de pétalas rosa-pálidos nas trilhas irregulares.

Algumas das antigas professoras de Tess ainda davam aula na St. Angela. Crianças com quem ela e Felicity estudavam tinham crescido e se tornado mães e pais que mandavam seus filhos para a mesma escola. A mãe de Tess citava seus nomes de vez em quando, e ela quase não conseguia acreditar que eles ainda existiam. Como os belos garotos Fitzpatrick. Seis meninos louros, de queixo quadrado, tão parecidos que davam a impressão de terem sido comprados por atacado. Eram tão bonitos que Tess corava quando algum deles passava por ela. Um Fitzpatrick era sempre um dos coroinhas. Todos saíram de St. Angela no quarto ano e foram para o colégio católico exclusivo para meninos no porto. Eles eram tão ricos quanto bonitos. Parecia que o mais velho tinha três filhas, todas na St. Angela. Fazia anos que ela não via um garoto Fitzpatrick.

Ela poderia mesmo fazer aquilo? Levar Liam para Sydney e matriculá-lo na sua antiga escola? Parecia

impossível, como se ela estivesse tentando mandá-lo numa viagem no tempo, de volta à sua própria infância. Por um momento, ela se sentiu zozona de novo. Aquilo não estava acontecendo. É claro que não podia tirar Liam da escola. Seu projeto de criaturas marinhas devia ser entregue na sexta. Ele tinha treino na Little Athletics no sábado. Tess tinha uma pilha de roupas para lavar e um cliente em potencial para visitar na primeira hora da manhã seguinte.

Mas viu Will e Felicity trocarem olhares de novo, e sentiu um aperto no coração. Olhou o relógio de pulso. Eram seis e meia da tarde. Podia ouvir a música daquele programa insuportável, *The Biggest Loser*, vindo lá de cima. Liam devia ter desligado o DVD e trocado para a TV. Em um minuto mudaria de canal, procurando alguma coisa com armas.

Sem sacrifício não há resultado!, gritou alguém na televisão.

Tess odiava as frases de motivação vazias que eles repetiam naquele programa.

— Vou comprar passagens para hoje à noite — comunicou ela.

— *Hoje à noite?* — disse Will. — Você não pode colocar Liam num voo hoje à noite.

— Posso, sim. Há um às nove horas. Assim vai ser mais fácil.

— Tess — interveio Felicity. — Isso é um exagero. Você não precisa mesmo...

— Nós vamos sair do caminho — disse Tess. — Assim você e Will podem dormir juntos.

Finalmente. Usem a minha cama! Troquei os lençóis hoje de manhã.

Outras coisas lhe ocorreram. Coisas muito piores que ela poderia dizer.

Para Felicity: “Ele gosta da mulher por cima, então que sorte você ter perdido todo aquele peso!”

Para Will: “Não olhe muito de perto para todas as estrias.”

Mas não, eram eles que deveriam se sentir tão sórdidos quanto um motel de beira de estrada. Ela se levantou e alisou a frente da saia.

— Então é isso. Vocês terão que cuidar da agência sem mim. Digam aos clientes que houve uma emergência familiar.

Sem dúvida houvera uma emergência familiar.

Ela começou a recolher as xícaras de café pela metade de Felicity, passando o dedo pelo maior número de alças que conseguia carregar. Então mudou de ideia, recolocou as xícaras na mesa e, enquanto Will e Felicity observavam, escolheu com cuidado as duas mais cheias, ergueu-as nas palmas das mãos e, com a mira precisa de um jogador de basquete, jogou o café frio direto em suas caras idiotas, sérias e ressentidas.

Rachel achou que eles fossem lhe dizer que teriam outro bebê. Foi isso que piorou tudo. Assim que entraram na casa, ela sabia que havia uma grande notícia. Eles estavam com aquela expressão constrangida e orgulhosa das pessoas que sabem que estão prestes a fazer você se sentar e escutar.

Rob estava falando mais do que de costume. Lauren estava falando menos do que de costume. Só Jacob estava normal, choramingando pela casa de um lado para outro, abrindo os armários e as gavetas onde sabia que Rachel guardava pequenos tesouros em forma de bonecos e coisas que achava que pudessem interessar a ele.

É claro que Rachel não perguntou a Lauren e Rob se eles tinha algo a lhe dizer. Ela não era esse tipo de avó, não ela. Quando Lauren a visitava, tomava muito cuidado para ser a sogra perfeita: gentil, mas não melosa; interessada, mas não intrometida. Nunca criticava nem dava uma sugestão sequer sobre Jacob, nem mesmo quando Rob aparecia sozinho, porque sabia que, para Lauren, seria muito pior ouvir: “Mamãe disse...” Mas não era fácil. Um fluxo constante de sugestões passava silenciosamente pela sua cabeça, como aqueles resumos de notícias que ficavam na parte de baixo da tela da TV na CNN.

Para começar, o garoto precisava cortar o cabelo! Será que os dois eram cegos para não perceberem o modo como Jacob ficava soprando o cabelo para longe dos olhos? Além disso, o tecido daquela camiseta horrível do *Thomas e seus amigos* era muito áspero para a pele dele. Quando aparecia com aquela blusa nos dias em que ficava com ela, Rachel sempre a tirava na mesma hora e o vestia com uma boa e velha camiseta macia, e depois o trocava às pressas quando eles surgiam na entrada da garagem.

Mas que benefício isso trazia para ela? Ser a sogra cuidadora? Poderia muito bem ter sido uma sogra infernal. Porque eles estavam se mudando, e levando Jacob junto, como se tivessem o direito — o que, tecnicamente, eles tinham, pensou ela.

Não havia outro bebê. Lauren recebera uma oferta de emprego. Um emprego maravilhoso em Nova York. Era um contrato de dois anos. Eles lhe contaram à mesa de jantar enquanto comiam a sobremesa (pudim de maçã de caixinha da marca Sara Lee com sorvete.) Pela euforia ofegante dos dois, seria de imaginar que ela tinha sido chamada para trabalhar num maldito paraíso.

Jacob estava sentado no colo de Rachel quando eles lhe contaram, seu corpinho quadrado e sólido encostando no dela com o relaxamento divino de uma criancinha cansada. Rachel estava inspirando o cheiro de seu cabelo, os lábios tocando a pequena depressão no meio da nuca dele.

Na primeira vez em que ela segurou Jacob nos braços e pressionou os lábios em seu couro cabeludo frágil e delicado, foi como se voltasse à vida, feito uma planta murcha sendo regada. Seu cheiro de recém-nascido enchera os pulmões dela de oxigênio. Chegara a sentir a coluna ficar ereta, como se alguém enfim tirasse de seus ombros um enorme peso que ela fora obrigada a carregar durante anos. Ao sair do estacionamento do hospital, podia ver o mundo ganhando cor outra vez.

— Esperamos que você vá nos visitar — disse Lauren.

Lauren era uma “mulher de carreira”. Ela trabalhava no alto escalão do Commonwealth Bank fazendo algo muito importante e estressante. Ganhava mais do que Rob. Isso não era segredo algum. Na verdade, Rob parecia se orgulhar disso, e mencionava o fato além do necessário. Se Ed alguma vez tivesse visto o filho se gabar do salário da esposa, teria morrido. Por sorte ele já tinha... bem, morrido.

Rachel também trabalhara para o Commonwealth Bank antes de se casar, embora essa coincidência nunca tenha sido mencionada quando conversavam sobre o trabalho de Lauren. Ela não sabia se o filho havia se esquecido desse fato sobre a vida da mãe, se nunca ficara sabendo ou se simplesmente não achava tão interessante assim. É claro que Rachel entendia muito bem que seu empreguinho no banco, aquele a quem ela renunciara ao se casar, não tinha semelhança alguma com a “carreira” de Lauren. Rachel não era capaz de imaginar o que Lauren fazia de fato todos os dias. Tudo o que sabia era que tinha algo a ver com “gerenciamento de projetos”.

Seria de imaginar que alguém tão bom em gerenciamento de projetos conseguiria gerenciar o projeto de preparar uma mala para Jacob quando ele ia passar a noite na casa da avó, mas aparentemente não. Lauren sempre esquecia alguma coisa essencial.

Não haveria mais noites com Jacob. Nem hora do banho. Nada de histórias. Ou dançar na sala ao som das músicas infantis do grupo The Wiggles. Parecia que ele estava morrendo. Rachel precisou lembrar a si mesma que o neto ainda estava vivo, sentado bem ali no seu colo.

— É, você vai ter que ir nos visitar em Nova York, Mãe! — disse Rob.

Ele falava como se já tivesse sotaque americano. Seus dentes refletiram a luz quando ele sorriu para a mãe. Aqueles dentes tinham custado uma pequena fortuna a Ed e Rachel. Os dentes de Rob, fortes e retos como teclas de piano, estariam em casa nos Estados Unidos.

— Tire o seu primeiro passaporte, Mãe! Você pode até conhecer um pouco o país, se quiser. Fazer uma daquelas excursões de ônibus. Ou, já sei, um daqueles cruzeiros para o Alasca!

Às vezes, ela imaginava se, caso suas vidas não tivessem sido tão claramente divididas por um muro gigante — antes de 6 de abril de 1984 e depois de 6 de abril de 1984 —, Rob teria se tornado um adulto diferente. Não tão obstinadamente otimista, não tão parecido com um corretor de imóveis. Imagine, Rob *era* corretor de imóveis: Rachel não deveria ficar surpresa por ele se comportar como um.

— Quero fazer um desses cruzeiros para o Alasca — disse Lauren. Ela pôs a mão sobre a de Rob. — Sempre imaginei nós dois fazendo isso quando estivéssemos velhos e cansados.

Então ela tossiu, provavelmente porque se lembrou de que Rachel estava velha e cansada.

— Sem dúvida seria interessante. — Rachel tomou um gole de chá. — Talvez um pouco frio.

Eles estavam loucos? Rachel não queria fazer um cruzeiro para o Alasca. Queria se sentar ao sol no quintal e fazer bolhas de sabão para Jacob e vê-lo rir. Queria vê-lo crescer semana a semana.

E queria que eles tivessem outro bebê. Logo. Lauren estava com trinta e nove anos! Na semana passada mesmo Rachel comentara com Marla que ainda havia muito tempo para Lauren ter outro bebê. As mulheres têm filhos tão tarde hoje em dia, dissera ela. Mas foi então que, em segredo, ela começou a achar que haveria um anúncio a qualquer momento. De fato, vinha *planejando* esse segundo bebê (como uma sogra comum, intrometida). Tinha decidido que, quando ele nascesse, iria se aposentar. Adorava trabalhar na St. Angela, mas em dois anos faria setenta (setenta!) e estava ficando cansada. Tomar conta de duas

crianças duas vezes por semana seria o bastante para ela. Presumira que esse era o seu futuro. Quase podia sentir o peso do novo bebê nos braços.

Por que aquela maldita garota não queria outro bebê? Não queriam dar um irmãozinho ou uma irmãzinha a Jacob? O que havia de tão especial em NovaYork, com todas aquelas buzinas e vapor subindo de um jeito estranho de buracos na rua? Pelo amor de Deus, Lauren tinha voltado a trabalhar *três meses* depois de Jacob nascer. Ter um bebê não seria uma grande inconveniência para ela.

Se naquela manhã alguém tivesse perguntado a Rachel sobre sua vida, ela teria respondido que era plena e satisfatória. Ela cuidava de Jacob às segundas e sextas, e ele passava o resto do tempo na creche, enquanto Lauren sentava-se à sua mesa no centro da cidade, gerenciando seus projetos. Quando Jacob estava na creche, Rachel trabalhava na secretaria da escola St. Angela. Ela tinha seu trabalho, a jardinagem, sua amiga Marla, sua pilha de livros da biblioteca e dois preciosos dias inteiros por semana com o neto. Às vezes, Jacob também passava a noite com ela nos fins de semana, para que Rob e Lauren pudessem sair. Eles gostavam de sair, aqueles dois, de ir a restaurantes chiques, ao teatro e à *opera*, sabe. Ed teria achado graça nisso. *Meu filho é um mariquinhas ou o quê?*

Se alguém tivesse lhe perguntado: “Você é feliz?” Ela teria respondido: “Sou o mais feliz que poderia ser.”

Ela não fazia ideia de que sua vida tivesse sido construída sobre uma base tão frágil, como um castelo de cartas, e que Rob e Lauren podiam entrar ali numa noite de segunda-feira e alegremente levar a única carta que importava. Remova a carta de Jacob que sua vida desmorona, flutuando de modo suave até o chão.

Rachel pressionou os lábios na cabeça de Jacob e seus olhos se encheram de lágrimas.

Não é justo. Não é justo. Não é justo.

— Dois anos passam tão rápido — disse Lauren, os olhos fixos em Rachel.

— Assim! — Rob estalou os dedos.

Para vocês, pensou Rachel.

— Pode ser que nem fiquemos os dois anos inteiros — comentou Lauren.

— Ou pode ser que acabem ficando para sempre! — rebateu Rachel, com um sorriso largo e radiante, para mostrar que ela era uma mulher do mundo e entendia como essas coisas funcionavam.

Pensou nas gêmeas de Russell, Lucy e Mary, e em como as filhas das duas tinham ido morar em Melbourne. “Elas vão acabar ficando por lá”, dissera Lucy a Rachel com tristeza num domingo, depois da igreja. Isso fora anos e anos antes, mas ficara na cabeça de Rachel, porque ela estava certa. A última coisa que Rachel ouvira era que as primas — a garotinha tímida de Lucy e a filha de Mary, a gordinha de olhos bonitos — continuavam em Melbourne e lá ficariam para sempre.

Mas Melbourne ficava a um pulo dali. Dava para pegar um avião só para passar o dia lá, se quisesse. Lucy e Mary faziam isso o tempo todo. Não era possível viajar até Nova York para passar o dia.

E havia pessoas como Virginia Fitzpatrick, que dividia (por assim dizer) com Rachel o cargo de secretária da escola. Virginia tinha seis filhos e quatorze netos, e a maioria deles morava num raio de vinte minutos da Costa Norte de Sydney. Se um dos filhos de Virginia decidisse ir para Nova York, ela provavelmente nem notaria, pois tinha muitos netos para compensar.

Rachel deveria ter tido mais filhos. Deveria ter sido uma boa esposa e mãe católica e ter tido pelo menos seis filhos, mas não, ela não fez isso, por causa da sua vaidade, porque secretamente achava que era especial; diferente de todas aquelas outras mulheres. Deus sabe bem *como* ela se achava especial. Não que ela tivesse quaisquer aspirações específicas de carreira, de viagem ou o que fosse, não como as garotas de hoje em dia.

— Quando vocês vão? — perguntou Rachel a Lauren e Rob, quando Jacob deslizou de seu colo inesperadamente e correu para a sala, em uma de suas missões urgentes.

Um instante depois, ela ouviu o som da televisão sendo ligada. Aquele espertinho tinha aprendido a usar o controle remoto.

— Só depois do ano-novo — disse Lauren. — Temos muita coisa para organizar. Vistos e tudo mais. Teremos que encontrar um apartamento, uma babá para Jacob.

Uma babá para Jacob.

— Um emprego para mim. — Rob parecia um pouco nervoso.

— Ah, claro, querido — disse Rachel. Ela tentava levar o filho a sério. Tentava mesmo. — Um emprego para você. Com imóveis, não é?

— Não tenho certeza — respondeu Rob. — Vamos ver. Talvez eu acabe me tornando dono de casa.

— Sinto muito por nunca tê-lo ensinado a cozinhar — disse Rachel a Lauren, sem sentir de fato.

Rachel nunca tivera muito interesse em cozinhar, nem era boa nisso; aquela era só mais uma tarefa que precisava ser feita, como lavar a roupa. As pessoas falavam *tanto* sobre cozinhar hoje em dia...

— Não tem problema — respondeu Lauren, radiante. — Provavelmente vamos sair muito para comer fora em Nova York. A cidade que nunca dorme, você sabe!

— Embora, é claro, Jacob precise dormir — disse Rachel. — Ou a babá vai alimentá-lo enquanto vocês saem para jantar?

O sorriso de Lauren desapareceu e ela olhou para Rob, que estava distraído, óbvio.

O volume da televisão aumentou de repente, e a casa vibrou com um som de cinema. Uma voz masculina gritou: “Sem sacrifício não há resultado!”

Rachel reconheceu a voz. Era de um dos treinadores do *The Biggest Loser*. Ela gostava daquele programa. Achava tranquilizante ficar absorta em um mundo onde tudo o que importava era quanto você comia e se exercitava, onde dor e angústia não eram causadas por nenhuma tragédia maior que flexões, onde as pessoas falavam intensamente sobre calorias e choravam de emoção por causa de quilos perdidos. E então todos viviam felizes e magros para sempre.

— Você está brincando com o controle de novo, Jake? — gritou Rob, mais alto que o barulho da TV.

Rob saiu da mesa e foi até a sala de estar.

Era sempre ele o primeiro a se levantar e ir atrás de Jacob. Nunca Lauren. Desde o início ele trocava fraldas. Ed nunca trocara uma fralda na vida. Claro que todos os pais faziam isso hoje em dia. Provavelmente não lhes fazia mal. Só deixava Rachel constrangida, quase envergonhada, como se ele estivesse fazendo algo inadequado, muito feminino. As garotas de hoje em dia teriam um ataque se ela admitisse isso!

— Rachel — chamou Lauren.

Rachel viu que Lauren olhava para ela nervosa, como se tivesse um grande favor a pedir. *Sim, Lauren, eu cuido de Jacob enquanto você e Rob morarem em Nova York! Por dois anos? Sem problema. Podem ir. Aproveitem.*

— Esta sexta — comentou Lauren. — Sexta-feira Santa. Sei que é, hum, o aniversário...

Rachel congelou.

— É — disse ela, com seu tom de voz mais frio. — É sim.

De todas as pessoas, Lauren era com quem tinha menos vontade de falar sobre aquela sexta. Fazia semanas que seu corpo sabia que a sexta-feira estava chegando. Acontecia todos os anos nos últimos dias do verão, quando ela sentia aquele primeiro sinal de frescor no ar. Sentia uma tensão nos músculos, uma pontada de horror, e então lembrava: *Claro. Já vem mais um outono.* Uma pena. Antes ela adorava o outono.

— Entendo que você vá ao parque — disse Lauren, como se estivessem discutindo onde fazer um coquetel. — É só que imaginei...

Rachel não conseguia suportar aquilo.

— Você se importa se não falarmos sobre isso? Agora não. Quem sabe outra hora?

— É claro!

Lauren corou e Rachel sentiu uma pontada de culpa. Raramente usava esse trunfo. Era muito fácil fazer as pessoas se sentirem mal.

— Vou preparar um chá para nós — avisou ela, e começou a empilhar os pratos.

— Deixe-me ajudar. — Lauren fez menção de se levantar.

— Não precisa — cortou Rachel.

— Se você acha mesmo.

Lauren colocou um cacho de cabelo louro-avermelhado atrás da orelha. Era uma mulher bonita. Quando Rob a levava em casa pela primeira vez para conhecer Rachel, ele quase não conseguia esconder seu orgulho. Aquilo a fizera se lembrar de seu rosto corado e rechonchudo quando trazia para casa uma nova pintura do jardim de infância.

O que acontecera com a família deles em 1984 deveria ter feito Rachel amar ainda mais o filho, mas não fez. Era como se ela tivesse perdido a capacidade de amar — até Jacob nascer. Até então, ela e Rob tinham mantido uma boa relação, mas era como aquele horrível chocolate de alfarroba. Assim que se experimentava, percebia-se que era apenas uma imitação triste e errada. Então Rob tinha todo o direito de levar Jacob para longe dela. Ela merecia isso por não amá-lo o suficiente. Essa era sua penitência. Duas mil ave-marias e seu neto em Nova York. Sempre havia um preço, e Rachel teria que pagá-lo integralmente. Nada de descontos. Do mesmo modo que ela pagara por seu erro em 1984.

Rob estava fazendo Jacob rir. Lutando com ele, provavelmente, segurando-o de cabeça para baixo pelos tornozelos, da mesma forma que Ed fazia com ele.

— Lá vem o... MONSTRO DA COSQUINHA! — gritou Rob.

Os sons da risada de Jacob flutuaram para dentro da cozinha como bolhas de sabão, e Rachel e Lauren riram juntas. Era irresistível, como se elas próprias estivessem recebendo as cócegas. Seus olhares se encontraram do outro lado da mesa e, naquele instante, a risada de Rachel se transformou num soluço.

— Ah, *Rachel*.

Lauren se levantou um pouco da cadeira e estendeu a mão com unhas extremamente bem-feitas. (Ela fazia manicure, pedicure e massagem no terceiro sábado de cada mês. Chamava isso de “tempo da Lauren”. Rob trazia Jacob para a casa de Rachel sempre que era “tempo da Lauren”, e eles caminhavam até o parque na esquina e comiam sanduíches de ovo.)

— Eu sinto muito. Sei o quanto você vai sentir falta de Jacob, mas...

Rachel respirou fundo, trêmula, e usou toda a força que tinha para se recompor, como se estivesse se erguendo da beira de um precipício.

— Não seja boba — disse ela, de forma tão severa que Lauren se encolheu e caiu de volta na cadeira.

— Vou ficar bem. Essa é uma oportunidade maravilhosa para todos vocês.

Ela começou a empilhar os pratos de sobremesa, raspando rudemente os restos do pudim Sara Lee numa pilha de comida desarrumada e repulsiva.

— A propósito, esse menino precisa cortar o cabelo — acrescentou ela, antes de sair da cozinha.

— John-Paul? Você ainda está aí?

Cecilia pressionou o telefone com tanta força na orelha que chegou a doer.

Por fim, ele perguntou:

— Você a abriu? — Sua voz soou fraca e aguda, como a de um velho ranzinza num asilo.

— Não — respondeu Cecilia. — Você não está morto, então achei melhor não abrir.

Ela queria que seu tom soasse descontraído, mas acabou saindo estridente, como se ela o estivesse criticando.

Ficaram mais uma vez em silêncio. Ela ouviu alguém com sotaque americano chamar: “Senhor! Por aqui, senhor!”

— Alô? — disse Cecilia.

— Será que poderia não abri-la, por favor? Você se importa? Eu a escrevi há muito tempo, quando Isabel era bebê, acho. É meio embaraçoso. Na verdade, achei que a tivesse perdido. Onde você a encontrou?

Ele parecia constrangido, como se estivesse falando com ela na frente de pessoas que não conhecia muito bem.

— Você está acompanhado? — perguntou Cecilia.

— Não. Estou apenas tomando café da manhã aqui no restaurante do hotel.

— Eu a encontrei quando estava no sótão procurando meu pedaço do Muro... E aí acabei esbarrando em uma das suas caixas de sapato, e lá estava ela.

— Eu devia estar fazendo a declaração de imposto de renda na época em que a escrevi — disse John-Paul. — Que idiota. Eu me lembro de ter procurado muito por ela. Achei que estivesse ficando louco. Não conseguia *acreditar* que a tinha perdido... — Ele se calou. — Bem.

Ele soava tão arrependido, cheio de um remorso que parecia exagerado.

— Bem, não tem importância. — Agora a voz de Cecilia estava maternal, como se falasse com uma das filhas. — Mas por que você a escreveu?

— Foi só um impulso. Acho que eu estava muito emotivo. Nossa primeira filha. Fiquei pensando no meu pai e em tudo que ele não pôde me falar depois que morreu. Coisas não ditas. Todos esses clichês. A carta contém apenas coisas bobas, sobre como eu amo vocês. Nada muito importante. Para ser sincero, não consigo nem me lembrar direito.

— Então por que não posso abri-la? — Ela usou um tom de voz sedutor que quase lhe deu nojo. — Qual é o problema?

Silêncio de novo.

— Não há problema algum, mas, Cecilia, por favor, estou pedindo para não fazer isso.

Ela parecia um tanto desesperado. Pelo amor de Deus! Que exagero. Homens eram tão ridículos com relação a questões emocionais!

— Tudo bem. Não vou abri-la. Vamos torcer para que eu continue sem ter que lê-la pelos próximos cinquenta anos.

— A menos que eu viva mais do que você.

— Sem chance. Você come muita carne vermelha. Aposto que está comendo bacon agora mesmo.

— E eu aposto que você deu peixe para essas pobres meninas jantarem, não é? — Ele estava brincando, mas ainda parecia tenso.

— É o papai? — Polly entrou derrapando na sala. — Preciso falar com ele com urgência!

— A Polly está aqui — disse Cecília, enquanto a filha tentava pegar o telefone sem fio da mão dela. — *Polly*, pare. Espere *um pouco*. A gente se fala amanhã. Amo você.

— Também amo você. — Ela o ouviu dizer quando Polly agarrou o telefone.

A menina saiu correndo da sala com o aparelho grudado no ouvido.

— Papai, escute, preciso contar uma coisa para você, e é um grande *segredo*.

Polly adorava segredos. Não parava de falar deles, ou de contá-los, desde os dois anos, quando descobrira que eles existiam.

— Deixe suas irmãs falarem com ele também! — gritou Cecília.

Ela pegou a xícara de chá e deixou a carta ali perto, alinhando-a com a beirada da mesa. Então era isso. Não havia nada com que se preocupar. Ela iria guardar a carta e esquecê-la.

Ele ficara constrangido. Só isso. Que gracinha.

É claro que, depois que prometera não abri-la, não poderia fazer isso. Teria sido melhor não comentar nada. Ela poderia terminar o chá e cuidar daquele assunto.

Puxou para perto de si o livro de Esther sobre o Muro de Berlim, folheou as páginas, parando ao ver a foto de um garoto com um rosto sério e angelical que a lembrava um pouco de John-Paul quando jovem, na época em que se apaixonara por ele. John-Paul sempre cuidava muito bem do cabelo e usava muito gel para mantê-lo no lugar, e era sério, de um jeito adorável, mesmo quando estava bêbado (eles ficavam bêbados com frequência naqueles tempos). Sua seriedade fazia Cecília se sentir infantil e boba. Eles já estavam juntos havia séculos quando ele enfim revelou seu lado mais leve.

O garoto, ela leu, era Peter Fechter, um pedreiro de dezoito anos que fora uma das primeiras pessoas a morrer tentando pular o Muro de Berlim. Ele levou um tiro na pélvis e caiu na “zona morta”, no lado oriental, onde ficou uma hora sangrando até a morte. Centenas de testemunhas de ambos os lados observavam, mas ninguém lhe ofereceu assistência médica, embora algumas pessoas tenham jogado ataduras para ele.

— Pelo amor de Deus — disse Cecília, mal-humorada, e empurrou o livro para longe.

Mas que história para Esther ler, descobrir que uma coisa dessas era possível.

Cecília teria ajudado aquele garoto. Teria ido direto para lá e chamado uma ambulância. Teria gritado: “O que há de errado com vocês?”

Quem poderia saber o que ela teria feito de fato? Provavelmente nada, se corresse o risco de levar um tiro também. Ela era mãe. Precisava ficar viva. Zonas mortas não faziam parte da sua vida. Zonas de natureza, sim. Zonas de compras. Ela nunca fora posta à prova. E era provável que nunca fosse.

— Polly! Você está falando com ele há horas! Papai já deve estar de saco cheio! — berrou Isabel.

Por que elas tinham que estar sempre gritando? As meninas sentiam muita falta do pai quando ele viajava. Ele era mais paciente com elas do que Cecília e, desde pequenas, estava sempre pronto para participar de suas vidas de um modo que Cecília, honestamente, não dava a mínima. Brincava de tomar chás em festas intermináveis com Polly, segurando xícaras minúsculas com o dedo mindinho esticado. Ouvia com atenção Isabel falar sem parar sobre o último drama com as amigas. Era sempre um alívio para todas elas quando John-Paul voltava para casa. “Leve as suas queridinhas!”, gritava Cecília e era o que ele fazia, levava-as de carro para alguma aventura e as trazia de volta horas depois, sujas e pegajosas.

— O papai não acha que eu encho o saco! — gritou Polly.

— Dê o telefone para a sua irmã *agora mesmo!* — berrou Cecília.

Houve uma briga no corredor, e Polly voltou para a cozinha. Ela se aproximou, sentou-se à mesa com Cecília e apoiou a cabeça nas mãos.

Cecília deslizou a carta de John-Paul para dentro das páginas do livro de Esther e olhou para o lindo rostinho em forma de coração de sua filha de seis anos. Polly era uma anomalia genética. John-Paul era bonito (um gato, como as garotas costumavam chamá-lo) e Cecília era bastante atraente à meia-luz, mas de algum modo eles tinham conseguido gerar uma filha que estava numa categoria completamente diferente. Polly parecia muito com a Branca de Neve: cabelo preto, olhos azuis brilhantes e lábios cor de rubi. *Naturalmente* cor de rubi; as pessoas achavam que ela estava de batom. Suas duas irmãs mais velhas, com cabelo louro-acinzentado e nariz com sardas, eram bonitas aos olhos dos pais, mas só Polly fazia cabeças se virarem nos shoppings com frequência. “Bonita demais para o seu próprio bem”, observara a sogra de Cecília um dia desses, deixando-a irritada, ao mesmo tempo que compreendia. Que consequência aquilo que todas as mulheres desejavam poderia ter na personalidade de alguém? Cecília havia notado que as mulheres bonitas se portavam de um jeito diferente; elas oscilavam como palmeiras à brisa de toda aquela atenção. Ela queria que suas filhas fossem realizadas, independentes e firmes. Não queria que Polly oscilasse à maldita brisa.

— Você quer saber o segredo que contei ao papai? — Polly ergueu o olhar e fitou a mãe por trás dos cílios.

Polly oscilaria, está certo. Cecília já podia perceber isso.

— Tudo bem — respondeu ela. — Não precisa me contar.

— O segredo é que decidi convidar o Sr. Whitby para minha festa de pirata — confessou Polly.

O aniversário de sete anos de Polly era na semana depois da Páscoa. Sua festa de pirata fora um assunto recorrente no último mês.

— Polly — disse Cecília. — Nós já conversamos sobre isso.

O Sr. Whitby era o professor de educação física na St. Angela, e Polly estava apaixonada por ele. Cecília não sabia o que o fato de a primeira paixão de Polly ser um homem quase da idade de seu pai podia dizer sobre seus relacionamentos futuros. Ela deveria se apaixonar por astros adolescentes, não por um homem de meia-idade com a cabeça raspada. Era verdade que o Sr. Whitby tinha *algo a mais*. Seu peito era largo, tinha um porte atlético, pilotava uma moto e ouvia com os olhos, mas eram as mães da escola, e não as alunas de seis anos, que deveriam sucumbir ao seu charme (o que certamente acontecia; a própria Cecília não estava imune).

— Não vamos convidar o Sr. Whitby para a sua festa — disse Cecilia. — Não seria justo. Ou então ele vai se sentir obrigado a ir às festas de todo mundo.

— Ele vai querer vir na minha.

— Não.

— Vamos falar sobre isso outra hora — afirmou Polly, aérea, e então afastou a cadeira da mesa.

— Não vamos! — gritou Cecilia para ela, mas Polly já tinha ido embora.

Cecilia suspirou. Bem. Muita coisa a fazer. Ela se levantou e pegou a carta de John-Paul de dentro do livro de Esther. Primeiro, iria guardar aquela porcaria.

Ele disse que a tinha escrito logo depois que Isabel nascera, e que não se lembrava exatamente do que dizia. Era compreensível. Isabel estava com doze anos, e John-Paul era muito esquecido. Ele sempre contava com Cecilia para lembrar-lhe das coisas.

Só que ela tinha quase certeza de que ele estava mentindo.

— Talvez a gente devesse invadir. — A voz de Liam cortou o ar noturno como o som agudo de um assobio. — A gente pode quebrar uma janela com uma pedra. Por exemplo, com aquela pedra bem ali! Olhe, Mãe, olhe, olhe, olhe, você consegue ver...

— Shhh — sussurrou Tess. — Fale baixo!

Ela bateu a aldrava na madeira da porta repetidas vezes.

Nada.

Eram onze da noite, e Tess e Liam estavam parados na porta da casa da mãe dela. Lá dentro estava tudo escuro, as cortinas fechadas. Parecia vazia. Na verdade, toda a rua parecia sinistramente silenciosa. Será que não havia ninguém acordado assistindo ao jornal da noite? A única luz vinha de um poste na esquina. O céu estava sem estrelas, sem lua. O único som era o canto melancólico de uma cigarra solitária, a última sobrevivente do verão, e havia também o ruído baixo do tráfego ao longe. Ela conseguia sentir o perfume suave das gardênia da mãe. A bateria do celular de Tess havia acabado. Ela não podia ligar para ninguém, nem mesmo para um táxi que os levasse a um hotel. Talvez eles *devessem* invadir, mas a mãe dela andava muito preocupada com segurança nos últimos anos. Será que não tinha instalado um alarme? Tess imaginou um alarme disparando de repente e perturbando a vizinhança.

Não acredito que isso está acontecendo comigo.

Ela não havia planejado direito. Deveria ter ligado mais cedo naquela noite para avisar à mãe que eles iriam chegar, mas estivera tão agitada, reservando o voo, fazendo as malas, indo para o aeroporto, encontrando o portão de embarque certo, Liam correndo ao seu lado, falando sem parar. Ele estava tão animado que não calara a boca durante todo o voo, e agora estava tão cansado que praticamente delirava.

Achava que estavam numa missão de resgate para ajudar a avó.

— Vovó quebrou o tornozelo — dissera Tess a ele. — Então vamos para a casa dela ajudá-la por um tempo.

— E a escola? — perguntara ele.

— Você pode faltar alguns dias — respondera ela, e o rosto dele se iluminara como uma árvore de Natal.

Tess não mencionara a possibilidade de ir para uma nova escola. Óbvio.

Felicity tinha ido embora e, enquanto Tess e Liam arrumavam as coisas, Will ficara vagando pela casa, pálido e fungando. Quando ficaram a sós e Tess estava jogando algumas roupas dentro da mala, ele havia tentado conversar com ela, que se virara para ele como uma cobra prestes a dar o bote, falando por entre os dentes furiosamente cerrados:

— Deixe-me em paz.

— Sinto muito — disse ele, dando um passo para trás. — Sinto muito mesmo.

Ele e Felicity já deviam ter dito “sinto muito” umas quinhentas vezes até aquele momento.

— Juro — falou Will, baixando o tom de voz, provavelmente para que Liam não o ouvisse —, se ainda tem alguma dúvida, quero que saiba que nunca dormimos juntos.

— Você fica repetindo isso, Will. Não sei por que pensa que isso melhora as coisas. Só piora. Nunca me ocorreu que vocês *iriam* dormir juntos? Tipo, muito obrigada por seu controle. Quer dizer, pelo amor de Deus... — A voz dela tremeu.

— Sinto muito — repetiu ele e esfregou o nariz com as costas da mão, fungando alto.

Will tinha agido de um modo perfeitamente normal na frente de Liam. Ajudara o filho a encontrar seu boné favorito debaixo da cama, e quando o táxi chegou, se ajoelhou e meio abraçou, meio lutou com ele daquele jeito bruto e amoroso dos pais com os filhos. Tess percebera exatamente como Will conseguira manter aquela história com Felicity em segredo por tanto tempo. A vida em família, mesmo que com apenas um garotinho, tinha seu ritmo próprio, e era bem possível continuar dançando como sempre, apesar da sua cabeça estar em outro lugar.

E então ali estava ela, naquele silencioso e adormecido subúrbio da Costa Norte de Sydney, sem ter para onde ir, com um garoto de seis anos delirante.

— Bem — se dirigiu a Liam, com cuidado. — Acho que podíamos...

O quê? Acordar um vizinho? Arriscar disparar o alarme?

— Espere! — disse Liam. Ele levou um dedo aos lábios; seus grandes olhos pareciam poças pretas brilhantes na escuridão. — Acho que estou ouvindo um barulho lá dentro.

Ele encostou a orelha na porta. Tess fez o mesmo.

— Está escutando?

Ela de fato ouviu algo. Um barulho alto, estranho e ritmado.

— Devem ser as muletas da vovó — arriscou Tess.

Sua pobre mãe. Era provável que estivesse na cama. Seu quarto ficava no outro extremo da casa. Maldito Will. Maldita Felicity. Arrastando sua pobre mãe machucada para fora da cama.

Quando exatamente essa história entre Will e Felicity tinha começado? Houve um momento exato em que alguma coisa mudou? Como ela podia não ter percebido? Ela via os dois juntos todo santo dia de sua vida e nunca havia notado nada. Felicity ficara para o jantar na última sexta-feira. Talvez Will estivesse um pouco mais calado que de costume. Tess pensara que era porque estava com dor nas costas. Ele andava cansado. Todos eles estavam trabalhando muito. Mas Felicity estava bem. Radiante, até. Tess se pegara encarando-a algumas vezes. Sua beleza ainda era uma novidade e tornava tudo que viesse dela bonito. Sua risada. Sua voz.

Ainda assim, Tess não havia desconfiado. Sentia-se estupidamente segura com relação ao amor de Will. Segura o bastante para usar sua calça jeans velha com aquela camiseta preta que segundo ele a deixava parecendo uma motociclista. Segura o bastante para implicar com ele por estar um pouco emburrado. Ele batera na bunda dela com o pano de prato quando os dois estavam arrumando a cozinha, mais tarde.

Não tinham visto Felicity no fim de semana, o que não era normal. Ela dissera que estava ocupada. Chovia e fazia frio. Tess, Will e Liam assistiram à TV, jogaram cartas e fizeram panquecas juntos. Tinha sido um bom fim de semana. Não tinha?

Chegara a pensar que Felicity estava radiante na sexta à noite porque tinha se apaixonado.

A porta se abriu e a luz inundou a entrada.

— Mas o que houve? — perguntou a mãe de Tess.

Ela estava usando um roupão azul felpudo e se apoiava pesadamente num par de muletas, os olhos míopes piscando, o rosto franzido por causa da dor e do esforço.

Tess olhou para a atadura branca no tornozelo da mãe e a imaginou se levantando, arrastando-se para fora da cama, mancando pelo quarto na tentativa de encontrar o roupão e as muletas.

— Ah, Mãe — disse ela. — Sinto muito.

— Sente pelo quê? O que vocês estão fazendo aqui?

— Nós viemos... — começou Tess, mas sentiu a garganta se fechar.

— Ajudar você, vovó! — gritou Liam. — Por causa do seu tornozelo! Nós voamos para cá no escuro!

— Bem, isso é muito gentil da sua parte, meu querido.

De muletas, a mãe de Tess chegou para o lado, para lhes dar passagem.

— Entrem, entrem. Peço desculpas por ter demorado tanto para abrir a porta. Não fazia ideia de que andar de muletas era tão difícil. Imaginei que eu iria me balançar alegremente por aí, mas elas se enterram nas axilas tipo nem sei o quê. Liam, vá acender a luz da cozinha e vamos tomar leite quente e torradas com canela.

— Legal!

Liam foi até a cozinha e, por alguma razão inexplicável de um menino de seis anos, começou a mover os braços e as pernas aos solavancos, como um robô.

— Entendido! Entendido! Afirmativo... para... torrada com canela!

Tess levou as malas para dentro.

— Sinto muito — disse novamente, enquanto as deixava no corredor e erguia os olhos para a mãe.

— Eu deveria ter ligado. Seu tornozelo está doendo muito?

— O que aconteceu? — perguntou a mãe.

— Nada.

— Está mentindo.

— Will... — começou Tess, mas parou.

— Minha querida.

Sua mãe se desequilibrou perigosamente ao tentar estender os braços para Tess sem largar as muletas.

— Não vá quebrar outro osso.

Tess a amparou. Podia sentir nela o cheiro da pasta de dentes, de seu sabonete e creme faciais e, além de tudo isso, seu conhecido cheiro antigo e almiscarado. Na parede do corredor, atrás da cabeça da mãe, havia uma foto emoldurada que mostrava ela e Felicity aos sete anos, com seus vestidos brancos rendados e véus, as palmas das mãos religiosamente unidas no meio do peito, na tradicional pose de Primeira Comunhão. Tia Mary tinha uma foto idêntica no mesmo lugar em seu corredor. Agora Felicity era atea e Tess se dizia “desviada”.

— Ande logo e me conte tudo — ordenou Lucy.

— Will... — tentou Tess de novo. — E, e... — Ela não conseguia terminar.

— Felicity — completou a mãe. — Estou certa? Estou. — Ela levantou um cotovelo e bateu a muleta no chão com tanta força que a foto da Primeira Comunhão chegou a tremer. — Aquela vadiazinha.

* * *

1961. A Guerra Fria estava no ápice. Milhares de alemães orientais fugiam para o Oeste. “Ninguém tem qualquer intenção de construir um muro”, anunciou o presidente do Conselho de Estado da Alemanha Oriental, Walter Ulbricht, que alguns diziam ser o fantoche de Stalin. As pessoas se entreolharam confusas. Mas o que... Quem falou algo sobre um muro? Outros milhares fizeram as malas.

Em Sydney, Austrália, uma jovem chamada Rachel Fisher estava sentada no muro alto com vista para a Manly Beach, balançando suas pernas longas e bronzeadas, enquanto seu namorado, Ed Crowley, folheava o Sydney Morning Herald, irritantemente concentrado. Havia uma matéria no jornal sobre as notícias da Europa, mas nem Ed nem Rachel demonstravam muito interesse naquilo.

Por fim, Ed perguntou:

— Ei, Rach, por que não compramos um desses para você?

Ele apontava para a página à sua frente.

Rachel espiou por sobre o ombro dele meio indiferente. O jornal estava aberto numa propaganda de página inteira da Angus & Coote. O dedo de Ed estava em cima de um anel de noivado. Ele a agarrou pelo cotovelo um instante antes que ela pulasse do muro para a praia.

* * *

Eles tinham ido embora. Rachel estava na cama com a televisão ligada, a *Women's Weekly* no colo, uma xícara de chá Earl Grey na mesinha de cabeceira, junto com a caixa de macarons que Lauren trouxera naquela noite. Rachel deveria ter oferecido os macarons a eles depois do jantar, mas se esqueceu. Talvez tivesse feito de propósito; ela jamais saberia dizer com certeza o quanto desgostava da nora. Era até possível que a odiasse.

Por que não vai para Nova York sozinha, minha querida? Tire dois anos de tempo da Lauren!

Rachel arrastou a caixa pela cama para a sua frente e examinou os seis doces de cores gritantes. Não lhe pareciam ser nada de especial. Supostamente eram a última moda entre as pessoas que se importavam com a última moda. Aqueles eram de uma loja da cidade em que as pessoas ficavam horas na fila para comprá-los. Idiotas. Não tinham nada melhor para fazer? Embora parecesse improvável que Lauren tivesse ficado horas na fila. Afinal, ela tinha mais coisas melhores para fazer do que todo mundo! Rachel tinha a sensação de que havia uma história sobre a compra dos macarons, mas na verdade ela nunca ouvia quando Lauren falava qualquer coisa que não envolvesse Jacob.

Escolheu um macaron vermelho e deu uma mordida hesitante.

— Meu Deus — murmurou ela um instante depois e, pela primeira vez em não sabia nem quanto tempo, pensou em sexo. Deu uma mordida maior. — Minha Nossa Senhora.

Ela riu alto. Não era de espantar que as pessoas fizessem fila por eles. Eram excelentes; o sabor de framboesa do recheio cremoso lembrava o toque delicado de pontas de dedos em sua pele, o suspiro leve e

suave, como se estivesse comendo uma nuvem.

Espere. Quem dissera isso?

“É como comer uma nuvem, Mamãe!” Um rostinho extasiado.

Janie. Com cerca de quatro anos. A primeira vez que experimentou um algodão doce rosa, melado, açucarado, no... Luna Park? Numa quermesse? Rachel não conseguia puxar pela memória. A lembrança se concentrava apenas no rosto radiante de Janie e em suas palavras: “É como comer uma nuvem, Mamãe!”

Janie teria adorado aqueles macarons.

De repente, o doce escorregou dos dedos de Rachel e ela se curvou para a frente, como se pudesse se esquivar do primeiro golpe, mas era tarde demais, tinha sido atingida. Havia muito tempo que não era tão ruim. Uma onda de dor, tão intensa e chocante quanto a daquele primeiro ano, quando ela acordava todas as manhãs e, por um instante, esquecia, até ter a sensação de levar um soco na cara ao compreender que Janie não estava no quarto no fim do corredor, tomando um banho daquele desodorante Impulse enjoativo, passando a maquiagem alaranjada em sua pele perfeita de dezessete anos, dançando ao som de Madonna.

A grande injustiça daquilo dilacerava seu coração, em espasmos. *Minha filha teria adorado esses doces bobos. Minha filha teria construído uma carreira. Minha filha poderia ter ido para Nova York.*

Um torno de ferro pesou em seu peito, comprimindo-o, e ela se sentia sufocar, arfando em busca de ar, mas por sob o pânico podia ouvir a voz calma e cansada da experiência: *Você já passou por isso antes. Não vai morrer. Parece que não consegue respirar, mas na verdade está respirando. Tem a impressão de que nunca vai parar de chorar, mas vai, sim.*

Enfim, aos poucos, o aperto em seu peito foi aliviando, o suficiente para ela voltar a respirar. Nunca passava completamente. Ela aceitara isso havia muito tempo. Morreria com esse aperto de sofrimento no peito. Não queria que aquilo passasse. Seria como se Janie nunca tivesse existido.

Ela se lembrou dos cartões de Natal que recebera no primeiro ano.

Queridos Rachel, Ed e Rob, desejamos a vocês um feliz Natal e próspero ano-novo.

Era como se eles simplesmente tivessem suprimido o espaço que Janie ocupara. E “feliz”? Estavam todos loucos? Ela xingava cada vez que abria mais um cartão, rasgando-o em pedacinhos.

— Mãe, dê um desconto a eles, não sabem o que mais podem dizer — dissera Rob para ela, com a voz cansada.

Ele só tinha quinze anos, mas seu rosto triste e pálido parecia pertencer a um homem de cinquenta anos com espinhas.

Com as costas da mão, Rachel tirou as migalhas do macaron de cima do lençol. “Migalhas! Meu Deus Todo-Poderoso, olhe só essas migalhas!”, teria dito Ed. Ele considerava comer na cama algo imoral. Além disso, se pudesse ver a televisão ali em cima da cômoda, teria um ataque. Ed acreditava que pessoas que tinham TV no quarto eram como viciados em cocaína; fracos e pervertidos. O quarto, segundo ele, era lugar para uma oração de joelhos junto à cama, a cabeça apoiada nas pontas dos dedos, os lábios se movendo rápido (muito rápido; ele não achava certo tomar muito tempo do Cara lá de cima), seguida de sexo (de preferência todas as noites), seguido de sono.

Ela pegou o controle remoto e o apontou para a televisão, trocando de canal.

Um documentário sobre o Muro de Berlim.

Não. Triste demais.

Um daqueles programas de investigação criminal.

Nunca.

Um seriado engraçado sobre uma família.

Deixou ali por um momento, mas o marido e a mulher gritavam um com o outro, e suas vozes eram agudas e horríveis. Então mudou para um programa de culinária e diminuiu o volume. Desde que passara a morar sozinha, ela ia para a cama com a TV ligada, as banalidades reconfortantes das vozes sussurradas e das imagens que piscavam aliviavam a sensação de terror que às vezes a dominava.

Ela se deitou de lado e fechou os olhos. Dormia com as luzes acesas. Depois da morte de Janie, ela e Ed não suportavam a escuridão. Não conseguiam ir dormir como pessoas normais. Precisavam se enganar e fingir que estavam indo fazer outra coisa.

Por trás das pálpebras fechadas, viu Jacob caminhar com seus passinhos vacilantes por uma rua de Nova York, usando o macacãozinho jeans, agachando-se com suas mãozinhas gorduchas apoiadas nos joelhos para examinar o vapor que subia das ventilações da rua. Será que aquele vapor era *quente*?

Ela estivera chorando por Janie, ou será que na verdade tinha sido por Jacob? Tudo o que sabia era que, depois que o tirassem dela, a vida voltaria a ser insuportável, só que — e essa era a pior parte — ela de fato *iria* suportar, não morreria por isso, continuaria vivendo dia após dia após dia, um ciclo eterno de gloriosos nasceres e pores do sol que Janie jamais veria.

Você me chamou, Janie?

Esse pensamento era como a ponta de uma faca se cravando no coração de Rachel. Era sempre excruciente, mas ela nunca parava de fazer aquela pergunta, primeiro porque merecia isso e segundo porque era o único modo que tinha de responder caso Janie a tivesse chamado. *Estou aqui. Continuo aqui.*

Tinha lido em algum lugar que os soldados pediam morfina e chamavam suas mães quando estavam à beira da morte no campo de batalha. Os italianos principalmente. “Mamma mia!”, gritavam eles.

Com um movimento súbito que fez suas costas doerem, Rachel se sentou e pulou da cama usando o pijama de Ed (ela passara a usá-lo logo após sua morte e nunca mais parara; já não tinha mais o cheiro dele, mas ela quase podia imaginar o contrário). Ela se ajoelhou junto da cômoda e pegou um velho álbum de fotos desbotado com uma capa de vinil verde-claro.

Voltou a se sentar na cama e o folheou lentamente. Janie rindo. Janie dançando. Janie comendo. Janie de mau humor. Janie com os amigos.

Inclusive ele. Aquele garoto. A cabeça dele não estava voltada para a câmera, mas para o outro lado, olhando para Janie, como se ela tivesse acabado de dizer algo inteligente e divertido. O que será que ela tinha dito? Todas as vezes ela se perguntava isso. *O que você tinha acabado de dizer, Janie?*

Rachel pôs o dedo em cima do rosto dele, sardento e sorridente, e viu sua mão levemente artrítica, com manchas senis se fechar em punho.

6 DE ABRIL DE 1984

A primeira coisa que Janie Crowley fez ao sair da cama naquela manhã fria de abril foi apoiar a parte de trás de uma cadeira debaixo da maçaneta da porta de seu quarto para que nem o pai ou a mãe entrassem e vissem o que estava fazendo. Depois se ajoelhou ao lado da cama e levantou a ponta do colchão para pegar uma caixa azul-clara. Ela se sentou na beirada da cama e tirou uma pequena pílula amarela da cartela, segurando-a entre as pontas dos dedos e erguendo-a contra a luz, pensando nela e em tudo o que significava antes de botá-la no meio da língua com reverência, como se fosse uma hóstia. Então tornou a esconder a caixa debaixo do colchão e pulou de volta para a cama quentinha, puxou as cobertas e ligou o rádio-relógio baixinho, ouvindo Madonna cantar “Like a Virgin”.

A pequena pílula tinha gosto de química, era doce e deliciosamente pecaminosa.

“Pense em sua virgindade como um presente. Não a entregue de bandeja para qualquer um”, dissera-lhe a mãe numa daquelas conversas em que tentava parecer tranquila, como se qualquer tipo de relação sexual antes do casamento pudesse ser tolerada, como se o pai dela não fosse se ajoelhar e rezar mil novenas só de pensar em alguém tocando em sua garotinha pura.

Janie não tinha a intenção de entregar sua virgindade a qualquer um. Ela abrira um processo de seleção, e hoje iria informar o resultado ao candidato vencedor.

O rádio começou a dar as notícias, mas a maioria delas era chata, nenhuma se fixava em sua mente, pois não tinha nada a ver com ela. A única coisa interessante fora o nascimento do primeiro bebê de proveta no Canadá. A Austrália já tinha um bebê de proveta! *Então nós vencemos, Canadá! Rá, rá.* (Ela tinha primos mais velhos que eram canadenses e a faziam se sentir inferior, pois tinham uma educação sofisticada e um sotaque não tão americano.) Ela se sentou na cama, pegou sua agenda escolar e desenhou um bebê magro e comprido imprensado dentro de um tubo de ensaio, suas mãozinhas pressionando o vidro, a boca escancarada. *Deixem-me sair! Deixem-me sair!* Aquilo faria suas colegas de escola rirem. Ela fechou a agenda com força. A ideia de um bebê de proveta era, de certa forma, repulsiva. Isso a fez se lembrar da aula de ciências em que começaram a estudar os óvulos femininos. No-jen-to! E sabe o que era o pior? O professor era um homem. Um homem falando sobre óvulos femininos. Isso era muito inadequado. Janie e as amigas ficaram furiosas. Além disso, ele provavelmente queria olhar debaixo das saias delas. Nunca chegaram a flagrá-lo tentando, mas sentiam o desejo repugnante dele.

Era uma pena que a vida de Janie fosse acabar dali a apenas oito horas, porque ela não era o melhor que poderia ser. Tinha sido um bebê adorável, uma menininha encantadora, uma pré-adolescente tímida e doce, mas por volta do seu décimo sétimo aniversário, em maio do ano anterior, ela havia mudado. Tinha uma leve consciência do quanto era desagradável. Mas não era culpa sua. Estava apavorada com tudo (ir para a universidade, dirigir, telefonar para marcar hora no cabeleireiro), e seus hormônios a

enlouqueciam, e havia tantos garotos começando a demonstrar um interesse meio agressivo por ela, como se talvez fosse bonita, o que era bom, mas confuso, porque, quando se olhava no espelho, tudo o que via era um rosto comum e feio, e um corpo alto, magro e esquisito. Ela parecia um louva-a-deus. Uma das garotas da escola lhe dissera isso, e era verdade. Seus membros eram compridos demais. Os braços principalmente. Ela era toda desproporcional.

Além disso, havia alguma coisa estranha acontecendo com sua mãe naquele momento, o que significava que ela não estava se concentrando em Janie, e até pouco tempo antes ela sempre prestara atenção na filha com uma devoção irritante. (Sua mãe tinha *quarenta anos!* O que de tão interessante poderia estar acontecendo na vida dela?) Era perturbador que aquele holofote brilhante de atenção tivesse se apagado sem aviso prévio. O que, na verdade, a magoava, embora ela não fosse admitir isso, ou mesmo tivesse consciência de que se sentia assim.

Se Janie tivesse vivido, sua mãe teria voltado ao normal, teria voltado a se concentrar intensamente, e Janie teria se tornado adorável de novo por volta do seu décimo nono aniversário, e elas seriam tão próximas quanto mãe e filha podem ser, e Janie teria enterrado a mãe, em vez do contrário.

Se Janie tivesse vivido, teria se interessado por drogas leves e garotos grosseiros, hidroginástica e jardinagem, Botox e sexo tântrico. Em toda a vida, teria sofrido três acidentes de carro, mas nenhum grave, pegado trinta e quatro gripes fortes e passado por duas grandes cirurgias. Teria se tornado uma designer de relativo sucesso, uma mergulhadora corajosa, uma reclamona nos acampamentos, uma apaixonada por trilhas e uma das primeiras usuárias de iPod, iPhone e iPad. Teria se divorciado do primeiro marido, feito fertilização *in vitro* e engravidado de gêmeos do segundo, e as palavras “bebê de profeta” teriam passado pela sua mente como uma velha piada, enquanto ela postava as fotos dos filhos no Facebook para seus primos canadenses “curtirem”. Teria mudado seu nome para Jane aos vinte anos e de volta para Janie aos trinta.

Se Janie Crowley tivesse vivido, teria viajado e feito dieta, dançado e cozinhado, rido e chorado, assistido a muita televisão e se esforçado ao máximo.

Mas nada disso iria acontecer, porque aquela era a manhã do último dia de sua vida e, embora ela fosse gostar de ver o rosto de suas amigas manchado de rímel enquanto elas faziam um escândalo, abraçando forte umas às outras e soluçando diante de seu túmulo, numa orgia de sofrimento, realmente teria preferido descobrir todas as coisas que esperavam por ela no futuro.

TERÇA-FEIRA

Cecilia passou a maior parte do funeral da Irmã Ursula pensando em sexo. Não em sexo pervertido. Sexo suave, conjugal, aprovado pelo papa. Mas mesmo assim. A Irmã Ursula provavelmente não teria gostado disso.

— A Irmã Ursula era devotada às crianças da St. Angela.

O Padre Joe segurou com força os dois lados do púlpito, encarando com seriedade o pequeníssimo grupo de enlutados (embora, para falar a verdade, será que alguém naquela igreja estava mesmo *de luto* pela Irmã Ursula?), e por um momento seus olhos encontraram os de Cecilia, como se pedisse aprovação. Cecilia assentiu e abriu um breve sorriso para dizer a ele que estava fazendo um bom trabalho.

Padre Joe tinha apenas trinta anos e não era um homem sem atrativos. O que levava um homem dessa idade a escolher o sacerdócio hoje em dia? *Escolher* o celibato?

Então, de volta ao sexo. Perdão, Irmã Ursula.

Pelo que lembrava, fora no último Natal que percebera que havia algo errado com a sua vida sexual. Ela e John-Paul não estavam indo se deitar na mesma hora. Ou ele ficava acordado até tarde, trabalhando ou navegando na internet, e ela caía no sono antes que ele fosse para a cama, ou então ele anunciava de repente que estava exausto e ia dormir às nove da noite. As semanas se passavam, e de vez em quando ela pensava: *Nossa, já faz tanto tempo*, mas depois esquecia o assunto.

Então houve aquela noite em fevereiro, quando ela saiu para jantar com as mães do quarto ano e bebeu mais do que de costume, porque Penny Maroni estava dirigindo. Cecilia foi para a cama entusiasmada, mas John-Paul afastou a mão dela e murmurou: “Estou muito cansado. Deixe-me em paz, sua bêbada.” Ela riu e pegou no sono, nem um pouco ofendida. Da próxima vez que ele tomasse a iniciativa, ela iria fazer um comentário espirituoso, como: “Ah, então agora você quer?” Mas nunca teve a oportunidade. Foi quando começou a registrar o passar dos dias. O que estava acontecendo?

Cecilia achava que já devia fazer uns seis meses, e quanto mais o tempo passava, mais confusa ela ficava. Ainda assim, sempre que as palavras começavam a se formar em sua boca — *Ei, o que está acontecendo, querido?* —, algo a impedia. Sexo nunca tinha sido um ponto de discórdia entre eles, do jeito que ela sabia que era entre muitos casais. Ela não o usava como arma ou para barganhar. Era algo implícito, natural e bonito. E não queria arruinar isso.

Talvez apenas não quisesse ouvir a resposta dele.

Ou, pior, a *falta* de resposta. No ano passado, John-Paul tinha começado a praticar remo. Ele adorava, e todo domingo chegava em casa falando alegremente sobre quanto tinha se divertido. Mas então, inesperada e inexplicavelmente, ele saía da equipe. “Não quero falar sobre isso”, dissera, quando ela ficou perguntando, desesperada para entender o porquê. “Dê um tempo.”

Às vezes, John-Paul era muito estranho.

Ela afastou depressa aquele pensamento. Além do mais, tinha quase certeza de que todos os homens eram eventualmente estranhos.

E também, seis meses não eram tanto tempo assim, não é? Não para um casal de meia-idade. Penny Maroni disse que eles faziam uma vez por ano, com sorte.

No entanto, nos últimos tempos, Cecilia andava se sentindo como um menino adolescente, pensando em sexo com frequência, imagens levemente pornográficas passando pela sua cabeça na fila do mercado, quando estava de pé junto com os outros pais assistindo às crianças praticarem esportes e pensando no hotel em Canberrá, onde John-Paul tinha amarrado os pulsos dela com a faixa elástica azul que o fisioterapeuta dera a ela para praticar exercícios com o tornozelo.

Eles deixaram a faixa azul no quarto do hotel.

O tornozelo de Cecilia ainda estalava quando ela o virava de uma determinada maneira.

Como o Padre Joe conseguia? Cecilia era uma mulher de quarenta e dois anos, uma mãe exausta de três filhas, com a menopausa logo à frente. Se *ela* estava desesperada por sexo, então o Padre Joe Mackenzie, um homem jovem e saudável, que tinha horas de sono suficientes, sem dúvida achava isso difícil.

Será que ele se masturbava? Os padres tinham permissão para isso ou era considerado não condizente com a ideia de toda essa coisa de celibato?

Espere, masturbação não era pecado para todo mundo? Isso era algo que suas amigas não católicas esperariam que ela soubesse. Elas pareciam achar que Cecilia era uma Bíblia ambulante.

Para falar a verdade, se tivesse tido tempo para pensar no assunto, ela não teria tanta certeza de que continuava uma fã tão entusiasmada de Deus. Ele parecia ter jogado a toalha havia muito tempo. Coisas terríveis aconteciam com crianças, no mundo inteiro, todo santo dia. Era imperdoável.

O pequeno Homem-Aranha.

Ela fechou os olhos, afastando aquela imagem.

Cecilia não ligava para o que as letras miúdas diziam sobre livre-arbítrio, os desígnios misteriosos de Deus e blá-blá-blá. Se Deus tivesse um supervisor, ela teria mandado uma de suas famosas cartas de reclamação muito tempo atrás. “Você perdeu uma cliente.”

Olhou para o rosto sério e de pele lisa do Padre Joe. Certa vez, ele lhe dissera que achava “realmente interessante quando as pessoas questionavam a própria fé”. Mas ela não achava suas dúvidas tão relevantes assim. Acreditava de todo coração em St. Angela: a escola, a paróquia, a comunidade que representava. Acreditava que “amar uns aos outros” era um adorável código moral segundo o qual viver. Os sacramentos eram cerimônias bonitas e atemporais. A Igreja Católica era o time pelo qual ela sempre torcera. Quanto a Deus e se ele (ou ela — o que parecia mais provável!) existia ou não, bem, quando todas as meninas estivessem no ensino médio talvez ela tivesse mais tempo para pensar sobre isso.

E ainda assim todos achavam que ela era a mais católica de todas.

Pensou no que Bridget dissera outra noite durante o jantar: “Como você acabou se tornando *tão* católica?”, quando Cecilia mencionara alguma coisa perfeitamente normal sobre a primeira confissão de Polly no ano seguinte (ou reconciliação, como chamavam hoje em dia), como se a irmã dela não tivesse

sido a rainha das orações na época da escola.

Cecilia doaria um rim para a irmã mais nova sem hesitar, mas, às vezes, tinha vontade de se sentar em cima dela e esfregar um travesseiro na sua cara. Esse tinha sido um jeito eficiente de mantê-la na linha quando crianças. Era uma pena como os adultos tinham que reprimir seus verdadeiros sentimentos.

Bridget também doaria um rim para Cecilia, é claro. Ela só iria choramingar muito mais durante a recuperação e mencionaria isso sempre que tivesse oportunidade, e garantiria que Cecilia arcasse com todas as despesas.

Padre Joe havia terminado. O disperso grupo de pessoas na igreja se levantava para o hino final com um murmúrio suave e suspiros reprimidos, tosses sufocadas e o estalar de joelhos de meia-idade. Os olhos de Cecilia encontraram os de Melissa McNulty do outro lado do corredor; Melissa ergueu as sobrancelhas como se dissesse: *Não somos ótimas pessoas por termos vindo ao funeral da Irmã Ursula, sendo que ela era tão terrível e nós temos tantas coisas a fazer?*

Cecilia respondeu com um dar de ombros desanimado que queria dizer: *Mas não é sempre assim?*

Ela estava com uma encomenda de Tupperware no carro para entregar a Melissa depois do funeral, e precisava lembrar de confirmar se ela poderia tomar conta de Polly na aula de balé naquela tarde, porque tinha que levar Esther à consulta com a fonoaudióloga e Isabel para cortar o cabelo. Por falar nisso, Melissa precisava urgentemente retocar a tintura. Suas raízes pretas estavam horríveis. Não era nada gentil da parte de Cecilia reparar naquilo, mas ela não conseguia se esquecer de quando estava na cantina com Melissa no mês passado e ela reclamara que o marido queria sexo a cada dois dias, como um relóginho.

Enquanto cantava o hino “Quão grande és Tu”, Cecilia pensou na provocação de Bridget durante o jantar e entendeu por que havia ficado chateada.

Foi por causa do sexo. Porque, se não estava fazendo sexo, não era nada além de uma mãe de meia-idade, sem graça e desmazelada. A propósito, ela não era desmazelada. No dia anterior mesmo, um caminhoneiro dera um longo assobio de admiração enquanto ela atravessava a rua correndo, com sua roupa de ginástica, para comprar coentro.

O assobio sem dúvida tinha sido para ela. Estava sozinha e havia checado para ter certeza de que não havia nenhuma outra mulher à vista, mais jovem e atraente. Na semana anterior, ela vivera a constrangedora experiência de ouvir alguém assobiar quando ela estava com as filhas no shopping e, ao se virar, tinha visto Isabel com o olhar fixo à frente, as bochechas coradas. Isabel tinha se desenvolvido de repente: já era da altura de Cecilia, seus quadris estavam se alargando, a cintura afinando, e os seios crescendo. Ultimamente vinha usando o cabelo preso num rabo de cavalo alto com uma grossa franja reta, que ficava bem em cima dos olhos. Ela estava crescendo, e não era só a mãe que tinha reparado.

Está começando, pensara Cecilia, com tristeza. Desejou que pudesse dar a Isabel um escudo, como aqueles que a polícia usava, para protegê-la dos olhares dos homens, daquela sensação de estar sendo avaliada sempre que andava pela rua, dos comentários aviltantes gritados dos carros, daquela olhadela casual. Teve vontade de sentar-se com Isabel e conversar sobre o assunto, mas não saberia o que dizer. Ela mesma nunca tinha entendido muito bem. Não era nada de mais. Era sim. Eles não têm o direito de fazer você se sentir assim. Ou, apenas ignore, um dia você fará quarenta anos e aos poucos vai perceber que não sente mais os olhares, e a liberdade é um alívio, mas de certa forma também vai sentir falta deles, e quando

um caminhoneiro assobiar enquanto você atravessa a rua, vai pensar: *Sério? Para mim?*

Também havia parecido um assobio realmente sincero, amigável.

Era um pouco humilhante quanto tempo ela tinha dedicado a analisar aquele assobio.

Bem, de todo modo, ela não estava preocupada que John-Paul estivesse tendo um caso. Definitivamente não. Essa não era uma possibilidade. Nem mesmo uma possibilidade remota. Ele não teria tempo para um caso! Quando conseguiria encaixar isso na agenda?

Mas John-Paul viajava bastante. Poderia ter um caso nessas ocasiões.

O caixão de Irmã Ursula estava sendo carregado da igreja por quatro jovens de ombros largos, cabelos desgrenhados, que usavam terno e gravata, com os rostos cuidadosamente inexpressivos. Pelo que sabia, eram sobrinhos dela. Quem diria que a Irmã Ursula compartilhava o mesmo DNA de jovens tão atraentes! Era provável que eles também tivessem passado todo o funeral pensando em sexo. Aqueles garotos com suas jovens libidos vibrantes. O mais alto era particularmente bonito, com aqueles olhos escuros e brilhantes...

Deus do céu. Agora ela estava imaginando fazer sexo com um dos carregadores do caixão da Irmã Ursula. Uma *criança*, a julgar pela aparência. Provavelmente ainda estava no ensino médio. Seus pensamentos não eram apenas imorais e inadequados, mas também ilegais. (Era ilegal imaginar? Desejar o carregador do caixão da sua professora da terceira série?)

Quando John-Paul voltasse para casa na Sexta-Feira Santa, eles fariam sexo todas as noites. Redescobririam a vida sexual. Seria incrível. Eles sempre foram muito bons juntos. Ela sempre achara que a qualidade do sexo que eles faziam era melhor que a de todo mundo. Esse fora um pensamento muito animador durante as festinhas da escola.

John-Paul não *conseguiria* sexo melhor em nenhum outro lugar. (Cecilia tinha lido muitos livros. Mantinha suas habilidades atualizadas, como se fosse uma exigência profissional.) Ele não precisava de um caso. Sem falar que era uma das pessoas mais éticas, morais e cumpridoras das regras que ela conhecia. Ele não faria uma ultrapassagem proibida nem por um milhão de dólares. Infidelidade não era uma opção para ele. Simplesmente não faria isso.

Aquela carta não tinha nada a ver com um caso. Não estava nem pensando na carta! Para ver o quanto ela nem estava ligando para aquilo. Aquele breve momento na noite passada, quando ela achou que ele estava mentindo ao telefone, foi completamente bobo. O constrangimento com relação à carta foi só por causa do constrangimento inerente aos telefonemas de longa distância. Não eram naturais. Estavam em lados opostos do mundo, em extremos diferentes do dia, então não era possível sincronizar bem as vozes: uma pessoa muito agitada, a outra muito tranquila.

Abrir a carta não resultaria em nenhuma revelação chocante. Não era, por exemplo, sobre uma outra família que ele sustentava em segredo. John-Paul não tinha a organização necessária para lidar com a bigamia. Já teria escorregado há muito tempo. Aparecido na casa errada. Chamado uma das mulheres pelo nome da outra. Deixaria constantemente suas coisas no lugar errado.

A menos, é claro, que essa sua falta de jeito fizesse parte do disfarce.

Talvez ele fosse gay. E por essa razão não faziam mais sexo. Ele fingira sua heterossexualidade todos aqueles anos. Bem, sem dúvida tinha fingido muito bem. Ela se lembrou dos primeiros anos, quando

faziam sexo três ou quatro vezes por dia. Teria realmente sido mais que exagerado se ele estivesse apenas fingindo interesse.

Ele gostava bastante de musicais. Amava *Cats*! E era melhor do que ela na hora de arrumar o cabelo das meninas. Sempre que Polly tinha uma apresentação de balé, insistia para que fosse John-Paul a fazer seu coque. Ele podia falar sobre arabesques e piruetas com Polly tão bem quanto falava sobre futebol com Isabel e *Titanic* com Esther. Além disso, ele adorava a mãe. Os gays não eram particularmente ligados às mães? Ou isso era um mito?

John-Paul tinha uma camisa polo cor de pêssego e ele próprio a passava.

Sim, provavelmente era gay.

O hino terminou. O caixão da Irmã Ursula deixou a Igreja, e havia uma sensação de dever cumprido enquanto as pessoas pegavam suas bolsas e seus casacos e se preparavam para dar início ao dia.

Cecilia largou o hinário. Pelo amor de Deus. Seu marido não era gay. Ela viu a imagem de John-Paul, andando de um lado para o outro na lateral do campo durante a partida de futebol de Isabel na semana passada, gritando palavras de incentivo. Junto com a barba grisalha de um dia, ele tinha dois adesivos purpurinados de bailarina em cada bochecha. Polly os colara ali por diversão. Cecilia sentiu uma onda de amor ao se lembrar disso. Não havia nada de afeminado em John-Paul. Ele apenas era bastante seguro. Não tinha que provar nada a ninguém.

A carta não tinha nada a ver com a falta de sexo. Não tinha a ver com nada. Estava seguramente trancada no arquivo, dentro do envelope pardo com as cópias de seus testamentos.

Ela prometera que não abriria. Portanto, não podia e não iria abri-la.

— Você sabe quem morreu? — perguntou Tess.

— Como assim? — Sua mãe estava de olhos fechados, o rosto na direção do sol.

Estavam no parquinho da escola primária St. Angela. A mãe de Tess estava na cadeira de rodas que elas alugaram na farmácia local, com o tornozelo para o alto, apoiado num suporte para pés. Tess pensara que a mãe iria odiar a cadeira de rodas, mas ela parecia estar gostando bastante, sentada com a postura perfeitamente ereta, como se estivesse num jantar formal.

Elas pararam por um instante sob o sol da manhã, enquanto Liam explorava o pátio da escola. Ainda tinham alguns minutos antes de se encontrarem com a secretária da St. Angela para acertar a matrícula do menino.

A mãe de Tess tinha resolvido tudo naquela manhã. Não teriam problema algum em matricular Liam na St. Angela, Lucy dissera a Tess, orgulhosa. Na verdade, poderiam fazer isso naquele dia mesmo, se quisessem!

— Não tem pressa — dissera Tess. — Não precisamos fazer nada até depois da Páscoa.

Ela não havia pedido à mãe que ligasse para a escola. Afinal, tinha o direito de não fazer nada além de ficar em choque por pelo menos vinte e quatro horas, não é? Sua mãe estava fazendo tudo aquilo parecer real demais e irrevogável, como se aquela pegadinha terrível estivesse de fato acontecendo.

— Posso cancelar o encontro, se você quiser — disse Lucy, com ar martirizado.

— Você marcou um encontro? — perguntou Tess. — Sem falar comigo?

— Bem, só achei que devíamos encarar os fatos.

— Está bem — concordou Tess, com um suspiro. — Vamos fazer isso.

Lucy insistira em ir junto, claro. Provavelmente, ela responderia às perguntas no lugar de Tess, como costumava fazer quando a filha era pequena e ficava tomada pela timidez quando um estranho se aproximava. Na verdade, a mãe nunca perdera o hábito de falar por ela. Era um pouco constrangedor, mas também era bom e tranquilizante, como um serviço cinco estrelas de hotel. Por que não relaxar e deixar outra pessoa fazer o trabalho difícil por você?

— Você sabe quem morreu? — repetiu Tess.

— Morreu?

— O *funeral* — disse Tess.

O parquinho da escola dava para o terreno da igreja de St. Angela, e Tess podia ver um caixão sendo carregado por quatro jovens até um carro fúnebre.

A vida de uma pessoa chegara ao fim. Alguém jamais voltaria a sentir o sol bater no rosto. Tess tentou fazer com que esse pensamento pusesse sua dor em perspectiva, mas isso não ajudou. Ela se perguntava se Will e Felicity estariam fazendo sexo naquele exato momento, na cama dela. Era o meio da manhã. Eles não tinham nenhum outro lugar para ir. Essa ideia lhe parecia incestuosa. Suja e errada. Ela

deu de ombros. Havia um gosto amargo no fundo de sua garganta, como se ela tivesse tido uma noitada regada a vinho barato. Seus olhos pareceram arenosos.

O clima não estava ajudando. Estava bom demais, zombando de sua dor. Sydney estava banhada por uma névoa dourada. Os bordos japoneses na frente da escola tinham uma cor viva e os botões de camélia eram de um vermelho rico e exuberante. Havia vasos de begônias vermelhas, amarelas, pêssego e creme do lado de fora das salas de aula. O contorno alto da igreja de St. Angela contrastava nitidamente com o céu azul-cobalto. *O mundo é tão lindo*, dizia Sydney a Tess. *Qual é o seu problema?*

Ela tentou suavizar o tom irregular de sua voz ao perguntar:

— Você sabe de quem é o funeral?

Tess não se importava realmente com aquilo. Queria apenas ouvir palavras, palavras sobre qualquer coisa, para fazer aquelas imagens das mãos de Will no novo corpo esbelto e branco de Felicity desaparecerem. Pele de porcelana. A pele de Tess era mais morena, herança da família de seu pai. Tinha uma bisavó libanesa que morreria antes de Tess nascer.

Will ligara para o celular dela naquela manhã. Ela deveria ter ignorado, mas ao ver o nome dele, sentiu uma involuntária centelha de esperança e atendeu o telefone depressa. Ele estava ligando para dizer a ela que aquilo tudo fora um erro. É claro que estava.

Mas assim que ele começou a falar, com aquele novo tom de voz solene, pesado e horrível, sem um traço de alegria, a esperança desapareceu.

— Você está bem? — perguntou ele. — Liam está bem?

Will falava como se tivesse ocorrido uma tragédia recente na vida de Tess e de Liam, que não tinha nada a ver com ele.

Ela estava desesperada para contar ao verdadeiro Will o que aquele novo Will, aquele intruso sem graça, tinha feito; como ele a magoara. O verdadeiro Will iria querer consertar as coisas para ela. O verdadeiro Will pegaria o telefone na mesma hora e reclamaria sobre como sua esposa fora tratada, exigindo que ela fosse recompensada. O verdadeiro Will faria uma xícara de chá para ela, prepararia um banho e, por fim, a ajudaria a ver o lado engraçado do que tinha acabado de lhe acontecer.

Só que, dessa vez, não havia um lado engraçado.

Sua mãe abriu os olhos e, estreitando-os, virou a cabeça para Tess.

— Acho que deve ser daquela freira terrível.

Tess ergueu as sobrancelhas para indicar um leve choque, e sua mãe sorriu, satisfeita consigo mesma. Estava tão determinada a deixar Tess feliz que parecia até um comediante stand-up, experimentando freneticamente assuntos instigantes para manter a plateia entretida. Naquela manhã, enquanto lutava com a tampa do pote de Vegemite, chegara a usar a expressão “filho da puta”, pronunciando as sílabas com cuidado, para que não soasse tão profana.

A mãe usara o xingamento mais pesado de seu vocabulário porque estava transbordando de raiva pela filha. Lucy falar “filho da puta” era o mesmo que um cidadão pacato, que seguia as leis, de repente se transformar em um justiceiro armado. Foi por isso que ela ligou para a escola tão rápido. Tess entendia. Ela queria agir, fazer alguma coisa, qualquer coisa, por Tess.

— Qual freira terrível exatamente?

— Onde está Liam? — Sua mãe se virou na cadeira, desajeitada.

— Bem ali — disse Tess.

Liam estava passeando pelo parquinho, checando os brinquedos com o olhar cansado de um especialista de seis anos. Ele se ajoelhou ao pé de um grande escorrega fechado amarelo e enfiou a cabeça lá dentro, como se fizesse uma inspeção de segurança.

— Eu o perdi de vista por um momento.

— Você não precisa ficar de olho nele o tempo todo — disse Tess, em tom suave. — Esse meio que é o meu trabalho.

— Claro que é.

Durante o café da manhã, uma quisera cuidar da outra. Tess levava vantagem por ter dois tornozelos funcionando, então já tinha conseguido ferver a água na chaleira e preparar o chá no tempo que sua mãe levava para pegar as muletas.

Tess observou Liam caminhar até um canto do parquinho, para baixo de uma figueira onde ela e Felicity costumavam se sentar para almoçar com Eloise Bungonia. Eloise as apresentara ao caneloni. (Um erro para alguém com o metabolismo de Felicity.) A Sra. Bungonia mandava o suficiente para as três. Isso foi antes de a obesidade infantil se tornar um problema. Tess ainda podia sentir o gosto. Divino.

Ela viu Liam ficar imóvel, o olhar fixo naquele lugar, como se conseguisse ver a mãe comendo caneloni pela primeira vez.

Era perturbador estar ali em sua antiga escola, como se o tempo fosse um cobertor que fora dobrado, de modo que épocas diferentes se sobrepussem, uma imprensada na outra. Ela iria lembrar Felicity do caneloni da Sra. Bungonia.

Não. Não iria.

De repente, Liam girou o corpo e deu um chute de caratê numa lata de lixo, fazendo-a retinir.

— Liam — advertiu Tess, mas não alto o bastante para que ele a ouvisse.

— Liam! Shhh! — gritou a avó do menino, mais alto, levando um dedo aos lábios e apontando para a igreja.

Um pequeno grupo de pessoas enlutadas tinha saído. Elas estavam paradas ali, conversando daquele jeito contido e aliviado de quem participa de um enterro.

Liam não chutou a lata de lixo outra vez. Era um menino obediente. Em vez disso, pegou um graveto e o segurou com ambas as mãos, como se fosse uma espada ninja, girando-o acima da cabeça, enquanto o som de vizinhas doces cantando “Dona Aranha” vinha de uma das salas do jardim de infância. *Ah, meu Deus*, pensou Tess; onde ele tinha aprendido aquilo? Ela precisava ficar mais atenta aos jogos de computador, embora não pudesse deixar de admirar a habilidade com que ele manuseava a espada. Ela contaria isso a Will mais tarde. Ele acharia graça.

Não, ela não contaria a ele mais tarde.

Seu cérebro parecia não conseguir absorver as novidades. Do mesmo modo como ela ficara rolando para o lado de Will na noite passada, enquanto dormia, apenas para encontrar espaço vazio onde ele deveria estar, e então acordar sobressaltada. Ela e Will dormiam bem juntos. Ninguém se debatia nem roncava e eles não disputavam o cobertor. “Não consigo mais dormir direito sem você”, reclamara Will

depois de apenas poucos meses de namoro. “É como se você fosse meu travesseiro favorito. Tenho que levá-la para onde quer que eu vá.”

Não era hora de despertar velhas lembranças como essa.

— Qual foi a freira terrível que morreu? — perguntou Tess de novo à mãe, os olhos fixos nos enlutados.

— Nem todas eram terríveis — refletiu Lucy. — A maioria era adorável. E a Irmã Margaret Ann, que foi à sua festa de aniversário de dez anos? Ela era bonita. Acho que seu pai tinha uma quedinha por ela.

— Sério?

— Bem, provavelmente não. — A mãe deu de ombros, querendo dizer que se sentir atraído por freiras bonitas era mais um dos defeitos do ex-marido. — Enfim, deve ser o enterro da Irmã Ursula. Semana passada li no jornalzinho da paróquia que ela havia morrido. Acho que ela não foi sua professora, foi? Parece que era famosa por usar o cabo do espanador como palmatória. Ninguém mais usa espanador hoje em dia, não é? Eu me pergunto se o mundo está mais empoeirado por causa disso.

— Acho que me lembro da Irmã Ursula — disse Tess. — Rosto vermelho e sobranceiras que pareciam lagartas. Nós nos escondíamos quando era ela que estava tomando conta do parquinho.

— Não tenho certeza se ainda tem *alguma* freira dando aulas na escola — comentou sua mãe. — São uma espécie em extinção.

— Literalmente — acrescentou Tess.

Sua mãe deu uma gargalhada.

— Ah, querida, eu não quis dizer... — Ela parou, alguma coisa na porta da igreja a distraiu. — Ok, querida, prepare-se. Acabamos de ser avistadas por uma das mulheres da paróquia.

— O quê?

Tess imediatamente foi invadida por uma sensação de pavor, como se a mãe tivesse dito que elas haviam sido avistadas por um animal selvagem.

Uma loura baixinha tinha se afastado das outras pessoas e caminhava depressa em direção ao pátio da escola.

— Cecilia Fitzpatrick — disse a mãe de Tess. — A irmã Bell mais velha. Ela se casou com John-Paul, o mais velho dos garotos Fitzpatrick. O mais bonito deles na minha opinião, embora fossem todos muito parecidos. Cecilia tem uma irmã mais nova, acho, que devia ser da mesma série que você. Deixe-me pensar. Bridget Bell?

Tess estava prestes a dizer que nunca tinha ouvido falar delas, mas uma lembrança das irmãs Bell aos poucos surgia em sua mente, como um reflexo na água. Não conseguia visualizar seus rostos, apenas as tranças longas e louras balançando atrás delas, enquanto corriam pela escola, fazendo o que quer que fosse que as crianças que eram o centro das atenções faziam.

— Cecilia vende Tupperware — contou a mãe de Tess. — Faz uma verdadeira *fortuna* com isso.

— Mas ela não nos conhece, não é?

Tess olhou esperançosa por sobre o ombro, para ver se havia outra pessoa acenando para Cecilia. Não havia ninguém. Será que ela estava vindo fazer propaganda de Tupperware?

— Cecilia conhece todo mundo — comentou a mãe.

— Não podemos fugir?
— Tarde demais — disse Lucy pelo canto da boca enquanto abria seu largo sorriso social.
— Lucy! — exclamou Cecília, ao chegar na frente delas, mais rápido do que Tess achava que fosse possível. Era como se ela tivesse se teletransportado. Ela se inclinou para beijar a mãe de Tess. — O que você arrumou aí?

Não chame minha mãe de Lucy, pensou Tess, com uma implicância instantânea e infantil. *Sra. O'Leary, obrigada!* Agora que ela estava bem na sua frente, Tess se lembrava direitinho do rosto de Cecília. Tinha a cabeça pequena, perfeita — as tranças foram substituídas por um daqueles cortes curtos e elaborados — o rosto entusiasmado, receptivo, a arcada dentária muito para a frente, e duas covinhas enormes e ridículas. Ela parecia um belo e pequeno furão.

E ainda assim se casara com um dos garotos Fitzpatrick.

— Vi você ao sair da igreja. Funeral da Irmã Ursula. Ficou sabendo que ela foi para o céu? Enfim, vi você e pensei: *Aquela é Lucy O'Leary numa cadeira de rodas! O que será que está acontecendo?* Então, intrusiva como sou, vim dar um oi! Parece uma cadeira muito boa; você a alugou na farmácia? Mas o que aconteceu, Lucy? Foi o tornozelo, é?

Ai, meu Deus. Tess podia sentir toda a sua personalidade sendo sugada do corpo. Essas pessoas falantes e cheias de energia sempre a faziam se sentir assim.

— Não é nada muito sério, obrigada, Cecília — disse a mãe de Tess. — Só um tornozelo quebrado.

— Ah, não, mas isso *é* sério, pobrezinha! Como está se virando? Como está andando? Vou levar uma lasanha para você. Não, vou sim. Insisto. Você não é vegetariana, é? Mas é por isso que está aqui, acho, não é? — Sem aviso, de repente, Cecília se virou para olhar para Tess, que deu um passo involuntário para trás. O que ela tinha dito? Algo sobre ser vegetariana? — Para cuidar da sua mãe? A propósito, sou Cecília, caso não se lembre de mim!

— Cecília, esta é minha filha... — começou a mãe de Tess, apenas para ser interrompida pela mulher.

— Claro. Tess, não é?

Cecília se virou e, para surpresa de Tess, estendeu a mão para um cumprimento do tipo profissional. Tess estava pensando em Cecília como alguém da época da mãe, uma católica antiquada que usava expressões religiosas como “foi para o céu” e mantinha certa distância, sorrindo docemente, enquanto os homens tomavam essa atitude profissional de apertar as mãos. Sua mão era pequena e seca, mas tinha um aperto forte.

— E esse deve ser seu filho? — Cecília deu um sorriso alegre na direção do menino. — Liam? Jesus. Ela sabia até o nome de Liam. Como era possível? Tess não sabia nem se Cecília tinha filhos. Tinha se esquecido de sua existência até trinta segundos atrás.

Liam ergueu os olhos, apontou seu graveto direto para Cecília e puxou o gatilho imaginário.

— Liam! — repreendeu Tess, enquanto Cecília gemia, colocava a mão no peito e caía de joelhos. Ela fingiu tão bem que, por um momento terrível, Tess ficou preocupada que ela estivesse mesmo tendo um colapso.

Liam ergueu o graveto para perto da boca, soprou-o e sorriu, maravilhado.

— Quanto tempo acha que vai ficar em Sydney? — Cecilia sustentou o olhar de Tess. Ela era uma daquelas pessoas que mantinham o contato visual por muito tempo. O extremo oposto de Tess. — Só até Lucy voltar a andar? Você tem um negócio em Melbourne, não é? Imagino que não possa ficar longe por muito tempo! E Liam não está na escola?

Tess se viu incapaz de falar.

— Na verdade, Tess está matriculando Liam na St. Angela por... um tempinho — interveio Lucy.

— Ah, isso é maravilhoso! — exclamou Cecilia. Seu olhar ainda estava fixo em Tess. Deus do céu, será que essa mulher piscava alguma vez? — Vamos ver, quantos anos Liam tem?

— Seis — respondeu Tess. Ela baixou os olhos, incapaz de suportar aquilo por mais tempo.

— Bem, então ele vai entrar na turma da Polly. Uma menininha saiu da escola no início do ano, por isso eles ficarão na mesma turma. J-1. Sra. Jeffers. Mary Jeffers. Ela é *maravilhosa*, por sinal. Muito sociável também, o que é ótimo!

— Que bom — disse Tess com a voz fraca. Fabuloso.

— Liam! Agora que você atirou em mim, venha aqui me dar um oi! Fiquei sabendo que você vai estudar na St. Angela! — Cecilia acenou para chamar o menino, que se aproximou, arrastando o graveto atrás de si.

Cecilia se ajoelhou para ficar da altura dos olhos dele.

— Eu tenho uma filhinha que será da sua turma. O nome dela é Polly. A festa de aniversário de sete anos dela vai ser na semana depois da Páscoa. Você gostaria de ir?

Na mesma hora o rosto de Liam assumiu aquela expressão vazia que sempre fazia Tess temer que os outros pudessem achar que ele tinha algum tipo de deficiência.

— Vai ser uma festa de pirata. — Cecilia se levantou e se virou para Tess. — Espero que possam ir. Vai ser uma boa maneira de você conhecer todas as mães. Teremos um pequeno oásis exclusivo para os adultos, com champanhe, enquanto os pequenos piratas correm feito loucos.

Tess sentiu sua própria expressão desmoronar. Liam devia ter herdado dela aquele olhar catatônico. Ela não poderia conhecer um novo grupo de mães. Já achara muito difícil socializar com as outras mães quando sua vida estava na mais perfeita ordem. Todo aquele bate-papo, o turbilhão de risadas, a cordialidade, o clima de amizade (a maioria das mães era muito gentil) e o leve toque de malícia por baixo daquilo tudo. Ela tinha passado por isso em Melbourne. Fizera algumas amigas naquele pequeno círculo social, mas não conseguiria passar por tudo de novo. Não naquele momento. Não tinha forças. Era como se alguém tivesse alegremente sugerido que ela corresse uma maratona quando tinha acabado de conseguir se arrastar para fora da cama depois de uma gripe forte.

— Ótimo — disse ela. Arrumaria uma desculpa depois.

— Vou fazer uma fantasia de pirata para Liam — afirmou a mãe de Tess. — Um tapa-olho, uma camisa listrada vermelha e branca, aah, e uma espada! Você adoraria ter uma espada, não é, Liam?

Ela olhou em volta procurando o neto, mas ele já tinha corrido para longe e estava usando o graveto na cerca dos fundos como se fosse uma furadeira.

— É claro que adoráramos que você fosse à festa também, Lucy — atalhou Cecilia.

Ela era muito irritante, mas sua habilidade social era impecável. Para Tess, era como assistir a alguém

tocando lindamente um violino. Não dava para entender como faziam isso.

— Ah, bem, obrigada, Cecilia! — A mãe de Tess estava encantada. Ela adorava festas. Sobretudo a comida. — Vejamos, vamos precisar de uma blusa listrada vermelha e branca para uma fantasia de pirata. Ele já tem uma assim, Tess?

Se Cecilia era uma violinista, a mãe de Tess era uma guitarrista bem-intencionada de música popular, se esforçando ao máximo para tocar no mesmo ritmo.

— Não vou atrapalhar vocês. Imagino que vão se encontrar com Rachel agora, não é? — perguntou Cecilia.

— Temos um encontro marcado com a secretária da escola — informou Tess. Ela não tinha a menor ideia de qual era o nome da mulher.

— Sim, Rachel Crowley — disse Cecilia. — Muito eficiente. Dirige esse lugar como um relógio suíço. Na verdade, ela divide o trabalho com a minha sogra, embora, cá entre nós, eu ache que é Rachel quem faz tudo. Quando vem, Virginia passa o dia apenas conversando. Não que eu possa falar muito. Bem, na verdade, é isso que quero dizer... eu falo muito. — Ela riu alegremente de si mesma.

— *Como* está Rachel? — perguntou a mãe de Tess, com certa ênfase.

A cara de furão de Cecilia ficou sombria.

— Eu não a conheço muito bem, mas sei que ela tem um netinho lindo.

Jacob. Que acabou de fazer dois anos.

— Ah! — suspirou Lucy, como se isso resolvesse tudo. — Que bom ouvir isso. Jacob.

— Bem, foi muito bom encontrar você, Tess — disse Cecilia, encarando-a de novo com aqueles olhos que não piscavam. — Tenho que ir. Para chegar a tempo da minha aula de zumba... Frequento a academia no fim da rua; é ótima, você devia passar lá qualquer hora dessas, é hilário... depois vou direto para a loja de artigos de festa em Strathfield; é um pouco distante, mas vale a pena porque os preços são incríveis, sério, dá para comprar um saco de balões de hélio por menos de cinquenta dólares, e vem com mais de cem balões, e vou fazer tantas festas nos próximos meses... A festa de pirata da Polly, a festa dos pais do primeiro ano, para a qual você também vai ser convidada, é claro! E depois vou entregar algumas encomendas de Tupperware. A propósito, Tess, eu vendo Tupperware, se você precisar de alguma coisa, especialmente se estiver querendo algumas ideias antecipadas de presentes de Natal. Enfim, tudo isso antes do horário de saída da escola! Você sabe como é.

Tess pestanejou. Era como ser enterrada por uma avalanche de detalhes. Uma miríade de pequenas manobras logísticas que constituíam a vida de outra pessoa. Não que fosse entediante. Embora fosse um pouco. Era principalmente a impressionante *quantidade* de palavras que saíam da boca de Cecilia sem o menor esforço.

Ah, meu Deus, ela parou de falar. Com um susto, Tess percebeu que era a sua vez.

— Ocupada — disse ela por fim. — Você sem dúvida é muito ocupada. — Ela forçou os lábios em algo que esperava que parecesse um sorriso.

— Vejo você na festa de pirata! — gritou Cecilia para Liam que parou de “furar” a árvore e olhou para ela com aquela expressão masculina, estranha e inescrutável que ele tinha às vezes, uma expressão que fazia Tess se lembrar dolorosamente de Will.

Cecilia levantou a mão como uma garra.

— Arrá, meus camaradas!

Liam sorriu, como se não pudesse evitar, e Tess soube que o levaria na festa de pirata, independentemente do quanto isso lhe custasse.

— Meu Deus — disse a mãe de Tess quando Cecilia já estava longe o bastante para poder ouvi-la. — A mãe dela era igualzinha. Muito gentil, mas exaustiva. Eu sempre sentia que precisava tomar uma xícara de chá e me deitar depois de conversar com ela.

— Qual é o problema dessa Rachel Crowley? — perguntou Tess enquanto elas se dirigiam para a secretaria da escola. Ela e Liam iam empurrando a cadeira de rodas, cada um de um lado.

A mãe dela fez uma careta.

— Você se lembra do nome Janie Crowley?

— Não é a garota que foi encontrada com as contas do rosário...

— Essa mesma. Ela era filha de Rachel.

* * *

Rachel sabia que tanto Lucy O'Leary quanto sua filha pensavam em Janie enquanto matriculavam o filhinho de Tess na St. Angela. Ambas estavam mais conversadoras do que o normal. Tess quase não conseguia olhar Rachel nos olhos, ao passo que Lucy tinha aquele olhar suave, com a cabeça inclinada, que tantas mulheres de certa idade assumiam quando falavam com ela, como se a estivessem visitando num asilo.

Quando Lucy perguntou se a foto na mesa de Rachel era de seu neto, ela e Tess exageraram um pouco nos elogios — não que não fosse uma linda foto de Jacob, claro, mas não era preciso ser nenhum cientista espacial para ver que o que elas realmente queriam dizer era: *Sabemos que sua filha foi assassinada há muitos anos, mas esse menininho não compensa isso? Por favor, permita que ele seja essa recompensa, para que possamos parar de nos sentir tão estranhas e desconfortáveis!*

— Cuido dele duas vezes por semana — contou Rachel, os olhos fixos na tela do computador enquanto imprimia alguns documentos para Tess. — Mas não por muito tempo. Ele e os pais vão se mudar para Nova York por dois anos. — Sua voz falhou sem que ela permitisse, e Rachel pigarreou, irritada.

Ela esperava a mesma reação que todos tiveram o dia inteiro: *Que ótimo para eles! Que oportunidade incrível!! Você irá visitá-los?*

— Mas isso é horrível! — explodiu Lucy, batendo os cotovelos nos braços da cadeira de rodinhas como se fosse uma criança fazendo pirraça.

Sua filha, que estivera ocupada preenchendo um formulário, ergueu o olhar, assustada. Tess era uma dessas mulheres de aparência comum, de cabelo curto, com um corte masculino e traços fortes e austeros, que às vezes nos surpreende com um lampejo de pura beleza. Seu filho, que se parecia muito com ela, exceto pelos olhos de um dourado estranho, também se virou para encarar a avó.

Lucy esfregou os cotovelos.

— Sei que é empolgante para seu filho e sua nora, claro. É só que, depois de tudo pelo que você

passou, perdendo Janie, do... daquele modo, e depois o seu marido... Desculpe, não consigo me lembrar do nome dele, mas sei que você também o perdeu... Bem, simplesmente não parece justo.

Quando terminou de falar, suas bochechas estavam vermelhas. Rachel percebia que ela estava horrorizada consigo mesma. As pessoas sempre se preocupavam em não lembrá-la inadvertidamente da morte de sua filha, como se isso fosse algo que lhe escapasse da memória.

— Sinto muito, Rachel, eu não devia... — A pobre Lucy parecia perturbada.

Rachel fez um gesto com a mão para descartar seu pedido de desculpas.

— Não precisa se desculpar. Obrigada. A verdade é que é horrível mesmo. Vou sentir muita falta dele.

— Muito bem, quem temos aqui?

A chefe de Rachel, Trudy McDuff, diretora da escola, entrou na sala com um de seus xales de crochê, sua marca registrada, pendurado nos ombros ossudos. Fios de cabelo cacheado grisalho agitavam-se em volta de seu rosto e havia uma mancha de tinta vermelha na bochecha direita. Ela provavelmente estivera sentada no chão, pintando com as crianças do jardim de infância. Fiel a seu costume, Trudy olhou direto para além de Lucy e Tess, na direção do menininho, Liam. Ela não tinha interesse algum em adultos, e um dia isso seria sua ruína. Rachel já vira três diretores chegarem e irem embora desde que era secretária ali, e sua experiência lhe dizia que não era possível dirigir uma escola ignorando os adultos. Era um trabalho político.

Além disso, Trudy não parecia ser católica o suficiente para o cargo. Não que andasse por aí infringindo os mandamentos, mas seus olhos brilhavam numa expressão incrédula durante a missa. Antes de morrer, a Irmã Ursula (cujo funeral Rachel acabara de boicotar, porque nunca a perdoara por ter batido em Janie com um espanador) provavelmente devia ter escrito ao Vaticano para reclamar da diretora.

— Este é o menino de quem falei mais cedo — disse Rachel. — Liam Curtis. Ele vai entrar no primeiro ano.

— É claro, é claro. Bem-vindo à St. Angela, Liam! Esta manhã, quando eu estava subindo as escadas, pensei que hoje iria conhecer alguém que tivesse o nome começando com a letra L, que é uma das minhas favoritas. Liam, me diga de qual destas três coisas você gosta mais. — Ela esticou um dedo a cada opção: — Dinossauros, alienígenas ou super-heróis?

Liam refletiu seriamente sobre a pergunta.

— Ele gosta muito de dino... — começou Lucy O'Leary.

Tess pôs a mão no braço da mãe.

— Alienígenas — respondeu Liam.

— Alienígenas! — assentiu Trudy. — Bem, vou me lembrar disso, Liam Curtis. E essas são sua mãe e sua avó, adivinhei?

— Sim, na verdade, eu... — começou Lucy O'Leary.

— É um prazer conhecer vocês duas. — Trudy deu um sorriso vago na direção delas. Então voltou-se para Liam. — Quando você vai começar conosco, Liam? Amanhã?

— Não! — Tess parecia alarmada. — Só depois da Páscoa.

— Ah, sei, vai curtir um pouco a vida! Aproveite ao máximo a oportunidade! — disse Trudy. —

Você gosta de ovos de Páscoa, Liam?

— Gosto — respondeu ele, direto.

— Porque estamos organizando uma gigantesca caça aos ovos de Páscoa amanhã.

— Sou superbom em encontrar ovos de Páscoa — gabou-se o menino.

— É mesmo? Maravilha! Bem, então é melhor eu preparar uma caçada muito difícil. — Trudy olhou para Rachel. — Está tudo em ordem aqui, Rachel, com todos os... — Ela fez um gesto pesaroso para os documentos, dos quais não entendia nada.

— Tudo certo — respondeu Rachel.

Assim como Cecília, ela também estava ajudando Trudy a se manter no cargo, porque não via motivo para que as crianças da St. Angela não tivessem uma diretora vinda do reino encantado.

— Ótimo, ótimo! Vou deixar você cuidando disso! — disse Trudy e voltou para a sua sala, fechando a porta ao entrar, provavelmente para que pudesse jogar pozinho mágico no seu teclado, pois sem dúvida não fazia muitas outras coisas no computador.

— Nossa Senhora, ela é completamente diferente da Irmã Veronica-Mary! — comentou Lucy, baixinho.

Rachel deu uma risadinha, apreciando o comentário. Ela se lembrava da Irmã Veronica-Mary, que tinha ocupado o cargo de 1965 a 1980. Uma ótima diretora.

Alguém bateu à porta e ela ergueu os olhos para a sombra alta e imponente de um homem através do painel de vidro fosco da sala, antes que ele espichasse a cabeça para dentro, com um olhar curioso.

Ele. Ela estremeceu e respirou fundo pelas narinas, como se tivesse visto uma aranha preta e peluda e não um homem de aparência perfeitamente normal. (Na verdade, Rachel ouvira outras mulheres dizerem que ele era lindo, o que achava um absurdo.)

— Com licença, hum, Sra. Crowley.

Ele nunca conseguia se afastar o suficiente de sua personalidade de estudante para chamar Rachel pelo nome, como faziam todos os outros funcionários. Seus olhares se encontraram e, como de costume, ele desviou o olhar primeiro, fixando-se em algum ponto acima da cabeça dela.

Há mentira nos olhos dele, pensou Rachel, como fazia praticamente todas as vezes que o via, como se fosse um encantamento ou uma oração. *Há mentira nos olhos dele*.

— Lamento interromper — disse Connor Whitby. — Só queria saber se posso pegar aqueles formulários para o acampamento de tênis.

“Há alguma coisa que aquele garoto Whitby não está nos contando”, dissera o sargento Rodney Bellach, tantos anos antes, quando ainda tinha a cabeça repleta de lindos cachos pretos. “Há mentira nos olhos dele.”

Agora Rodney Bellach estava aposentado. Careca como uma bola de bilhar. Ele ligava todos os anos no aniversário de Janie, quando gostava de contar a Rachel suas últimas doenças. Mais uma pessoa que envelhecia enquanto Janie continuava com dezessete anos.

Rachel estendeu os formulários e Connor bateu os olhos em Tess.

— Tess O’Leary!

O rosto dele se transformou e, por um instante, ele ficou parecido com o garoto no álbum de fotos

de Janie.

Tess ergueu o olhar, com uma expressão desconfiada. Parecia não reconhecer Connor.

— Connor! — Ele deu uma tapinha no próprio peito largo. — Connor Whitby!

— Ah, Connor, é claro. É um prazer...

Tess se ergueu um pouco, mas se viu presa pela cadeira de rodas da mãe.

— Não se levante. Não se levante — disse Connor.

Ele foi dar um beijo no rosto de Tess no momento em que ela voltava a se sentar, então seus lábios tocaram o lóbulo da orelha dela.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Tess. Ela não parecia especialmente contente em vê-lo.

— Trabalho aqui — disse ele.

— Como contador?

— Não, não, mudei de carreira há alguns anos. Sou o professor de educação física.

— É mesmo? Bem, isso é... — A voz dela sumiu, mas por fim conseguiu completar: — ...legal.

Connor limpou a garganta.

— Enfim, foi muito bom ver você. — Ele olhou de relance para Liam, deu a entender que ia falar alguma coisa, mas mudou de ideia e ergueu a pilha de formulários. — Obrigado, Rachel.

— Não tem de quê, Connor — respondeu Rachel friamente.

Lucy se virou para a filha assim que o rapaz saiu.

— Quem era ele?

— Só um cara que conheci. Há anos.

— Acho que não me lembro dele. Foi seu namorado?

— Mãe. — Tess gesticulou para Rachel e os documentos à sua frente.

— Desculpe-me! — Lucy abriu um sorriso culpado, enquanto Liam olhava para o teto, estendia os braços e bocejava.

Rachel notou que a avó, a mãe e o neto tinham lábios superiores idênticos. Era como um truque. Aqueles lábios grossos os tornavam mais bonitos do que eram de fato.

De repente ela ficou inexplicavelmente furiosa com os três.

— Bem, se você puder assinar as seções de alergias e medicamentos *aqui* — disse para Tess, batendo no formulário com a ponta do dedo. — Não, aí não. Aqui. Pronto. Com isso terminamos.

* * *

Tess já estava com a chave na ignição para voltar da escola para casa quando seu celular tocou. Ela o segurou pelo console para ver quem era.

Quando leu o nome na tela, estendeu o telefone para que a mãe visse.

Lucy estreitou os olhos para o aparelho e se recostou, dando de ombros.

— Bem, tive que contar a ele. Prometi que sempre o manteria informado do que estava acontecendo na sua vida.

— Você prometeu isso a ele quando eu tinha dez anos! — disse Tess.

Ela segurou o telefone, tentando decidir se atenderia ou deixaria cair na caixa postal.

— É o papai? — perguntou Liam do banco de trás.

— É o *meu* pai — respondeu Tess.

Ela teria que falar com ele alguma hora. Poderia muito bem ser naquele momento. Ela respirou fundo e apertou o botão para atender.

— Oi, pai.

Houve uma pausa. Sempre havia uma pausa.

— Olá, meu amor — disse seu pai.

— Como você está? — perguntou Tess, com o tom de voz animado que ela reservava para ele.

Quando tinham se falado pela última vez? Devia ter sido no Natal.

— Estou ótimo — respondeu o pai, triste.

Outra pausa.

— Na verdade, estou no carro com... — começou Tess na mesma hora em que seu pai disse:

— Sua mãe me contou...

Os dois pararam. Era sempre uma tortura. Não importava o quanto ela tentasse, nunca conseguia sincronizar as conversas com o pai. Mesmo quando estavam frente a frente, nunca conseguiam estabelecer um ritmo natural. Será que o relacionamento deles seria menos complicado se ele e a mãe dela tivessem ficado juntos? Ela sempre se perguntava isso.

O pai pigarreou.

— Sua mãe comentou que você estava tendo um... problema.

Pausa.

— Obrigada, pai.

Na mesma hora que Tess disse aquilo, seu pai falou:

— Lamento saber disso.

Tess viu a mãe revirando os olhos e se virou de leve na direção da janela do carro, como se tentasse proteger seu pobre e indefeso pai do escárnio dela.

— Se houver algo que eu possa fazer — disse o pai —, é só... você sabe, me ligar.

— Sei disso.

Pausa.

— Bem, tenho que desligar — disse Tess.

Na mesma hora, seu pai comentou:

— Eu gostava dele.

— Diga a ele que mandei por e-mail um link para o curso de degustação de vinhos do qual falei — pediu a mãe.

— Shh. — Tess abanou a mão para Lucy, irritada. — De quem, pai?

— De Will — respondeu ele. — Achei que ele fosse um cara legal. Mas sei que isso não ajuda você em nada, não é, meu amor?

— Ele nunca vai fazer mesmo — murmurou a mãe para si mesma, examinando as cutículas. — Não

sei por que me dou o trabalho. O cara não *quer* ser feliz.

— Obrigada por ligar, pai — disse Tess.

— Como está o rapazinho? — perguntou o pai, no meio da frase de Tess.

— Liam está ótimo. Está bem aqui. Você quer...

— Não vou tomar mais seu tempo, minha querida. Cuide-se.

Ele desligou. Sempre encerrava a ligação com uma pressa súbita, frenética, como se o telefone estivesse grampeado pela polícia e ele tivesse que fugir antes que rastreassem sua localização. A qual ficava numa cidadezinha comum, sem árvores, do outro lado do país, na Austrália Ocidental, onde ele misteriosamente tinha decidido morar havia vinte e cinco anos.

— Ele deu um monte de conselhos úteis, não foi? — perguntou Lucy, com ironia.

— Ele fez o melhor que pôde, Mãe.

— Ah, tenho certeza de que fez — respondeu a mãe, satisfeita.

— Então foi num domingo que eles ergueram o Muro. O dia ficou conhecido como o Domingo do Arame Farpado. Querem saber por quê? — perguntou Esther, no banco de trás do carro. Era uma pergunta retórica. É claro que elas queriam. — Porque todo mundo acordou de manhã e lá estava ela, aquela enorme cerca de arame farpado cortando a cidade.

— E daí? — desdenhou Polly. — Já vi uma cerca de arame farpado antes.

— Mas eles não podiam passar por ela! — argumentou Esther. — Estavam presos! Você sabe que nós moramos *deste* lado da Pacific Highway e a vovó, do outro lado, não é?

— Sei — respondeu Polly, em dúvida. Ela não sabia muito bem onde ninguém morava.

— Era como se tivesse uma cerca de arame farpado ao longo de toda a Pacific Highway e nós não pudéssemos mais visitar a vovó.

— Isso seria mesmo uma pena — murmurou Cecília, olhando por sobre o ombro para mudar de pista.

Ela tinha ido visitar a mãe naquela manhã, depois da aula de zumba, e perdera vinte minutos que não podia ter desperdiçado, olhando um “portfólio” dos trabalhos do sobrinho na pré-escola. Bridget matriculara Sam numa pré-escola exclusiva e obscenamente cara, e a mãe de Cecília não conseguia decidir se devia ficar maravilhada ou horrorizada com isso.

— Aposto que você não recebeu um portfólio como este daquela escolinha comum onde suas filhas estudam — dissera sua mãe, enquanto Cecília tentava passar as páginas mais rápido.

Ela iria comprar todos os itens não perecíveis de que precisaria no domingo antes de buscar as meninas.

— Na verdade, acho que maioria das pré-escolas fazem coisas assim hoje em dia — afirmara Cecília, mas a mãe estava ocupada demais enaltecendo o autorretrato de Sam pintado a dedo.

— Imagine só, mamãe — disse Esther —, se nós três tivéssemos ido passar o fim de semana na casa da vovó, em Berlim Ocidental, quando o Muro foi erguido, e você e papai estivessem presos na Berlim Oriental. Você teria que nos dizer: “Fiquem na casa da vovó, crianças! Não voltem! Pela *liberdade* de vocês!”

— Isso é horrível — exclamou Cecília.

— Eu ia voltar para a mamãe mesmo assim — confessou Polly. — A vovó nos faz comer ervilhas.

— Isso é História, Mãe — disse Esther. — Foi o que realmente aconteceu. Todo mundo foi separado. Eles não se importavam. Veja! Essas pessoas estão segurando seus bebês no alto para mostrá-los aos parentes do outro lado.

— Tenho que ficar de olho na estrada — afirmou Cecília, com um suspiro.

Graças a Esther, Cecília tinha passado os últimos seis meses imaginando-se resgatando crianças afogadas das águas geladas do Atlântico enquanto o *Titanic* afundava. Agora ela estaria em Berlim, separada de suas filhas por causa do Muro.

— Quando o papai volta de Chicago? — perguntou Polly.

— Sexta de manhã! — Cecilia sorriu para Polly pelo espelho retrovisor, agradecendo a mudança de assunto. — Ele chega na Sexta-feira Santa. Vai ser uma sexta realmente abençoada porque o papai estará de volta!

Houve um silêncio reprovador no banco de trás. Suas filhas tentavam não encorajar conversas muito sem graça.

Elas estavam bem no meio da loucura quase normal que eram suas atividades extracurriculares. Cecilia tinha acabado de deixar Isabel no cabeleireiro, e agora estava a caminho da aula de balé de Polly e da consulta com a fonoaudióloga de Esther. (Aparentemente, o ceceo quase imperceptível de Esther, que Cecilia achava uma graça, era inaceitável no mundo atual.) Depois disso seria correria, correria, correria para preparar o jantar, ajudar com o dever de casa e as leituras antes de sua mãe chegar para tomar conta das crianças para Cecilia poder ir a uma reunião da Tupperware.

— Tenho outro segredo para contar ao papai — declarou Polly. — Quando ele chegar em casa.

— Um homem tentou pular para o outro lado saltando da janela do seu apartamento, e um bombeiro do lado Ocidental tentou pegá-lo com uma rede de segurança, mas ele errou e o cara morreu.

— Meu segredo é que não quero mais uma festa de pirata — disse Polly.

— Ele tinha trinta anos — continuou Esther. — Então acho que teve uma boa vida.

— O quê? — perguntou Cecilia.

— Falei que ele tinha trinta anos — repetiu Esther. — O homem que morreu.

— Você não. Polly!

O sinal vermelho piscou e Cecilia pisou fundo no freio. O fato de Polly não querer mais uma festa de pirata era absolutamente insignificante em comparação com aquele pobre homem (*trinta anos!*) se arrebatando no chão pela liberdade que Cecilia não valorizava. Mas, naquele momento, ela não podia parar para honrar a memória dele, porque uma mudança de última hora no tema da festa era inaceitável. Era isso que acontecia quando se tinha liberdade. Perdia-se a cabeça por causa de uma festa de pirata.

— Polly. — Cecilia tentou parecer sensata, não psicótica. — Nós já mandamos os convites. O tema da festa vai ser pirata. Você pediu uma festa de pirata. Vai ganhar uma festa de pirata.

Um depósito não reembolsável tinha sido feito para Penelope, a Pirata Cantora e Dançarina, que sem dúvida cobrava o mesmo que um pirata de verdade.

— É um segredo só para o papai — disse Polly. — Não para você.

— Ótimo, mas eu não vou mudar a festa.

Ela queria que a festa de pirata fosse perfeita. Por algum motivo, queria impressionar especialmente aquela Tess O'Leary. Cecilia sentia uma atração irracional por pessoas misteriosas e elegantes como Tess. A maioria das amigas de Cecilia era tagarela. Suas vozes se sobrepunham no desespero por contarem suas histórias. *Sempre detestei legumes e verduras... Brócolis será a única verdura que meu filho vai comer... Meu filho adora cenoura crua... Adoro cenoura crua!* Era preciso falar sem esperar uma pausa na conversa ou então você nunca teria chance. Mas mulheres como Tess pareciam não ter essa necessidade de compartilhar os fatos corriqueiros de sua vida, e isso fazia Cecilia querer saber mais sobre eles desesperadamente. *Será que o filho dela gosta de brócolis?*, perguntou-se. Tinha falado demais naquela manhã, ao encontrar Tess e sua mãe

depois do funeral da Irmã Ursula. Havia tagarelado. De vez em quando podia se ouvir fazendo isso. Enfim.

Cecilia escutou o som metálico de vozes exaltadas gritando alguma coisa em alemão no vídeo do YouTube a que Esther estava assistindo no iPad.

Era incrível como acontecimentos históricos turbulentos podiam ser repassados bem ali, naquele momento comum em que ela dirigia pela Pacific Highway em direção a Hornsby, e ainda assim, ao mesmo tempo, isso provocava em Cecilia uma insatisfação confusa. Ela desejava viver alguma coisa importante. Às vezes sua vida parecia tão *insignificante*.

Será que ela *queria* que algo grandioso e terrível acontecesse, como um muro erguido atravessando a cidade, para que ela pudesse apreciar sua vidinha comum? Será que queria ser a protagonista de uma tragédia como Rachel Crowley? Rachel parecia quase desfigurada pelo incidente terrível que acontecera com sua filha, e às vezes Cecilia tinha que se forçar a não desviar os olhos, como se ela tivesse marcas de queimaduras, e não a aparência perfeitamente agradável e bem-cuidada de uma mulher com belas maçãs do rosto.

É isso que você quer, Cecília? Uma grande e emocionante tragédia?

É claro que não.

As vozes alemãs do tablet de Esther chegavam aos seus ouvidos, deixando-a irritada.

— Você pode desligar isso, por favor? — pediu a Esther. — Está me distraindo.

— Deixe só eu...

— Desligue agora! Será que vocês não podem fazer o que eu peço de primeira, pelo menos uma vez? Sem negociar? Só uma vez?

O som foi desligado.

Pelo retrovisor, ela viu Polly arquear as sobrancelhas e Esther dar de ombros e levantar as palmas das mãos. *O que deu nela? Não faça ideia.* Cecilia se lembrava de ter conversas silenciosas desse tipo com Bridget no banco de trás do carro da mãe.

— Desculpem-me — disse Cecilia humildemente depois de alguns segundos. — Sinto muito, meninas. Eu só estou...

Preocupada porque talvez o pai de vocês esteja mentindo para mim sobre alguma coisa? Precisando de sexo? Desejando não ter tagarelado daquele jeito com Tess O'Leary no pátio da escola naquela manhã? Na pré-menopausa?

— ...com saudade do papai — completou ela. — Vai ser bom quando ele voltar dos Estados Unidos, não é? Ele vai ficar tão feliz em ver vocês!

— É, vai sim — disse Polly, suspirando. Ela fez uma pausa e completou: — E Isabel.

— Claro — concordou Cecilia. — Isabel também, claro.

— O papai olha para Isabel de um jeito esquisito — comentou Polly ao acaso.

Aquilo era muito estranho.

— O que você quer dizer? — perguntou Cecilia.

Às vezes Polly falava coisas muito intrigantes.

— O tempo todo — disse Polly. — Ele olha para ela de um jeito esquisito.

— Não olha nada — rebateu Esther.

— Olha, sim. Como se machucasse os olhos dele. Como se estivesse zangado e triste ao mesmo

tempo. Principalmente quando ela usa aquela saia nova.

— Bem, isso é uma coisa boba de se dizer — comentou Cecília.

Pelo amor de Deus, o que aquela menina estava falando? Se ela não conhecesse bem o marido, poderia pensar que Polly estava descrevendo o olhar de John-Paul para Isabel de uma forma *sexual*.

— Talvez o Papai esteja zangado com Isabel por algum motivo — disse Polly. — Ou ele só está triste por ela ser filha dele. Mãe, você sabe por que o papai está bravo com Isabel? Ela fez alguma coisa errada?

Uma sensação de pânico fez um nó brotar na garganta de Cecília.

— Pode ser que ele quisesse assistir ao jogo de críquete na TV — ponderou Polly. — E Isabel quisesse ver alguma outra coisa. Ou então sei lá.

Isabel andava tão irritada ultimamente, recusando-se a responder a perguntas e batendo a porta. Mas não era isso que todas as garotas de doze anos faziam?

Ela se lembrou das histórias sobre abuso sexual que tinha lido. Reportagens do *Daily Telegraph* em que a mãe afirmava: “Eu não fazia ideia”, e Cecília pensava: *Como você podia não saber?* Ela sempre terminava de ler essas histórias com uma confortável sensação de superioridade. *Isso não aconteceria com as minhas filhas.*

John-Paul podia ser estranhamente mal-humorado às vezes. Seu rosto ficava tão inflexível quanto granito. Não dava para argumentar com ele. Mas todos os homens não ficam assim de vez em quando? Cecília se lembrava de como ela, a mãe e a irmã ficavam pisando em ovos por causa das variações de humor de seu pai.

Mas John-Paul *nunca* machucaria as filhas. Isso era ridículo. Era coisa que só aparecia em programas sensacionalistas como o de Jerry Springer. Era uma traição com John-Paul deixar que a menor sombra de dúvida pairasse em sua mente. Cecília apostaria sua vida em que o marido não abusaria de uma das filhas.

Mas seria capaz de apostar a vida de uma das meninas?

Não. Se houvesse algum risco, por menor que fosse...

Santo Deus, o que ela deveria fazer? Perguntar a Isabel: “O papai alguma vez já tocou em você?” Vítimas mentiam. Os agressores as mandavam mentir. Ela sabia como isso funcionava. Tinha lido todas aquelas histórias horríveis. Ela *gostava* de ter um pequeno choque, numa catarse rápida, antes de dobrar o jornal, jogá-lo na lixeira de materiais recicláveis e se esquecer daquilo. Aquelas histórias lhe davam uma espécie de prazer doentio, embora John-Paul sempre se recusasse a lê-las. Será que isso era uma pista de sua culpa? Arrá! Se você não gosta de ler sobre pessoas doentes é porque você mesmo é um doente!

— Mãe! — chamou Polly.

Como ela poderia confrontar John-Paul? “Você já fez algo inadequado com uma de nossas filhas?” Se ele lhe fizesse uma pergunta desse tipo, ela jamais o perdoaria. Como um casamento poderia continuar depois de uma questão dessas? “Não, nunca molestei nossas filhas. Passe a manteiga de amendoim, por favor.”

— Mãe! — chamou Polly de novo.

— O quê?

Você não deveria precisar perguntar, diria ele. Se não sabe a resposta, então não me conhece.

Ela sabia a resposta. Sabia!

Por outro lado, todas aquelas mães idiotas também achavam que sabiam a resposta.

E John-Paul tinha agido de modo tão estranho ao telefone quando ela perguntara sobre a carta. Ele andava mentindo sobre alguma coisa. Ela tinha certeza disso.

E havia a questão do sexo. Será que ele tinha perdido o interesse em Cecília porque desejava o jovem corpo de Isabel em transformação? Isso era ridículo. Revoltante. Ela ficou enjoada.

— MÃE!

— Humm?

— Olhe! Você passou direto da rua! Vamos chegar atrasadas!

— Desculpe. Droga. Desculpe.

Ela pisou com força nos freios para pegar o retorno. Atrás delas soou uma buzina aguda, e o coração de Cecília saltou no peito quando ela olhou pelo retrovisor e viu um caminhão enorme.

— Merda. — Ela ergueu uma das mãos para se desculpar. — Desculpe. Sim, sim, eu sei!

O motorista do caminhão não a perdoaria, e manteve a mão na buzina.

— Desculpe, desculpe!

Ao terminar de fazer o retorno, ela olhou para cima, para acenar mais uma vez, desculpendo-se (o logo da Tupperware tinha sido estampado em uma das laterais do carro — não queria prejudicar a reputação da empresa). O motorista tinha aberto a janela, e estava com quase metade do corpo para fora, o rosto contorcido numa careta de raiva enquanto batia repetidamente com o punho na palma da outra mão.

— Ora, pelo amor de Deus — murmurou Cecília.

— Acho que aquele homem quer matar você — disse Polly.

— Aquele homem é muito *mau* — opinou Cecília, em tom severo.

Seu coração batia disparado conforme ela dirigia de volta para o estúdio de dança, como se estivesse sedada, checando duas vezes cada espelho e indicando suas intenções aos outros motoristas com muita antecedência.

Ela abriu a janela do carro e ficou observando Polly correr para dentro do estúdio, seu tutu de tule rosa balançando, suas omoplatas delicadas se sobressaindo embaixo das alças do *collant*.

Melissa McNulty apareceu à porta e acenou para indicar que tomaria conta de Polly, como haviam combinado. Cecília acenou de volta e saiu de ré.

— Se estivéssemos em Berlim e o consultório da Caroline ficasse do outro lado do muro, então eu não poderia ir à consulta de fonoaudiologia — disse Esther.

— Tem razão — concordou Cecília.

— Poderíamos ajudá-la a *fugir*! Poderíamos colocá-la no porta-malas. Ela é bem pequena. Acho que caberia. A menos que tenha claustrofobia, que nem o papai.

— Acho que Caroline é o tipo de pessoa que provavelmente iria planejar a própria fuga — declarou Cecília.

Já gastamos demais com ela! Não vamos ajudá-la a fugir de Berlim Oriental! A fonoaudióloga de Esther era assustadora, com suas vogais perfeitas. Sempre que falava com ela, Cecília acabava articulando todas as sílabas mui-to cui-da-do-sa-men-te, como se estivesse fazendo um teste de dictionário.

— Não acho que o papai olhe para Isabel de um jeito estranho — disse Esther.

— Ah, não? — perguntou Cecília, alegre.

Bom Deus. Como ela tinha sido melodramática. Polly fizera uma de suas observaçõezinhas peculiares e a mente de Cecilia pulou direto para abuso sexual. Ela devia estar assistindo a programas ruins demais na TV.

— Mas ele estava chorando outro dia, antes de ir para Chicago — continuou Esther.

— O quê?

— No chuveiro — disse a menina. — Entrei no banheiro para pegar a tesourinha de unha e o papai estava chorando.

— Bem, querida, você perguntou a ele *por que* estava chorando? — indagou Cecilia, tentando não demonstrar o quanto se importava com a resposta.

— Não — respondeu Esther, des preocupada. — Quando estou chorando, não gosto que me interrompam.

Droga. Se tivesse sido Polly, ela teria puxado a cortina do chuveiro e exigido uma resposta imediata do pai.

— Eu ia perguntar a você por que o papai estava chorando — justificou Esther. — Mas esqueci. Tenho muita coisa na cabeça.

— Não acho que ele estivesse chorando de verdade. Provavelmente estava só... fungando ou algo assim.

A ideia de John-Paul chorando no banho era tão incomum, tão estranha. Por que ele estaria chorando se não por algo realmente terrível? Ele não era disso. Quando as meninas nasceram, seus olhos ficaram brilhantes, e ao perder o pai de forma inesperada ele desligou o telefone e fez um ruído estranho, frágil, como se tivesse engasgado com algo pequeno e peludo. Mas, fora essas ocasiões, Cecilia nunca o vira chorar.

— Ele não estava *fungando* — insistiu Esther.

— Talvez estivesse com uma daquelas enxaquecas — sugeriu Cecilia.

No entanto, ela sabia que, se John-Paul estivesse sofrendo com uma de suas enxaquecas debilitantes, a última coisa que faria seria tomar um banho. Ele precisava ficar sozinho, na cama, no quarto escuro e silencioso.

— Hum, Mãe, o papai nunca toma *banho* quando está com enxaqueca — disse Esther, que conhecia o pai tão bem quanto Cecilia conhecia o marido.

Depressão? Parecia estar na moda hoje em dia. Recentemente, num jantar, metade dos convidados revelara tomar Prozac. Afinal, John-Paul sempre passara por... momentos. Muitas vezes eles vinham depois das enxaquecas. Por uma semana, mais ou menos, ele parecia fazer tudo de modo mecânico, sem interesse. Dizia e fazia tudo do jeito certo, mas havia algo faltando em seus olhos, como se o verdadeiro John-Paul tivesse se ausentado por um tempo e mandado uma réplica idêntica ficar em seu lugar. “Você está bem?”, perguntava Cecilia, e ele sempre demorava alguns instantes para se concentrar nela antes de responder: “Claro. Estou ótimo.”

Mas era sempre temporário. De repente, ele voltava, completamente presente, ouvindo a esposa e as filhas com toda a atenção, e Cecilia se convencia de que havia imaginado tudo aquilo. Esses momentos deviam ser apenas um efeito prolongado das enxaquecas.

Mas chorar no chuveiro? Que motivo ele teria para *chorar*? As coisas estavam indo bem.

John-Paul tentara cometer suicídio uma vez.

Esse fato emergiu em sua mente devagar, com certa repulsa. Era algo em que ela procurava não pensar com muita frequência.

Aconteceu quando ele estava no primeiro ano da faculdade, antes de começar a namorar Cecilia. Ao que parecia, ele tinha saído dos trilhos por um tempo, e então, certa noite, engoliu um frasco de comprimidos para dormir. O colega com quem dividia o apartamento, que deveria ter ido passar o fim de semana na casa dos pais, voltou inesperadamente e o encontrou. “No que você estava pensando?”, perguntara Cecilia ao ouvir aquela história pela primeira vez. “Tudo parecia difícil demais”, respondera John-Paul. “Dormir para sempre apenas me surgiu como a opção mais fácil.”

Nos anos seguintes, Cecilia o havia pressionado com frequência para conseguir mais informações daquela época de sua vida. “Mas *por que* parecia tão difícil? O que exatamente era tão difícil?” No entanto, John-Paul não se mostrava capaz de dar mais esclarecimentos. “Acho que eu era apenas o típico adolescente angustiado”, dizia ele. Mas Cecilia não engolia. Ela nunca se sentira angustiado quando adolescente. Por fim, teve que desistir e aceitar que a tentativa de suicídio de John-Paul era um acontecimento não característico do passado do marido. “Eu só precisava de uma boa mulher”, dissera John-Paul a ela. Era verdade que ele nunca tivera uma namorada séria até Cecilia aparecer. “Eu estava mesmo começando a achar que ele fosse gay”, confidenciara um de seus irmãos a ela uma vez.

Outra vez a questão de ser gay.

Mas tinha sido só brincadeira do irmão dele.

Uma inexplicável tentativa de suicídio na adolescência e agora, tantos anos depois, ele estava chorando no chuveiro.

— Às vezes os adultos têm coisas importantes na cabeça — disse Cecilia para Esther, com cuidado. É óbvio que sua maior responsabilidade era fazer com que a filha não ficasse preocupada. — Tenho certeza de que o papai estava apenas...

— Ei, Mãe, por favor, posso ganhar de Natal esse livro da Amazon sobre o Muro de Berlim? — perguntou Esther. — Quer que eu compre agora? Todas as resenhas deram cinco estrelas!

— Não — respondeu Cecilia. — Você pode pegar na biblioteca.

Se Deus quiser, já teremos escapado de Berlim no Natal.

Ela entrou no estacionamento no subsolo do consultório da fonoaudióloga, baixou o vidro e apertou o botão do interfone.

— Pois não?

— Temos uma consulta com Caroline Otto — disse ela.

Até quando falava com a recepcionista ela caprichava nas vogais.

Enquanto estacionava, refletia sobre cada novo fato.

John-Paul lançando a Isabel olhares esquisitos, tristes, zangados.

John-Paul chorando no chuveiro.

John-Paul perdendo o interesse por sexo.

John-Paul mentindo sobre alguma coisa.

Era tudo tão estranho e preocupante, mas havia algo por trás disso que não era de todo desagradável, que na verdade lhe dava uma leve sensação de expectativa.

Ela desligou o carro, puxou o freio de mão, soltou o cinto de segurança.

— Vamos — disse para Esther, e abriu a porta.

Sabia o motivo daquele pequeno vislumbre de prazer. Era porque tinha tomado uma decisão. Alguma coisa claramente não estava certa. Ela tinha a obrigação moral de fazer algo imoral. Era o menor de dois males. Tinha uma justificativa.

Assim que as garotas tivessem ido para a cama à noite, ela faria o que tivera vontade de fazer desde o início. Abriria aquela maldita carta.

Houve uma batida na porta.

— Ignore. — A mãe de Tess não tirou os olhos do livro.

Liam, Tess e sua mãe estavam sentados em poltronas diferentes na sala de estar de Lucy, cada um lendo um livro com pequenas tigelas de passas com cobertura de chocolate no colo. Esse fora um dos hábitos da rotina diária de Tess quando criança: comer passas com cobertura de chocolate enquanto lia com a mãe. Elas sempre faziam polichinelos depois, para compensar o chocolate.

— Deve ser o papai.

Liam baixou seu livro. Tess ficara surpresa com quão prontamente ele concordara em se sentar e ler. Devia ter sido por causa das passas com chocolate. Ela nunca conseguia convencê-lo a fazer as leituras para a escola.

E agora, bizarramente, ele iria para uma nova escola. Simples assim. *Amanhã*. Era desconcertante o modo como aquela mulher peculiar o convencera a começar no dia seguinte, com a promessa de uma caça a ovos de Páscoa.

— Você falou com seu pai em Melbourne há poucas horas — lembrou ela, mantendo a voz neutra.

Ele e Will tinham conversado por vinte minutos. “Vou falar com o papai mais tarde”, dissera Tess quando Liam foi lhe entregar o telefone. Já havia falado com Will uma vez naquela manhã. Nada mudara. Ela não queria ouvir aquela sua terrível nova voz séria mais uma vez. E o que ela poderia dizer? Mencionar que tinha esbarrado com um ex-namorado na St. Angela? Perguntar se ele estava com ciúmes?

Connor Whitby. Devia fazer mais de quinze anos desde a última vez que o vira. Eles tinham namorado menos de um ano. Ela nem o reconhecera quando ele entrou na secretaria. Tinha perdido todo o cabelo e parecia muito maior, uma versão mais larga do homem de quem ela se lembrava. Tudo aquilo tinha sido tão estranho. Já era ruim o bastante que ela estivesse sentada de frente para uma mulher cuja filha fora assassinada.

— Talvez papai tenha pegado um avião para nos fazer uma surpresa — disse Liam.

Alguém deu uma batidinha na janela bem perto da cabeça de Tess.

— Sei que todos vocês estão aí! — acusou uma voz.

— Pelo amor de Deus. — A mãe de Tess fechou o livro com um estalo.

Tess se virou e viu o rosto da tia pressionando a janela da sala de estar, as mãos em concha em volta dos olhos, para poder espiar do lado de dentro.

— Mary, eu *falei* para você não aparecer! — A voz de Lucy subiu várias oitavas. Ela sempre parecia quarenta anos mais nova quando falava com a irmã gêmea.

— Abra a porta! — Tia Mary bateu de novo no vidro. — Preciso conversar com Tess!

— Tess não quer falar com você! — Lucy ergueu a muleta e a balançou no ar, na direção de Mary.

— Mãe — disse Tess.

— Ela é minha sobrinha! Tenho direitos! — Tia Mary tentou empurrar a moldura de madeira da janela para cima.

— Ela tem *direitos* — bufou Lucy. — Que monte de...

— Mas por que ela não pode entrar? — perguntou Liam, com a testa franzida.

Tess e a mãe se entreolharam. Elas vinham sendo muito cuidadosas com o que falavam na frente de Liam.

— É claro que ela pode entrar. — Tess deixou seu livro de lado.

— *Querida* — disse tia Mary quando Tess abriu a porta. — E Liam! Você cresceu mais ainda! Como isso é possível?

— Oi, tio Phil.

Tess foi beijar a bochecha do tio, mas, para sua surpresa, ele de repente a puxou para um abraço desajeitado. Cheirava a Old Spice e a cigarro. Falou baixinho no ouvido dela:

— Estou profundamente envergonhado da minha filha. — Então se empertigou e declarou: — Vou fazer companhia a Liam enquanto vocês, mulheres, conversam.

Com Liam e tio Phil acomodados na frente da TV, Mary, Lucy e Tess se sentaram na cozinha para tomar chá.

— Deixei bem claro que vocês não deveriam aparecer aqui — disse a mãe de Tess. Mas não estava tão irritada com a irmã a ponto de dispensar seus deliciosos brownies de chocolate.

Mary revirou os olhos, apoiou os cotovelos na mesa e apertou a mão de Tess entre suas palmas pequenas, mornas e enrugadas.

— Meu bem, sinto muito que isso tenha acontecido com você.

— Não foi algo que simplesmente *aconteceu* com ela — explodiu Lucy.

— A questão é que acho que Felicity não teve mesmo escolha — disse Mary.

— Ah! Não tinha me dado conta! Pobre Felicity! Alguém pôs uma arma na cabeça dela, foi? — Lucy fez o gesto, pondo uma arma de mentira na própria cabeça.

Tess se perguntou quando fora a última vez que sua mãe medira a pressão sanguínea.

Decidida, Mary ignorou a irmã e se dirigiu a Tess:

— Meu bem, você *sabe* que isso jamais seria uma *opção* para Felicity. É uma tortura para ela. Uma *tortura*.

— Isso é uma piada? — Lucy deu uma mordida feroz no brownie. — Você espera mesmo que Tess sinta pena de Felicity?

— Só espero que seu coração possa perdoá-la. — Mary estava fazendo um excelente trabalho fingindo que Lucy não estava presente.

— Ok, já chega — disse Lucy. — Não quero ouvir mais uma palavra sair da sua boca.

— Lucy, às vezes o amor é simplesmente fulminante! — Mary enfim reconheceu a presença da irmã. — Acontece! Do nada!

Tess encarou sua xícara de chá e a girou. Tinha sido mesmo do nada? Ou sempre estivera ali, bem diante dos olhos dela? Era óbvio que Felicity e Will tinham se dado bem assim que se conheceram. “Sua prima é uma figura”, dissera Will a Tess depois que os três saíram para jantar pela primeira vez. Tess

tomou aquilo como um elogio, porque Felicity era parte dela. Sua companhia animada era algo que Tess tinha a oferecer. E o fato de Will ter aprovado Felicity (nem todos os seus namorados anteriores tinham feito o mesmo; alguns não haviam gostado dela nem um pouco) era um grande ponto a seu favor.

Felicity também gostara de Will de cara. “Você pode se casar com esse”, dissera a Tess no dia seguinte. “Ele é o cara. E tenho dito.”

Será que Felicity já tinha uma queda por Will naquela época? Aquilo era inevitável? Previsível?

Tess se lembrou da euforia que sentira naquele dia seguinte, depois de ter apresentado os dois. Era como se ela tivesse alcançado um destino glorioso, o topo de uma montanha. “Ele é perfeito, não é?”, perguntara ela a Felicity. “Ele nos ganhou. Foi o primeiro que realmente nos ganhou.”

Ele *nos* ganhou. Não *me* ganhou.

Sua mãe e sua tia continuaram falando, ignorando o fato de Tess não estar contribuindo com uma palavra sequer.

Lucy tinha tapado os olhos com a mão.

— Isso não é uma história de amor maravilhosa, Mary! — Ela tirou a mão dos olhos e balançou a cabeça para a irmã, num gesto de desgosto, como se ela fosse uma criminosa da pior espécie. — O que há de errado com você? Sério, o que há de errado? Tess e Will são casados. E você se esqueceu de que há uma criança envolvida? Meu neto?

— Mas, olhe só, eles estão desesperados para encontrar um jeito de fazer tudo da forma correta — disse Mary a Tess. — Os dois a amam muito.

— Que ótimo — comentou Tess.

Nos últimos dez anos, Will nunca reclamara que Felicity passava tempo demais com eles. Talvez isso fosse um sinal. Uma pista de que só Tess não bastava para ele. Que marido normal estaria disposto a ter a prima gorda de sua esposa junto com eles nas férias anuais de verão? A menos que estivesse apaixonado por ela. Tess era uma idiota por não ter percebido. Ela gostava de ver Will e Felicity brincando, implicando e discutindo um com o outro. Nunca se sentira excluída. Tudo ficava melhor, mais vívido, divertido e ousado quando Felicity estava por perto. Tess sentia-se mais ela mesma perto de Felicity, porque a prima a conhecia melhor do que ninguém. Felicity permitia que Tess brilhasse. Era ela quem ria mais alto das piadas de Tess. Ela ajudava a moldar e a definir a personalidade de Tess, de forma que Will visse a esposa como ela realmente era.

E Tess se sentia mais bonita com Felicity por perto.

Ela pressionou as pontas geladas dos dedos nas bochechas, que queimavam. Apesar de vergonhoso, era verdade. Tess nunca sentira repulsa pela obesidade de Felicity, mas sentia-se particularmente magra e ágil perto dela.

E nada mudou na cabeça de Tess depois que a prima emagreceu. Nunca lhe ocorrera que Will olharia para Felicity de um jeito sexual. Estava muito segura de sua posição naquele estranho triângulo. Tess era o ápice do triângulo. Will a amava mais que tudo. Felicity a amava mais que tudo. Quanto egocentrismo da parte dela!

— Tess? — chamou Mary.

— Vamos falar de outra coisa. — Tess pousou a mão no braço da tia.

Duas lágrimas pesadas escorreram, deixando um rastro pegajoso nas bochechas rosadas e empoadas de Mary. Tess teve a estranha sensação de que era a primeira vez que olhava direito para a tia, como se nunca tivesse se dado o trabalho de encará-la nos olhos. Será que era possível que Tess jamais houvesse pensado em sua mãe e em sua tia como pessoas, sem que estivessem relacionadas a ela? Sempre que ela e Felicity estavam com as mães, deixavam seus corpos de trinta e cinco anos ficarem preguiçosos, se tornavam despreocupadas e loquazes, cheias da confiança que se tem quando se é adorado. Suas mães ficavam nervosas e estridentes enquanto Tess e Felicity lhes contavam como era a vida no mundo real. Mas agora Tess, Lucy e Mary eram apenas três mulheres sentadas à mesa, enfrentando aquela situação triste e absurda.

Mary secou de leve o rosto com um guardanapo amassado.

— Phil não queria que eu viesse. Ele disse que eu iria causar mais mal do que bem, mas só achei que poderia conseguir um jeito de consertar tudo. Passei a manhã inteira vendo fotos suas e de Felicity quando estavam crescendo. Como se divertiram juntas! Essa é a pior parte. Não vou suportar se vocês se tornarem estranhas.

Tess deu tapinhas no braço da tia. Seus olhos estavam secos e nítidos. Seu coração estava fechado como um punho.

— Acho que vai ter que suportar — disse ela.

— Você não espera mesmo que eu vá a uma reunião da Tupperware, não é? — dissera Rachel a Marla ao ser convidada, algumas semanas antes, enquanto tomavam um café.

— Você é minha melhor amiga. — Marla pôs açúcar no seu cappuccino de soja descafeinado.

— Minha filha foi assassinada — disse Rachel. — Isso me dá carta branca permanente para ficar fora de confraternizações, pelo resto da minha vida.

Marla arqueou as sobrancelhas. Sempre tivera sobrancelhas bastante eloquentes.

Ela tinha o direito de arquear as sobrancelhas. Ed estava em Adelaide a trabalho (ele estava sempre viajando a trabalho) quando os dois policiais apareceram na porta da casa de Rachel. Marla foi com ela ao necrotério e estava bem ao seu lado quando ergueram aquele lençol branco igual a outro qualquer para revelar o rosto de Janie. No instante em que as pernas de Rachel cederam, Marla estava preparada e a segurou na mesma hora, habilmente, uma das mãos apoiando seu cotovelo, a outra agarrando a parte de cima de seu braço. Ela trabalhava como parteira. Tinha muita experiência em segurar maridos fortes antes que desabassem no chão.

— Desculpe — disse Rachel.

— Janie iria à minha reunião — comentou Marla. Seus olhos se encheram d'água. — Ela me amava.

Era verdade. Janie adorava Marla. Estava sempre falando para Rachel se vestir mais como a amiga. Então, é claro, quando Rachel pôs um vestido que Marla a ajudara a comprar, vejam só o que aconteceu.

— Fico pensando se Janie iria gostar dessas reuniões da Tupperware — disse Rachel, observando uma mulher de meia-idade discutir com sua filha em idade pré-escolar na mesa ao lado delas.

Tentou e, como sempre, não conseguiu imaginar Janie como uma mulher de quarenta e cinco anos. Às vezes esbarrava com velhos amigos da filha nas lojas, e era sempre um grande choque ver os antigos jovens de dezessete anos emergirem daqueles rostos de meia-idade, inchados e comuns. Rachel tinha que se controlar para não dizer “Santo Deus, meu bem, veja como você *envelheceu!*” da mesma maneira que se dizia para as crianças: “Veja como você cresceu!”

— Lembro que Janie era muito certinha — comentou Marla. — Ela gostava de ser organizada. Aposto que adoraria a Tupperware.

O que era maravilhoso em Marla era o fato de que ela compreendia o desejo de Rachel de falar o tempo todo na adulta que Janie teria se tornado, imaginar quantos filhos ela teria tido e com que tipo de homem teria se casado. Isso a mantinha viva, mesmo que apenas por aqueles poucos momentos. Ed detestava tanto aquelas conversas hipotéticas que saía da sala. Ele não entendia a necessidade que Rachel tinha de fantasiar o que poderia ter sido, em vez de apenas aceitar que jamais seria. “Ei, eu estava *falando!*”, gritava Rachel para ele.

— Por favor, vá à reunião da Tupperware — pediu Marla.

— Tudo bem — concordou Rachel. — Mas fique sabendo que não vou comprar nada.

E lá estava ela, sentada na barulhenta sala de estar de Marla, lotada de mulheres bebendo coquetéis. Rachel sentara-se no sofá entre as duas noras da amiga, Eve e Arianna, que não tinham planos de se mudar para Nova York e estavam *ambas* grávidas dos primeiros netos de Marla.

— Simplesmente não quero saber de dor — falava Eve para Arianna. — Disse à minha obstetra: “Olhe, tenho tolerância zero para dor. Zero. Nem venha me falar disso.”

— Bem, acho que ninguém gosta de sentir dor, não é? — comentou Arianna, que parecia duvidar de cada palavra que saía de sua boca. — Exceto os masoquistas, certo?

— É inaceitável — disse Eve. — Nos dias de hoje. Eu me recuso. Dor? Não, obrigada.

Ah, então foi esse o meu erro, pensou Rachel. Eu deveria ter dito: Dor? Não, obrigada.

— Vejam quem está aqui, meninas!

Marla apareceu segurando uma bandeja de rolinhos de salsicha, com Cecilia Fitzpatrick ao seu lado. Cecilia estava refinada e radiante, e puxava uma elegante mala preta de rodinhas atrás de si.

Aparentemente, era meio que um grande feito conseguir que Cecilia fosse a uma reunião sua, porque ela tinha inúmeros compromissos. Ela contava com seis consultoras da Tupperware trabalhando para ela, segundo sua sogra, e era mandada para todo tipo de viagem ao exterior e coisas assim. “Vou lhe contar uma coisa, mas é confidencial, claro”, dissera Virginia Fitzpatrick a Rachel certa vez, “mas acho que na verdade Cecilia ganha mais dinheiro que John-Paul, e ele é *engenheiro*.”

— E então, Cecilia, aceita uma bebida? — ofereceu Marla, perturbada com tamanha responsabilidade, e os rolinhos de salsicha deslizaram na bandeja em sua mão.

Cecilia puxou a mala e, com um movimento natural, a fez parar e resgatou os rolinhos bem a tempo.

— Um copo d’água seria ótimo, Marla — respondeu ela. — Por que eu não ofereço isso para você enquanto me apresento? Embora, ache que já conheço muitos rostos, claro. Oi, eu sou Cecilia. Você é Arianna, não é? Rolinho de salsicha? — Arianna lançou um olhar inexpressivo para Cecilia enquanto pegava um salgadinho. — Sua irmã mais nova é professora de balé da minha filha Polly. Vou lhe mostrar os potes perfeitos para congelar papinhas para o seu bebê! E Rachel, que prazer ver você. Como está o pequeno Jacob?

— Mudando-se para Nova York por dois anos.

Rachel pegou um rolinho de salsicha e abriu um sorriso irônico para Cecilia. Cecilia não era uma pessoa querida por todos, mas Rachel não se incomodava com sua presença, porque ela retornava as ligações e sempre que dizia que iria fazer alguma coisa, de fato fazia. O último presidente da Associação de Pais e Amigos, Gary Morgan, era extremamente narcisista, e a única coisa em que se podia confiar era que o cheiro de sua loção pós-barba ficaria no ar por umas boas três horas depois de ele ter passado na secretaria.

Cecilia parou.

— Ah, Rachel, mas que chato — lamentou ela, com empatia, mas então, do seu jeito típico, acionou de imediato o modo solucionador de problemas: — Mas você irá visitá-los, certo? Faz pouco tempo que alguém comentou comigo sobre um site incrível com ofertas de apartamentos para alugar em Nova York. Mandando o link por e-mail para você, prometo. — Ela seguiu em frente. — Oi, eu sou Cecilia. Rolinho de salsicha?

E assim ela percorreu toda a sala, oferecendo comida e cumprimentos, fitando cada convidada com aquele seu estranho olhar penetrante. Quando terminou e estava pronta para fazer sua apresentação, todas viraram os joelhos obedientemente na direção dela, os rostos atentos, prontas para comprar Tupperware, como se uma professora severa, porém justa, tivesse assumido o controle de uma turma bagunceira.

Rachel se surpreendeu com o quanto acabou gostando da noite. Isso foi em parte por causa dos deliciosos coquetéis que Marla serviu, mas em parte também por Cecilia, que intercalou a apresentação animada, quase evangélica, de seus produtos (“Eu sou louca por Tupperware”, dissera ela. “Simplesmente amo essas coisas.” Rachel achou sua paixão sincera tocante. E convincente! Seria *ótimo* se suas cenouras permanecessem crocantes por mais tempo!) com um jogo de perguntas e respostas. Cada convidada que acertava uma pergunta recebia uma moeda de chocolate embrulhada em papel dourado. No fim da noite, aquela que tivesse mais moedas ganharia um prêmio.

Algumas perguntas eram sobre Tupperware. Rachel não sabia, ou particularmente não sentia necessidade de saber, que a cada 2,7 segundos uma reunião da Tupperware começava em algum lugar do mundo (“Um segundo, dois segundos... mais uma reunião está começando!”, exclamou Cecilia, animada), ou que um homem chamado Earl Tupper criou o famoso “burping seal”, o fechamento especial da marca. Mas ela tinha uma boa cultura geral e começou a se sentir um tanto competitiva com a crescente pilha de moedas douradas na sua frente.

No fim, foi uma disputa acirrada entre Rachel e Jenny Cruise, amiga de Marla da época em que trabalhava como parteira, e Rachel chegou a dar um soco no ar ao vencer por apenas uma moeda dourada com a pergunta: “Quem interpretou Pat the Rat na novela *Sons and Daughters*?”

Rachel sabia a resposta (Rowena Wallace) porque Janie fora obcecada por esse programa bobo quando era adolescente. Ela fez um agradecimento silencioso a Janie.

Tinha se esquecido do quanto gostava de vencer.

O fato é que ficou tão animada que acabou encomendando mais de trezentos dólares em produtos Tupperware que Cecilia garantiu que transformariam sua despensa e sua vida. No fim da noite, Rachel estava um pouco bêbada.

Na verdade, todo mundo ficou um pouco bêbado, com exceção das noras grávidas de Marla, que foram embora cedo, e de Cecilia, que, aparentemente, estava inebriada pela alegria da Tupperware.

Houve muita gritaria. Ligações para os maridos. Caronas para casa foram combinadas. Rachel ficou sentada no sofá, comendo alegremente sua pilha de moedas de chocolate.

— E você, Rachel? Conseguiu uma carona para casa? — perguntou Cecilia, quando Marla estava na porta da frente, se despedindo de suas amigas do tênis.

Cecilia já havia guardado todos os produtos na mala preta e continuava tão arrumada quanto no início da noite, exceto por duas manchas coradas nas bochechas.

— Eu? — Rachel olhou em volta e percebeu que era a única convidada que restava. — Estou bem. Vou dirigindo.

Por algum motivo não tinha lhe ocorrido que ela também precisava encontrar um jeito de voltar para casa. Tinha algo a ver com sua sensação de estar sempre isolada de todas as outras pessoas, como se o que as preocupava não pudesse preocupá-la, como se ela fosse imune a essas coisas insignificantes da vida.

— Não seja ridícula! — Marla voltou para a sala. A noite tinha sido um sucesso. — Você não tem condições de dirigir, sua louca! Já passou muito dos limites. Mac pode levá-la para casa. Ele não tem nada melhor para fazer.

— Está tudo bem. Vou pegar um táxi.

Rachel se levantou. Sua cabeça parecia mesmo um pouco confusa. Não queria que Mac a levasse em casa. Mac, que ficara em seu escritório durante a reunião da Tupperware, era um perfeito cavalheiro, e se dava bem com Ed, mas ficava sempre aflitivamente tímido quando conversava sozinho com mulheres. Seria uma tortura ficar a sós com ele dentro do carro.

— Você mora perto das quadras de tênis da Wycombe Road, não é, Rachel? — perguntou Cecilia.
— Eu a deixo em casa. É meu caminho.

Pouco depois se despediram de Marla e Rachel foi se sentar no banco do carona do Ford Territory branco de Cecilia, com uma logo gigante da Tupperware estampada na lateral. O carro era muito confortável, silencioso, limpo e tinha um cheiro agradável. Cecilia dirigia do mesmo modo que fazia tudo, com rapidez e eficiência, e Rachel se recostou no apoio de cabeça e esperou que Cecilia iniciasse uma conversa segura e confortável sobre rifas, festas, panfletos e tudo o que tivesse alguma relação com a St. Angela.

Em vez disso, houve apenas silêncio. Rachel espiou o perfil de Cecilia. Ela estava mordendo o lábio inferior e estreitava os olhos, como se algum pensamento a alagisse.

Problemas no casamento? Alguma coisa com as crianças? Rachel se lembrou de todo o tempo que já tinha dedicado a problemas aparentemente gigantesco sobre sexo, crianças desobedientes, mal-entendidos, eletrodomésticos quebrados e dinheiro.

Não que agora ela soubesse que esses problemas não tinham importância. Nada disso. Ela queria que tivessem. Ansiava pelo trabalho árduo da vida de mãe e esposa. Que maravilha ser Cecilia Fitzpatrick voltando para casa e para as filhas depois de coordenar uma bem-sucedida reunião da Tupperware, preocupada com fosse qual fosse seu problema legítimo.

No fim das contas, foi Rachel que quebrou o silêncio:

— Eu me diverti esta noite. Você fez um ótimo trabalho. Não é de espantar que tenha tanto sucesso nisso.

Cecilia respondeu com um ligeiro dar de ombros.

— Obrigada. Amo o que faço. — Deu um sorriso constrangido para Rachel. — Minha irmã zomba de mim por causa disso.

— Inveja — disse Rachel.

Cecilia deu de ombros e bocejou. Parecia uma pessoa diferente da mulher que se apresentara na casa de Marla e da que circulava pela St. Angela.

— Eu adoraria ver a sua despesa — confessou Rachel. — Aposto que tudo fica no recipiente certo, devidamente etiquetado. A minha é um desastre.

— Tenho orgulho da minha despesa — admitiu Cecilia. — John-Paul diz que parece um arquivo de comida. As meninas se dão mal quando guardam alguma coisa no lugar errado.

— Como estão suas filhas? — perguntou Rachel.

— Maravilhosas — respondeu Cecilia, embora Rachel tivesse visto uma sombra de reprovação. — Crescendo rápido. E me dando trabalho.

— Sua filha mais velha. Isabel. Eu a vi outro dia, numa reunião da escola. Ela me lembra um pouco minha filha. Janie.

Cecilia não respondeu.

Por que disse isso a ela?, pensou Rachel. *Devo estar mais bêbada do que imaginava. Nenhuma mulher gostaria de ouvir que sua filha se parece com uma garota que foi estrangulada.*

Mas então, com os olhos fixos no caminho à frente, Cecilia declarou:

— Só tenho uma lembrança da sua filha.

— Só tenho uma lembrança da sua filha.

Será que era a coisa certa a fazer? E se ela fizesse Rachel chorar? Ela tinha acabado de ganhar um conjunto de Tupperware e parecia muito feliz com isso.

Cecilia nunca se sentia confortável perto de Rachel. Sentia-se banal, porque sem dúvida o mundo todo era banal para uma mulher que perdera uma filha naquelas circunstâncias. Ela sempre quisera encontrar um jeito de mostrar a Rachel que *sabia* que ela, Cecilia, era banal. Toda vez que imaginava como seria perder uma de suas filhas, um grito primitivo, mudo, ficava preso em sua garganta. Se ela não conseguia nem imaginar uma coisa dessas, como Rachel suportava viver isso? “O tempo cura”, entoava a sogra de Cecilia sempre que surgia o assunto do sofrimento de Rachel, como se dividir o trabalho com ela a tornasse uma especialista, e Cecilia pensava: *aposto que não cura*.

Anos antes, ela assistira a um programa de TV que mostrou como os pais enlutados gostavam de ouvir as pessoas lhes contarem histórias sobre seus filhos. Não haveria recordações novas, então para eles era um presente poder dividir uma. Desde então, sempre que via Rachel, Cecilia pensava naquela lembrança que tinha de Janie, mesmo sendo insignificante, e se perguntava como poderia compartilhá-la com ela. Mas nunca tivera a oportunidade. Não dava para abordar o assunto na secretaria, entre uma e outra conversa sobre a loja de uniforme e o quadro de horário de esportes.

Aquela era a ocasião perfeita. A única. E fora Rachel que tocara no nome de Janie.

— É claro que eu não a conhecia muito bem — começou Cecilia. — Ela estava quatro anos na minha frente. Mas tenho essa recordação. — Ela hesitou.

— Vá em frente. — Rachel se endireitou no banco. — Adoro ouvir histórias sobre Janie. Na verdade, adoro ouvir o nome dela. Os outros é que se sentem desconfortáveis falando dela. Eu não.

— Bem, é só uma coisinha à toa — disse Cecilia.

Agora estava apavorada com a ideia de não atender às expectativas. Ela chegou a se perguntar se deveria valorizar sua história.

— Eu estava no segundo ano. Janie, no sexto. Sabia seu nome porque ela era capitã da equipe Vermelha.

— Ah, sim! — Rachel sorriu. — Tingimos tudo de vermelho. Uma das camisas de trabalho do Ed ficou manchada por acidente. É estranho como nos esquecemos de todas essas coisas.

— Então, era o festival da escola, e você se lembra de como desfilávamos? Cada equipe tinha que dar uma volta na pista de corrida. Vivo dizendo a Connor Whitby que ele devia trazer de volta o desfile. Mas ele só acha graça.

Cecilia olhou de relance e viu que o sorriso de Rachel tinha murchado um pouco. Teve dificuldade de continuar. Será que aquilo era meio perturbador? Ou não muito interessante?

— Eu era uma daquelas crianças que levavam o desfile *muito* a sério. E queria desesperadamente que a

equipe Vermelha ganhasse, mas acabei tropeçando e caindo e, por causa disso, todas as outras crianças colidiram atrás de mim. A Irmã Ursula gritava como uma louca, e foi o fim para a nossa equipe. Eu chorava de soluçar; achei que era o fim do mundo, e Janie Crowley, a sua Janie, se aproximou, me ajudou a levantar, limpou a parte de trás do meu uniforme e falou bem baixinho no meu ouvido: “Não tem importância. É só um desfile idiota.”

Rachel não disse nada.

— Foi só isso — concluiu Cecilia, humildemente. — Não é nada de mais, só que eu sempre...

— Obrigada, querida. — O tom de Rachel lembrou Cecilia de um adulto agradecendo a uma criança por um marcador de livro feito de papelão e purpurina.

Rachel ergueu uma das mãos, como se estivesse prestes a acenar para alguém, e então deixou-a roçar suavemente no ombro de Cecilia, antes de pousá-la no colo.

— Isso é a cara da Janie. “É só um desfile idiota.” E quer saber? Acho que me lembro disso. Todas as crianças caindo no chão. Marla e eu morremos de rir.

Ela fez uma pausa. Cecilia sentiu um frio na barriga. Será que Rachel estava à beira de lágrimas?

— Meu Deus, sabe, estou um pouquinho bêbada — disse Rachel. — E pensei em voltar para casa dirigindo. Imagine se eu matasse alguém.

— Tenho certeza de que isso não iria acontecer — disse Cecilia.

— Eu me diverti de verdade esta noite.

A cabeça de Rachel estava virada para a janela do carro. Ela a apoiou delicadamente no vidro. Parecia algo que uma mulher muito mais nova faria depois de ter bebido demais.

— Eu deveria me esforçar para sair com mais frequência.

— Ah, bem — disse Cecilia. Aquele era o seu dom. Ela podia dar um jeito naquilo. — Você tem que ir à festa de aniversário da Polly, no fim de semana depois da Páscoa! Sábado, às duas da tarde. Vai ser uma festa de pirata.

— É muito gentil da sua parte, mas tenho certeza de que Polly não precisa de mim atrapalhando sua festa — rebateu Rachel.

— Você tem que ir! Vai ter um monte de gente que você conhece. A mãe de John-Paul, a minha. Lucy O’Leary também vai, com Tess e o filhinho dela, Liam. — De repente, Cecilia estava desesperada para que Rachel fosse. — Você pode levar o seu neto! Leve Jacob! As meninas iriam *adorar* ter um bebê lá.

O rosto de Rachel se iluminou.

— Prometi cuidar de Jacob enquanto Rob e Lauren vão conversar com corretores sobre o aluguel da casa em Nova York. Ah, é a minha casa, bem aí na frente.

Cecilia parou o carro em frente a um bangalô de tijolos vermelhos. Parecia que todas as luzes da casa tinham sido deixadas acesas.

— Muito obrigada pela carona.

Rachel saiu do carro mexendo de forma cuidadosa os quadris da mesma maneira que a mãe de Cecilia fazia. Ela percebera que havia uma certa idade, antes de as pessoas ficarem encurvadas e trêmulas, em que ninguém parecia confiar mais no próprio corpo como antes.

— Vou mandar um convite para você na escola! — gritou Cecilia pela janela, debruçando-se no

banco do carona.

Ficou se perguntando se deveria ter se oferecido para acompanhar Rachel até a porta. Sua mãe ficaria ofendida se ela fizesse isso. Já a mãe de John-Paul ficaria ofendida se não fizesse.

— Ótimo — disse Rachel, e se afastou depressa, como se tivesse lido os pensamentos de Cecilia e quisesse provar que ainda não estava tão velha assim, obrigada.

Cecilia foi até o fim da rua sem saída para manobrar o carro e, quando voltou, Rachel já havia entrado, a porta da frente estava bem fechada.

Ela procurou uma silhueta nas janelas, mas não viu nada. Tentou imaginar o que Rachel estaria fazendo e sentindo naquele momento, sozinha numa casa com os fantasmas da filha e do marido.

Muito bem. Ela tinha uma leve sensação de falta de ar, como se tivesse acabado de deixar uma pessoa relativamente famosa em casa. E tinha falado sobre Janie com ela! Havia se saído muito bem, pensou ela. Tinha dado uma recordação a Rachel, exatamente como a matéria da revista dizia que ela deveria fazer. Sentia ter conseguido um feito social e satisfatório, por ter enfim cumprido uma tarefa procrastinada por tanto tempo, mas então sentiu-se envergonhada por ter orgulho, ou qualquer tipo de prazer, com relação à tragédia de Rachel.

Parou num sinal de trânsito e se lembrou do caminhoneiro bravo daquela tarde, e com esse pensamento, toda a sua vida lhe foi voltando à mente. Enquanto levava Rachel em casa, tinha se esquecido de tudo por um tempo: as coisas estranhas que Polly e Esther disseram sobre John-Paul no carro, sua decisão de abrir a carta naquela noite.

Será que ela ainda achava que tinha uma justificativa?

Tudo parecera tão normal depois da consulta com a fonoaudióloga. Suas filhas não fizeram mais nenhuma revelação estranha, e Isabel parecia especialmente alegre depois de ter cortado o cabelo. Estava curtinho e repicado e, pelo modo como a menina estava agindo, ficou claro que ela achava que o corte a fazia parecer muito sofisticada, quando na verdade só a deixava mais nova e meiga.

Havia um cartão-postal de John-Paul para as meninas na caixa de correio. Ele fazia uma brincadeira com as filhas, de sempre mandar para elas os cartões mais bobos que encontrasse. O de hoje mostrava um daqueles cachorros com a pele cheia de dobras, usando uma tiara e um colar de contas. Cecilia achou idiota, mas como sempre as meninas caíram na gargalhada e o prenderam na geladeira.

— Ora, por favor — resmungou ela quando um carro parou de repente na pista à sua frente.

Levantou a mão para apertar a buzina, mas depois decidiu nem se dar o trabalho.

Perceba como não gritei e xinguei como uma louca, pensou ela, por causa do caminhoneiro psicótico daquela tarde, só para o caso de ele ter parado por ali para ler a sua mente. Era um táxi que estava na frente dela. O taxista fazia aquela típica coisa estranha de ficar testando os freios a cada poucos segundos.

Ótimo. Ele seguia na mesma direção que ela. O táxi foi engasgando pela rua dela e, sem aviso, parou de repente no meio-fio, em frente à casa de Cecilia.

As luzes do táxi se acenderam. O passageiro estava no banco da frente. Deve ser um dos garotos Kingston, pensou Cecilia. Os Kingston moravam do outro lado da rua e tinham três filhos com cerca de vinte anos, que continuavam na casa dos pais, usando sua formação particular caríssima para conseguir um sem-número de diplomas e se embebedarem nos bares da cidade. “Se um dos garotos Kingston algum dia

chegar perto de uma de nossas filhas”, sempre dizia John-Paul, “estarei esperando com uma arma.”

Ela seguiu para a entrada da garagem, apertou o botão do controle remoto para abrir o portão e olhou pelo retrovisor. O taxista tinha aberto o porta-malas. Um homem de ombros largos tirava dali sua bagagem.

Não era um dos garotos Kingston.

Era John-Paul. Ele sempre parecia tão diferente quando ela o via inesperadamente daquele jeito, com as roupas de trabalho, como se ela própria continuasse com vinte e três anos e ele tivesse envelhecido e ficado grisalho sem que ela o acompanhasse.

John-Paul voltou para casa com três dias de antecedência.

Ela foi tomada por prazer e irritação na mesma medida.

Tinha perdido sua chance. Não poderia mais abrir a carta. Girou a chave na ignição, puxou o freio de mão, soltou o cinto de segurança, abriu a porta do carro e desceu correndo o acesso de veículos para encontrá-lo.

— Alô? — disse Tess, cautelosa, consultando o relógio de pulso ao atender o telefone da casa da mãe.

Eram nove da noite. Não podia ser outra ligação de telemarketing.

— Sou eu.

Era Felicity. O estômago de Tess embrulhou. Sua prima passara o dia todo ligando para o celular dela e deixara mensagens de voz e de texto que Tess não ouvira nem lera. Ela se sentia estranha ignorando Felicity, como se estivesse obrigando a si mesma a fazer algo que não era natural.

— Não quero falar com você.

— Não aconteceu nada — disse Felicity. — Ainda não dormimos juntos.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Tess, e então, para sua surpresa, começou a rir. Não era nem uma risada amarga, mas sincera. Aquilo era ridículo. — Qual é o empecilho?

Mas então viu seu reflexo no espelho acima da mesa de jantar da mãe e seu sorriso desapareceu, como se visse alguém que tivesse sido vítima de uma pegadinha cruel.

— Só conseguimos pensar em você — disse Felicity. — E em Liam. O site das roupas de cama não deu certo... mas enfim, não vou falar de trabalho com você. Estou no meu apartamento. Will está em casa. Ele está um caco.

— Você é patética. — Tess deu as costas para o espelho. — Vocês dois são patéticos!

— Eu sei — respondeu Felicity. A voz dela estava tão baixa que Tess teve que apertar o fone no ouvido para escutar. — Sou uma vaca. Sou aquela mulher que nós odiamos.

— Fale mais alto! — pediu Tess, irritada.

— Eu disse que sou uma vaca! — repetiu Felicity.

— Não espere que eu vá discordar.

— Não — disse Felicity. — Claro que não.

— Vocês querem que eu fique bem com tudo isso. — Tess estava chocada. Conhecia-os bem demais. — Querem que eu faça tudo ficar bem.

Esse era o seu trabalho. O seu papel na relação triangular deles. Will e Felicity esbravejavam e se enfureciam, deixavam os clientes os aborrecerem, acabavam magoados por estranhos que socavam o volante e gritavam: “Você está de sacanagem comigo?” Era função de Tess acalmá-los, reanimá-los, fazer o discurso do “copo meio cheio”, “tudo vai dar certo”, “você vai se sentir melhor amanhã”. Como eles poderiam ter um caso sem ela por perto para ajudar? Eles precisavam de Tess lá para dizer: “A culpa não é de vocês!”

— Não espero isso — continuou Felicity. — Não espero nada de você. Você está bem? Liam está bem?

— Estamos ótimos — respondeu Tess, fria. — Liam vai começar na St. Angela amanhã.

— *Amanhã*. Por que a pressa?

— Haverá uma caça aos ovos de Páscoa.

— Ah, chocolate — disse Felicity. — A kriptonita de Liam. Ele não vai ter aulas com nenhuma daquelas freiras psicóticas que foram nossas professoras, vai?

Tess pensou: *Não bata papo comigo, como se tudo estivesse normal!* Mas por algum motivo continuou falando mesmo assim. Já estava muito arraigado em sua psique. Ela havia conversado com Felicity todos os dias da sua vida. Era sua melhor amiga. Sua única amiga.

— Todas as freiras morreram — contou ela. — Mas o professor de educação física é Connor Whitby. Você se lembra dele?

— Connor Whitby — repetiu Felicity. — Era aquele cara triste e sinistro com quem você estava saindo antes de nos mudarmos para Melbourne, não era? Mas achei que ele fosse contador.

— Ele mudou de área. Mas ele não era sinistro, era? — perguntou Tess.

Ele não tinha sido absolutamente legal? Ele era o namorado que amava as mãos de Tess. Ela se lembrou disso de repente. Que estranho. Tinha pensado nele na noite passada, e agora ele reaparecia em sua vida.

— Ele era sinistro — afirmou Felicity, em tom decisivo. — Também era bem velho.

— Tinha dez anos a mais que eu.

— Enfim, lembro que havia alguma coisa assustadora nele. Aposto que é ainda mais assustador agora. Há alguma coisa desagradável em professores de educação física, com suas roupas esportivas, apitos e pranchetas.

A mão de Tess se apertou em volta do telefone. A *presunção* de Felicity. Sempre achava que sabia tudo, que era a suprema julgadora do caráter das pessoas, que era mais sofisticada e instigante que Tess.

— Então pelo visto você não foi apaixonada por Connor Whitby — disse ela, em tom severo e malicioso. — Will é o primeiro a despertar essa atração em você?

— Tess...

— Não se preocupe — interrompeu-a. — Você quer mais alguma coisa?

— Acho que eu não poderia dar boa-noite ao Liam, não é? — perguntou Felicity, com uma vozinha baixa e doce que não combinava com ela.

— Não — respondeu Tess. — Aliás, ele já está dormindo.

Ele não estava. Ela tinha acabado de ir ao seu quarto (o antigo escritório do pai de Tess) e o vira deitado na cama, jogando Nintendo DS.

— Diga a ele que mandei um beijo.

Liam tinha uma risada exclusiva para Felicity.

Tess suspirou.

— Ele está na cama. Vou dar uma olhada... se estiver acordado, passo o telefone para ele.

— Obrigada — disse Felicity, humilde.

Tess apertou o aparelho no peito e começou a caminhar pelo corredor, em direção ao quarto de Liam. Então parou, se virou e foi para o extremo oposto da casa. Levou o telefone de volta à orelha.

— Não me importo se você dormir com Will ou não — disse ela. — Na verdade, acho que você deveria ir para a cama com ele. Resolva logo isso. Mas não vou deixar Liam crescer com pais divorciados.

Você esteve ao meu lado quando meus pais se separaram. *Sabe* como foi para mim. É por isso que não consigo acreditar...

Ela sentiu uma dor imensa e levou a mão ao peito. Felicity ficou em silêncio.

— Você não vai viver feliz para sempre com ele — continuou Tess. — Sabe disso, não sabe? Porque estou pronta para esperar que isso chegue ao fim. Vou aguardar você terminar com ele. — Ela respirou fundo, trêmula. — Tenha seu casinho nojento e depois devolva meu marido.

* * *

7 de outubro de 1977: Três adolescentes foram mortos quando a polícia da Alemanha Oriental entrou em conflito com manifestantes que esbravejavam “Abaixo o Muro!”. Lucy O’Leary, grávida de seu primeiro filho, viu a história no noticiário e chorou sem parar. Sua irmã gêmea, Mary, que também estava grávida do primeiro filho, ligou para ela no dia seguinte e perguntou se as notícias a estavam fazendo chorar também. Conversaram por um tempo sobre as tragédias que aconteciam no mundo e depois mudaram para um assunto muito mais interessante: seus bebês.

— Acho que teremos meninos — disse Mary. — E eles serão melhores amigos.

— É mais provável que queiram se matar — rebateu Lucy.

Rachel estava imersa na água escaldante, agarrando-se às laterais da banheira, enquanto sua cabeça girava.

Tinha sido uma ideia estúpida tomar um banho de banheira enquanto ainda estava bêbada após a reunião da Tupperware. Provavelmente iria acabar escorregando ao sair e fraturar o quadril.

Talvez essa fosse uma boa estratégia. Rob e Lauren desistiriam de Nova York e ficariam em Sydney para cuidar dela. Veja Lucy O'Leary. Sua filha viera de Melbourne para tomar conta dela assim que soube que a mãe havia quebrado o tornozelo. Até tirara o filho da escola em Melbourne, o que, pensando bem, tinha sido um pouco de exagero.

Lembrar-se delas fez Rachel pensar em Connor Whitby e na sua expressão ao ver Tess. Rachel perguntou-se se deveria alertar Lucy. *É só um aviso. Connor Whitby pode ser um assassino.*

Ou talvez não. Também poderia ser um professor de educação física perfeitamente gentil.

Alguns dias, quando Rachel o via com as crianças na pista de corrida, à luz do sol, o apito em volta do pescoço, comendo uma maçã, pensava: *Não há a menor chance de que esse cara legal tenha machucado Janie!* E então, em outros dias amargos, ao avistá-lo caminhando sozinho, o rosto impassível, os ombros largos o bastante para matar, pensava: *Você sabe o que aconteceu com a minha filha.*

Ela apoiou a cabeça na banheira, fechou os olhos e se lembrou da primeira vez em que ficara sabendo da existência dele. O Sargento Bellach lhe dissera que a última pessoa que vira Janie viva fora um garoto da escola pública local chamado Connor Whitby, e Rachel havia pensado: *Não pode ser, nunca ouvi falar dele.* Ela conhecia todos os amigos de Janie e a mãe de cada um deles.

Ed dissera a Janie que ela não tinha permissão para namorar sério antes de terminar o ensino médio. Ele havia feito muito alarde com relação a isso. Mas Janie não discutira, e Rachel presumira, alegre, que ela ainda não se interessava muito por garotos.

Ela e Ed viram Connor pela primeira vez no enterro de Janie. Ele apertou a mão de Ed e pressionou sua bochecha fria na de Rachel. Connor era parte do pesadelo, tão irreal e errado quanto o caixão. Meses depois, Rachel encontrou aquela foto dos dois juntos na festa de alguém. Ele estava rindo de algo que Janie dissera.

E então, após tantos anos, ele arrumara um emprego na St. Angela. Rachel nem o tinha reconhecido até ver seu nome na ficha de emprego.

— Não sei se está lembrada de mim, Sra. Crowley — dissera ele pouco depois de ter sido contratado, quando os dois estavam sozinhos na secretaria.

— Eu me lembro de você — respondeu ela friamente.

— Ainda penso em Janie — confessou ele. — O tempo todo.

Rachel não soubera o que dizer. *Por que você pensa nela? Porque a matou?*

Definitivamente havia algo parecido com culpa em seus olhos. Não era imaginação dela. Rachel trabalhava como secretária da escola havia quinze anos. Connor tinha o mesmo olhar de uma criança que

fora mandada para a sala do diretor. Mas aquilo seria culpa por assassinato? Ou por alguma outra coisa?

— Espero que não seja desconfortável para a senhora o fato de eu trabalhar aqui.

— Não há o menor problema — respondeu ela, objetiva, e essa foi a última vez que tocaram no assunto.

Ela pensara em pedir demissão. Trabalhar na escola primária em que Janie estudara sempre fora meio contraditório. Garotinhas com pernas finas de Bambi passavam correndo por ela no pátio e Rachel vislumbrava Janie; nas tardes quentes de verão, via as mães buscando seus filhos e se lembrava de verões distantes, indo buscar Janie e Rob e os levando para tomar sorvete; seus rostinhos corados. Janie estava no ensino médio quando morreu, por isso as lembranças que Rachel tinha de St. Angela não haviam sido maculadas pelo seu assassinato. Isto é, até Connor Whitby surgir com aquela sua terrível moto barulhenta no meio de suas recordações delicadas e em tom de sépia.

No fim, ela continuou ali por teimosia. Gostava do trabalho. Por que ela deveria sair? E, o mais importante, de um jeito estranho, ela sentia que devia isto a Janie: não fugir, enfrentar todos os dias aquele homem e o que quer que ele tivesse feito.

Se ele tivesse matado sua filha, será que aceitaria um emprego no mesmo lugar em que a mãe dela trabalhava? Será que diria: “Ainda penso em Janie”?

Rachel abriu os olhos e sentiu aquele bolo de fúria alojado permanentemente no fundo de sua garganta, como se ela estivesse engasgada com alguma coisa. Era o fato de não saber. O maldito fato de não saber.

Ela colocou mais água fria na banheira.

“É o fato de não saber”, dissera uma mulher baixinha, de aparência refinada, naquele grupo de apoio a vítimas de homicídio que ela e Ed haviam frequentado umas poucas vezes, sentados em cadeiras dobráveis naquele salão comunitário frio em algum lugar de Chatswood, segurando seus copos de isopor com café instantâneo nas mãos trêmulas. O filho daquela mulher tinha sido assassinado no caminho de volta para casa depois do treino de críquete. Ninguém ouviu nada. Ninguém viu nada. “O maldito fato de não saber.”

Houve uma onda de piscadelas suaves na roda. A mulher tinha uma voz doce e cristalina; era como ouvir a Rainha praguejar.

— Lamento lhe dizer isto, meu bem, mas saber não ajuda tanto assim — interrompeu um homem gordo, de rosto vermelho, que vira o assassino de sua filha ser condenado à prisão perpétua.

Rachel e Ed tomaram uma antipatia violenta pelo homem de rosto vermelho e deixaram de frequentar o grupo de apoio por causa dele.

As pessoas pensavam que a tragédia trazia sabedoria, que elevava automaticamente o sofredor a um patamar mais alto, mais espiritualizado; porém, para Rachel parecia, na verdade, ser o contrário. A tragédia tornava o indivíduo pequeno e rancoroso. Não lhe proporcionava nenhum grande conhecimento ou discernimento. Ela não entendia droga nenhuma da vida, exceto que era arbitrária e cruel, e que algumas pessoas se safavam de um assassinato, enquanto outras cometiam um erro insignificante, um deslize, e pagavam um preço terrível.

Ela pegou uma toalha de debaixo da pia, dobrou-a e a colocou na testa, como se estivesse com febre.

Sete minutos. Seu erro podia ser medido em minutos.

Marla era a única pessoa que sabia. Ed nunca soubera.

Janie vinha reclamando que se sentia cansada o tempo todo. “Pratique mais exercícios”, insistia Rachel. “Não vá dormir tão tarde. Coma mais!” Ela era tão alta e magra. E então começou a reclamar de uma dorzinha na lombar. “Mãe, desconfio seriamente de que estou com mononucleose.” Rachel marcara a consulta com a Dra. Buckley apenas para que ela dissesse para Janie que não havia nada de errado e que ela precisava fazer todas aquelas coisas que a mãe lhe dissera.

Em geral, Janie pegava o ônibus, descia no ponto da Wycombe Road e ia andando para casa. Elas tinham combinado que Rachel iria buscá-la na esquina do colégio e a levaria direto para o consultório da Dra. Buckley, em Gordon. Ela lembrara Janie do combinado naquela manhã.

Só que estava sete minutos atrasada para buscar a filha e, quando chegou à esquina, Janie não estava lá. *Ela esqueceu*, pensara Rachel, tamborilando com os dedos no volante. *Ou cansou de esperar*. Aquela menina era tão impaciente e agia como se Rachel fosse um tipo de transporte público conveniente, que tinha a obrigação de obedecer a uma tabela de horários. Não havia celular naquela época. Não havia nada que Rachel pudesse fazer além de aguardar no carro por mais dez minutos (na verdade, ela também não gostava muito de esperar) antes de finalmente voltar para casa e ligar para a secretária da Dra. Buckley cancelando a consulta.

Ela não tinha ficado preocupada. Estava irritada. Rachel sabia que não havia nada de errado com Janie. Era típico que ela se desse o trabalho de marcar uma consulta médica e a filha não se importasse. Só muito depois, quando Rob perguntou, com a boca cheia de sanduíche: “Cadê a Janie?”, que Rachel olhou para o relógio da cozinha e sentiu a primeira pontada gelada de medo.

Ninguém vira Janie esperando na esquina, ou, se alguém viu, nunca falou nada. Rachel jamais soube que diferença aqueles sete minutos fizeram.

O que ela acabou descobrindo com a investigação policial foi que Janie fora à casa de Connor Whitby por volta das três e meia e os dois assistiram a um filme juntos (*Como eliminar seu chefe*, com Dolly Parton), antes de Janie dizer que tinha “algo a fazer em Chatswood” e Connor levá-la à estação de trem. Ninguém mais voltou a vê-la viva. Ninguém se lembrava de tê-la visto no trem ou em qualquer outro lugar de Chatswood.

Seu corpo foi encontrado na manhã seguinte, por dois garotos de nove anos que andavam de bicicleta BMX no parque Wattle Valley. Eles pararam no parquinho e a encontraram deitada na beira do escorrega. Estava com o casaco da escola por cima do corpo, como se fosse um cobertor, como se estivesse lá para mantê-la aquecida do frio, e tinha um terço nas mãos. Havia sido estrangulada por alguém com as mãos nuas. A causa da morte foi asfixia traumática. Não havia sinais de luta. Resíduo algum em suas unhas. Nenhuma digital aproveitável. Nada de fios de cabelo. Nem de DNA. Rachel fizera essas perguntas quando lera sobre casos solucionados por testes de DNA no final dos anos 1990. Não havia suspeitos.

“Mas para onde ela estava indo?”, Ed não parava de questionar, como se ela enfim fosse lembrar a resposta caso ele repetisse a pergunta vezes suficientes. “Por que ela estava andando pelo parque?”

Às vezes, depois de indagar isso a Rachel repetidamente, ele acabava chorando de raiva e frustração. Rachel não conseguia suportar aquilo. Não queria ter nada a ver com o sofrimento do marido. Não queria saber dele, senti-lo ou compartilhá-lo. Seu próprio sofrimento já era ruim o bastante. Como ela poderia

ser capaz de carregar o dele também?

Agora Rachel se perguntava por que eles não podiam contar um com o outro para dividir o sofrimento. Sabia que se amavam, mas quando Janie morreu, nenhum dos dois suportava ver as lágrimas do outro. Eles se apoiaram assim como estranhos faziam em casos de desastres naturais, seus corpos rígidos, dando tapinhas desajeitados no ombro do outro. E no meio daquilo havia o pequeno Rob, pobrezinho, um adolescente tentando em vão fazer tudo certo, todos os sorrisos falsos e mentiras alegres. Não era de espantar que tivesse se tornado corretor de imóveis.

Agora a água estava fria demais.

Rachel começou a tremer incontrolavelmente, como se estivesse com hipotermia. Pôs as mãos nas laterais da banheira e tentou ficar de pé.

Não ia conseguir. Passaria a noite inteira encalhada ali. Seus braços, finos como gravetos e de um branco cadavérico, não tinham força. Como era possível que aquele corpo inútil, frágil e cheio de veias azuis fosse o mesmo que antes era moreno, firme e forte?

“Que belo bronzado para abril”, dissera-lhe Toby Murphy naquele dia. “Você pega sol, Rachel?”

Fora por isso que ela se atrasara sete minutos. Estava flertando com Toby Murphy. Toby era casado com sua amiga Jackie. Ele era empreiteiro e precisava de uma auxiliar de escritório. Rachel tinha ido fazer uma entrevista, e ficara no escritório de Toby por mais de uma hora, flertando. Toby era um galanteador incorrigível, e ela estava usando o vestido novo que Marla a convencera a comprar; ele não parava de olhar para suas pernas à mostra. Rachel jamais trairia Ed, e Toby adorava a esposa, então os votos de casamento de todos os envolvidos estavam seguros, mas mesmo assim ele olhava para suas pernas, e ela gostava disso.

Ed não ficaria nada contente se ela fosse trabalhar para Toby. Ele não sabia da entrevista. Rachel sentia que ele nutria uma certa competitividade em relação a Toby, algo que tinha a ver com o fato de ele ter um trabalho de “macho”, enquanto o emprego de Ed, como representante farmacêutico, era bem menos masculino. Ed e Toby jogavam tênis juntos, e, em geral, Ed perdia. Ele fingia não se importar, mas Rachel sabia que isso sempre o deixava irritado.

Portanto, era especialmente cruel de sua parte gostar do olhar de Toby para suas pernas.

Seus pecados naquele dia haviam sido tão banais. Vaidade. Autoindulgência. Uma insignificante traição a Ed. Uma insignificante traição a Jackie Murphy. Mas talvez esses pecadinhos banais fossem os piores. Era provável que a pessoa que matou Janie fosse doente, maluca, enquanto Rachel era sã e autoconsciente, e sabia exatamente o que estava fazendo quando deixou o vestido deslizar um pouco mais para cima dos joelhos.

A espuma de banho que ela havia despejado na água flutuava na superfície como gotas de óleo, viscosa e escorregadia. Rachel tentou outra vez se levantar na banheira e falhou.

Talvez fosse mais fácil se ela deixasse a água escorrer primeiro.

Ela arrancou o tampão com os dedos do pé e o barulho da água descendo pelo ralo, como sempre, parecia de um dragão. Rob tinha pavor daquele ralo. “Raaah!”, gritava Janie, com as mãos em forma de garras. Quando toda a água escorreu, Rachel se inclinou para a frente. Ela se apoiou nas mãos e nos joelhos. Suas rótulas pareciam estar sendo esmagadas.

Deu um impulso para ficar meio de pé, agarrou-se a uma borda da banheira e, hesitando, pôs uma

perna para fora, depois a outra. Tinha saído. Seu coração se acalmou. Graças a Deus. Nenhum osso quebrado.

Talvez aquele fosse o último banho de banheira da sua vida.

Rachel se secou com a toalha e pegou o roupão no gancho atrás da porta. O roupão era de um tecido bonito e macio. Outro presente atencioso escolhido por Lauren. A casa de Rachel estava cheia de presentes atenciosos escolhidos por Lauren. Por exemplo, aquela vela grossa que tinha cheiro de baunilha e ficava dentro de um pote de vidro, na bancada do banheiro.

“Uma grande vela fedorenta”, teria dito Ed.

Ela sentia falta de Ed em momentos divertidos. Sentia falta de discutir com ele. Sentia falta do sexo. Eles continuaram fazendo sexo depois da morte de Janie. Ambos ficaram surpresos com isso, e enojados com o fato de seus corpos ainda reagirem do mesmo modo que antes, mas continuaram fazendo.

Ela sentia falta de todos eles: sua mãe, seu pai, seu marido, sua filha. Cada ausência era sentida como se fosse uma pequena ferida cruel e diferente. A morte de nenhum deles tinha sido justa. O assassinato de Janie fora responsável por todas elas. Causas naturais uma ova!

Não se atreva foi o estranho pensamento que veio à mente de Rachel quando viu Ed cair de joelhos no corredor numa manhã quente de fevereiro. E quis dizer: *Não se atreva a me deixar aqui para lidar sozinha com essa dor*. Ela soube na mesma hora que ele estava morto. Disseram que foi um derrame agressivo, mas Ed e os pais dela haviam morrido por causa de seus corações partidos. Somente o coração de Rachel se recusara, com teimosia, a fazer o que era certo e continuara batendo. Isso a fazia sentir vergonha, assim como seu apetite sexual. Ela continuava respirando, comendo, transando, vivendo, enquanto Janie apodrecia debaixo da terra.

Rachel passou a palma da mão pelo espelho embaçado e analisou seu reflexo por trás das gotas d'água. Pensou no jeito como Jacob a beijava, com suas mãozinhas gorduchas apertando as bochechas dela, seus grandes olhos azul-claros cravados nos dela, e toda vez que ele fazia isso, ela sentia uma gratidão inesperada por seu rosto enrugado poder inspirar tamanha adoração.

Em busca de algo para fazer, esbarrou de leve na vela, deslizando-a até a beira da bancada, o que a fez tombar no chão e se espatifar em cacos de vidro com cheiro de baunilha.

Cecilia estava fazendo sexo com o marido. Sexo bom. Sexo muito bom. Extremamente bom! Estavam fazendo sexo de novo. Viva!

— Ah, meu Deus — disse John-Paul, em cima dela. De olhos fechados. — Ah, meu Deus — ecoou Cecilia, concordando.

Era como se não tivesse havido problema algum. Eles foram para a cama aquela noite e se viraram um para o outro de um jeito tão natural quanto da primeira vez, quando eram jovens apaixonados e era inconcebível que fossem dormir juntos sem fazer sexo antes.

— Jesus. Cristo. — John-Paul jogou a cabeça para trás, em êxtase.

Cecilia gemeu, para mostrar a ele que também estava muito feliz.

Sexo. Muito. Bom. Sexo. Muito. Bom. Ela repetia as palavras seguindo o ritmo do movimento de seus corpos.

O que foi isso? Ela aguçou os ouvidos. Uma das meninas a estava chamando? Não. Nada. Droga. Agora ela tinha perdido a concentração. Perca o foco por um único momento e será o fim. De volta à estaca zero. A solução era o sexo tântrico, de acordo com Miriam. Agora estava pensando em Miriam. Então era mesmo o fim.

— Oh, Deus, oh, *Deus*.

John-Paul não parecia estar tendo dificuldade para manter o foco.

Gay! Gay, o caramba.

As meninas, que já deviam estar dormindo, mas tinham acabado de ir para a cama (a mãe de Cecilia não obedecia os horários), ficaram muito empolgadas ao verem o pai em casa antes do previsto.

As filhas pularam em cima dele, uma falando mais que a outra, contando a ele sobre *The Biggest Loser*, o Muro de Berlim, o comentário estúpido que Harriet tinha feito no balé outro dia, quanto peixe a mamãe as fizera comer etc.

Cecilia observara John-Paul pedir a Isabel que desse uma voltinha para ele admirar seu novo corte de cabelo, e não percebera nada de estranho no modo como ele olhava para a menina. Ele estava exausto, com olheiras, depois do longo voo (passara grande parte do dia preso em Auckland após ter conseguido um voo para casa mais cedo, que vinha pela Nova Zelândia), mas parecia feliz, satisfeito consigo mesmo por tê-las surpreendido. Não dava a impressão de ser um homem que derramava lágrimas secretas no chuveiro. E agora estavam fazendo sexo! Um sexo ótimo! Tudo estava bem. Não havia com o que se preocupar. Ele nem mencionara a carta. Não poderia ser nada importante, pois ele nem tinha tocado no assunto.

— Maior... *barato*.

John-Paul estremeceu e caiu por cima dela.

— Você acabou de dizer “maior barato”? — perguntou Cecilia. — Os anos setenta estão de volta.

— É, falei — respondeu John-Paul. — Demonstra satisfação. Por falar nisso, sinto que...?

— Estou bem — disse Cecilia. — Foi o maior barato, bicho. — Sem dúvida seria da próxima vez.

John-Paul riu, saiu de cima dela e a puxou para perto, passando os braços em volta de Cecilia e beijando seu pescoço.

— Fazia um tempo — observou ela, em tom neutro.

— Eu sei — reconheceu John-Paul. — Por que isso? Esse foi o motivo que me fez voltar para casa antes. De repente, fiquei excitado para caramba.

— Passei todo o funeral da Irmã Ursula pensando em sexo — contou Cecilia.

— É isso aí. — A voz de John-Paul estava sonolenta.

— Um caminhoneiro assobiou para mim outro dia. Ainda estou com tudo em cima, só para você saber.

— Não preciso que um maldito caminhoneiro me diga que minha mulher ainda está com tudo em cima. Você estava de roupa de ginástica, aposto.

— Estava. — Ela fez uma pausa. — Alguém assobiou para Isabel outro dia no shopping.

— Filho da mãe — resmungou John-Paul, mas sem muita intensidade. — Ela parece muito mais nova com esse corte de cabelo.

— Eu sei. Mas não diga isso a ela.

— Não sou idiota. — Ele parecia estar quase dormindo.

Tudo estava bem. Cecilia sentiu sua respiração começar a se acalmar. Fechou os olhos.

— Muro de Berlim, é? — disse John-Paul.

— É.

— Já estava de saco cheio do *Titanic*.

— Eu também.

Cecilia se permitiu começar a pegar no sono. *Tudo de volta aos trilhos. Tudo como deveria ser. Tanta coisa para fazer amanhã.*

— O que você fez com aquela carta?

Os olhos de Cecilia se abriram. Ela olhou direto para a frente no escuro.

— Eu a guardei de volta no sótão. Numa daquelas caixas de sapatos.

Era mentira. Uma mentira deslavada e maldosa saindo de seus lábios com a mesma facilidade de uma mentirinha à toa sobre satisfação com sexo ou com um presente. A carta estava no arquivo do escritório, no fim do corredor.

— Você a abriu?

Havia alguma coisa no seu tom de voz. Ele estava totalmente acordado, mas fazia sua voz soar sonolenta e desinteressada. Ela podia sentir a tensão emanando de todo o corpo dele, como uma corrente elétrica.

— Não — respondeu ela, também fazendo sua voz soar sonolenta. — Você me pediu... então não abri.

Em volta dela, os braços de John-Paul pareceram mais leves.

— Obrigado. Fiquei constrangido.

— Não seja bobo.

A respiração dele se acalmou. Ela permitiu que a sua acompanhasse o ritmo da dele.

Ela havia mentido porque não queria perder a oportunidade de ler a carta, se e quando decidisse fazer isso. Agora havia uma mentira real entre eles. Droga. Ela só queria esquecer aquela maldita carta.

Mas estava tão cansada. Só pensaria nisso no dia seguinte.

Era impossível saber quanto tempo tinha dormido quando acordou na cama vazia. Cecília estreitou os olhos para o relógio digital na mesinha de cabeceira. Não conseguia enxergar sem os óculos.

— John-Paul? — chamou ela, apoiando-se nos cotovelos.

Não havia som algum vindo do banheiro da suíte. Em geral, ele dormia como uma pedra depois de um voo tão longo.

Ela ouviu um barulho acima de sua cabeça.

Sentou-se, completamente alerta, o coração disparado com o entendimento imediato. Ele estava no sótão. *Ele nunca ia ao sótão.* Ela vira as gotinhas de suor se formando acima de seu lábio superior quando ele tinha um ataque de claustrofobia. Ele devia querer muito aquela carta para estar disposto a subir lá.

Ele não dissera certa vez: “Só uma questão de vida ou morte para me fazer ir lá em cima”?

Será que a carta era uma questão de vida ou morte?

Cecília não hesitou. Saiu da cama, andou até o fim do corredor no escuro e entrou no escritório. Acendeu a luminária da escrivaninha, abriu a primeira gaveta do arquivo e puxou a pasta parda identificada como “Testamentos”.

Sentou-se na cadeira de couro, girou-a para ficar de frente para a escrivaninha e abriu a pasta na pequena poça de luz amarela formada pela luminária.

Para minha esposa, Cecília Fitzpatrick. Para ser aberto apenas na ocasião da minha morte.

Puxou a primeira gaveta e pegou o abridor de cartas.

Ouvia passos frenéticos acima de sua cabeça, o barulho de algo caindo. Ele parecia um louco. Cecília se deu conta de que, para que ele estivesse na Austrália agora, só podia ter ido direto para o aeroporto após ter conversado com ela por telefone ontem à noite.

Pelo amor de Deus, John-Paul, o que está acontecendo?

Com um único movimento rápido e violento, ela cortou o envelope. Puxou de lá uma carta escrita à mão. Por um momento, seus olhos não conseguiram focar. As palavras dançavam na sua frente.

nossa filha, Isabel

sinto muito deixá-la com isso

me deram mais felicidade do que eu jamais mereci

Ela se obrigou a ler direito. Da esquerda para a direita. Frase a frase.

Tess acordou de repente, irreparavelmente alerta. Olhou para o relógio digital ao lado de sua cama e resmungou. Eram apenas onze e meia da noite. Acendeu a luminária com um movimento brusco e se deitou de costas, os olhos fixos no teto.

Aquele era seu antigo quarto, mas não havia muita coisa ali que a fizesse lembrar de sua infância. Tess mal tinha saído de casa quando sua mãe transformara o cômodo num elegante quarto de hóspedes, com uma cama queen size, mesinhas de cabeceira combinando e luminárias. O oposto de tia Mary, que reverentemente mantinha o quarto de Felicity tal qual ela o deixara. O quarto da prima parecia um sítio arqueológico preservado com perfeição, os pôsteres da *TV Week* ainda colados nas paredes.

A única parte do quarto de Tess que permanecera intocada tinha sido o teto. Ela deixou os olhos percorrerem as bordas onduladas das cornijas brancas. Antes, ela ficava deitada na cama olhando para o teto nas manhãs de domingo, preocupada com o que falara na festa da noite anterior, ou com o que não falara, ou com o que deveria ter dito. Festas a apavoravam. Até hoje. Era a falta de estrutura, a casualidade, não saber onde se sentar. Se não fosse por Felicity, ela nunca teria ido a uma, mas a prima estava sempre louca para ir. Ela ficava num canto com Tess, tecendo críticas ácidas sobre todos os convidados em voz baixa, fazendo a prima rir.

Felicity fora sua salvadora.

Isso era verdade?

Naquela noite, ao se sentar com a mãe para tomar um copo de conhaque e comer chocolate demais — “Foi assim que enfrentei a situação quando seu pai foi embora”, explicara Lucy. “É terapêutico” —, conversaram sobre o telefonema de Felicity, e Tess perguntou:

— Na outra noite, você adivinhou que o problema era Will e Felicity. Como sabia?

— Felicity nunca deixou que você tivesse algo só para si — disse a mãe.

— O quê? — Tess ficou perplexa, incrédula. — Isso não é verdade.

— Você quis aprender piano. Felicity estudou piano. Você jogava basquete. Felicity foi jogar basquete. Você era muito boa no esporte, então Felicity ficou para trás; e depois você perdeu de repente o interesse no basquete. Você seguiu carreira publicitária. E que surpresa! Felicity seguiu carreira publicitária.

— Ah, mãe — disse Tess. — Não sei. Você faz tudo parecer tão premeditado. Apenas gostávamos de fazer as mesmas coisas. De todo modo, Felicity é designer gráfica! Eu era gerente de marketing São coisas bem diferentes.

Mas não para a mãe dela, que havia comprimido os lábios como se soubesse do que estava falando antes de tomar o resto do conhaque.

— Olhe, não estou dizendo que ela é de *toda* má. Mas Felicity sufocava você! Quando você nasceu, me lembro de ter agradecido a Deus por não ter tido gêmeas, pois assim você poderia levar a sua vida como bem entendesse, sem toda aquela comparação e competitividade. E então, de algum modo, você e Felicity

acabaram como Mary e eu, como gêmeas! *Pior* do que gêmeas! Eu me perguntava que tipo de pessoa você teria se tornado se ela não tivesse ficado respirando no seu cangote o tempo todo, que amigos teria feito...

— *Amigos?* Eu não teria feito amigo algum! Era tímida demais! Tão tímida que era praticamente incapacitada. E continuo sendo meio esquisitona em situações sociais.

Ela parou quando estava prestes a contar para a mãe seu autodiagnóstico.

— Felicity a deixava tímida — disse Lucy. — Era conveniente para ela. Você não era tão envergonhada assim.

Tess mexeu o pescoço encostado no travesseiro. Era duro demais; ela sentia falta do seu próprio travesseiro que ficara em casa, em Melbourne. Será que o que sua mãe dissera era verdade? Ela tinha passado a maior parte da vida numa relação nada saudável com a prima?

Pensou naquele verão quente, estranho e terrível quando o casamento de seus pais chegara ao fim. O pai colocara as roupas na mala que a família usava nas férias e fora morar num apartamento que cheirava a mofo e tinha móveis finos e estreitos típicos da casa de uma senhora. E a mãe passara os oito dias seguintes com o mesmo vestido velho e sem caimento, andando pela casa rindo, chorando e murmurando: “Já vai tarde, cara.” Tess tinha dez anos. Foi Felicity que a ajudou a passar por aquele verão, que a levou à piscina pública e se deitou ao seu lado no concreto, sob o sol escaldante (e Felicity, com sua bela pele branca, detestava tomar sol), pelo tempo que Tess quisesse, que gastou o *próprio dinheiro* num álbum de grandes hits só para que ela se sentisse melhor, que buscou tigelas de sorvete com cobertura de chocolate sempre que ela se sentava no sofá e chorava.

Foi para Felicity que Tess ligou quando perdeu a virgindade, quando perdeu o primeiro emprego, quando um namorado terminou com ela pela primeira vez, quando Will disse “eu te amo”, quando ele a pediu em casamento, quando a bolsa estourou, quando Liam deu os primeiros passos, quando ela e Will tiveram a primeira briga séria.

Elas haviam compartilhado tudo a vida inteira. Brinquedos. Bicicletas. A primeira casa de bonecas das duas (que ficava na casa da avó delas). O primeiro carro. Os primeiros apartamentos. As primeiras férias no exterior. O marido de Tess.

Ela deixara Felicity desfrutar de Will. É claro que deixara. Havia permitido que Felicity fosse como uma mãe para Liam e como uma esposa para Will. Tinha dividido toda a sua vida com ela. Porque, sem dúvida, Felicity era gorda demais para encontrar o próprio marido e ter a própria vida. Era isso que Tess pensava no seu subconsciente? Ou era porque ela considerava Felicity gorda demais para sequer *precisar* de uma vida própria?

E então Felicity ficou gananciosa. E quis Will só para ela.

Se tivesse sido qualquer mulher que não Felicity, Tess jamais teria dito: “Tenha seu casinho e depois devolva meu marido.” Seria inconcebível.

Mas como era Felicity estava... tudo bem? Era perdoável? Era isso que ela queria dizer? Tess já tinha dividido uma escova de dentes com Felicity, então também a deixaria usar seu marido? Contudo, ao mesmo tempo, isso também tornava a traição pior. Um milhão de vezes pior.

Ela se virou de bruços e apertou o rosto no travesseiro. Seus sentimentos por Felicity eram irrelevantes. Precisava pensar em Liam. (“E quanto a *mim*?”, perguntava a menina de dez anos que fora um

dia, quando os pais se separaram. “A minha opinião não conta?” Ela achava que era o centro do mundo deles, e então descobrira que não tinha poder de voto. Nenhum controle.)

Para as crianças, não existe essa coisa de divórcio amigável. Ela havia lido isso em algum lugar, apenas algumas semanas atrás, antes de tudo acontecer. Mesmo quando a separação era absolutamente amigável, mesmo se ambos os pais se esforçassem bastante, as crianças sofriam.

Tess chutou as cobertas e saiu da cama. Precisava ir a algum lugar, sair daquela casa e fugir de seus pensamentos. *Will. Felicity. Liam. Will. Felicity. Liam.*

Ela pegaria o carro da mãe e sairia dirigindo. Baixou os olhos para sua calça de pijama listrada e a camiseta. Deveria se trocar? Não tinha nada para vestir, de qualquer jeito. Não havia trazido roupas suficientes. Não importava. Ela não iria sair do carro. Calçou um par de sapatilhas e se arrastou para fora do quarto, descendo o corredor, os olhos se adaptando à escuridão. A casa estava silenciosa. Tess acendeu a luz da sala de jantar e deixou um bilhete para a mãe, caso ela acordasse.

Volto logo, fui dar uma volta no quarteirão. Bjs, Tess

Pegou a carteira, a chave do carro da mãe que estava num gancho atrás da porta e saiu para o doce e suave ar noturno, respirando fundo.

Dirigiu o Honda da mãe pela Pacific Highway com os vidros abertos e o rádio desligado. A Costa Norte de Sydney estava silenciosa, deserta. Um homem carregando uma mala, que devia ter pegado o trem para casa depois de trabalhar até tarde, andava apressado pela calçada.

Uma mulher provavelmente não iria sozinha da estação para casa a pé àquela hora da noite. Tess lembrou que, certa vez, Will lhe falara que detestava andar atrás de uma mulher à noite, para que ela não ouvisse seus passos e pensasse que ele era um maniaco. “Sempre tenho vontade de gritar: ‘Está tudo bem! Não sou um maniaco’”, confessara ele. “Eu sairia correndo para salvar minha vida se alguém gritasse isso para mim”, dissera Tess. “Viu, não tem jeito”, concluía Will.

Sempre que alguma coisa ruim acontecia na Costa Norte, os jornais descreviam o lugar como “a frondosa Costa Norte de Sydney”, para que tudo parecesse ainda mais terrível.

Tess parou num sinal de trânsito, baixou os olhos e viu a luz vermelha da reserva de combustível.

— Droga — reclamou ela.

Havia um posto vinte e quatro horas bastante iluminado na próxima esquina. Ela pararia ali. Foi até lá e saiu do carro. O local estava vazio, exceto por um homem numa moto do outro lado do pátio, colocando de volta o capacete depois de ter abastecido.

Ela abriu o tanque de combustível do carro e tirou a pistola da bomba do suporte.

— Oi — disse uma voz masculina.

Ela pulou de susto e se virou. O homem tinha se aproximado com a moto, e estava do outro lado do carro dela. Ele levantou o capacete. As luzes fortes do posto de gasolina brilhavam nos olhos de Tess, ofuscando sua visão. Não conseguia distinguir os traços dele, apenas a forma branca e assustadora de um rosto.

Os olhos dela se desviaram para o balcão vazio dentro da loja de conveniência do posto. Onde estava o maldito atendente? De forma protetora, Tess colocou o braço na frente do peito sem sutiã. Pensou num programa da Oprah que tinha visto com Felicity, no qual um policial ensinava às mulheres o que elas

deveriam fazer se alguma vez fossem abordadas. Você deveria ser extremamente agressiva e gritar coisas como: “Não! Vá embora! Não quero confusão! Vá embora! Vá!” Por um tempo, ela e Felicity se divertiram muito gritando isso para Will sempre que ele entrava num cômodo.

Tess pigarreou e cerrou os punhos, como se estivesse numa de suas aulas de luta. Seria muito mais fácil ser agressiva se estivesse de sutiã.

— Tess — disse o homem. — Sou eu. Connor. Connor Whitby.

Rachel acordou de um sonho que se dissolveu e sumiu antes de conseguir registrá-lo. Só conseguia se lembrar do pânico. Algo a ver com água. Janie quando era pequena. Ou seria Jacob?

Ela se sentou na cama e olhou para o relógio. Eram onze e meia. A casa estava com um cheiro enjoativo de baunilha por causa da vela que ela quebrara depois de ficar presa na banheira.

Sua boca estava seca por causa do álcool que bebera na reunião da Tupperware. Parecia que tinham se passado anos desde então, e não horas. Ela saiu da cama. Não fazia sentido tentar voltar a dormir. Ficaria acordada até que a luz cinzenta do amanhecer invadissem a casa.

Instantes depois, ela havia montado a tábua de passar e estava usando o controle remoto para mudar os canais da TV. Não tinha nada de bom para assistir.

Então foi até o armário embaixo da TV onde guardava todas as fitas de videocassete. Ela mantinha o velho aparelho de vídeo ligado para que pudesse assistir à sua antiga coleção de filmes. “Mãe, todos esses filmes estão disponíveis em DVD”, Rob vivia dizendo, preocupado, como se de alguma forma fosse ilegal continuar usando um videocassete. Ela passou o dedo pela lombada das fitas, mas não estava no clima para Grace Kelly, Audrey Hepburn ou até mesmo Cary Grant.

Foi pegando as fitas ao acaso e encontrou uma com a lombada branca cheia de coisas escritas à mão: a letra dela, de Ed, de Janie e de Rob. Eles tinham riscado os nomes dos programas cada vez que gravavam outro por cima. As crianças de hoje provavelmente considerariam essa fita uma relíquia. Elas não baixavam os programas na internet agora? Rachel ia deixar a fita de lado, mas se distraiu lendo os nomes dos programas a que assistiam nos anos oitenta: *The Sullivans*, *A Country Practice*, *Sons and Daughters*. Pelo visto Janie tinha sido a última a usar a fita. Havia escrito *Sons and Daughters* com sua letra feia e rabiscada.

Engraçado. Fora graças a esse programa que ela vencera o jogo daquela noite. Ela se lembrava de Janie deitada no chão da sala, vibrada naquela bobagem, cantando junto com a música melosa da abertura. Como era mesmo? Rachel quase podia ouvir a melodia em sua cabeça.

Num impulso, enfiou a fita no videocassete e apertou o play.

Tornou a se sentar e assistiu ao fim de um comercial de margarina, com o som e o visual cômicos e datados das propagandas de TV. Então *Sons and Daughters* começou. Rachel cantou a música em sua cabeça, surpresa que todas as palavras pudessem ser recuperadas pelo seu subconsciente. Ali estava Pat the Rat, mais jovem e atraente do que Rachel se lembrava. O rosto atormentado do ator principal apareceu na tela, profundamente franzido. Ele continuava no ar, era a estrela de algum programa policial. As vidas de todos tinham seguido em frente. Até mesmo dos protagonistas de *Sons and Daughters*. A pobre da Janie fora a única que tinha ficado presa para sempre em 1984.

Ela ia tirar a fita quando ouviu a voz de Janie perguntar: “Está ligado?”

O coração de Rachel parou. Sua mão ficou congelada no ar.

O rosto de Janie encheu a tela, olhando direto para a câmera, com uma expressão alegre e insolente.

Ela estava usando delineador verde e tinha exagerado no rímel. Havia uma pequena espinha na lateral do seu nariz. Rachel achava que conhecia o rosto da filha de cor, mas se esquecera de coisas que não sabia que tinha esquecido — por exemplo, como eram exatamente os dentes e o nariz de Janie. Não havia nada de especial em relação a eles, exceto que eram *de Janie*, e ali estavam eles outra vez. O canino esquerdo era apenas um pouquinho virado para dentro. Seu nariz, um tantinho grande demais. Apesar disso, ou talvez por causa disso, ela era bonita, ainda mais bonita do que Rachel se lembrava.

Eles nunca tiveram uma filmadora. Ed não achava que valia o preço. A única cena que ela tinha de Janie viva era do casamento de uma amiga, quando a filha fora dama de honra.

— Janie. — Rachel tocou a tela da TV.

“Você está perto demais da câmera”, disse a voz de um garoto.

Rachel deixou a mão cair.

Janie se afastou. Estava usando uma calça jeans de cintura alta, com um cinto metálico prata e uma blusa roxa de mangas compridas. Rachel se lembrava de ter passado aquela blusa roxa. As mangas eram difíceis, com um plissado complicado.

Janie era bonita de verdade, como um pássaro delicado, uma garça talvez, mas santo Deus, ela era mesmo *tão* magra assim? Os braços e as pernas eram tão finos. Havia algo de errado com ela? Janie tivera anorexia? Como Rachel não notara?

Janie se sentou na beirada de uma cama de solteiro. Estava num quarto que Rachel nunca vira. A cama tinha uma colcha listrada vermelha e azul. As paredes eram cobertas por um painel de madeira marrom-escuro. Janie baixou o queixo e ergueu os olhos para a câmera, forçando uma expressão séria, enquanto erguia um lápis na altura da boca, fingindo que era um microfone.

Rachel riu alto e entrelaçou as mãos, como se estivesse rezando. Tinha se esquecido disso também. Como pôde se esquecer? Janie fingia ser uma repórter nos momentos mais estranhos. Era capaz de entrar na cozinha, pegar uma cenoura e perguntar: “Conte-me, Sra. Rachel Crowley, como foi o seu dia hoje? Normal? Extraordinário?” E então colocava a cenoura na frente de Rachel, que se inclinaria para a frente e diria: “Normal.”

Claro que ela respondia “normal”. Seus dias eram sempre muito normais.

— Boa noite, sou Janie Crowley e estou falando ao vivo de Turramurra, onde estou entrevistando um jovem recluso chamado Connor Whitby.

Rachel prendeu a respiração. Virou a cabeça e o nome “Ed” ficou preso em sua garganta. *Ed. Venha. Você precisa ver isso.* Fazia anos desde a última vez que tinha feito aquilo.

Janie voltou a falar no lápis:

— Se você pudesse chegar só um pouco mais perto, Sr. Whitby, para que meus telespectadores possam vê-lo.

— Janie.

— *Connor.* — Janie imitou o tom dele.

Um garoto de peito largo e cabelo escuro, usando short e uma camiseta de rúgbi listrada de amarelo e azul, deslizou pela cama, até se sentar ao lado de Janie. Ele fitou a câmera mas logo desviou o olhar, desconfortável, como se pudesse ver a mãe de Janie vinte e oito anos no futuro, assistindo aos dois.

Connor tinha corpo de homem e rosto de menino. Rachel podia ver marcas de espinhas na testa dele. Ele tinha aquele olhar faminto, amedrontado e triste que se via em tantos adolescentes. Todos pareciam precisar tanto esmurrar uma parede quanto de um afago. O Connor de trinta anos atrás não habitava seu corpo tão à vontade quanto o fazia agora. Não sabia o que fazer com os braços e as pernas. Estendeu as pernas para a frente e bateu na palma de uma das mãos com a outra cerrada em punho.

Rachel podia ouvir seus próprios arquejos ásperos. Queria entrar na TV e arrancar Janie dali. O que ela estava fazendo lá? devia estar no quarto de Connor. Mas não tinha permissão para ficar sozinha no quarto de um garoto. Ed teria tido um ataque.

Janie Crowley, mocinha, volte para casa agora mesmo.

— Por que você precisa que eu apareça? — perguntou Connor, voltando os olhos para a filmadora. — Não posso apenas ficar atrás da câmera?

— O entrevistado não pode ficar atrás da câmera — disse Janie. — Posso precisar dessa fita quando for me candidatar a um emprego de repórter no *60 Minutes*.

Ela sorriu para Connor, que retribuiu o gesto: um sorriso involuntário, apaixonado.

“Apaixonado” era a palavra certa. O garoto estava apaixonado pela sua filha. “Éramos apenas bons amigos”, contara ele para a polícia. “Ela não era minha namorada.” “Mas eu conheço todos os amigos dela”, informara Rachel aos policiais. “Conheço a mãe de todos eles.” Ela percebia a contenção educada em seus rostos.

— Então, Connor, fale-me sobre você. — Janie estendeu o lápis para ele.

— O que você quer saber?

— Bem, por exemplo, você tem namorada?

— Não sei — respondeu Connor. Ele lançou um olhar penetrante para Janie e, de repente, pareceu mais velho. Inclinou-se para a frente e falou no lápis: — Eu *tenho* namorada?

— Isso depende. — Janie enrolou o rabo de cavalo com o dedo. — O que você tem a oferecer? Quais são seus pontos fortes? E seus pontos fracos? Quero dizer, você precisa se vender um pouquinho, sabe?

Ela soava boba agora, estridente e lamuriante, até. Rachel se encolheu. *Ah, Janie, querida, pare com isso! Fale direito. Você não pode falar com ele assim.* Só nos filmes as adolescentes ficavam bem flertando com sensualidade. Na vida real, era uma tortura vê-las se contorcendo daquele jeito.

— Meu Deus, Janie, se você *ainda* não consegue me dar uma resposta direta, quero dizer... porra!

Connor se levantou da cama e Janie deu uma risadinha de desdém, ao mesmo tempo em que franziu o rosto como uma criança, mas Connor pôde ouvir a risada. Ele andou na direção da câmera. Sua mão estava estendida e encheu a tela.

Rachel esticou o braço para detê-lo. *Não, não desligue. Não a tire de mim.*

Imediatamente a tela foi tomada pelo chuveiro, e a cabeça de Rachel pendeu para trás, como se ela tivesse levado um tapa.

Maldito. Assassino.

Ela estava cheia de adrenalina, impulsionada pelo ódio. Ora, isso era uma *evidência*! Uma nova evidência depois de todos esses anos!

“Pode me ligar a qualquer hora, Sra. Crowley, se algo lhe ocorrer. Não me importo que seja no meio da noite.” O Sargento Bellach dissera isso tantas vezes que já tinha ficado chato.

Ela nunca ligara. Agora pelo menos tinha algo para ele. Eles o pegariam. Ela poderia se sentar num tribunal e ver o juiz declarar Connor Whitby culpado.

Enquanto seus dedos golpeavam os números do telefone do Sargento Bellach, ela se balançava para cima e para baixo, na ponta dos pés, com a imagem do rosto franzido de Janie em sua mente.

— Connor — disse Tess. — Só vim abastecer.

— Não brinca! — zombou ele.

Tess levou um tempo para entender.

— Você me assustou — confessou ela, com um toque de petulância na voz, por estar constrangida.

— Achei que fosse um maniaco.

Ela encaixou a pistola no tanque de combustível. Connor continuou ali de pé, sem se mover, segurando o capacete debaixo de um dos braços e olhando para ela como se estivesse esperando alguma coisa. *Ok, muito bem, chega de papo, certo? Suba na moto. Dê o fora.* Tess preferia que as pessoas de seu passado continuassem no passado. Ex-namorados, velhos amigos de escola, antigos colegas — sério, qual o sentido deles? As vidas seguiam em frente. Tess até gostava de se lembrar das pessoas que conheceu, mas não com elas. Ela apertou o gatilho da pistola de combustível, sorrindo para ele de um jeito cauteloso e educado, enquanto tentava lembrar como exatamente o relacionamento que tiveram tinha terminado. Fora quando ela e Felicity se mudaram para Melbourne? Connor foi um namorado entre muitos outros. Tess costumava terminar com eles antes que terminassem com ela. Em geral, depois de Felicity ter zombado deles. Sempre havia um novo garoto para assumir o lugar do anterior. Tess achava que isso acontecia porque ela era atraente na medida certa: não muito intimidante. Sempre dizia sim para qualquer um que a chamasse para sair. Não passava pela sua cabeça dizer não.

Lembrou que Connor sempre fora mais entusiasmado do que ela — Tess o considerava velho e sério demais. Fora em seu primeiro ano na universidade; ela tinha apenas dezenove, e, de certo modo, ficara perplexa com o intenso interesse que aquele garoto mais velho e caladão demonstrava por ela.

Ela bem que podia tê-lo tratado muito mal. Era tão insegura na adolescência, o tempo todo preocupada com o que as pessoas pensavam dela e como poderiam magoá-la, que nem considerava o impacto que ela mesma poderia causar nos sentimentos dos outros.

— Eu estava mesmo pensando em você — disse Connor. — Depois que a vi na escola esta manhã, fiquei me perguntando se você gostaria de, hã, dar uma volta? Tomar um café, talvez?

— Ah! — exclamou Tess.

Um café com Connor Whitby. Isso era tão, tão inoportuno, parecia quando Liam sugeria que montassem um quebra-cabeça bem na hora em que Tess estava tentando resolver um problema com o computador ou com o encanamento. Toda a sua vida tinha acabado de desmoronar! Ela não iria tomar um café com esse doce, porém essencialmente entediante, ex-namorado da adolescência.

Ele não sabia que ela era comprometida? Tess mexeu a mão na pistola de combustível, de modo que a aliança ficasse bem à vista. Ainda se sentia casada.

Pelo visto, voltar para casa era como entrar no Facebook, onde ex-namorados de meia-idade saíam rastejando de todos os cantos como baratas, convidando para tomar drinques, mostrando as anteninhas

nojentas para possíveis *affaires*. Connor era casado? Ela olhou de relance para as mãos dele, procurando uma aliança.

— Não estou falando de um *encontro*, se é isso que está pensando — disse ele.

— Não estava pensando nisso.

— Sei que você é casada, não se preocupe. Não sei se você se lembra do filho da minha irmã, Benjamin? Enfim, ele acabou de se formar e quer trabalhar com publicidade ou marketing. Essa é a sua área, não é? Na verdade, estava pensando em me aproveitar da sua experiência profissional. — Ele mordeu o interior da bochecha. — Talvez “me aproveitar” seja uma escolha errada de palavras.

— Benjamin já terminou a faculdade? — Tess estava pasma. — Mas não é possível... Ele estava no jardim de infância!

As memórias voltaram numa enxurrada. Um minuto atrás ela não teria sido capaz de lembrar o nome do sobrinho de Connor, ou até mesmo que ele tinha um. Agora, de repente, ela podia ver o tom exato de verde pálido das paredes do quarto de Benjamin.

— Faz dezesseis anos que ele estava no jardim de infância — disse Connor. — Agora ele tem um metro e noventa, é cabeludo e tatuou um código de barras na nuca. Estou falando sério. Um código de barras.

— Nós o levamos ao zoológico — comentou Tess, impressionada.

— É possível.

— Sua irmã estava dormindo pesado. — Tess se lembrou de uma mulher de cabelo escuro enroscada no sofá. — Estava doente. — Ela não era mãe solteira? Não que Tess tivesse admirado isso na época. Devia ter se oferecido para ir fazer as compras de casa para ela. — Como vai sua irmã?

— Ah, bem, na verdade, nós a perdemos há alguns anos. — Ele soava defensivo. — Ataque cardíaco. Tinha apenas cinquenta anos. Estava saudável e em boa forma, então foi... um choque terrível. Sou o tutor de Benjamin.

— Meu Deus, sinto muito, Connor. — A voz de Tess falhou diante daquela notícia inesperada.

O mundo era um lugar desesperadoramente triste. Ele não era muito ligado à irmã? Qual era o nome dela? Lisa. Isso, era Lisa.

— Um café seria ótimo — disse ela de repente, por impulso. — Você pode se aproveitar do meu cérebro. Se é que ele vai ser útil.

Ela não era a única que sofria. As pessoas perdiam seus entes queridos. Maridos se apaixonavam por outras mulheres. Além do mais, um café com alguém completamente alheio à sua vida atual seria a distração perfeita. Connor Whitby não era assustador.

— Seria ótimo. — Connor sorriu. Ela não lembrava que ele tinha um sorriso tão atraente. Ele ergueu o capacete. — Eu ligo ou mando um e-mail.

— Ok, você precisa do meu...

A pistola de combustível estalou, indicando que o tanque estava cheio. Tess a retirou do carro e a encaixou de volta na bomba.

— Agora você é uma das mães da St. Angela — disse Connor. — Consigo localizá-la.

— Ah. Que bom.

Uma das mães da St. Angela. Ela se sentiu estranhamente exposta. Virou-se para encará-lo com a chave do carro e a carteira na mão.

— A propósito, belo pijama. — Connor olhou-a de cima a baixo e sorriu.

— Obrigada — disse Tess. — Gostei da sua moto. Não me lembro de você ter uma.

Ele não dirigia algum tipo de sedã pequeno e sem graça?

— Crise de meia-idade.

— Acho que meu marido está passando por isso — comentou Tess.

— Espero que não esteja sendo muito difícil para você.

Tess deu de ombros. Ha ha. Voltou a olhar para a moto e falou:

— Quando eu tinha dezessete anos, minha mãe disse que me pagaria quinhentos dólares se eu assinasse um contrato prometendo que nunca andaria na garupa da moto de um garoto.

— Você assinou?

— Assinei.

— Nunca burlou o contrato?

— Não.

— Tenho quarenta e cinco anos — disse Connor. — Não sou bem um garoto.

Seus olhares se encontraram. Aquela conversa estava se tornando... um flerte? Ela se lembrava de acordar ao lado dele num quarto todo branco com uma janela que dava para uma avenida movimentada. Ele não tinha um *colchão d'água*? Ela e Felicity não haviam rido de um jeito bobo por causa disso? Ele usava um medalhão de São Cristóvão que ficava balançando acima do rosto dela quando transavam. De repente ela se sentiu enjoada. Infeliz. Isso era um erro.

Connor pareceu perceber a mudança em seu humor.

— Enfim, Tess, ligo para você qualquer hora dessas para marcarmos o café.

Ele pôs o capacete, virou a moto, ergueu a mão com uma luva preta e se afastou, fazendo o motor rugir.

Tess o observou ir embora, e então lhe ocorreu, com certo choque, que ela tivera seu primeiro orgasmo naquele ridículo colchão d'água. Na verdade, agora que pensava no assunto, também fizera algumas outras coisas pela primeira vez naquele colchão. *Slosh, slosh*, fazia a cama. Naquela época, o sexo, sobretudo para uma garota católica como Tess, era muito dolorido, sujo e novo.

Ao entrar na loja de conveniência iluminada demais para pagar a gasolina, ela ergueu os olhos e viu seu reflexo num espelho de segurança. Seu rosto, notou, estava bastante corado.

— Então você leu — disse John-Paul.

Cecilia olhou para ele como se nunca o tivesse visto. Um homem de meia-idade que tinha sido muito bonito e ainda era, pelo menos para ela. John-Paul tinha um rosto honesto, confiável. Você compraria um carro usado dele. Aquele famoso maxilar dos Fitzpatrick. Todos os garotos Fitzpatrick tinham queixos fortes. O cabelo dele era basto, grosso e grisalho. Continuava vaidoso com o cabelo. Gostava de secá-lo. Os irmãos pegavam no pé dele por causa disso. Ele parou na porta do escritório, usando a cueca samba-canção listrada de azul e branco e uma camiseta vermelha. Seu rosto estava pálido e suado, como se estivesse sofrendo de intoxicação alimentar.

Cecilia não o ouvira descer do sótão, nem andar pelo corredor. Não sabia quanto tempo havia que estava parado ali, enquanto ela continuava sentada, fitando, com o olhar perdido, as próprias mãos, que, ela percebia agora, estavam angelicalmente entrelaçadas em seu colo, como se fosse uma menininha na igreja.

— Li — confirmou ela.

Puxou a folha de papel para perto de si e leu de novo, devagar, como se dessa vez, com John-Paul de pé na frente dela, a carta com certeza fosse dizer algo diferente.

Tinha sido escrita com uma caneta esferográfica azul numa folha de papel pautada. Estava cheia de sulcos, como braile. Ele devia ter pressionado a caneta com força, como se tentasse gravar cada palavra no papel. Não havia parágrafos nem espaços. As palavras estavam espremidas, sem pausa.

Minha querida Cecilia,

Se você está lendo isto é porque eu morri, o que parece muito melodramático de se escrever, mas acho que todo mundo morre. Você está no hospital agora, com nossa filhinha, Isabel. Ela nasceu bem cedo nesta manhã.

Ela é tão linda e pequena e indefesa. Nunca senti nada parecido como quando a segurei pela primeira vez. Já estou apavorado que alguma coisa aconteça a ela. E é por isso que preciso escrever esta carta. Caso algo aconteça comigo, pelo menos fiz isto. Pelo menos tentei fazer o que era certo. Bebi algumas cervejas. Posso não estar fazendo sentido. Provavelmente vou rasgar esta carta. Cecilia, preciso lhe contar que quando eu tinha dezessete anos matei Janie Crowley. Se os pais dela ainda estiverem vivos você pode, por favor, dizer a eles que sinto muito e que foi um acidente. Não foi premeditado. Perdi a cabeça. Eu tinha dezessete anos e era um idiota. Não acredito que era eu. Parece um pesadelo. É como se eu estivesse drogado, ou bêbado, mas não estava. Estava perfeitamente sóbrio. Eu simplesmente explodi. Meu cérebro deu um estalo, como dizem aqueles jogadores de rúgbi imbecis. Parece que estou tentando justificar, mas não estou procurando desculpas. Fiz essa coisa terrível, inimaginável, e não consigo explicar. Sei o que você está pensando, Cecilia, porque tudo é muito claro para você. Está pensando: por que ele não confessou? Mas você sabe por que eu não poderia ir para a cadeia, Cecilia. Sabe que eu não poderia ficar trancafiado. Sei que sou um covarde. Foi por isso que tentei me

matar quando tinha dezoito anos, mas não tive estômago para ir até o fim. Por favor, diga a Ed e Rachel Crowley que nunca passei um dia sequer sem pensar na filha deles. Diga a eles que aconteceu muito rápido. Janie estava rindo apenas alguns segundos antes. Ela foi feliz até o fim. Talvez isso apenas soe terrível. Soa terrível. Não diga isso a eles. Foi um acidente, Cecília. Janie me contou que estava apaixonada por outro garoto e riu de mim. Foi só isso o que ela fez. Perdi a cabeça. Por favor, diga aos Crowley que sinto muito, não poderia lamentar mais. Por favor, diga a Ed Crowley que agora que sou pai entendo exatamente o que fiz. A culpa tem sido um tumor me devorando, e agora está pior do que nunca. Sinto muito deixar você com isso, Cecília, mas sei que você é forte o bastante para lidar com a situação. Amo tanto você e nossa bebê, e vocês me deram mais felicidade do que eu jamais mereci. Eu não merecia nada e ganhei tudo. Sinto muito.

Com todo o meu amor,

John-Paul

Cecília achava que sentira raiva antes, várias vezes, mas agora percebia que não fazia ideia do que era raiva de verdade. A queimação pura e cristalina. Era um sentimento frenético, louco, admirável. Ela sentia que poderia voar. Poderia voar pelo cômodo, como um demônio, e deixar marcas sangrentas de arranhões no rosto de John-Paul.

— É verdade? — perguntou ela.

Ficara desapontada com o tom de sua voz. Estava fraco. Não parecia vir de alguém devastado pela raiva.

— É verdade? — repetiu ela, dessa vez com mais força.

Ela sabia que sim, mas seu desejo de que não fosse verdade era tão opressor que ela precisava perguntar. Queria implorar para que aquilo fosse mentira.

— Sinto muito — disse ele. Seus olhos estavam injetados e inquietos, como os de um cavalo apavorado.

— Mas você nunca... — começou Cecília. — Você não iria. Não poderia.

— Não consigo explicar.

— Você nem conhecia Janie Crowley. — Ela se corrigiu: — Eu nunca soube que você a conhecia. Nunca mencionou o nome dela.

Ao ouvir o nome de Janie, John-Paul começou a tremer visivelmente. Ele se agarrou às laterais do batente. Vê-lo tremer daquele jeito era ainda mais chocante do que ler as palavras que ele havia escrito.

— Se você morresse — disse Cecília. — Se você morresse e eu encontrasse esta carta...

Ela parou. A fúria não lhe permitia respirar.

— Como você teria coragem de me deixar com isso? De pedir que eu fizesse isso por você? Esperar que eu aparecesse na porta de Rachel Crowley e lhe dissesse... essa... coisa?

Ela se levantou, cobriu o rosto com as mãos e começou a andar em círculos. Estava nua, percebeu, sem nenhum interesse especial. Sua camiseta tinha ido parar nos pés da cama quando eles fizeram sexo, e ela não havia se dado o trabalho de procurá-la.

— Levei Rachel para casa hoje à noite! Dei uma carona a ela! Falei com ela sobre Janie! Achei que estivesse sendo muito boa compartilhando com ela a lembrança que tinha de Janie, e durante todo esse

tempo esta carta estava aqui. — Ela baixou as mãos do rosto e olhou para ele. — E se uma das meninas tivesse encontrado isso, John-Paul? — A ideia acabara de lhe ocorrer. Era tão grave, tão terrível, que ela precisou repetir: — *E se uma das meninas tivesse encontrado isso?*

— Eu sei — sussurrou ele.

John-Paul entrou no escritório e colou as costas na parede, olhando para ela como se estivesse diante de um pelotão de fuzilamento.

— Sinto muito.

Cecilia viu as pernas dele cederem, fazendo-o deslizar até ficar sentado no carpete.

— Por que você escreveria isto? — Ela pegou a ponta da carta e a largou de novo. — Como pôde deixar algo assim por escrito?

— Eu tinha bebido muito e, no dia seguinte, tentei encontrar a carta para rasgá-la. — Ele ergueu os olhos lacrimejantes para ela. — Mas a perdi. Quase enlouqueci procurando. Eu devia estar fazendo a declaração do imposto de renda e a deixei no meio dos papéis. Achei que tivesse procurado...

— Pare! — gritou Cecilia.

Ela não suportaria ouvi-lo falar com seu usual espanto incorrigível sobre como as coisas somem e então reaparecem, como se aquela carta fosse algo perfeitamente normal, como o boleto de seguro do carro que não fora pago.

John-Paul levou um dedo aos lábios.

— Você vai acordar as meninas — disse ele, com a voz trêmula.

O nervosismo dele a deixou enojada. *Seja homem!*, ela queria gritar. *Desapareça com isso. Leve esta coisa para longe de mim!* Era uma criatura nojenta, feia e terrível que *ele* precisava destruir. Era uma caixa muito pesada que ele devia tirar dos braços dela. E ele não estava fazendo nada.

Uma vozinha soou pelo corredor:

— Papai!

Era Polly, a que tinha o sono mais leve. Ela sempre chamava o pai. Cecilia não servia. Só o pai conseguia fazer os monstros irem embora e poderia matar o dragão. Só o pai. Seu pai, que havia matado uma garota de dezessete anos. Seu pai, que era um assassino. Seu pai, que guardara esse segredo horrível por todos aqueles anos. Era como se ela não tivesse entendido nada direito.

O choque a dominou. Ela desmoronou na cadeira de couro preto.

— Papai!

— Estou indo, Polly!

John-Paul se levantou lentamente, usando a parede para se apoiar. Lançou um olhar desesperado para Cecilia e desceu o corredor, seguindo em direção ao quarto da filha.

Cecilia se concentrou na respiração. Inspirar pelo nariz. Ela viu o rosto de Janie Crowley aos onze anos. “É só um desfile idiota.” Expirar pela boca. Viu a foto de Janie em preto e branco, granulada, que tinha aparecido na primeira página dos jornais, um longo rabo de cavalo louro caindo em um dos ombros. Todas as vítimas de homicídio pareciam exatamente o que eram: bonitas, inocentes e condenadas, como se tudo fosse predestinado. Inspirar pelo nariz. Viu Rachel Crowley apoiando de leve a testa na janela do carro. Expirar pela boca. O que fazer, Cecilia? O que fazer? Como ela poderia dar um jeito nisso? Como

poderia consertar as coisas? Ela dava um jeito nas coisas. Consertava tudo. Deixava tudo em ordem. Só precisava pegar o telefone, entrar na internet, preencher os formulários necessários, falar com as pessoas certas, arranjar o reembolso, a troca, um modelo melhor.

Só que nada traria Janie de volta. Sua mente continuava voltando a este fato frio, terrível e imutável, como uma enorme muralha que não podia ser transposta.

Ela começou a rasgar a carta em pedacinhos minúsculos.

Confessar. John-Paul teria que confessar. Era óbvio. Ele teria que se purificar. Deixar tudo limpo e brilhante. Esfregar a sujeira. Seguir as regras. A lei. Teria que ir para a cadeia. Teria que ser condenado. Cumprir uma pena. Ser posto atrás das grades. Mas ele não poderia ficar trancado. Enlouqueceria. Para isso, então, medicação, terapia. Ela falaria com as pessoas. Faria pesquisas. Ele não seria o primeiro prisioneiro claustrofóbico. Na verdade, as celas não eram bem espaçosas? Eles têm pátios nas prisões, não têm?

Claustrofobia não mata. Apenas pode fazer a pessoa *sentir* que não consegue respirar.

Mas duas mãos em volta do pescoço podem matar.

Ela havia estrangulado Janie Crowley. De fato pusera as mãos em volta de seu fino pescoço feminino e o apertara. Isso não o tornava mau? Sim. A resposta tinha que ser sim. John-Paul era mau.

Ela continuou rasgando a carta, picando o papel em pedaços cada vez menores, até que pudesse enrolá-los entre os dedos.

Seu marido era mau. Portanto devia ir para a cadeia. Cecília seria esposa de um detento. Ela se perguntou se haveria um clube para essas esposas. Se não houvesse, criaria um. Riu histericamente, como uma louca. Claro que criaria! Ela era Cecília. Seria presidente da Associação das Esposas de Detentos e organizaria a arrecadação de fundos para comprar aparelhos de ar-condicionado para as celas de seus pobres maridos. Tinha ar-condicionado nas prisões? Só as escolas primárias não tinham? Ela se imaginou conversando com as outras esposas enquanto esperavam para passar pelo detector de metais. “Por que o seu marido foi preso? Ah, assalto a banco? Sério? O meu foi por assassinato. É, estrangulou uma garota. Você vai daqui direto para a academia?”

Será que haveria aquela sutil demonstração de superioridade que existia entre as mães? “É tão estressante ter um filho superdotado.” Qual seria o equivalente para a esposa de um detento? “É tão tenso quando seu marido é um prisioneiro exemplar! Os outros estão sempre batendo nele!”

Ela riu mais um pouco. Jesus Cristo. Deus do Céu. Ai, meu Santo seja-lá-qual-for. Qual era o santo protetor das esposas de assassinos?

— Ela voltou a dormir — disse John-Paul.

Ela estava de volta ao escritório, de pé na frente dela, massageando a área abaixo das maçãs do rosto com movimentos circulares, como fazia sempre que estava exausto.

Ela não parecia mau. Parecia simplesmente o seu marido. Com a barba por fazer. Descabelado. Com olheiras. Seu marido. O pai de suas filhas.

Se ele já matou alguém, o que o impediria de fazer isso de novo? Ela tinha acabado de deixá-lo entrar no quarto de Polly. Acabara de permitir que um assassino entrasse no quarto de sua filha.

Mas era *John-Paul*! O pai dela. Ele era o papai.

Como poderiam contar a suas filhas o que John-Paul tinha feito?

Papai vai para a cadeia.

Por um momento, sua mente parou por completo.

Eles nunca poderiam contar às meninas.

— Eu sinto tanto — disse John-Paul. Ele estendeu os braços em vão, como se quisesse abraçá-la, mas os dois estavam separados por algo vasto demais para ser vencido. — Querida, eu sinto muito mesmo.

Cecilia abraçou o próprio corpo nu. Tremia violentamente. Batia os dentes. *Estou tendo um ataque de nervos, pensou ela, com alívio. Estou prestes a perder a cabeça, e não há problema algum nisso, porque esta situação não pode ser consertada. É simplesmente incorrigível.*

— Aí! Está vendo?

Rachel apertou o botão de *pause*, congelando o rosto zangado de Connor Whitby na tela. Era o rosto de um monstro. Seus olhos eram dois buracos negros e cruéis. Os lábios estavam comprimidos, com um desdém furioso. Ela já assistira à gravação quatro vezes, e a cada uma delas ficava mais convencida. Aquilo era impressionantemente conclusivo, pensava ela. Mostre isso a qualquer júri e eles o condenarão.

Rachel se virou para olhar Rodney Bellach, sentado em seu sofá, inclinado para a frente com os cotovelos nos joelhos, e o viu tapar a boca com a mão, para esconder um bocejo.

Bem, *estava* no meio da noite. Era óbvio que o Sargento Bellach — “Você pode me chamar de velho Rodney agora”, ele vivia repetindo para ela — estava dormindo profundamente quando ela ligou. A esposa dele atendera o telefone, e Rachel a ouvira tentando acordá-lo. “Rodney. Rodney. É para você!” Quando enfim ele pegou o aparelho, sua voz estava grossa e incompreensível de sono. “Estou indo para aí, Sra. Crowley”, dissera ele finalmente, assim que ela conseguira fazê-lo entender e, enquanto ele desligava o telefone, Rachel ouviu sua esposa perguntar: “Aonde, Rodney? *Aonde* você está indo? Por que isso não pode esperar até amanhã de manhã?”

A mulher do Sargento parecia ser uma velha resmungona.

Era provável que aquilo pudesse esperar até amanhecer, refletia Rachel agora, ao ver Rodney lutar bravamente para conter outro grande bocejo e esfregar os nós dos dedos nos olhos embaçados. Pelo menos ele estaria mais alerta. Não parecia nada bem mesmo. Pelo visto, havia pouco tempo, ele tinha sido diagnosticado com diabetes tipo 2. E tivera que fazer algumas mudanças radicais na alimentação. Ele mencionara tudo isso enquanto se sentavam para assistir ao vídeo. “Cortei de vez o açúcar”, dissera ele, triste. “Nada de sorvete na sobremesa.”

— Sra. Crowley — disse ele, por fim. — Vejo claramente por que a senhora acha que isso prova que Connor tinha algum motivo, mas, sendo sincero, não penso que seja o suficiente para convencer a polícia a dar mais uma olhada no caso.

— Ele estava apaixonado por ela! — exclamou Rachel. — Ele estava apaixonado e ela o rejeitou.

— Sua filha era uma garota muito bonita — disse o Sargento Bellach. — Provavelmente havia muitos garotos apaixonados por ela.

Rachel ficou chocada. Como nunca notara que Rodney era tão estúpido? Tão obtuso? O diabetes havia afetado seu QI? Será que a falta de sorvete tinha feito seu cérebro encolher?

— Mas Connor não era um garoto qualquer. Ele foi o último a vê-la antes de ela morrer — relembrou Rachel, devagar e com cuidado, para garantir que ele entenderia.

— Ele tinha um álibi.

— A mãe dele era o álibi! — explodiu Rachel. — Ela mentiu, é óbvio!

— E o namorado da mãe dele também confirmou — disse Rodney. — Porém, o mais importante é

que um vizinho viu Connor levar o lixo para fora às cinco da tarde. O vizinho era uma testemunha bastante confiável. Advogado e pai de três filhos. Eu me lembro de todos os detalhes do caso de Janie, Sra. Crowley. Posso lhe garantir que, se eu achasse que ele tinha *qualquer coisa*...

— Mentira nos olhos dele! — interrompeu Rachel. — Você disse que havia mentira nos olhos de Connor Whithy! Bem, você estava certo! Absolutamente certo!

— Mas olhe só, tudo o que isso prova é que eles tiveram um pequeno desentendimento — ponderou Rodney.

— Um pequeno desentendimento! — gritou Rachel. — Olhe para a cara do garoto! Ele a matou! Eu sei que ele a matou. Sei do fundo do coração, no meu...

Ela ia dizer “corpo”, mas não queria parecer uma maluca. No entanto, era verdade. Seu corpo estava lhe dizendo o que Connor tinha feito. Ele queimava por completo, como se ela estivesse com febre. Até a ponta dos seus dedos estavam quentes.

— Bem, quer saber, vou ver o que posso fazer, Sra. Crowley — disse Rodney. — Não posso prometer que isso vá levar a algum lugar, mas posso *jurar* que esse vídeo vai chegar nas mãos certas.

— Obrigada. É tudo que posso pedir.

Era mentira. Ela poderia pedir muito mais. Ela queria que uma viatura da polícia, com uma sirene aguda e luzes girando, corresse para a casa de Connor Whithy naquele segundo. Queria que Connor fosse algemado, enquanto um policial forte e com cara de mau lia para ele seus direitos. Ah, e ela *não* queria que o policial protegesse a cabeça de Connor quando o pusesse no banco de trás da viatura. Queria que a cabeça de Connor fosse golpeada várias vezes, até que não restasse nada além de uma massa sangrenta.

— Como está o seu netinho? Crescendo depressa?

Rodney pegou uma foto de Jacob no console da lareira enquanto Rachel ejetava a fita cassete.

— Ele vai para Nova York.

Rachel entregou a fita a ele.

— Não brinca? — Rodney pegou a fita e pôs a foto de Jacob de volta no lugar com cuidado. — Minha neta mais velha foi para Nova York também. Ela está com dezoito anos agora. A pequena Emily. Conseguiu uma bolsa para uma universidade de ponta. A Big Apple, como eles chamam, não é? Queria saber por que será que a chamam assim.

Rachel abriu um sorrisinho frágil e o conduziu até a porta.

— Não tenho a menor ideia, Rodney. A menor ideia.

6 DE ABRIL DE 1984

Na manhã do último dia de sua vida, Janie Crowley sentou-se ao lado de Connor Whitby no ônibus.

Ela se sentia estranhamente ofegante, e tentou se acalmar respirando fundo e devagar, concentrando-se no movimento do diafragma, como o professor de teatro ensinara na aula sobre como enfrentar o medo do palco. Não parecia estar ajudando.

Acalme-se, disse a si mesma.

— Tenho algo a dizer — começou Janie.

Connor não falou nada.

Ele nunca falava muito, pensou Janie. Ela olhou para ele, que encarava as próprias mãos apoiadas nos joelhos, e observou as mãos dele também. Eram mãos enormes, ela notou com um tremor muito forte, de medo ou expectativa, ou ambas as coisas. As mãos dela pareciam pedras de gelo. Estavam sempre muito geladas. Janie as deslizou para dentro do cardigã, com a intenção de esquentá-las.

— Tomei uma decisão — declarou ela.

Ele virou a cabeça para ela de repente. O ônibus guinou para o lado ao fazer uma curva, e seus corpos deslizaram para mais perto um do outro, de forma que seus olhos ficaram separados por poucos centímetros.

Janie respirava tão rápido que se perguntava se havia algo de errado com ela.

— Diga — pediu ele.

QUARTA-FEIRA

O alarme despertou Cecília, cruel e instantaneamente, às seis e meia da manhã. Ela estava deitada de lado, de frente para John-Paul, e os olhos deles se abriram ao mesmo tempo. Estavam tão próximos que seus narizes quase se tocavam.

Ela observou as delicadas veias vermelhas que riscavam os olhos azuis de John-Paul, os poros em seu nariz, a mancha cinza da barba que crescia em seu queixo forte, firme e honesto.

Quem era aquele homem?

Na noite passada, eles tinham voltado para a cama e deitado juntos no escuro, olhando sem interesse para o teto, enquanto John-Paul falava. E como ele havia falado. Não houve necessidade alguma de sondar para obter informações. Ela não precisou fazer uma pergunta sequer. Ele queria falar, contar tudo a ela. Sua voz estava baixa e emocionada, sem modulação, quase monótona, só que não havia nada de monótono no que ele estava lhe dizendo. Quanto mais ele falava, mais rouca sua voz ficava. Era como um pesadelo, ficar deitada no escuro, ouvindo o interminável sussurro áspero dele. Cecília precisou morder o lábio para se impedir de gritar: *Cale a boca, cale a boca, cale a boca!*

John-Paul tinha sido apaixonado por Janie Crowley. Perdidamente apaixonado. Obcecado, até. Do jeito que se acredita estar amando quando se é adolescente. Ele a encontrou um dia no McDonald's de Hornsby, onde ambos foram preencher a ficha de inscrição para uma vaga de meio expediente. Janie o reconheceu da época em que estudaram juntos no ensino fundamental, antes que ele se mudasse para o colégio exclusivo para meninos. Os dois eram do mesmo ano na St. Angela, mas de turmas diferentes. Ele não se lembrava mesmo de Janie, embora meio que conhecesse o sobrenome Crowley. Acabou que nenhum dos dois foi trabalhar no McDonald's. Janie arrumou emprego na lavanderia, e John-Paul, na delicatessen, mas eles tiveram uma conversa incrível e intensa sobre sabe Deus o quê, ela lhe deu seu telefone, e ele ligou no dia seguinte.

Ele achou que ela fosse sua namorada. Achou que fosse perder a virgindade com ela. Tudo precisava ser muito discreto, porque o pai de Janie era um daqueles católicos fervorosos e a proibira de namorar antes dos dezoito anos. O relacionamento deles, por assim dizer, tinha que ser absolutamente sigiloso. Isso só o tornava ainda mais excitante. Era como se eles fossem agentes secretos. Se John-Paul telefonasse para a casa dela e alguém que não fosse a própria Janie atendesse, segundo a regra, ele devia desligar. Eles nunca andavam de mãos dadas em público. Nenhum dos amigos deles sabia. Janie insistiu nisso. Certa vez foram ao cinema e ficaram de mãos dadas no escuro. Beijaram-se no vagão vazio de um trem. Sentaram-se na rotunda no Wattle Valley Park e fumaram cigarros enquanto conversavam sobre como queriam viajar para a Europa antes de ingressar na faculdade. E foi só isso, na verdade. Só que ele pensava nela dia e noite. Escrevia poemas para ela, mas tinha vergonha de lhe entregar.

Ele nunca escreveu poemas para mim, pensou Cecilia, embora fosse irrelevante.

Naquela noite, Janie pediu que ele a encontrasse no Wattle Valley Park, onde tinham marcado de se ver muitas vezes antes. O parque estava sempre deserto, e havia a rotunda, onde eles podiam se sentar e se beijar. Ela falou que tinha uma coisa para lhe contar. Ele achou que ela lhe diria que tinha ido ao centro de planejamento familiar para pegar a prescrição da pílula anticoncepcional, pois já tinham conversado sobre o assunto, mas, em vez disso, ela disse que sentia muito, mas estava apaixonada por outro garoto. John-Paul ficou chocado. Desnorteado. Ele não sabia que havia outro garoto na jogada! “Mas achei que você fosse minha namorada!”, exclamou ele. E ela riu. John-Paul falou que ela parecia tão feliz, tão feliz por não ser a sua namorada, e ele ficou arrasado, humilhado, e sentiu uma raiva inacreditável. Foi mais o seu orgulho do que qualquer outra coisa. Ele se sentiu um idiota e, por causa disso, *teve vontade de matá-la*.

John-Paul parecia querer desesperadamente que Cecilia soubesse daquilo. Disse que não pretendia justificar ou atenuar o que fizera, tampouco fingir que fora um acidente — porque, por alguns segundos, ele teve mesmo vontade de matar Janie.

Ele não se lembrava de ter tomado a decisão de pôr as mãos em volta do pescoço dela. Mas se recordava do momento em que, de repente, se deu conta do pescoço fino e feminino em suas mãos e percebeu que não estrangulava um de seus irmãos. Ele estava *machucando* uma garota. Lembrava-se de ter pensado: *Que merda estou fazendo?*, e de baixar as mãos muito rápido. Mas, na verdade, ele estava aliviado, porque tinha certeza de que havia se impedido a tempo, de que não a matara. Só que ela estava mole em seus braços, os olhos fixos num ponto acima de seus ombros, e ele pensou: *Não, não é possível*. Achou que tinha sido apenas um segundo, talvez dois, de fúria alucinada; definitivamente, não havia durado tempo o bastante para matá-la.

Não podia acreditar. Mesmo agora. Após todos aqueles anos. Ele continuava chocado e horrorizado com o que fizera.

Ela ainda estava quente, mas ele sabia, sem sombra de dúvida, que estava morta.

Então a deitou com cuidado ao pé do escorrega, e lembrava-se de ter pensado que a noite estava ficando mais fria, por isso cobriu o corpo de Janie com o casaco do uniforme dela. Ele estava com o rosário de contas da mãe no bolso, porque tinha feito uma prova naquele dia e sempre o levava para dar sorte. Colocou-o delicadamente nas mãos dela. Era seu jeito de pedir desculpas, a Janie e a Deus. Depois fugiu. Correu sem parar até não conseguir mais respirar.

Tinha certeza de que seria pego. Ficou esperando sentir o peso da mão de um policial em seu ombro.

Mas nunca fora sequer interrogado. Ele e Janie não eram da mesma escola, nem do mesmo grupo de amigos. Nem os pais ou os amigos sabiam nada sobre eles. Parecia que ninguém jamais os tinha visto juntos. Era como se nunca tivesse acontecido.

Ele disse que teria confessado na hora se a polícia o tivesse interrogado. Afirmou que, se alguém fosse acusado de ter cometido o assassinato, ele teria se entregado. Não deixaria sua culpa recair em outra pessoa. Não era tão mau *assim*.

Acontece que ninguém perguntou, então ele nunca respondeu.

Nos anos 1990, ele começou a ouvir notícias de crimes sendo solucionados por meio de evidências de DNA, e se perguntou se teria deixado para trás qualquer vestígio seu, por menor que fosse: um único

fio de cabelo, por exemplo. Porém, mesmo que tivesse, eles ficaram juntos por tão pouco tempo e tinham sido bastante eficientes em seu joguinho de fazer tudo às escondidas. Ninguém sabia que ele conhecia Janie. Ele quase conseguira convencer a si mesmo de que *não* a conhecera, que aquilo nunca havia acontecido.

E então os anos se passaram, camadas e mais camadas de tempo empilhadas em cima da lembrança do que ele fizera. Às vezes, sussurrou ele, podia passar meses sentindo-se relativamente normal, e em outros momentos não conseguia pensar em nada além do que tinha feito e achava que iria enlouquecer.

— É como um monstro preso na minha cabeça. — Sua voz arranhou os ouvidos de Cecilia. — Às vezes, ele se liberta e sai detonando tudo em volta, mas depois consigo recuperar o controle. Eu o aprisiono. Entende o que quero dizer?

Não, pensou Cecilia. *Não, na verdade, não entendo.*

— Aí nós nos conhecemos — disse John-Paul. — E eu senti algo em você. Uma bondade sincera. Eu me apaixonei pela sua bondade. Era como olhar para um lindo lago. Era como se, de alguma forma, você estivesse me purificando.

Cecilia estava horrorizada. *Não sou boa*, pensou ela. *Fumei maconha uma vez! Nós ficávamos bêbados juntos! Achei que você tivesse se apaixonado pela minha aparência, minha companhia radiante, meu senso de humor, não pela minha bondade, pelo amor de Deus!*

Ele continuou falando, parecia desesperado para que ela soubesse de todos os mínimos detalhes.

Após Isabel nascer e ele se tornar pai, subitamente teve uma nova e terrível compreensão do que tinha feito a Rachel e Ed Crowley.

— Quando morávamos na Bell Avenue, ao ir para o trabalho, eu passava de carro pelo pai de Janie, passeando com o cachorro — disse ele. — E o *rosto* dele... parecia... Não sei como descrever. Como se ele sentisse tanta dor, dor física mesmo, que deveria estar rolando no chão, mas não, em vez disso, passeava com o cachorro. E eu pensava: *Fiz isso com ele. Sou o responsável por essa dor.* Eu tentava sair de casa em horários diferentes, ou pegar outro caminho, mas mesmo assim me deparava com ele.

Eles tinham morado naquela casa na Bell Avenue quando Isabel era bebê. As lembranças que Cecilia guardava daquele lugar cheiravam a xampu de bebê, pomada para assaduras e peras e bananas amassadas. Ela e John-Paul estavam embevecidos com a filhinha. Às vezes, ele se atrasava para o trabalho só para ficar mais tempo deitado na cama com Isabel, vestida com seu macacãozinho branco, esfregando o nariz em sua barriguinha dura e gorducha. Só que não era esse o caso. Ele estava tentando evitar ver o pai da garota que tinha assassinado.

— Eu via Ed Crowley e pensava: *Não tem jeito, preciso confessar* — continuou ele. — Mas então pensava em você e na nossa filha. Como poderia fazer isso com vocês duas? Como poderia contar a verdade para você? Como poderia deixá-la criar um bebê sozinha? Considerei nos mudarmos de Sydney. Mas sabia que você não iria querer ficar longe dos seus pais e, de qualquer modo, isso parecia errado. Parecia uma fuga. Eu precisava ficar aqui, onde poderia esbarrar com os pais de Janie a qualquer momento e não esquecer do que eu fiz. Eu precisava sofrer. Foi aí que tive uma ideia. Eu deveria encontrar novas maneiras de me punir, de sofrer... sem causar sofrimento a mais ninguém. Precisava me penitenciar.

Se alguma coisa lhe dava muito prazer — um prazer que fosse só dele — então John-Paul abria mão disso. Por isso desistira do remo. Ele adorava, então teve que parar, porque Janie nunca poderia remar.

Vendeu seu adorado Alfa Romeo porque Janie nunca pudera dirigir.

Ele se dedicara à comunidade, como se um juiz o tivesse sentenciado a cumprir muitas horas de serviço comunitário.

Cecilia achava que fora a paternidade que o tornara tão preocupado com o bem-estar dos outros. Ela acreditava que aquilo era algo que tinham em comum, quando, na verdade, o John-Paul que ela achava que conhecia não existia de fato. Ele era uma fraude. Toda a vida dele era um teatro: uma encenação para cair nas graças de Deus, para se livrar de uma enrascada.

Ele disse que o serviço comunitário era uma situação complicada, pois o que acontecia quando ele gostava do que fazia? Por exemplo, ele adorava ser voluntário no combate a incêndios florestais — a camaradagem, as piadas e a adrenalina — então o fato de ele gostar reduzia sua contribuição para a comunidade? Ele estava sempre calculando, imaginando o que mais Deus esperava dele, quanto ainda tinha que pagar. É claro que sabia que nada daquilo era suficiente, e que provavelmente iria para o inferno quando morresse.

Ele está falando sério, refletiu Cecilia. *Acha mesmo que vai para o inferno, como se o inferno fosse mesmo um lugar, e não uma ideia abstrata.* Ela ia dizer *Obrigada, Senhor, pela danação eterna!*, mas desistiu. Ele se referia a Deus de um jeito friamente familiar. Eles não eram esse tipo de católicos. Eram católicos, sem dúvida, iam à igreja, mas, pelo amor de Deus, não eram *religiosos*. Deus não fazia parte de suas conversas cotidianas.

Só que aquela, claro, não era uma conversa cotidiana.

Ele continuava falando. Era interminável. Cecilia pensou naquela lenda urbana de um verme exótico que vivia dentro do corpo da pessoa e a única cura era jejuar até quase morrer de fome, e então pôr um prato de comida na frente da boca e esperar que o verme sentisse o cheiro e lentamente se desenrolasse, deslizasse garganta acima. A voz de John-Paul era como aquele verme: um fio interminável de horror deslizando para fora de sua boca.

Ele lhe contou que, conforme as meninas cresciam, sua culpa e seu arrependimento tinham se tornado quase insuportáveis. Os pesadelos, as enxaquecas, as crises de depressão que ele tanto se esforçava para esconder dela eram tudo por causa do que fizera.

— No início do ano, Isabel começou a me lembrar de Janie — disse John-Paul. — Alguma coisa no jeito como ela estava arrumando o cabelo. Não parava de olhar para ela. Foi horrível. Ficava imaginando alguém machucando Isabel, como eu... como eu machuquei Janie. Uma garotinha inocente. Eu sentia que devia me fazer sofrer a mesma dor que causei aos pais dela. Eu tinha que imaginar a morte de Isabel. Andei chorando. No chuveiro. No carro. De soltar.

— Esther ouviu você chorando antes de viajar para Chicago — revelou Cecilia. — No chuveiro.

— Ela ouviu? — pestanejou John-Paul. — Não percebi.

Por um momento, houve um silêncio maravilhoso, enquanto ele absorvia aquela informação.

Ok, pensou Cecilia, *acabou. Ele parou de falar Graças a Deus.* Ela sentia uma exaustão física e mental que não experimentava desde o trabalho de parto.

— Abri mão do sexo — declarou John-Paul.

Pelo amor de Deus.

Ele queria que ela soubesse que, em novembro, estava pensando em novas maneiras de se punir e

decidira abdicar do sexo por seis meses. Sentiu vergonha por não ter pensado nisso antes. Pois esse, sem dúvida, era um dos grandes prazeres de sua vida. A decisão quase o matou. John-Paul ficou preocupado que Cecilia pudesse pensar que ele estava tendo um caso, e claro que ele não poderia lhe explicar o verdadeiro motivo.

— Ah, *John-Paul!* — Cecilia suspirou no escuro.

A infundável busca por redenção que ele vinha empreendendo durante todos aqueles anos parecia tão boba, infantil, sem sentido e tão tipicamente *desorganizada*.

— Convidei Rachel Crowley para a festa de pirata de Polly — comunicou Cecilia, lembrando-se admirada da pessoa inocente, quase estúpida, que tinha sido apenas algumas horas antes, enquanto fitava a escuridão. — Eu dei a ela uma carona para casa esta noite. Conversei com ela sobre Janie. Pensei que estava sendo tão boa... — A voz dela falhou.

Ela ouviu John-Paul inspirar profundamente pelo nariz.

— Sinto muito — disse ele. — Sei que não paro de falar isso. Sei que é inútil.

— Tudo bem — respondeu ela, e quase riu, porque era uma grande mentira.

Essa era a última coisa que ela lembrava antes de os dois terem pegado de repente num sono profundo, quase entorpecido.

— Você está bem? — perguntou John-Paul, então. — Está se sentindo bem?

Ela sentiu o bafo matinal dele. Sua própria boca parecia seca. Sua cabeça doía. Sentia-se de ressaca, fraca e envergonhada, como se os dois tivessem feito algo nojento e depravado na noite anterior.

Ela pressionou dois dedos na testa e fechou os olhos, incapaz de encará-lo por mais tempo. Seu pescoço doía. Devia ter dormido de mau jeito.

— Você acha que ainda... — Ele se deteve e pigarreou de forma convulsiva. Por fim, sussurrou: — Você ainda pode ficar comigo?

Ela fitou-o nos olhos e viu um pavor puro e primitivo.

Um único ato poderia definir uma pessoa para sempre? Um ato cruel da adolescência invalidava vinte anos de casamento, de um *bom* casamento, vinte anos sendo um bom marido e um bom pai? Mate e você será um assassino. Era assim que funcionava para as outras pessoas. Para estranhos. Para as pessoas sobre as quais se lia nos jornais. Cecilia tinha certeza disso, mas em relação a John-Paul as regras eram diferentes? E se eram, por quê?

Ouviram passinhos rápidos no corredor e, de repente, um corpo pequeno e quente pulou na cama deles.

— Bom dia, mamãe — disse Polly, enquanto se remexia despreocupada entre Cecilia e John-Paul. Ela pôs a cabeça no travesseiro de Cecilia. Fios de seu cabelo negro-azulado fizeram cócegas no nariz da mãe. — Oi, papai.

Cecilia olhou para a filha mais nova como se nunca a tivesse visto: sua pele sem defeitos, a longa curva de seus cílios e os olhos azuis brilhantes. Tudo nela era lindo e puro.

Os olhos de Cecilia encontraram os de John-Paul com um entendimento absoluto e injetado. Era por isso.

— Oi, Polly — falaram os dois ao mesmo tempo.

Liam disse algo que Tess não conseguiu ouvir, largou a mão dela e parou de súbito bem na porta da St. Angela. O fluxo de pais e crianças mudou seu curso para contornar o repentino obstáculo no caminho, passando ao redor deles. Tess se ajoelhou ao lado do filho, e o cotovelo de alguém bateu na parte de trás de sua cabeça.

— O que foi? — perguntou ela, esfregando a área onde fora atingida.

Sentia-se agitada, nervosa e superestimulada. Deixar o filho na escola era tão ruim ali quanto em Melbourne: uma versão muito particular do inferno para alguém como ela. Pessoas, pessoas por toda parte.

— Quero voltar para casa — disse Liam para o chão. — Quero o papai.

— O que você disse? — perguntou Tess, embora tivesse ouvido. Ela tentou segurar a mão do menino. — Primeiro vamos sair do caminho dos outros.

Tess sabia que aquilo ia acontecer. Tinha sido tudo fácil demais, o que era suspeito. Liam parecera estranhamente confiante em relação à mudança de escola abrupta e não planejada. “Ele tem tanta facilidade de se adaptar”, dissera a mãe dela, maravilhada, mas Tess achava que aquilo tinha mais a ver com os problemas que ele vinha enfrentando na escola antiga do que com um verdadeiro entusiasmo em começar numa nova.

Liam puxou o braço de Tess, e ela teve que se agachar de novo.

— Você, papai e Felicity deviam parar de brigar — disse ele, colocando as mãos ao redor do ouvido de Tess. Seu hálito estava aquecido e cheirava a pasta de dente. — Apenas peçam desculpas. Digam que não queriam ter feito isso. E, então, podemos voltar para casa.

O coração de Tess parou.

Idiota. Idiota, idiota, idiota. Ela achou mesmo que ia conseguir esconder os fatos de Liam? Ele sempre os surpreendia com uma ótima percepção do que acontecia à sua volta.

— A vovó pode ir ficar com a gente em Melbourne — continuou o menino. — A gente pode cuidar dela lá, até o tornozelo dela melhorar.

Engraçado. Essa ideia nunca ocorrera a Tess. Era como se pensasse que sua vida em Melbourne e a vida da sua mãe em Sydney acontecessem em planetas diferentes.

— Tem cadeiras de rodas no aeroporto — declarou Liam em tom solene, bem na hora que a ponta da mochila de uma menininha raspou no seu rosto e atingiu o canto de seu olho.

Liam contorceu o rosto e as lágrimas começaram a rolar de seus lindos olhos dourados.

— Querido — disse Tess, impotente, quase chorando também. — Olhe. Você não precisa ir para a escola. Essa foi uma ideia maluca...

— Ora, bom dia, Liam. Eu estava me perguntando se você já tinha chegado!

Era aquela diretora excêntrica.

Ela abaixou ao lado de Liam com a mesma facilidade de uma criança. *Deve fazer ioga*, pensou Tess.

Um garoto mais ou menos da idade de Liam passou e deu um tapinha carinhoso em sua cabeça grisalha e de cabelo cacheado, como se ela fosse o cachorro da escola, e não a diretora.

— Oi, Sra. McDuff!

— Bom dia, Harrison!

A diretora Trudy levantou a mão e o xale que ela usava escorregou.

— Sinto muito. Estamos criando um engarrafamento aqui — começou Tess, mas Trudy apenas deu um sorrisinho para ela, ajeitou o xale com uma das mãos e voltou sua atenção para Liam.

— Sabe o que eu e a sua professora, a Sra. Jeffers, fizemos ontem à tarde?

Liam deu de ombros e enxugou as lágrimas.

— Transformamos sua sala de aula em outro planeta. — Os olhos dela brilhavam. — Nossa caça aos ovos de Páscoa vai ser no espaço sideral.

Liam fungou.

— Como? — perguntou ele, parecendo extremamente cínico. — Como vocês fizeram isso?

— Venha ver. — Trudy se levantou e pegou a mão dele. — Diga tchau para a sua mãe. À tarde você pode contar a ela quantos ovos encontrou no espaço.

Tess deu um beijo no topo da cabeça do filho.

— Bem, então tudo bem. Tenha um ótimo dia, e não esqueça que vou...

— Tem uma espaçonave, é claro. Adivinha quem vai voar nela? — disse Trudy, levando-o embora.

Tess viu Liam erguer os olhos para a diretora, seu rosto subitamente radiante, com uma esperança cautelosa, antes de ser engolido por uma multidão de uniformes azuis e brancos quadriculados.

Tess se virou e saiu para a rua. Teve aquela estranha sensação de estar desacorrentada que sempre experimentava ao deixar Liam sob os cuidados de outra pessoa, como se a gravidade desaparecesse. O que ela ia fazer agora? E o que diria a ele hoje depois da escola? Não podia mentir e falar que não estava acontecendo nada, mas tampouco podia lhe dizer a verdade, não é? *Papai e Felicity estão apaixonados. Papai deveria me amar mais. Então estou zangada com eles. Estou muito magoada.*

Em tese, a verdade era sempre a melhor opção.

Ela havia criado toda aquela situação. Tinha fingido para si mesma que estava fazendo tudo por Liam. Arrancara o filho de sua casa, sua escola e sua vida porque, na verdade, era o que *ela* queria fazer; queria ficar o mais longe possível de Will e Felicity, e agora a felicidade de Liam dependia de uma mulher estranha de cabelo cacheado chamada Trudy McDuff.

Talvez ela devesse educá-lo em casa até que tudo aquilo fosse resolvido. Conseguiria se virar com a maioria das matérias. Inglês, geografia. Poderia ser divertido! Menos matemática. Era o seu ponto fraco. Tess era péssima em matemática. Felicity a ajudara a passar nessa matéria quando estavam na escola, e agora era responsável por ajudar Liam. Outro dia mesmo ela dissera que estava ansiosa para redescobrir a equação de segundo grau quando Liam chegasse ao ensino médio, e Tess e Will tinham se entreolhado, dado de ombros e rido. Felicity e Will haviam se comportado de um jeito tão *normal*! O tempo todo. Guardando seu segredinho sujo para eles próprios.

Tess estava caminhando pela rua da escola, voltando para a casa da mãe, quando ouviu uma voz atrás

de si.

— Bom dia, Tess.

De repente, Cecilia Fitzpatrick estava andando ao lado dela, seguindo na mesma direção, a volumosa chave do carro pendendo de uma das mãos, fazendo um barulho metálico. Havia algo estranho no modo como ela andava, como se mancasse.

Tess respirou fundo, de modo revigorante.

— Bom dia! — cumprimentou ela.

— Acabou de deixar Liam para seu primeiro dia na escola, não foi? — perguntou Cecilia. Ela usava óculos de sol, então Tess foi poupada de um apavorante contato visual. Pela voz, ela parecia estar ficando gripada. — Ele ficou bem? É sempre um pouco complicado.

— Ah, bem, na verdade não, mas Trudy...

Tess parou, distraída, pois acabara de notar os sapatos de Cecilia. Eles não pareciam combinar. Num pé ela usava uma sapatilha preta. No outro, uma sandália dourada de salto. Não era de admirar que estivesse andando de um jeito engraçado. Tess desviou o olhar e lembrou de continuar falando.

— Mas aquela diretora, Trudy. Ela foi maravilhosa com ele.

— Ah, sim. Trudy é única, com certeza — concordou Cecilia. — Bem, este é o meu carro. — Ela apontou para um veículo branco brilhante, com tração nas quatro rodas e a logo da Tupperware na lateral. — Esquecemos que Polly tinha educação física hoje. Eu nunca... Bem, esquecemos, então preciso voltar em casa para buscar os tênis dela. Polly está apaixonada pelo professor de educação física, por isso terei um problemão se me atrasar.

— Connor — disse Tess. — Connor Whitby. Ele é o professor de educação física. — Ela lembrou-se dele na noite anterior, no posto, com o capacete debaixo do braço.

— É, isso mesmo. Todas as meninhas estão apaixonadas por ele. Na verdade, metade das mães também.

— É mesmo. — *Slosh, slosh*, fazia o colchão d'água.

— Bom dia, Tess. Oi, Cecilia.

Era Rachel Crowley, a secretária da escola, vindo da direção contrária, usando um par de tênis de corrida branco com sua saia formal e camisa de seda. Tess se perguntou se alguma vez as pessoas olhavam para Rachel sem pensar em Janie Crowley e no que acontecera com ela naquele parque. Era impossível acreditar que Rachel já havia sido uma mulher normal, que ninguém pressentira a tragédia que a aguardava.

Rachel parou na frente delas. Mais conversa. Isso não acabava nunca. Ela estava pálida e parecia cansada, o cabelo branco não estava tão bem penteado quanto no dia anterior, quando Tess a encontrara.

— Obrigada mais uma vez pela carona ontem à noite — disse ela para Cecilia. Então sorriu para Tess. — Estive em uma das reuniões da Tupperware promovidas pela Cecilia ontem à noite e bebi demais. Por isso vim a pé hoje. — Ela gesticulou para os pés. — Vergonhoso, não é?

Houve um silêncio constrangedor. Tess estava confiante de que Ceciliaalaria algo em seguida, mas ela parecia distraída com alguma coisa ao longe e estava estranha e quase bizarramente quieta.

— Parece que a noite foi divertida — comentou Tess, por fim. Sua voz soou muito alta e forte. Por que ela não podia falar como uma pessoa normal?

— É, foi mesmo. — Rachel franziu a testa de leve, olhando para Cecilia, que ainda não dissera uma palavra. Voltou sua atenção para Tess. — Liam foi direitinho para a sala?

— A Sra. McDuff o levou debaixo das asas — contou Tess.

— Que bom — disse Rachel. — Ele vai ficar bem. Trudy tem um cuidado todo especial com as crianças novas. É melhor eu ir começar meu dia. Tirar esses sapatos ridículos. Tchau, meninas.

— Tenha um ótimo... — A voz de Cecilia saiu áspera e ela pigarreou. — Tenha um ótimo dia, Rachel.

— Você também.

Rachel seguiu na direção da escola.

— Então — disse Tess.

— Ai, meu Deus — exclamou Cecilia. Ela levou os dedos à boca. — Acho que vou... — Ela olhou ao redor, agitada, como se procurasse alguma coisa. — Merda.

E de súbito estava agachada no meio fio, vomitando violentamente.

Ai, meu Deus, pensou Tess, ouvindo o barulho das ânsias. Ela não queria ver Cecilia Fitzpatrick vomitando na sarjeta. Seria uma ressaca da noite passada? Intoxicação alimentar? Será que ela devia se agachar ao seu lado e segurar seu cabelo como faria uma amiga nos banheiros das boates depois de muitas doses de tequila? Como ela e Felicity tinham feito uma com a outra? Ou deveria esfregar as costas de Cecilia de leve, descobrindo movimentos circulares, como fazia quando Liam ficava doente? Ela deveria ao menos fazer algum som tranquilizante, demonstrando empatia, enquanto ficava ali assistindo, para mostrar que se importava? Em vez de apenas ficar de pé ali, se encolhendo e olhando para o outro lado? Mas ela mal conhecia aquela mulher.

Quando estava grávida de Liam, Tess sofrera com enjoos matinais, só que eles duravam o dia inteiro. Ela havia vomitado em diversos lugares públicos, e seu único desejo era que a deixassem em paz. Será que talvez ela devesse apenas sair de fininho? Mas não podia abandonar a pobre mulher. Olhava ao redor desesperada, procurando outra mãe da escola, uma daquele tipo capaz, que saberia o que fazer. Cecilia deveria ter dezenas de amigas naquela escola, mas de repente a rua estava deserta e silenciosa.

Então ela teve uma inspiração maravilhosa: *lenços*. A ideia de ser capaz de oferecer a Cecilia algo ao mesmo tempo útil e apropriado a encheu de um sentimento ridiculamente parecido com alegria. Ela vasculhou a bolsa e encontrou um pequeno pacote de lenços fechado e uma garrafa d'água.

"Você parece uma escoteira", Will lhe dissera no início do relacionamento deles, quando ela puxara uma pequena lanterna da bolsa depois que ele deixou a chave do carro cair numa rua escura, voltando do cinema a caminho de casa. "Se fôssemos presos numa ilha deserta, seríamos autossuficientes graças à bolsa de Tess", dissera Felicity, porque, é claro, ela também estava lá naquela noite, Tess se lembrou naquele momento. Quando Felicity não estivera presente?

— Meu Deus — lamentou Cecilia. Ela se aprumou, deixou-se cair na calçada e limpou a boca com as costas da mão. — Que constrangedor.

— Aqui. — Tess estendeu-lhe os lenços. — Você está bem? Será que foi alguma coisa que você comeu, talvez?

Ela notou que as mãos de Cecilia tremiam terrivelmente e seu rosto estava branco como cera.

— Não sei. — Cecilia assoou o nariz e ergueu os olhos para Tess.

Havia meias-luas púrpuras abaixo dos seus olhos lacrimosos, e minúsculas manchas de rímel em suas pálpebras. Sua aparência estava horrível.

— Sinto muito por isso. Você tem que ir. Deve ter um milhão de coisas para fazer.

— Na verdade, não tenho nada para fazer — disse Tess. — Nadinha mesmo. — Ela desenroscou a tampa da garrafa. — Quer um gole d'água?

— Obrigada.

Cecilia pegou a garrafa e tomou um gole. Tentou se levantar e cambaleou. Tess segurou-a pelo braço quando ela estava prestes a cair.

— Sinto muito, me desculpe. — Cecilia estava quase chorando.

— Está tudo bem. — Tess ajudou-a a se equilibrar. — Está tudo perfeitamente bem. Acho melhor eu levá-la para casa.

— Ah, não, não, é muito gentil da sua parte, mas estou bem mesmo.

— Não está, não — disse Tess. — Vou levá-la para casa. Você pode ir para a cama que eu trago os tênis da sua filha aqui para a escola.

— Não acredito que quase me esqueci de novo da droga dos tênis da Polly — resmungou Cecilia.

Ela parecia completamente horrorizada consigo mesma, como se tivesse posto a vida de Polly em risco.

— Venha — chamou Tess.

Ela pegou a chave da mão de Cecilia, que não ofereceu resistência, apontou o controle para o carro da Tupperware e apertou o botão de destravar. Estava tomada por uma estranha sensação de capacidade e determinação.

— Agradeço por isso. — Cecilia apoiou seu peso no braço de Tess, que a ajudava a se acomodar no banco do carona.

— Sem problemas — respondeu Tess, com uma voz firme e sensata que não parecia em nada a dela, fechando a porta e dando a volta para chegar no lado do motorista.

Que gentil e civilizado da sua parte!, disse Felicity em sua mente. *O próximo passo é se juntar à Associação de Pais e Amigos!*

Vá se ferrar, Felicity, pensou Tess e, com um movimento hábil do pulso, virou a chave de Cecilia na ignição.

O que havia de errado com Cecília naquela manhã? Sem dúvida não parecia ela mesma, refletia Rachel enquanto entrava na St. Angela, sentindo-se estranha e constrangida por seu jeito saltitante de caminhar por causa dos tênis, em vez dos saltos usuais. Sentia a umidade nas axilas e na linha do cabelo, mas, na verdade, caminhar em vez de dirigir fizera com que ela se sentisse bastante revigorada. Antes de sair de casa naquela manhã, considerara pegar um táxi, porque estava exausta da noite anterior. Ficara acordada durante horas depois que Rodney Bellach fora embora, repassando mentalmente o vídeo de Janie e Connor sem parar. A cada vez que se lembrava do rosto de Connor, ele se tornava mais maligno. Rodney estava apenas sendo cauteloso ao não querer que ela criasse expectativas. Ele estava velho agora, e um pouco acima do peso. Assim que um policial ágil, esperto e jovem assistisse ao vídeo, ele (ou ela!) perceberia de imediato as implicações e tomaria uma atitude decisiva.

O que ela faria se esbarrasse com Connor Whitby na escola hoje? Será que o confrontaria? Iria direto ao ponto? Faria uma acusação? A ideia a deixou tonta. Suas emoções se avultavam como montanhas: tristeza, fúria, ódio.

Rachel respirou fundo. Não, não o confrontaria. Gostaria que as coisas fossem feitas do jeito certo, e ela não queria preveni-lo com relação à nova evidência ou dizer alguma coisa que o livrasse do veredicto de culpado. Imagine se ele escapasse por algum detalhe técnico legal porque ela não conseguira ficar de boca fechada. Tinha uma sensação que não era bem de felicidade, mas de alguma outra coisa. Esperança? Satisfação? Sim, era satisfação, porque estava fazendo algo por Janie. Era isso. Havia tanto tempo que ela pudera fazer alguma coisa, qualquer coisa, por sua filha: ir ao seu quarto numa noite fria e pôr outro cobertor em seus ombros ossudos (ela estava sempre gelada), preparar para ela um de seus sanduíches favoritos de queijo e pickles (com muita manteiga — Rachel estava sempre tentando engordá-la às escondidas), lavar suas roupas boas à mão com cuidado, dar-lhe uma nota de dez dólares sem motivo algum. Por anos sentira esse desejo de voltar a fazer alguma coisa por Janie, de ainda ser sua mãe, cuidar dela de novo com simplicidade, e agora finalmente podia. *Eu vou pegá-lo, querida. Não falta muito agora.*

O celular de Rachel tocou dentro da bolsa e ela o procurou às pressas, ansiosa para atender antes que aquela coisa idiota parasse de tocar e entrasse na caixa postal. Devia ser Rodney! Quem mais ligaria àquela hora da manhã? Já teria notícias? Mas com certeza era cedo demais; não era possível que fosse ele.

— Alô?

Ela vira o nome um instante antes de atender. Rob, não Rodney. O “Ro” lhe dera um momento de esperança.

— Mãe? Está tudo bem?

Ela tentou não ficar chateada com Rob por não ser Rodney.

— Está tudo bem, meu amor. Estou a caminho do trabalho. O que houve?

Rob começou a contar uma longa história e Rachel continuou andando em direção à secretaria.

Passou por uma das salas de aula do primeiro ano e ouviu ondas de risadas de crianças flutuarem pela porta. Ao dar uma olhada lá dentro, viu sua chefe, Trudy McDuff, correndo pela sala com um braço estendido para cima, como um super-herói, enquanto a professora tapava os olhos com a mão e ria incontrolavelmente. Aquilo ali era uma lâmpada estroboscópica de boate lançando flashes de luz pela sala? O garotinho de Tess O'Leary com certeza não ficaria entediado em seu primeiro dia na escola, isso era certo. Só para constar, Trudy deveria estar trabalhando para o Departamento de Educação... Rachel suspirou. Ela lhe daria até às dez da manhã e aí a arrastaria de volta para a sua mesa.

— Então está combinado? — disse Rob. — Você vai à casa dos pais de Lauren no domingo?

— O quê? — perguntou Rachel. Ela entrou na secretaria e pôs a bolsa em cima da mesa.

— Pensei que talvez você pudesse levar uma pavlova. Se quiser.

— Levar uma pavlova para onde? Quando? — Ela não conseguia entender do que Rob estava falando.

Ouviu o filho respirar fundo.

— No domingo de Páscoa. Para o almoço. Com a família da Lauren. Sei que dissemos que íamos almoçar com você, mas é impossível encaixar tudo. E temos andado tão ocupados com todos os preparativos da mudança para Nova York. Então pensamos que, se você fosse à casa deles, poderíamos ver as duas famílias ao mesmo tempo.

A família de Lauren. A mãe de Lauren sempre tinha ido ao balé, à ópera ou ao teatro na noite anterior e, fosse o que fosse, havia sido simplesmente *extraordinário* ou *excelente*. O pai de Lauren era um advogado aposentado que trocava algumas gentilezas cortesias com Rachel antes de se afastar abruptamente, com uma educada expressão confusa, como se não soubesse quem era ela. Havia sempre um estranho à mesa, alguém bonito e de aparência exótica que dominaria a conversa com uma história interminável sobre sua recente e fascinante viagem à Índia ou ao Irã, e todo mundo, exceto Rachel (e Jacob), o acharia encantador. Parecia existir um sortimento infundável desses convidados, porque Rachel nunca encontrara o mesmo duas vezes. Era como se eles contratassem oradores para a ocasião.

— Tudo bem — aceitou Rachel, com resignação. Ela levaria Jacob para o lado de fora e brincaria com ele no jardim. Tudo era suportável quando ela estava com Jacob. — Tudo bem. Vou levar a pavlova.

Rob adorava pavlovas. Deus o abençoe. Ele nunca parecia notar que a pavlova um pouco torta de Rachel era, de certo modo, um acréscimo pobre à mesa.

— A propósito, Lauren gostaria de saber se você quer que ela compre mais daqueles macarons que levamos para você na outra noite.

— É gentil da parte dela, mas os achei um pouco doces demais para mim — mentiu Rachel.

(Na verdade, agora ela estava obcecada por macarons, e Marla pedira a seu filho mais novo, que trabalhava ela não sabia com o quê no centro da cidade, que mandasse “um dos seus subordinados” comprar outra caixa. Pobre subordinado. Mas era melhor que um subordinado sofresse do que Rachel ter que admitir que sua nora havia acertado em alguma coisa.)

— Ela também me pediu para perguntar se você se divertiu na reunião da Tupperware ontem à noite.

Lauren devia ter reparado no convite de Marla preso na geladeira quando fora buscar Jacob na segunda-feira. Puro fingimento. *Veja como me interessa pela vidinha da minha sogra idosa!*

— Foi tudo ótimo — disse Rachel.

Ela deveria contar a ele sobre o vídeo? Isso o deixaria chateado? Ou o deixaria feliz? Ele tinha o direito de saber. Às vezes, ela ficava constrangida ao perceber como dera pouca atenção ao sofrimento de Rob, como apenas quisera que ele ficasse fora do seu caminho, fosse para a cama, assistisse à TV, a deixasse chorar em paz.

— Um tédio, hein, mãe?

— Foi legal. Na verdade, quando cheguei em casa...

— Ei! Levei Jacob para tirar a foto do passaporte ontem antes de ir para o trabalho. Espere só até você ver. Tão fofo.

Janie nunca tivera um passaporte. Mas *Jacob*, com apenas dois anos, tinha um que lhe permitia sair do país quase às pressas.

— Mal posso *esperar* para ver — disse Rachel.

Não contaria a Rob sobre o vídeo. Ele estava ocupado demais com sua própria vida importante e internacional para se preocupar com a investigação do assassinato da irmã.

Houve uma pausa. Rob não era burro.

— Não nos esquecemos de sexta-feira — declarou ele. — Sei que essa época do ano é sempre difícil para você. Na verdade, por falar em sexta...

Ele parecia estar esperando que ela dissesse alguma coisa. Seria esse o verdadeiro objetivo do telefonema?

— Sim — disse ela, impaciente. — O que tem sexta?

— Lauren tentou conversar com você sobre isso na outra noite. Foi ideia dela. Bem, não foi. Não totalmente. A ideia foi minha. Foi só algo que ela disse que me fez pensar que devia... Bem, sei que você sempre vai ao parque. Àquele parque. Sei que costuma ir sozinha. Mas fiquei pensando se talvez eu poderia ir também. Com Lauren e Jacob, se você não se importar.

— Não preciso...

— Sei que você não *precisa* da gente lá — interrompeu Rob. Ele parecia estranhamente conciso. — Mas *eu* gostaria de ir dessa vez. Por Janie. Para mostrar a ela que...

Rachel ouviu a voz do filho falhar.

Ele pigarreou e voltou a falar, num tom mais profundo.

— E tem aquela cafeteria perto da estação, que é ótima. Lauren disse que vai abrir na Sexta-feira Santa. Poderíamos tomar café da manhã depois. — Ele tossiu e completou, com a voz áspera: — Ou só um cafezinho pelo menos.

Rachel imaginou Lauren no parque, solene e estilosa. Usaria um *trench coat* creme, marcado na cintura, e o cabelo estaria preso num rabo de cavalo baixo e brilhoso, que não balançava de um jeito muito alegre, e seu batom seria de cor neutra, não muito brilhante, e ela diria todas as coisas certas nas horas certas, e, de algum modo, tornaria o “aniversário do assassinato da irmã do meu marido” mais um evento perfeitamente organizado de seu calendário social.

— Acho que prefiro... — começou Rachel, mas aí pensou em como a voz de Rob havia falhado.

Tudo aquilo tinha sido orquestrado por Lauren, claro, mas talvez fosse algo de que Rob precisasse. Talvez ele precisasse fazer isso mais do que Rachel necessitava estar sozinha.

— Está bem — concordou ela. — Por mim tudo bem. Normalmente chego lá bem cedo, por volta das seis da manhã, mas Jacob tem acordado assim que amanhece, não é?

— É! Tem mesmo! Então. Estaremos lá. Obrigado. Isso significa...

— Tenho um dia realmente cheio pela frente hoje, Rob, então, se você não se importa...

Eles mantiveram o telefone ocupado por tempo suficiente. Rodney poderia ligar a qualquer minuto. Rachel não queria que ele deixasse um recado na caixa postal. Queria ouvir em primeira mão.

— Tchau, mãe — despediu-se Rob, triste.

A casa de Cecilia era bonita, aconchegante e iluminada, com grandes janelas de vidro que davam para uma piscina e um quintal cuidado com perfeição. As paredes estavam repletas de fotos de família ternas e divertidas e desenhos de crianças emoldurados. Tudo estava limpíssimo e bastante organizado, mas não de um jeito muito formal e proibitivo. Os sofás pareciam macios e confortáveis; havia estantes cheias de livros e enfeites interessantes. Rastros das filhas de Cecilia espalhavam-se por toda parte: equipamentos esportivos, um violoncelo, um par de sapatilhas de balé, mas tudo em seu devido lugar. Era como se a casa estivesse à venda e fosse anunciada pelo corretor como “o lugar ideal para a sua família”.

— Adorei a sua casa — disse Tess, enquanto Cecilia a levava até a cozinha.

— Obrigada, é... ah! — Cecilia parou abruptamente na porta da cozinha. — Peço desculpas por esta bagunça!

Entrando logo atrás dela, Tess falou:

— Você está brincando, não é?

Havia algumas tigelas de cereais na bancada central, um copo de suco de maçã pela metade em cima do micro-ondas, uma única caixa de cereal Sultana Bran e uma pilha de livros em cima da mesa. Todo o resto estava um brinco, na mais perfeita ordem.

Tess olhava estupefata para Cecilia andando depressa pela cozinha. Em segundos, ela havia colocado os pratos no lava-louça, guardado a caixa de cereal na despensa gigantesca e estava limpando a pia com um papel-toalha.

— Nós nos atrasamos muito esta manhã, o que não é normal — explicou Cecilia, esfregando a pia como se sua vida dependesse disso. — Em geral não consigo sair de casa a menos que esteja tudo perfeito. Sei que sou ridícula. Minha irmã diz que tenho aquele transtorno. Como é mesmo? Obsessivo-compulsivo. É isso. TOC.

Tess achava que a irmã de Cecilia poderia ter razão.

— Você deveria descansar — aconselhou Tess.

— Pode se sentar. Aceita uma xícara de chá? Café? — perguntou Cecilia, frenética. — Tenho muffins, biscoitos... — Ela parou, levou a mão à testa e ficou de olhos fechados por um tempo. — Meu Deus. Quero dizer, ah, o que eu estava falando mesmo?

— Acho que *eu* deveria preparar uma xícara de chá para *voce*.

— Talvez eu precise mesmo... — Cecilia puxou uma cadeira e então se deteve, petrificada ao olhar para seus sapatos. — Meus sapatos não combinam — constatou ela, horrorizada.

— Ninguém deve ter percebido — disse Tess.

Cecilia sentou-se e apoiou os cotovelos na mesa. Lançou para Tess um sorriso triste, quase tímido.

— Minha reputação na St. Angela é de ser o oposto disto.

— Hum, bem — começou Tess. Ela encheu de água uma chaleira reluzente e notou que deixou

alguns pingos caírem na pia perfeita de Cecilia. — Seu segredo está seguro comigo. — Preocupada que suas palavras sugerissem que de algum modo o comportamento de Cecilia era vergonhoso, apressou-se em mudar de assunto: — Uma das suas filhas está fazendo um trabalho sobre o Muro de Berlim?

— Minha filha Esther está estudando o assunto por conta própria — explicou Cecilia. Puxou a pilha de livros para mais perto e abriu um deles. — Ela fica completamente interessada em diferentes assuntos. Todos nós acabamos nos tornando especialistas. Pode ser um pouco extenuante. Enfim. — Ela respirou fundo e, de repente, se virou na cadeira na direção de Tess, como se estivessem num jantar e Cecilia houvesse decidido que era hora de se concentrar em Tess em vez de no convidado do outro lado dela. — Você já esteve em Berlim, Tess?

O tom da sua voz não soava muito normal. Será que estava prestes a vomitar de novo? Seria possível que Cecilia estivesse sob o efeito de drogas? Com algum problema mental?

— Na verdade, não.

Tess abriu a porta da despensa de Cecilia para procurar saquinhos de chá e ficou de olhos arregalados diante daquela exposição de potes da Tupperware de todas as formas e tamanhos. Parecia um anúncio de revista.

— Estive na Europa algumas vezes, mas minha prima, Felicity...

Ela parou. Estivera prestes a dizer que sua prima, Felicity, não se interessava pela Alemanha e por isso Tess nunca tinha ido lá, e pela primeira vez se deu conta de como isso era algo estranho de se dizer. Como se seus próprios sentimentos sobre visitar a Alemanha não importassem. (*Quais* eram seus sentimentos em relação à Alemanha?) Ela viu um pote com saquinhos de chá enfileirados.

— Meu Deus. Você tem de tudo. Qual chá quer agora?

— Ah, chá preto Earl Grey, sem açúcar. Sério, por favor, deixe comigo! — Cecilia começou a se levantar.

— Sente-se, sente-se — disse Tess, num tom quase autoritário, como se conhecesse Cecilia desde sempre.

Se Cecilia não estava se comportando como ela mesma, Tess tampouco. A dona de casa tornou a se sentar.

Um pensamento ocorreu a Tess.

— Polly vai precisar dos tênis agora? Eu não deveria ir correndo até a escola com eles?

Cecilia levou um susto.

— Eu me esqueci dos tênis de Polly *de novo*! Esqueci completamente.

Tess sorriu ao ver quão horrorizada Cecilia parecia. Era como se ela estivesse esquecendo as coisas pela primeira vez na vida.

— Eles só vão para a pista de corrida às dez horas — disse Cecilia devagar.

— Nesse caso, vou tomar uma xícara de chá com você — afirmou Tess.

Ela foi à extraordinária despensa de Cecilia e pegou um pacote fechado de biscoitos de chocolate que pareciam caros, um tanto espantada com sua ousadia. Ah, certo, isso era viver no limite.

— E um biscoito?

Cecilia observou Tess levar a xícara de chá aos lábios (ela havia pego o jogo errado: Cecilia nunca usava aquelas xícaras quando tinha convidados) e sorrir para ela acima da borda, alheia ao monólogo silencioso que passava pela cabeça de Cecilia.

Quer saber o que descobri ontem à noite, Tess? Meu marido matou Janie Crowley. Eu sei! Uau, ei. Sim, a filha de Rachel Crowley, isso mesmo, aquela senhora gentil de cabelo branco e olhos tristes, a que passou por nós esta manhã, olhou bem nos meus olhos e sorriu. Então! Como diria minha mãe, estou com um probleminha, para ser sincera, Tess. Um problema de verdade.

O que Tess diria se Cecilia realmente pronunciasse aquelas palavras em voz alta? Cecilia pensara que Tess era uma daquelas pessoas autoconfiantes e misteriosas, que não precisam preencher os silêncios com conversa, mas agora lhe ocorria que talvez ela fosse tímida. Havia algo de corajoso no modo como ela fitava os olhos de Cecilia e sentava-se com cuidado, a postura ereta, como se fosse uma criança se comportando direito na casa de outra pessoa.

Na verdade, ela estava sendo muito gentil com Cecilia, tendo-a levado para casa depois daquele terrível incidente na sarjeta. Será que de agora em diante Cecilia iria vomitar toda vez que visse Rachel Crowley? Porque isso seria complicado.

Tess inclinou a cabeça para os livros sobre o Muro de Berlim.

— Sempre gostei de ler sobre as tentativas de fuga.

— Eu também — concordou Cecilia. — As bem-sucedidas, na verdade. — Ela abriu um dos livros bem no meio no caderno de fotos. — Está vendo esta família? — Apontou para uma foto em preto e branco de um jovem casal e seus quatro filhos pequenos e sujos. — Este homem sequestrou um trem. Chamavam-no de Harry Bala de Canhão. Ele conduziu o trem a toda velocidade através dessas barreiras. O condutor ficava perguntando: “Você está louco, companheiro?” Todos precisaram se esconder debaixo dos bancos para não levar um tiro. Dá para imaginar? Não estar no lugar dele, mas no dela. No da mãe. Fico pensando nisso. Quatro crianças deitadas no chão de um trem. Balas voando acima de suas cabeças. Ela inventou um conto de fadas para mantê-las distraídas. Disse que nunca tinha inventado uma história para elas antes. Na verdade, também nunca criei uma história para as minhas filhas. Não sou criativa. Aposto que você inventa histórias para os seus filhos, não é?

Tess pareceu surpresa.

— De vez em quando, acho.

Estou falando demais, pensou Cecilia, e então se deu conta de que tinha dito “seus filhos”, mas Tess tinha um filho só, e perguntou-se se deveria se corrigir, mas e se Tess quisesse desesperadamente ter mais filhos, mas não pudesse por algum motivo?

Tess girou o livro para si e olhou a foto.

— Acho que isso mostra o que as pessoas são capazes de fazer pela liberdade. Nós apenas a

consideramos natural.

— Mas acho que, se eu fosse a esposa dele, teria dito não — opinou Cecília, que soava muito agitada, como se de fato tivesse sido defrontada com essa escolha. Ela fez um esforço consciente para se acalmar e baixar o tom de voz. — Acho que não teria sido corajosa o suficiente. Eu teria dito: *Não vale a pena. Que importância tem se estamos presos atrás desse muro? Pelo menos estamos vivos. Pelo menos nossos filhos estão vivos.* A morte é um preço alto demais a se pagar pela liberdade.

Qual era o preço da liberdade de John-Paul? Rachel Crowley? Era ela o preço? Sua paz de espírito? A paz de espírito que ela teria depois de finalmente descobrir o que acontecera com sua filha, por quê, e que o responsável estava sendo punido? Cecília ainda sentia raiva de uma professora do jardim de infância que fizera Isabel chorar. A filha nem se lembrava disso, pelo amor de Deus. Então como Rachel devia se sentir? O estômago de Cecília se embrulhou. Ela pousou a xícara de chá.

— Você ficou pálida — disse Tess.

— Acho que peguei uma virose — revelou Cecília. *Meu marido me passou um vírus. Um vírus realmente maligno.* Rá! Para seu horror, ela de fato riu alto. — Ou alguma outra coisa. Estou com alguma coisa, com certeza.

Enquanto Tess dirigia o carro de Cecilia até a escola para deixar os tênis de Polly, ocorreu-lhe que se Polly tinha aula de educação física hoje, então Liam também devia ter, afinal eles não eram da mesma turma? E é claro que *ele* não tinha levado os tênis. Ninguém dissera a Tess que era dia de educação física. Ou talvez tivessem dito, mas ela não registrou. Perguntou-se se deveria passar na casa da mãe e pegar os tênis do filho. Estremeceu. Ninguém nunca lhe contara que ser mãe se resumia a tomar o que pareciam milhares de pequenas decisões. Tess sempre se considerara uma pessoa bastante decidida antes de ter Liam.

Bem, já passava das dez horas. Era melhor não arriscar atrasar a entrega dos tênis de Polly. Aquilo aparentemente era muito importante, e Tess não queria decepcionar Cecilia. A pobre mulher parecia mesmo muito doente.

Cecilia lhe pedira para levar os tênis na sala de Polly ou entregá-los direto ao professor de educação física.

— Você provavelmente vai encontrar Connor na pista — dissera ela. — Talvez seja mais fácil.

— Conheço Connor — informara Tess, surpreendendo a si mesma. — Na verdade, saí com ele por um tempo. Há anos. É uma história que ficou no passado, é claro.

Ela estremeceu ao se lembrar das palavras “uma história que ficou no passado”. Por que tinha dito aquilo? Tão sem sentido e esquisito.

Cecilia parecera ficar muito impressionada.

— Bem, hoje em dia ele é o solteiro mais cobiçado da St. Angela. Não vou contar a Polly que você namorou com ele, ou ela terá que matá-la.

Mas então ela deu outra daquelas risadas agudas e desconcertantes e disse que sentia muito, mas precisava ir se deitar naquele instante.

Quando Tess encontrou Connor, ele estava posicionando cuidadosamente bolas de basquete no centro de cada segmento colorido de um paraquedas gigante estendido na pista. Usava uma camiseta muito branca e calça preta de *training*, e parecia menos intimidador do que na noite anterior, no posto de gasolina. A luz do sol revelava as linhas profundas ao redor dos seus olhos.

— Oi de novo. — Ele sorriu quando ela lhe estendeu os tênis. — Para Liam, suponho.

Você me beijou pela primeira vez numa praia, pensou Tess.

— Não, esses são para Polly Fitzpatrick. Cecilia não está se sentindo bem, e me ofereci para trazê-los. Na verdade, Liam está sem o uniforme de educação física. Você não vai deixá-lo de castigo, vai?

Ali estava de novo: aquele tom levemente sedutor em sua voz. Por que estava flertando com Connor? Por ter acabado de se lembrar do primeiro beijo deles? Porque Felicity nunca gostara dele? Porque seu casamento havia desmoronado e ela precisava com urgência de uma prova de que ainda era bonita? Porque estava irritada? Porque estava triste? Afinal, por que não?

— Vou pegar leve com ele. — Connor pôs com cuidado os sapatinhos de Polly do lado do paraquedas. — Liam gosta de educação física?

— Ele gosta de correr — disse Tess. — Correr sem motivo algum.

Ela pensou em Will. Ele era fanático por futebol e, quando Liam era bebê, falava todo empolgado que iria levar o filho com ele aos jogos, mas até agora Liam não tinha demonstrado interesse algum pela paixão do pai. Tess sabia que Will devia estar muito decepcionado, mas ele ria da situação, fazia piada de si mesmo. Certa vez eles estavam assistindo a uma partida juntos na TV, e Tess ouvira Liam dizer: “Vamos lá para fora *correr*, papai!” Will, que não gostava nem um pouco de correr, suspirara com uma resignação cômica e, logo depois, a TV estava desligada e os dois corriam em círculos no quintal.

Ela não deixaria Felicity destruir aquela relação. Não chegaria o dia em que Liam teria uma conversa constrangedora com um pai que não o conhecia de verdade.

— Ele está reagindo bem à mudança de escola? — perguntou Connor.

— Achava que sim — respondeu Tess. Ela brincou com a chave do carro de Cecília. — Mas hoje de manhã ele estava chateado. Sente falta do pai. O pai dele e eu estamos... Enfim, eu estupidamente pensei que Liam não havia percebido algumas coisas que estavam acontecendo.

— As crianças nos surpreendem com sua esperteza — disse Connor. Ele pegou mais duas bolas de basquete do saco de tecido e as apoiou no peito. — E depois nos surpreendem com sua ingenuidade. Mas, se isso a faz se sentir melhor, esta é uma ótima escola. Nunca dei aula num lugar que desse tanta atenção aos alunos. Começando pela diretora. Ela é louca, mas sempre coloca as crianças em primeiro lugar.

— Deve ser um mundo bem diferente do da contabilidade.

Tess observou as cores primárias gritantes do paraquedas ondulando suavemente à brisa.

— Ah! Você me conheceu quando eu era contador — comentou Connor. Ele lançou para ela um sorriso meigo, amigável, como se sentisse mais carinho por ela do que seria possível depois de todo aquele tempo. — Tinha me esquecido disso por algum motivo.

Clontarf Beach, lembrou Tess de repente. *Foi onde você me beijou pela primeira vez. Foi um bom primeiro beijo.*

— Isso faz tanto tempo — disse Tess. Seus batimentos cardíacos tinham acelerado. — Mal lembro direito.

Mal lembro direito. Isso nem fazia sentido.

— Sério? — perguntou Connor. Ele se agachou e pôs uma das bolas na parte vermelha do paraquedas. Ao se levantar, olhou para ela. — Na verdade, eu me lembro de bastante coisa.

O que aquilo significava? Que ele se lembrava de muita coisa do relacionamento dos dois ou apenas que se lembrava de muita coisa dos anos 1990?

— É melhor eu ir — disse ela. Seus olhares se encontraram e Tess os desviou depressa, como se tivesse feito algo ligeiramente inadequado. — Não vou mais atrapalhá-lo.

— Tudo bem. — Connor jogou a bola de basquete de uma mão para outra. — Ainda está interessada em tomar um café qualquer hora dessas?

— Claro — respondeu Tess. Ela lançou um sorriso na direção dele. — Divirta-se com o salto de paraquedas, ou seja lá o que estiver fazendo.

— Vou me divertir. E prometo ficar de olho em Liam.

Ela começou a se afastar e, ao fazer isso, lembrou-se de como Felicity gostava de assistir aos jogos de futebol com Will. Era algo que eles tinham em comum. Um interesse que compartilhavam. Tess sentava-se e lia um livro enquanto eles gritavam juntos na frente da TV. Ela se virou.

— Mas vamos tomar um drinque em vez disso — disse ela, e então encarou-o nos olhos. A sensação foi de um contato físico. — Quero dizer, em vez de um café.

Connor mexeu uma das bolas no paraquedas com a lateral do pé.

— Que tal hoje à noite?

Cecilia sentou-se no chão da despensa chorando, os braços em volta dos joelhos. Estendeu a mão para o rolo de papel-toalha na prateleira mais baixa, arrancou uma folha e assoou o nariz furiosamente.

Para começar, não conseguia se lembrar por que tinha ido à despensa. Talvez não tivesse nenhum outro motivo senão acalmar a mente olhando para seus potes da Tupperware. A agradável e objetiva geometria de suas formas interconectadas. Suas tampas azuis herméticas mantendo tudo fresco e crocante. Não havia segredos podres na despensa de Cecilia.

Ela sentia um leve cheiro de óleo de gergelim. Era sempre tão cuidadosa ao fechar aquela garrafa, mas ainda assim persistia um cheiro fraco. Talvez devesse jogá-lo fora, mas John-Paul adorava seu frango xadrez.

Quem se importava com o que John-Paul gostava? Os parâmetros conjugais nunca mais estariam empastados. Ela teria o controle e a última palavra para sempre.

A campainha tocou e Cecilia arfou. *A polícia!*, pensou ela.

Mas não havia motivo para a polícia aparecer agora, depois de todos aqueles anos, só porque Cecilia sabia. *Odeio você por isso, John-Paul Fitzpatrick*, pensou ela, ao se levantar. Seu pescoço doía. Pegou a garrafa do óleo de gergelim e a jogou na lixeira a caminho da porta. Não era a polícia. Era a mãe de John-Paul. Cecilia piscou, desorientada.

— Você estava no banheiro? — perguntou Virginia. — Eu já estava achando que teria que me sentar na escada. Minhas pernas estavam ficando cansadas.

A especialidade de Virginia era fazer você se sentir um pouco mal com qualquer coisa que ela pudesse. Tinha cinco filhos e cinco noras, e Cecilia era a única que ela não conseguira levar às lágrimas por raiva ou frustração uma vez sequer. Isso era por causa da confiança inabalável de Cecilia em suas habilidades como esposa, mãe e dona de casa. *Manda ver, Virginia*, às vezes ela pensava enquanto o olhar da sogra percorria tudo, desde as camisas sem uma dobra de John-Paul até os rodapés sem poeira.

Virginia “dava uma passada” na casa de Cecilia toda quarta-feira, depois da sua aula de *tai chi*, para tomar uma xícara de chá com algo recém-saído do forno. “Como você aguenta?”, resmungavam suas cunhadas, mas Cecilia não se incomodava tanto assim. Era como participar de uma batalha semanal, sem um objetivo específico, que Cecilia geralmente achava que vencia.

Mas não hoje. Não tinha forças para aquilo no momento.

— Que cheiro é esse? — perguntou Virginia, oferecendo a bochecha para um beijo. — É óleo de gergelim?

— É. — Cecilia cheirou as mãos. — Entre e sente-se. Vou pôr a chaleira no fogo.

— Não sou uma grande fã do cheiro de gergelim — disse sua sogra. — É muito asiático, não acha? — Ela se acomodou à mesa e olhou ao redor da cozinha, em busca de sujeira ou escolhas erradas. — Como John-Paul estava ontem à noite? Ele me ligou hoje de manhã. Que bom que voltou antes do

previsto. As meninas devem estar felizes. São as *garotinhas do papai*, as três, não são? Mas não acreditei quando ele me disse que precisaria ir ao escritório esta manhã, depois de ter voltado de viagem ontem à noite! Ele deve estar com um jet lag terrível. Coitadinho.

John-Paul gostaria de ter ficado em casa hoje. “Não quero deixar você sozinha tendo que lidar com isso”, dissera ele. “Não vou ao escritório. Podemos conversar. Continuar a nossa conversa.”

Cecilia não conseguia pensar em nada pior do que mais conversa. Ela insistira em que ele fosse trabalhar, praticamente empurrando-o porta afora. Precisava ficar longe dele. Precisava pensar. Ele ligou a manhã inteira e deixou mensagens que revelavam seu nervosismo. Será que estava preocupado que ela fosse entregá-lo?

— John-Paul é muito certinho no trabalho — disse ela à sogra, enquanto preparava o chá. *Imagine se você soubesse o que seu filhinho querido fez. Imagine só.*

Ela sentiu os olhos de Virginia observando-a com sagacidade. Ela não era boba, Virginia. Esse era o erro que as cunhadas de Cecilia cometiam. Subestimavam o inimigo.

— Você não está muito bem — comentou a sogra. — Parece fraca. Deve estar exausta, não é? Você assume muitas responsabilidades. Ouvi dizer que organizou uma reunião ontem à noite. Estava conversando com Marla Evans no *tai chi* e ela falou que foi um sucesso. Pelo que parece, todo mundo ficou bêbado. Ela comentou que você deu uma carona a Rachel Crowley.

— Rachel é muito gentil — elogiou Cecilia.

Pôs o chá de Virginia na frente dela, acompanhado de uma variedade de guloseimas que tinha assado. (Eram o fracasso de Virginia. E isso dava certa vantagem a Cecilia.) Conseguiria conversar com ela sem ficar nauseada?

— Eu acabei a convidando para a festa de pirata da Polly na semana que vem.

O que é simplesmente maravilhoso.

— Convidou? — perguntou Virginia. Houve uma pausa. — John-Paul sabe disso?

— Sabe — respondeu Cecilia. — Sabe, sim.

Era uma pergunta estranha vindo de Virginia. Ela sabia muito bem que John-Paul não se envolvia com o planejamento das festas de aniversário. Cecilia pegou o leite na geladeira e se virou para olhar a sogra.

— Por que a pergunta?

Virginia se serviu de uma fatia de bolo de coco.

— Ele não se importa?

— Por que se importaria?

Cecilia puxou com cuidado uma cadeira e sentou-se à mesa. Sentia como se alguém estivesse pressionando o polegar bem no meio da sua testa, como se sua cabeça fosse feita de massa de pão. Seu olhar encontrou o de Virginia. Ela tinha os olhos de John-Paul. Fora bonita no passado, e nunca perdoara uma de suas desafortunadas noras por não a ter reconhecido numa foto pendurada na sala de estar.

Virginia foi a primeira a desviar o olhar.

— Só achei que talvez ele fosse preferir não ter muitas pessoas de fora na festa da filha. — A voz dela parecia estranha.

Mordeu um pedaço do bolo de coco e o mastigou meio sem graça, como se apenas fingisse comer.

Ela sabe. A ficha caiu direto na cabeça de Cecília com um baque.

John-Paul dissera que ninguém sabia. Estava certo de que mais ninguém sabia.

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos. Cecília ouviu o zumbido da geladeira. Sentiu o coração acelerar. Virginia não poderia saber, não é? Ela engoliu em seco: um súbito e involuntário sorvo de ar.

— Conversei com Rachel sobre a filha dela — contou Cecília. Parecia sem fôlego. — Sobre Janie. A caminho de casa. — Ela parou, respirando fundo para se acalmar. Virginia tinha deixado o bolo de coco de lado e procurava alguma coisa em sua bolsa. — Você se lembra de muita coisa sobre... quando aconteceu?

— Lembro-me muito bem — respondeu Virginia. Puxou um lenço da bolsa e assoou o nariz. — Os jornais adoraram a história. Publicaram páginas e páginas de fotos. Mostraram até uma foto do... — Ela apertou o lenço na mão e pigarreou. — Do rosário de contas. O crucifixo era de madrepérola.

O rosário de contas. John-Paul dissera que a mãe havia lhe emprestado o rosário dela porque ele tinha uma prova naquele dia. Ela devia tê-lo reconhecido, mas nunca dissera uma palavra sequer, nunca perguntara nada, assim não teria que ouvir a resposta, mas sabia. Com certeza sabia. Cecília sentiu um calafrio subindo pelas suas pernas, como se estivesse ficando gripada.

— Mas tudo isso foi há muito tempo — disse Virginia.

— Foi. Embora deva ser muito doloroso para Rachel — comentou Cecília. — Não saber. Não saber o que aconteceu.

Os olhos delas se encontraram em lados opostos da mesa. Dessa vez, Virginia não desviou o olhar. Cecília conseguia ver minúsculas partículas de base em pó laranja grudadas nas linhas das rugas ao redor da boca da sogra. Do lado de fora da casa, ouvia os barulhos baixos que a vizinhança fazia no meio da semana: a tagarelice das cacatuas, o pio dos pardais, o zumbido distante de um soprador de folhas, uma porta de carro batendo.

— Embora isso não fosse mudar nada, não é? Não traria Janie de volta. — Virginia deu um tapinha no braço de Cecília. — Você já tem coisas demais na cabeça para se preocupar com isso. Sua família vem em primeiro lugar. Seu marido e suas filhas. Eles vêm em primeiro lugar.

— Sim, claro — começou Cecília, e parou abruptamente.

A mensagem fora alta e clara. A mancha do mal estava espalhada por toda a sua casa. E cheirava a óleo de gergelim.

Virginia deu um sorriso doce e tornou a segurar a fatia do bolo de coco entre os dedos.

— Não preciso lhe dizer isso, não é? Você é mãe. Faria qualquer coisa pelas suas filhas, assim como eu faria qualquer coisa pelos meus.

O dia de aula quase chegava ao fim e Rachel estava ocupada digitando o informativo da escola, os dedos se movendo rapidamente no teclado. “Agora temos sushi na cantina. Saudável e delicioso! Precisamos de mais voluntários para encapar os livros da biblioteca. E não se esqueçam do *MarOVIlhoso* Desfile de Chapéus de Páscoa amanhã! Connor Whitby foi condenado pelo assassinato da filha de Rachel Crowley. Oba! Nosso abraço caloroso a Rachel. Incrições abertas para a vaga de professor de educação física.”

Seu dedo mindinho apertou a tecla de apagar. *Delete. Delete.*

O celular dela zuniu e vibrou em cima da mesa, ao lado do computador, e ela o agarrou depressa.

— Sra. Crowley, aqui é Rodney Bellach.

— Rodney — disse Rachel. — Tem boas notícias para mim?

— Bem. Não... Bem, só queria que você soubesse que entreguei a fita a um amigo no Departamento de Homicídios — contou Rodney. Ele soava artificial, como se tivesse preparado com cuidado seu discurso antes de pegar o telefone. — Então, definitivamente, está em boas mãos.

— Isso é bom — comemorou Rachel. — É um começo! Eles vão reabrir o caso!

— Bem, Sra. Crowley, acontece que o caso de Janie não está fechado — informou Rodney. — Ainda está em aberto. Quando o investigador entrega um caso em aberto, como fizeram com o de Janie, você sabe... bem, ele continua em aberto. O que estou querendo dizer é que os garotos vão dar uma olhada na fita. Com certeza vão olhar.

— E vão interrogar Connor de novo — acrescentou Rachel. Ela apertou o telefone com mais força na orelha.

— Acho que essa é uma possibilidade — confirmou Rodney. — Mas, por favor, não crie muitas expectativas, Sra. Crowley. Por favor, não faça isso.

A decepção pareceu pessoal, como se estivessem lhe dizendo que ela falhou em algum teste. Ela não era boa o bastante. Não fora capaz de ajudar a filha. Falhara com ela de novo.

— Mas, veja bem, essa é só a minha opinião. Os garotos novos são mais jovens e mais espertos que eu. Alguém do Departamento de Homicídios vai ligar para você esta semana e lhe dizer o que eles acham.

Ao largar o telefone e voltar ao computador, os olhos de Rachel ficaram embaçados. Percebeu que tivera uma boa sensação de expectativa o dia inteiro, como se o fato de ter encontrado a fita fosse dar início a uma série de eventos que levaria a algo maravilhoso, quase como se ela pensasse que o vídeo pudesse trazer Janie de volta. Uma parte infantil do seu cérebro nunca havia aceitado que aquilo fosse mesmo capaz de acontecer, que sua filha pudesse ser assassinada. Com certeza algum dia uma autoridade respeitável assumiria o caso e acertaria tudo. Talvez Deus fosse a pessoa sensata e respeitável que ela sempre presumira que iria intervir. Será que ela poderia ter se iludido tanto? Mesmo que inconscientemente?

Deus não se importava. Não poderia se importar menos. Deus dera livre-arbítrio a Connor Whitby, e ele o usara para estrangular Janie.

Rachel afastou a cadeira da mesa e olhou pela janela para o pátio da escola. Dali de cima tinha uma visão panorâmica e conseguia ver tudo o que estava acontecendo. Era quase hora da saída. Os pais estavam espalhados por ali: pequenos grupos de mães entretidas em conversas, um ou outro pai esperando mais afastado, checando os e-mails no celular. Viu um dos pais chegar para o lado para liberar o caminho a uma cadeira de rodas. Era Lucy O'Leary. Sua filha, Tess, empurrava a cadeira. Enquanto Rachel as observava, Tess inclinou-se para ouvir algo que a mãe dizia, então jogou a cabeça para trás e riu. Havia alguma coisa levemente subversiva naquelas duas.

Era possível se tornar amiga de uma filha adulta de um modo que não parecia ser viável com um filho. Foi isso que Connor roubou de Rachel: todas as futuras relações que ela poderia ter tido com Janie.

Não sou a primeira mãe a perder um filho, Rachel ficava dizendo a si mesma durante o primeiro ano. *Não sou a primeira. E não serei a última.*

Não fez diferença alguma, é claro.

O sinal tocou, anunciando o fim de mais um dia de aula, e segundos depois as crianças saíram desabaladas das salas. Começou aquela familiar confusão de vozes infantis de todas as tardes: risadas, gritos, choros. Rachel viu o neto de Lucy O'Leary correr para a mãe e a avó. Ele quase tropeçou, porque estava com ambas as mãos ocupadas, carregando desajeitadamente uma gigantesca construção de papelão coberta com papel alumínio. Tess agachou-se ao lado da cadeira de rodas da mãe e os três analisaram o que quer que fosse aquilo — uma nave espacial, talvez? Não havia dúvida de que era coisa de Trudy McDuffy. Esqueçam a ementa escolar. Se Trudy decidisse que, naquele dia, o primeiro ano faria uma nave espacial, então assim seria. Lauren e Rob acabariam ficando em Nova York. Jacob teria sotaque americano. Comeriam panquecas no café da manhã. Rachel nunca o veria sair correndo da escola, carregando alguma coisa feita de papelão e papel alumínio. A polícia não faria nada com o vídeo. Eles o arquivariam. Não deviam nem ter um videocassete para assistir à fita.

Rachel voltou-se outra vez para a tela do computador e deixou os dedos descansarem frouxos nas teclas. Ela havia esperado vinte e oito anos por algo que nunca iria acontecer.

Tinha sido um erro sugerir um drinque. O que ela estava pensando? O bar estava cheio de gente jovem, bonita e bêbada. Tess ficava olhando para elas. Todos lhe pareciam alunos do ensino médio, que deveriam estar em casa estudando, e não na rua num dia de semana, fazendo aquela algazarra. Connor conseguira uma mesa para eles, o que foi uma sorte, mas ficava bem ao lado de uma fileira de máquinas de pôquer, iluminadas e barulhentas, e o pânico no rosto concentrado de Connor toda vez que ela falava deixava claro que ele estava tendo dificuldade para ouvi-la. Tess bebericou seu vinho não muito bom e sentiu sua cabeça começar a doer. Suas pernas estavam doloridas depois daquela longa caminhada ladeira acima ao sair da casa de Cecília. Ela fazia apenas uma aula de *body combat* com Felicity nas terças-feiras à noite, mas não tinha mais nenhum horário livre para fazer exercícios entre o trabalho, e a escola e todas as atividades de Liam. De repente, lembrou-se de que pagara cento e noventa dólares no material de um curso de artes que Liam deveria ter começado em Melbourne *hoje*. Merda, merda, merda.

O que ela estava fazendo ali, afinal? Havia esquecido quão ruins eram os bares de Sydney, se comparados aos de Melbourne. Era por isso que não tinha ninguém com mais de trinta anos naquele lugar. Se você morasse na Costa Norte, era obrigado a beber em casa e se enfiar na cama às dez da noite.

Ela sentia falta de Melbourne. Sentia falta de Will. Sentia falta de Felicity. Sentia falta da sua vida.

Connor se inclinou para a frente.

— Liam tem uma coordenação muito boa dos movimentos dos olhos e das mãos — gritou ele.

Pelo amor de Deus, isso agora era uma reunião de pais e professores?

Quando Tess foi buscá-lo na escola naquela tarde, Liam parecera feliz e não mencionara nada sobre Will ou Felicity. Em vez disso, falara sem parar sobre como definitivamente tinha sido o melhor na caça aos ovos de Páscoa, e como dividira alguns de seus ovos com Polly Fitzpatrick, que ia dar uma festa de pirata incrível e todos na turma haviam sido convidados, e como ele tinha brincado daquele jogo divertido com um paraquedas na pista de corrida, e que haveria um desfile de chapéus de Páscoa no dia seguinte, e a professora dele ia se vestir de ovo de Páscoa! Tess não sabia dizer se era apenas o fator novidade ou se era o excesso de chocolate que o deixara tão animado, mas pelo menos por enquanto Liam não estava sentindo falta de sua antiga vida.

— Você queria que Marcus estivesse aqui também? — perguntara ela.

— Na verdade, não — dissera Liam. — Marcus era muito mau.

Ele recusara ajuda com seu chapéu de Páscoa e fizera uma criação própria, estranha e maravilhosa, a partir de um chapéu velho de Lucy, incorporando a ele flores falsas e um coelho de brinquedo. Depois comeu todo o jantar, cantou no banho e, às sete e meia, dormia profundamente. Não importava o que acontecesse, ele não voltaria para aquela escola em Melbourne.

— Ele herdou do pai — comentou Tess com um suspiro. — A boa coordenação.

Ela tomou um grande gole do vinho ruim. Will nunca a levaria a um lugar como aquele. Conhecia os

melhores bares de Melbourne: bares intimistas, estilosos, com pouca iluminação, nos quais ele se sentaria de frente para ela à mesa e os dois conversariam. Nunca faltava assunto. Um ainda era capaz de fazer o outro rir. Saíam a cada dois meses. Só eles. Iam a um show ou jantavam. Não era isso que se deveria fazer? Investir no casamento com “noitadas” boas e regulares? (Ela não suportava essa frase.)

Felicity ficava cuidando de Liam quando eles saíam. Sempre tomavam um drinque com ela ao voltar para casa e lhe contavam como tinha sido a noite. Às vezes, se estava muito tarde, ela dormia lá, e todos tomavam café juntos na manhã seguinte.

Sim, Felicity era parte integrante de uma noite.

Será que ficava deitada no quarto de hóspedes desejando estar no lugar de Tess? O comportamento de Tess teria sido inacreditavelmente cruel (mesmo que de forma inconsciente) com Felicity?

— O que você disse? — Connor inclinou-se para a frente, estreitando os olhos para ela.

— Ele herdou...

— Uhuul! — Houve uma explosão de gritos em volta de uma das máquinas de pôquer.

— Seu filho da mãe, seu maldito filho da mãe! — Uma das mocinhas bonitas (“vulgar”, como Felicity a teria descrito) deu um tapa nas costas do amigo enquanto uma enxurrada de moedas caía da máquina.

— Uhuul! Uhuul! Uhuul! — Um garoto de costas largas batia no peito como um gorila e começou a se desequilibrar para o lado, caindo em cima de Tess.

— Cuidado aí, cara — disse Connor.

— Cara, me desculpe! Acabamos de ganhar... — O garoto se virou e seu rosto se iluminou. — Sr. *Whitby*! Olha, gente, esse era o meu professor de educação física da escola! Ele foi, tipo, o melhor professor de educação física *de todos os tempos*.

Ele estendeu a mão e Connor se levantou e a apertou, lançando um olhar constrangido para Tess.

— Caramba, como você *está*, Sr. *Whitby*?

O garoto enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e balançou a cabeça olhando para Connor, parecendo ter sido dominado por uma espécie de emoção filial.

— Estou bem, Daniel — respondeu Connor. — E você?

De repente, o garoto teve uma ideia incrível.

— Quer saber? Vou lhe pagar um drinque, Sr. *Whitby*. Seria um puta de um prazer. Sério. Desculpe meu linguajar. Devo estar meio bêbado. O que *está* bebendo, Sr. *Whitby*?

— Sabe, Daniel, seria ótimo, mas nós já estávamos mesmo de saída.

Connor estendeu a mão para Tess e, com um gesto automático, ela pegou sua bolsa, levantou-se e segurou a mão dele, de forma muito natural, como se eles tivessem um relacionamento de anos.

— Essa é a *Sra. Whitby*? — O garoto olhou Tess de cima a baixo, fascinado. Virou-se para Connor, deu uma piscadela travessa e descarada, e fez sinal de positivo com os polegares. Virou-se para Tess e disse: — *Sra. Whitby*, seu marido é uma lenda. Definitivamente, uma lenda. Ele me ensinou, tipo, salto a distância, e *hóquei*, e críquete, e, e, tipo, todos os esportes da porra do universo e, sabe, pareço atlético, eu sei, e sou mesmo, mas a senhora pode ficar surpresa em saber que eu não tinha uma coordenação motora muito boa, mas o Sr. *Whitby*, ele...

— Temos que ir, Daniel. — Connor deu um tapinha no ombro do garoto. — Foi bom ver você.

— Ah, também achei, cara. Também achei.

Connor levou Tess para fora do bar, para o ar noturno, maravilhosamente silencioso.

— Desculpe-me — disse ele. — Eu estava enlouquecendo lá dentro. Acho que estou ficando surdo. E depois um ex-aluno se oferecendo para me pagar um drinque... Meu Deus. Bem, parece que ainda estou segurando sua mão.

— Parece que sim.

O que você está fazendo, Tess? Mas ela não soltou a mão dele. Se Will podia se apaixonar por Felicity, se Felicity podia se apaixonar por Will, ela poderia passar alguns instantes de mãos dadas com um ex-namorado. Por que não?

— Eu lembro que sempre adorei suas mãos — confessou Connor. Ele pigarreou. — Acho que isso está beirando o inapropriado.

— É, bem... — disse Tess.

Ele deslizou o polegar tão delicadamente pelos nós dos dedos dela, que foi quase imperceptível.

Ela havia se esquecido disto: o modo como seus sentidos explodem e sua pulsação acelera, como se você estivesse enfim acordada depois de um longo sono. Tinha se esquecido da emoção, do desejo, da sensação de estar derretendo. Nada disso era possível depois de dez anos de casamento. Todo mundo sabia. Fazia parte do acordo. Ela aceitara o acordo. O que nunca fora um problema. Ela nem se dera conta de que sentia falta daquilo. Se alguma vez pensava nisso, parecia infantil, bobo — “soltar faíscas” —, tanto faz, quem se importa, ela tinha um filho para criar, um negócio para administrar. Mas, meu Deus, esquecera a força daquilo. Como nada mais parecia ter importância. Era isso que Will estava vivenciando com Felicity, enquanto Tess se ocupava da vida mundana de casada.

Connor aumentou só um pouquinho a pressão do polegar, e Tess sentiu uma onda de desejo.

Talvez o único motivo pelo qual Tess nunca havia traído Will fosse por não ter tido oportunidade. Na verdade, nunca traía nenhum de seus namorados. Seu histórico sexual era impecável. Nunca teve um envolvimento de uma só noite com um rapaz inadequado, nunca beijou o namorado de outra garota enquanto estava bêbada, nunca acordou com um arrependimento sequer. Sempre fizera a coisa certa. Por quê? Pelo quê? Quem se importava?

Tess não desviou os olhos do polegar de Connor, observando, hipnotizada e surpresa, ele deslizar com tanta delicadeza pelo nó de seu dedo.

* * *

Junho de 1987, Berlim: O presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, fez um discurso em Berlim Ocidental, no qual disse: “Secretário-Geral Gorbachev, se o senhor quer a paz, se busca a prosperidade para a União Soviética e para a Europa Oriental, se quer a liberalização: venha a este portão! Sr. Gorbachev, abra este portão! Sr. Gorbachev, derrube este muro!”

Em Sydney, Andrew e Lucy O’Leary conversavam em voz baixa e com uma sinceridade brutal à mesa da cozinha, enquanto a filha de dez anos dormia no andar de cima.

— Não é que eu não possa perdô-la — disse Andrew. — É que não me importo. Eu nem me importo.

— Só fiz isso para que você olhasse para mim — justificou Lucy.

Mas os olhos de Andrew já estavam voltados para além dela, para a porta.

— Como assim não vamos comer cordeiro? — perguntou Polly. — Sempre comemos cordeiro assado quando papai volta para casa.

Descontente, ela espetou o garfo no pedaço de peixe passado demais no seu prato.

— Por que você fez peixe para o jantar? — perguntou Isabel a Cecilia. — O papai odeia peixe.

— Eu não *odeio* peixe — contestou John-Paul.

— Odeia, sim — insistiu Esther.

— Está certo, não é meu prato favorito — concordou John-Paul. — Mas este aqui está muito bom mesmo.

— Hum, não está muito bom, não. — Polly largou o garfo e suspirou.

— Polly Fitzpatrick, onde estão seus modos? — repreendeu John-Paul. — Sua mãe teve um trabalhão para preparar isso...

— Não. — Cecilia ergueu a mão.

Por um momento, o silêncio pairou sobre a mesa, enquanto todos esperavam que ela dissesse mais alguma coisa. Ela largou o garfo e tomou um grande gole de vinho.

— Achei que você não iria tomar vinho durante a Quaresma — comentou Isabel.

— Mudei de ideia — disse Cecilia.

— Você não pode simplesmente *mudar de ideia*! — Polly estava horrorizada.

— Todas tiveram um bom dia hoje? — perguntou John-Paul.

— Esta casa está cheirando a óleo de gergelim — reparou Esther, fungando.

— É, achei que fôssemos comer frango xadrez — disse Isabel.

— Peixe é alimento para o cérebro — alegou John-Paul. — Ele nos deixa inteligentes.

— Então por que os esquimós não são, tipo, as pessoas mais inteligentes do mundo? — questionou Esther.

— Talvez sejam — respondeu John-Paul.

— O peixe está com um gosto *muito ruim* — disse Polly.

— Algum esquimó já ganhou o Prêmio Nobel? — indagou Esther.

— Está mesmo com um gosto estranho, mãe — disse Isabel.

Cecilia se levantou e começou a jogar fora a comida dos pratos das meninas, ainda cheios. Suas filhas ficaram chocadas.

— Vocês podem comer torrada.

— Está bom! — protestou John-Paul, segurando as bordas do prato com os dedos. — Eu estava gostando.

Cecilia puxou o prato dele.

— Não estava, não.

Ela evitou os olhos do marido. Não fizera contato visual com John-Paul desde que ele chegara em casa. Se agisse normalmente, se apenas deixasse a vida seguir em frente, não o estaria perdendo? Aceitando o que ele fizera? Traindo a filha de Rachel Crowley?

Só que não fora exatamente isso o que ela decidira fazer? Não fazer nada? Então que diferença faria se ela fosse fria com John-Paul? Ela achava mesmo que isso mudava alguma coisa?

Não se preocupe, Rachel, estou sendo muito cruel com o assassino da sua filha. Nada de cordeiro assado para ele! Não, senhor!

A taça dela estava vazia de novo. Meu Deus. Acabara rápido. Ela pegou a garrafa de vinho na geladeira e a encheu até a borda.

* * *

Tess e Connor estavam deitados de costas, ofegantes.

— Então — disse Connor, por fim.

— Pois é, então — falou Tess.

— Parece que estamos no corredor — comentou ele.

— Parece que sim.

— Eu estava tentando levá-la pelo menos até a sala.

— O corredor me parece muito bom — elogiou Tess. — Não que eu tenha conseguido ver muita coisa.

Estavam no apartamento escuro de Connor, deitados no chão do corredor. Ela sentia um tapete fino em suas costas, e possivelmente as tábuas do assoalho. O apartamento tinha um cheiro agradável de alho e sabão em pó.

Ela o seguira até em casa no carro da mãe. Ele a beijara no portão do prédio, em seguida a beijara outra vez na escada, e por um longo tempo na porta de casa, depois de novo com a chave na fechadura, e então estavam fazendo aquela coisa louca de “um arrancar as roupas do outro esbarrando nas paredes”, o que nunca se faz quando se está numa relação duradoura porque parece muito dramático e, de qualquer modo, não vale o esforço, especialmente se tem algo bom passando na TV.

— É melhor eu pegar uma camisinha — dissera Connor em seu ouvido, num momento crucial do processo.

— Tomo pílula. Você não parece ter nenhuma doença, então, apenas, por favor, ah, *meu Deus*, por favor, apenas continue.

— Tá — respondera ele, e fez o que ela pediu.

Agora Tess ajeitava suas roupas e esperava sentir-se envergonhada. Era uma mulher casada. Não estava apaixonada por aquele homem. O único motivo para ela estar ali era porque seu marido tinha se apaixonado por outra pessoa. Apenas alguns dias antes, aquela cena seria inconcebível, uma piada. Ela estaria se condenando. Devia estar se sentindo uma miserável, uma piranha, pecadora, mas, na verdade, o que sentia agora era... alegria. Alegria mesmo. Na verdade, estava quase absurdamente feliz. Pensou em Will e Felicity e em seus rostos tristes e sérios antes de ela jogar café frio neles. Lembrou que Felicity estava

usando uma blusa nova de seda branca. Aquela mancha de café nunca sairia.

Os olhos dela se acostumaram com a pouca luz, mas Connor ainda era apenas uma silhueta escura deitada ao seu lado. Ela sentia o calor do corpo dele ao longo de seu lado direito. Ele era maior, mais forte e estava muito mais em forma que Will. Ela pensou no corpo do marido, pequeno, atarracado e peludo — tão conhecido e querido, o corpo de alguém familiar, embora sempre sexy para ela. Ela pensara que Will seria o último marco de seu histórico sexual. Achara que nunca mais iria dormir com outra pessoa na vida. Lembrou-se da manhã depois que ela e Will ficaram noivos, quando aquele pensamento lhe ocorrera pela primeira vez. A gloriosa sensação de alívio. Nada mais de corpos novos, desconhecidos. Nada mais de conversas constrangedoras sobre métodos contraceptivos. Apenas Will. Ele era tudo de que ela precisava, tudo o que ela queria.

E agora ali estava ela, deitada no corredor de um ex-namorado.

“A vida sabe nos surpreender”, dizia sua avó, em geral sobre acontecimentos nada surpreendentes, como uma gripe forte, o preço das bananas e coisas assim.

— Por que nós terminamos? — perguntou ela a Connor.

— Você e Felicity decidiram se mudar para Melbourne — disse ele. — E você nunca me perguntou se eu queria ir junto. Então pensei: *Certo. Parece que acabei de levar um pé na bunda.*

Tess se encolheu.

— Eu fui tão horrível assim? Parece que sim.

— Você me magoou — declarou Connor, em tom de lamento.

— Sério?

— É possível — disse ele. — Ou você, ou a outra garota que namorei na mesma época, chamada Teresa. Sempre confundi vocês duas.

Tess deu uma cotovelada nele.

— Você era uma boa lembrança — confessou Connor, mais sério. — Fiquei feliz de revê-la no outro dia.

— Eu também — disse Tess. — Fiquei feliz de ver você.

— Mentirosa. Você parecia horrorizada.

— Fiquei surpresa. — Ela mudou de assunto: — Você ainda tem aquele colchão d’água?

— Infelizmente, o colchão d’água não sobreviveu ao novo milênio. Acho que deixava Teresa enjoada.

— Pare de falar de Teresa.

— Tudo bem. Quer ir para um lugar mais confortável?

— Estou bem.

Eles ficaram deitados num silêncio amigável por alguns minutos, e então Tess disse:

— Humm. O que você está fazendo?

— Só vendo se ainda conheço o caminho.

— Isso é um pouco, não sei, rude? Machista? Ah. Ah, tudo bem.

— Gosta disto, Teresa? Espere, qual é o seu nome, mesmo?

— Pare de falar, por favor.

Cecilia sentou-se no sofá ao lado de Esther, assistindo a vídeos no YouTube daquela noite fria e clara de novembro de 1989, quando o Muro de Berlim foi derrubado. Ela própria estava ficando obcecada pelo Muro. Depois que a mãe de John-Paul fora embora, Cecilia ficara sentada à mesa da cozinha, lendo um dos livros de Esther até que desse a hora de buscar as meninas na escola. Havia tantas coisas que ela deveria estar fazendo — entregas de Tupperware, preparativos para o domingo de Páscoa e para a festa de pirata —, mas ler sobre o Muro era uma boa maneira de fingir que não estava pensando no que ela realmente estava pensando.

Esther tomava leite morno. Cecilia bebia sua terceira — ou seria a quarta? — taça de Sauvignon Blanc. John-Paul ouvia Polly praticar leitura. Isabel estava ao computador, na sala de estar, baixando músicas para seu iPod. A casa deles era uma bolha de vida doméstica, aconchegante e à meia-luz. Cecilia fungou. O cheiro do óleo de gergelim agora parecia ter impregnado a casa inteira.

— Olhe, mãe. — Esther a cutucou com o cotovelo.

— Estou vendo — disse Cecilia.

As recordações de Cecilia das cenas que vira nos noticiários em 1989 eram mais fortes do que aquela. Lembrava-se de multidões dançando em cima do muro, os punhos socando o ar. David Hasselhoff não estava cantando em algum lugar? Mas havia uma tranquilidade estranha e assustadora nos vídeos que Esther encontrara. As pessoas que saíam da Berlim Oriental pareciam ligeiramente surpresas, alegres, porém calmas, andando em fila de modo muito ordenado. (Eram alemães, afinal de contas. Pessoas parecidas com Cecilia.) Homens e mulheres com cortes de cabelo dos anos 1980 bebiam champanhe direto da garrafa, com a cabeça jogada para trás e sorrindo para as câmeras. Eles assobiavam, se abraçavam e choravam, apertavam as buzinas de seus carros, mas pareciam todos bem-comportados, muito *gentis* com relação a tudo aquilo. Mesmo as pessoas que batiam no muro com grandes martelos pareciam fazer isso com uma alegria contida, não com uma fúria descontrolada. Cecilia viu uma mulher mais ou menos da sua idade dançar em círculos com um homem de barba que usava jaqueta de couro.

— Por que você está chorando, mãe? — perguntou Esther.

— Porque eles estão muito felizes — respondeu Cecilia.

Porque haviam resistido àquela coisa insuportável. Porque era provável que aquela mulher tivesse pensado, como tantas outras pessoas, que o muro um dia cairia, mas não enquanto ainda fosse viva, e que ela jamais veria aquele dia, mas tinha visto, e por isso estava dançando.

— É estranho como você sempre chora por causa de coisas felizes — comentou Esther.

— Eu sei — concordou Cecilia.

Finais felizes sempre a faziam chorar. Era o alívio.

— Quer uma xícara de chá?

John-Paul se levantou da mesa de jantar, e Polly deixou o livro de lado. Ele olhava para Cecilia

ansiosamente. Durante toda a noite, ela esteve consciente dos olhares dele, tímidos e solícitos. Isso a estava enlouquecendo.

— Não — disse Cecilia, em tom severo, sem encará-lo. Ela sentiu o olhar perplexo das filhas. — Não quero uma xícara de chá.

— Eu me lembro de Felicity. Ela era divertida. Raciocinava rápido. Um pouco assustadora.

Connor e Tess haviam ido para a cama de Connor. Ele tinha um colchão queen size comum, coberto com lençóis brancos lisos de algodão egípcio. (Ela se esquecera disso: o quanto ele adorava lençóis de qualidade, como aqueles que os hotéis usam.) Connor esquentara o que tinha sobrado da massa que fizera na noite anterior e os dois estavam sentados comendo na cama.

— Poderíamos ser civilizados e nos sentar à mesa — oferecera Connor. — Eu poderia preparar uma salada. Usar jogos americanos.

— Vamos continuar aqui — disse Tess. — Se não, posso acabar me lembrando de ficar constrangida com tudo isso.

— Bem pensado — concordou ele.

A massa estava muito boa. Tess comeu com vontade. Tinha aquela mesma voracidade de quando Liam era bebê e ela passava a noite inteira acordada amamentando.

Só que em vez de uma noite inocente alimentando o filho, ela acabara de ter duas relações sexuais animadas e bastante satisfatórias com um homem que não era o seu marido. Deveria ter perdido o apetite e não o recuperado.

— Então ela e seu marido estão tendo um caso — afirmou Connor.

— Não — retrucou Tess. — Apenas se apaixonaram. É tudo muito puro e romântico.

— Isso é horrível.

— Eu sei — disse Tess. — Só descobri na segunda-feira, e aqui estou eu.

Ela gesticulou com o garfo, indicando o quarto, ela mesma e sua nudez quase total. (Não estava usando nada além de uma camiseta de Connor, que ele pegara numa gaveta e lhe entregara, sem fazer comentário algum, antes de ir esquentar a massa. Pelo cheiro parecia estar limpa.)

— Comendo massa — completou Connor.

— Comendo uma massa deliciosa — acrescentou Tess.

— Felicity não era um tanto... — Connor procurou a palavra certa. — Como posso dizer isso sem parecer... Ela não era um tanto cheinha?

— Ela tinha obesidade mórbida — afirmou Tess. — Isso é relevante, porque este ano ela perdeu quarenta quilos e ficou muito bonita.

— Ah — disse Connor. Ele fez uma pausa. — Então o que você acha que vai acontecer?

— Não tenho ideia — respondeu Tess. — Semana passada eu achava que meu casamento era bom. Tão bom quanto um casamento pode ser. E, de repente, eles anunciaram isso. Fiquei em choque. Ainda estou. Mas, de novo, olhe para mim, três dias depois. Na verdade, *dois* dias. Estou com um ex-namorado... comendo massa.

— Às vezes, as coisas simplesmente acontecem — comentou Connor. — Não se preocupe com isso.

Tess terminou de comer e passou o dedo pela tigela.

— Por que você está solteiro? Sabe cozinhar, sabe fazer outras coisas — ela apontou vagamente para a cama — muito bem.

— Passei todos esses anos esperando por você. — Sua expressão estava séria.

— Não passou nada — disse Tess. Ela franziu a testa. — Quero dizer, não passou, passou?

Connor pegou a tigela vazia da mão dela e encaixou-a dentro da sua. Pôs as duas na mesinha de cabeceira. Depois se recostou em seu travesseiro.

— Na verdade, esperei mesmo você por um tempo — admitiu ele.

A alegria de Tess começou a diminuir.

— Desculpe-me, eu não tinha ideia...

— Tess — interrompeu Connor. — Relaxe. Foi há muitos anos, e nós nem namoramos tanto tempo assim. Foi a diferença de idade. Eu era um contador chato, enquanto você era jovem e estava pronta para se aventurar por aí. Mas, às vezes, eu imaginava como poderia ter sido.

Tess nunca imaginara. Nem uma vez sequer. Mal pensava em Connor.

— Então você nunca se casou? — perguntou ela.

— Morei com uma mulher durante alguns anos. Uma advogada. Nós dois estávamos querendo uma parceria e um casamento, acho. Mas aí minha irmã morreu e tudo mudou. Eu estava cuidando de Ben. Perdi o interesse pela contabilidade mais ou menos na mesma época em que Antonia perdeu o interesse por mim. E foi então que decidi estudar educação física.

— Mas continuo sem entender. Há um pai solteiro na escola de Liam em Melbourne, e as mulheres *se amontoam* em volta dele. É constrangedor de ver.

— Bem — falou Connor. — Nunca disse que elas não se amontoam.

— Então você apenas ficou galinhando por aí todos esses anos — concluiu Tess.

— Mais ou menos — concordou ele. Ia falar mais alguma coisa, mas se conteve.

— O que foi?

— Não. Nada.

— Diga.

— Só ia confessar uma coisa.

— Uma coisa picante? — arriscou Tess. — Não se preocupe, passei a ter uma mente bastante aberta desde que meu marido sugeriu que eu morasse na mesma casa que ele e sua amante.

Connor abriu um sorriso solidário para ela.

— Não tão picante assim. Só ia dizer que já faz um ano que tenho feito terapia. Tenho... como as pessoas dizem?... “trabalhado” algumas questões.

— Ah — murmurou Tess, preocupada.

— Você está parecendo meio assustada — disse Connor. — Não sou louco. Só tinha algumas questões que precisava... resolver.

— Questões importantes? — perguntou Tess, sem ter certeza se realmente queria saber.

Aquilo era para ser um descanso de todas as coisas sérias, uma escapadinha louca. A cabeça dela estava começando a soltar fumaça. (Tess tinha consciência de que já tentava definir aquilo, classificar a

situação para torná-la aceitável. Talvez estivesse se aproximando da autodepreciação.)

— Quando nós namorávamos — começou Connor —, alguma vez lhe contei que fui a última pessoa a ver Janie Crowley com vida? A filha de Rachel Crowley.

— Sei quem ela era — disse Tess. — Tenho quase certeza de que você nunca me contou isso.

— Na verdade, sei que não — confessou Connor. — Porque nunca falei sobre isso. Quase ninguém sabia. Só a polícia. E a mãe de Janie. Às vezes, acho que Rachel Crowley acredita que fui eu. Ela me olha de um jeito intenso.

Tess sentiu um arrepio. Ele matou Janie Crowley e agora estava prestes a matar Tess e então todo mundo ficaria sabendo que ela havia usado a complicada situação romântica de seu marido para se jogar na cama de um ex-namorado.

— E foi você? — perguntou ela.

Connor ergueu os olhos, perplexo.

— Tess! Não! Claro que não!

— Desculpe-me. — Ela voltou a relaxar no travesseiro. É claro que não tinha sido ele.

— Meu Deus, não consigo acreditar que você poderia pensar...

— Perdão, perdão. Então quer dizer que Janie era sua amiga? Namorada?

— Eu queria que ela fosse minha namorada — contou Connor. — Estava muito a fim dela. Ela tinha ido à minha casa depois da escola e nós demos uns amassos na minha cama, então fiquei todo sério e disse: "Muito bem, isso quer dizer que você é minha namorada, certo?" Eu estava desesperado por um compromisso. Queria tudo assinado e selado. Minha primeira namorada. Só que ela ficou toda hesitante e falou: "Bem, não sei, ainda estou me decidindo." Aquilo estava me enlouquecendo, mas aí, na manhã do dia em que ela morreu, Janie me contou que tinha se decidido. Eu ficara com a vaga, por assim dizer. Estava eufórico. Era como se tivesse ganhado na loteria.

— Connor. Sinto muito.

— Ela foi lá em casa naquela tarde, comemos peixe e batatas fritas no meu quarto e nos beijamos por umas trinta horas, mais ou menos. Depois eu a levei até a estação de trem e, na manhã seguinte, ouvi no rádio que tinham encontrado uma garota estrangulada no Wattle Valley Park.

— Meu Deus — exclamou Tess, em vão.

Ela se sentiu meio deslocada, do mesmo modo como ficara no outro dia, ao sentar-se com a mãe em frente à mesa de Rachel Crowley, para preencher o formulário de matrícula de Liam, enquanto pensava: *A filha dela foi assassinada*. Ela não conseguia relacionar a experiência de Connor com nada nem remotamente parecido em sua própria vida, e por isso não se sentia capaz de conversar com ele de um jeito normal.

Por fim, Tess disse:

— Não acredito que você nunca me contou nada disso quando estávamos juntos.

Mas, na verdade, por que ele deveria? Só namoraram por seis meses. Nem mesmo marido e mulher dividiam tudo. Ela nunca contara a Will sobre seu autodiagnóstico de ansiedade social. Ela encolhia os dedos dos pés, constrangida, só de pensar em contar a ele.

— Morei anos com Antonia antes de finalmente contar a ela — disse Connor. — Ela ficou ofendida. Parecíamos conversar mais sobre como ela ficou ofendida do que sobre o que de fato havia acontecido.

Acho que deve ter sido por isso que ela terminou comigo. Minha incapacidade de *compartilhar*.

— Acho que as mulheres gostam de saber das coisas — justificou Tess.

— Há uma parte da história que nunca contei a Antonia — confessou ele. — Nunca contei a ninguém, até falar com a terapeuta. Minha “psicóloga”.

Ele fez uma pausa.

— Não precisa me contar — disse Tess, de um jeito nobre.

— Tudo bem, vamos falar sobre outra coisa — brincou Connor.

Tess deu um tapinha nele.

— Minha mãe mentiu por mim — admitiu ele.

— O que você quer dizer?

— Você nunca teve o prazer de encontrar minha mãe, não é? Ela morreu antes de nos conhecermos.

Ocorreu-lhe outra lembrança de seu namoro com Connor. Tess perguntara a ele sobre seus pais e ele explicara: “Meu pai nos abandonou quando eu era bebê. Minha mãe morreu quando eu tinha vinte e um anos. Era alcoólatra. É tudo o que tenho a dizer sobre ela.” “Problemas com a mãe”, dissera Felicity, quando Tess repetiu essa conversa para ela. “Saia correndo.”

— Minha mãe e o namorado falaram para a polícia que eu estava com eles em casa desde as cinco da tarde e durante toda a noite. Mas não era verdade. Eu estava em casa sozinho. Eles haviam saído para se embriagar em algum lugar. Foi uma surpresa, porque nunca pedi que mentissem por mim. Minha mãe simplesmente decidiu fazer isso. Foi automático. E ela *adorou*. Mentir para a polícia. Ela piscou para mim ao segurar a porta aberta para os policiais saírem. Piscou! Como se nós dois fôssemos cúmplices. Aquilo me fez sentir culpado. Mas o que eu poderia fazer? Não podia dizer a eles que minha mãe acabara de mentir por mim, porque isso daria a impressão de que ela achava que eu tinha algo a esconder.

— Mas isso não quer dizer que ela achou mesmo que tivesse sido você — reconheceu Tess.

— Depois que os policiais foram embora, ela ergueu um dedo e disse: “Connor, querido, não quero saber.” Como se estivessemos num filme. Então falei: “Mãe, *não fui eu*.” E ela apenas pediu: “Sirva uma taça de vinho para mim, querido.” Depois disso, toda vez que ela enchia a cara, dizia: “Você me deve uma, seu bastardo ingrato.” Isso me deixou com uma eterna sensação de culpa. Quase como se *tivesse* sido eu. — Ele deu de ombros. — Enfim. Cresci. Minha mãe morreu. Nunca falei sobre Janie. Tentei ao máximo evitar pensar nela. Em seguida, minha irmã morreu, fiquei com Ben, e logo depois de me formar professor, vi que tinha uma vaga para trabalhar na St. Angela. Só no meu segundo dia fiquei sabendo que a mãe de Janie trabalhava lá.

— Deve ter sido estranho.

— Não nos encontramos com muita frequência. Tentei conversar com ela sobre Janie logo no começo, mas ela deixou claro que não queria papo. Bem. Comecei a lhe contar tudo isso porque você perguntou a razão para eu ainda estar solteiro. Minha *terapeuta* caríssima acha que estive sabotando inconscientemente as minhas relações porque não acredito que eu mereça ser feliz, por causa da culpa que sinto pelo que, na verdade, não fiz com Janie. — Ele abriu um sorriso envergonhado para Tess. — Então, aí está. Sou um homem bastante *traumatizado*. E não seu contador comum que se tornou professor de educação física.

Tess pegou a mão dele e entrelaçou os dedos dela nos de Connor. Olhou para suas mãos unidas, impressionada com o fato de estar segurando a mão de outro homem, embora apenas alguns momentos antes tivesse feito coisas que a maioria das pessoas teria considerado muito mais íntimas.

— Sinto muito — disse ela.

— Pelo quê?

— Sinto muito por Janie. E por sua irmã ter morrido. — Ela fez uma pausa. — E sinto muito mesmo por ter terminado com você daquele jeito.

Connor fez o sinal da cruz na cabeça dela.

— Eu a absolvo de seus pecados. Minha filha. Ou seja lá o que for que eles dizem. Já faz um tempo desde que me confessei pela última vez.

— Eu também — disse Tess. — Acho que você deveria me dar a penitência antes de me absolver.

— Aah, consigo pensar numa penitência, meu bem.

Tess riu. Soltou a mão dele.

— Eu tenho que ir.

— Assustei você com minhas “questões” — percebeu Connor.

— Não, não assustou. Só não quero que minha mãe fique preocupada. Ela vai ficar acordada me esperando e não sabe que vou chegar tarde. — De repente, ela se lembrou do motivo para eles terem se encontrado. — Ei, não conversamos sobre seu sobrinho. Você queria alguns conselhos profissionais, ou algo assim, não era?

Connor sorriu.

— Ben já arrumou emprego. Eu só queria uma desculpa para me encontrar com você.

— Sério? — Tess sentiu uma onda de felicidade. Havia algo melhor do que ser desejada? Isso não era tudo de que alguém precisava?

— É.

Eles se olharam.

— Connor... — começou ela.

— Não se preocupe — disse ele. — Não tenho nenhuma expectativa. Sei exatamente o que é isso.

— O que é isso? — perguntou Tess, interessada.

Ele fez uma pausa.

— Não tenho certeza. Vou ver com minha terapeuta e depois conto para você.

Tess bufou.

— Tenho mesmo que ir — repetiu.

Mas isso foi meia hora antes de ela enfim tornar a se vestir.

Cecilia entrou no banheiro da suíte, onde John-Paul estava escovando os dentes. Ela pegou sua escova, apertou o tubo da pasta e começou a escovar os seus também, sem permitir que seus olhos encontrassem os dele no espelho.

Ela parou.

— Sua mãe sabe — disse ela.

John-Paul se debruçou sobre a pia e cuspiu.

— O que você quer dizer?

Ele se endireitou, secou a boca com a toalha de mão e a pendurou de volta no toalheiro, de um modo tão descuidado que daria para imaginar que a intenção dele fosse mesmo que ela ficasse torta.

— Ela sabe — repetiu Cecilia.

Ele se virou.

— Você *contou* a ela?

— Eu, não...

— Por que fez isso?

O rosto dele havia perdido a cor. Mas não parecia zangado, só absolutamente confuso e surpreso.

— Não contei a ela, John-Paul. Mencionei que Rachel virá à festa de Polly, e ela me perguntou o que você achava disso. Deduzi que ela sabe.

Os ombros de John-Paul relaxaram.

— Deve ter sido imaginação sua.

Ele parecia tão seguro. Toda vez que eles discutiam para defender seus pontos de vista, ele parecia muito confiante de que estava certo e ela, errada. Nunca sequer aventava a possibilidade de estar enganado. Isso a enlouquecia. Ela lutou contra uma vontade irresistível de lhe dar um tapa na cara.

Este era o problema: todas as falhas dele pareciam mais importantes agora. Uma coisa era um pai de família gentil e que seguia as leis ter defeitos: uma certa intransigência que só se manifestava nos momentos mais inconvenientes, aquele mau humor ocasional (e também incômodo), a teimosia implacável durante as discussões, a desorganização, o fato de estar sempre perdendo as coisas. Tudo isso era bastante inofensivo, comum até, mas agora que esses eram os defeitos de um assassino, pareciam muito mais relevantes, como se o definissem. Suas qualidades agora eram insignificantes e provavelmente fraudadas: uma identidade falsa. Como ela poderia voltar a olhar para ele do mesmo jeito de antes? Como ainda poderia amá-lo? Ela não o conhecia. Estivera apaixonada por uma ilusão de óptica. Os olhos azuis que tinham olhado para ela com carinho, paixão e alegria eram os mesmos olhos que Janie vira naqueles instantes terríveis antes de morrer. Aquelas mãos adoráveis e fortes que haviam amparado as cabecinhas frágeis e macias das filhas de Cecilia eram as mesmas que apertaram o pescoço de Janie.

— Sua mãe sabe — reforçou Cecilia. — Reconheceu o rosário dela na foto que saiu no jornal.

Basicamente me falou que uma mãe faria qualquer coisa por seus filhos, e que eu deveria fazer o mesmo pelas minhas e fingir que isso nunca aconteceu. Foi horripilante. *Sua mãe é horripilante.*

Dizer aquilo era como ultrapassar um limite. John-Paul não aceitava bem as críticas à sua mãe. Em geral, Cecília tentava respeitar isso, apesar de ficar aborrecida.

John-Paul deixou-se cair na lateral da banheira e, ao fazer isso, seus joelhos esbarraram na toalha de mão, derrubando-a do suporte.

— Você acha mesmo que ela sabe?

— Acho — respondeu Cecília. — Então é isso. O tesouro da mamãe pode se safar após ter cometido assassinato.

John-Paul pestanejou, e Cecília quase considerou pedir desculpas antes de lembrar que isso não era um desentendimento qualquer sobre pôr os pratos no lava-louça. As regras haviam mudado. Ela poderia ser tão desagradável e cínica quanto quisesse.

Ela tornou a pegar a escova e começou a escovar os dentes com movimentos rudes e mecânicos. Na semana passada mesmo seu dentista lhe dissera que ela estava escovando com força demais, tirando todo o esmalte do dente. “Segure a escova com as pontas dos dedos, como o arco de um violino”, instruíra ele, demonstrando como era. Cecília perguntara se deveria comprar uma escova de dentes elétrica e o dentista respondera que não era um grande fã delas, exceto para os velhinhos que sofriam de artrite, mas ela afirmara que gostava da sensação boa de limpeza que elas deixavam... e, ah, isso importara *de verdade*, ela estivera completamente envolvida naquela conversa sobre o cuidado com seus dentes naquela época, na semana passada.

Ela bochechou e cuspiu, pôs a escova de lado, pegou a toalha que John-Paul havia deixado cair no chão e a colocou de volta no lugar.

Olhou para ele, que se encolheu.

— O jeito como você me olha agora — disse John-Paul. — É... — Ele parou e respirou fundo, trêmulo.

— O que você esperava? — perguntou Cecília, espantada.

— Sinto muito mesmo — falou ele. — Desculpe-me por fazer você passar por isso. Por obrigá-la a fazer parte disso. Sou um completo *idiota* por ter escrito aquela carta. Mas ainda sou eu, Cecília. Juro. Por favor, não pense que sou algum monstro cruel. Eu tinha dezessete anos, Cecília. Cometi um erro terrível, terrível.

— Pelo qual nunca pagou — atalhou Cecília.

— Sei que não. — Ele a encarou com firmeza. — Sei disso.

Ficaram em silêncio por alguns instantes.

— *Merda!* — Cecília bateu com a lateral da mão na cabeça. — Porra.

— O que foi? — perguntou John-Paul, cambaleando para trás.

Ela nunca falava palavrão. Durante todos aqueles anos deixara de lado em sua mente um pote da Tupperware com linguagem de baixo calão, e agora ela o abria e todas aquelas palavras enérgicas e desagradáveis estavam frescas e adoráveis, prontas para serem usadas.

— Chapéus de Páscoa — disse ela. — Polly e Esther precisam de malditos chapéus de Páscoa para

amanhã de manhã.

6 DE ABRIL DE 1984

Janie quase mudou de ideia ao olhar pela janela do trem e ver John-Paul esperando por ela na plataforma. Ele estava lendo um livro, as pernas compridas esticadas para a frente, e quando viu o trem se aproximando, levantou-se e enfiou o livro no bolso de trás da calça. Com um movimento repentino, quase furtivo, alisou o cabelo com a palma da mão. Ele era *lindo*.

Ela se levantou do assento, segurando-se no mastro para se equilibrar, e jogou a bolsa no ombro.

Foi estranho — o modo como ele alisara o cabelo tinha sido um gesto inseguro para um garoto como John-Paul. Quase daria para pensar que ele estava nervoso por ver Janie, que estava preocupado em impressioná-la.

— Próxima parada Asquith, depois todas as estações até Berowra.

O trem guinchou até parar.

Então era isso. Ela iria dizer a ele que não poderiam mais se ver. Ela poderia ter enrolado John-Paul, o deixado esperando por ela, mas não era esse tipo de garota. Poderia ter telefonado, mas isso também não parecia certo. Além do mais, nunca haviam ligado um para o outro. As mães dos dois gostavam de ficar os rodeando quando estavam ao telefone.

Se ao menos pudesse ter mandado um e-mail ou uma mensagem de texto para ele, isso teria resolvido tudo, mas internet e celulares ainda estavam no futuro.

Ela andara pensando que aquilo seria desagradável e que talvez o orgulho de John-Paul fosse ficar ferido, e que ele provavelmente diria algo cruel como “Nunca gostei tanto assim de você mesmo”, mas até vê-lo alisando o cabelo, não lhe ocorrera que estava prestes a magoá-lo. Pensar nisso a deixou enjoada.

Ela saltou do trem, e John-Paul ergueu a mão, sorrindo. Janie retribuiu o aceno e, ao andar pela plataforma em direção a ele, ocorreu-lhe, com um leve e amargo choque de autoconhecimento, que a questão não era que ela gostava mais de Connor, e sim que gostava demais de John-Paul. Era uma pressão muito grande estar com alguém tão bem-apegoado, inteligente, engraçado e legal. Ela estava fascinada por John-Paul. Connor estava fascinado por ela. Só que era muito mais interessante provocar o fascínio. As garotas deveriam provocar o fascínio.

O interesse de John-Paul parecia um engodo. Uma pegadinha. Porque estava claro que ela não era boa o bastante para ele e John-Paul sabia disso. Ela sempre esperava que um grupo de meninas fosse aparecer, rindo, zombando e apontando. “Você achou *mesmo* que ele estaria interessado em *voce*?” Foi por isso que ela nunca falou da existência dele a nenhuma de suas amigas. Elas sabiam de Connor, óbvio, mas não de John-Paul Fitzpatrick. Não acreditariam que um dos garotos Fitzpatrick estaria interessado nela, pois nem ela mesma acreditava nisso.

Pensou no grande sorriso bobo de Connor no ônibus, ao lhe dizer que agora era oficialmente sua

namorada. Ele era seu amigo. Perder a virgindade com Connor seria doce, divertido e carinhoso. Ela jamais poderia tirar a roupa na frente de John-Paul. Só de pensar seu coração parava. Além disso, ele merecia uma garota com um corpo à altura do dele. Ele riria se visse o corpo dela, estranho, magro e branquelo. Notaria que seus braços eram desproporcionais, grandes para o tronco. Acharia graça ou bufaria ao ver seu peito reto.

— Oi — disse ela.

— Oi — respondeu ele.

Janie prendeu a respiração, porque, quando seus olhares se encontraram, ela teve de novo aquela sensação de que havia algo importante entre eles, algo que não conseguia definir muito bem, uma coisa que, aos vinte anos, ela teria chamado de paixão e, aos trinta, de um modo mais clínico, de química. Um pedacinho dela, um pedacinho da mulher que ela poderia ter se tornado, pensou: *Fala sério, Janie, você está sendo covarde. Gosta mais dele que de Connor. Escolha John-Paul. Isso poderia ser importante. Poderia ser significativo. Poderia ser amor.*

Mas seu coração batia com tanta força que era terrível, assustador e doloroso; ela mal conseguia respirar. Sentia uma pressão no meio do peito, como se alguém estivesse tentando esmagá-la. Ela só queria se sentir normal novamente.

— Preciso conversar com você — disse ela, e fez sua voz soar rígida e fria, selando seu destino como se fosse um envelope.

QUINTA-FEIRA

— Cecília! Você ouviu minhas mensagens? Tentei ligar para você!

— Cecília, você estava certa sobre aquela rifa.

— Cecília! Você faltou a aula de zumba ontem!

— Cecília! Minha cunhada quer marcar uma reunião com você.

— Cecília, será que posso deixar a Harriet com você por apenas uma horinha depois do balé na semana que vem?

— Cecília!

— *Cecília!*

— Cecília!

Era o Desfile de Chapéus de Páscoa, e as mães da St. Angela estavam lá em peso, todas arrumadas em homenagem à Páscoa e ao primeiro dia típico do outono que acabara de começar. Cachecóis bonitos e leves enrolados nos pescoços, calças jeans *skinny* em coxas finas e outras nem tanto, botas de salto agulha fazendo barulho ao atravessar o pátio. O verão tinha sido úmido, e a brisa fresca e a expectativa de quatro dias de feriado repletos de chocolate deixara todo mundo de bom humor. As mães, sentadas em duas fileiras de cadeiras azuis dobráveis dispostas em círculo em volta da quadra, estavam alegres e animadas.

As crianças mais velhas, que não iam participar do desfile de chapéus de Páscoa, tinham sido levadas para fora das salas, para assistir, e estavam debruçadas nas sacadas, com os braços pendendo indiferentes e expressões maduras e tolerantes indicando que é claro que eram velhas demais para aquele tipo de coisa, mas as crianças pequenas não eram fofinhas?

Cecília olhou para Isabel na sacada do sexto ano e a viu entre as melhores amigas, Marie e Laura. As três estavam abraçadas, indicando que o conturbado relacionamento do trio estava passando por uma excelente fase, durante a qual nenhuma delas estava sendo boicotada pelas outras duas e o amor que as três sentiam era puro e intenso. Era uma sorte que não houvesse aula nos próximos quatro dias, porque se tornara inevitável que seus momentos de intensidade fossem seguidos por lágrimas, traição e longas e exaustivas histórias sobre o que ela disse, o que escreveu na mensagem de texto, o que postou e o que eu disse, o que escrevi na mensagem de texto e o que postei.

Uma das mães discretamente fez circular uma cesta de bombons de chocolate belga, e ouviram-se gemidos de prazer sensual e embriagado.

Sou esposa de um assassino, pensou Cecília, sentindo o chocolate belga se derreter em sua boca. *Sou cúmplice de um homicídio*, pensou enquanto combinava caronas, tardes de brincadeiras das filhas com as amigas, reuniões da Tupperware, ao mesmo tempo em que se programava, organizava e fazia as coisas acontecerem. *Sou Cecilia Fitzpatrick, meu marido é um assassino, e olhem só para mim, batendo papo, rindo e abraçando*

minhas filhas. Vocês jamais desconfiariam.

Era isso o que precisava ser feito. Era assim que se convivia com um segredo terrível. Apenas seguia-se em frente. Fingia-se que estava tudo bem. Ignorava-se a dor profunda, o embrulho no estômago. De algum modo, era preciso anestesiá-la a si mesma de forma que nada parecesse tão ruim assim, mas tampouco parecesse bom. No dia anterior, ela havia vomitado na sarjeta e chorado na despensa, mas naquela manhã tinha acordado às seis horas, preparado duas lasanhas que deixara no freezer, prontas para o domingo de Páscoa, passado um cesto de roupas, mandado três e-mails perguntando sobre aulas de tênis para Polly, respondido a outros quatorze sobre várias questões escolares, feito a encomenda de Tupperware da reunião da outra noite, pendurado uma leva de roupas lavadas, e tudo isso antes que as meninas e John-Paul tivessem se levantado. Ela estava de novo no controle, fazendo manobras experientes sobre a superfície instável de sua vida.

— Pelo amor de Deus! O que aquela mulher está *vestindo*? — exclamou alguém quando a diretora da escola apareceu no meio do pátio.

Trudy usava orelhas de coelho compridas e um rabo felpudo preso nas nádegas. Parecia uma coelhinha da *Playboy* com ar maternal.

Ela foi pulando até o microfone no centro do pátio, com as mãos curvadas à frente do corpo, como se fossem patas. As mães morreram de rir. As crianças nas sacadas vibraram.

— Senhoras e júbilas, meninas e meninos! — Uma das orelhas de Trudy caiu em seu rosto, e ela a afastou. — Bem-vindos ao Desfile de Chapéus de Páscoa da St. Angela!

— Eu gosto muito dela — disse Mahalia, que estava sentada à direita de Cecília. — Mas é difícil acreditar que ela dirige uma escola.

— *Trudy* não dirige a escola — atalhou Laura Marks, sentada do outro lado. — É Rachel Crowley quem dirige. Junto com essa adorável senhora à sua esquerda. — Laura Marks inclinou-se à frente de Mahalia e agitou os dedos na direção de Cecília.

— Ora, ora, você sabe que isso não é verdade — retrucou Cecília com um sorriso travesso.

Ela se sentia uma paródia maluca de si mesma. Sem dúvida estava exagerando, não é? Tudo o que fazia parecia ser excessivo e burlesco, mas pelo visto ninguém notava.

A música começou, pulsando do sistema de som moderníssimo adquirido com a renda da rifa da extremamente bem-sucedida mostra de arte que Cecília organizara no ano anterior.

A conversa fluía em torno de Cecília.

— Quem escolheu as músicas? São muito boas.

— São mesmo. Estão me dando vontade de dançar.

— É, mas alguém está ouvindo a letra? Vocês sabem sobre *o que* é esta música?

— Melhor não saber.

— Meus filhos já conhecem todas elas, de qualquer jeito.

A turma do jardim de infância foi a primeira a desfilar, liderados pela professora, a Srta. Parker, uma morena muito bonita e de seios fartos, que tinha valorizado seus atributos naturais ao colocar um vestido de princesa de conto de fadas dois números menor que o dela, e estava dançando no ritmo da música de um jeito não muito adequado para uma professora de jardim de infância. Os alunos pequeninhos a

seguiam, sorrindo orgulhosos e tímidos, equilibrando com cuidado os chapéus de Páscoa artesanais em suas cabeças.

As mães parabenizavam umas às outras pelos chapéus de seus filhos.

— Aah, *Sandra*, que criativo!

— Encontrei na internet. Levei só dez minutos para fazer.

— Até parece.

— Sério! Juro!

— Será que a Srta. Parker não percebeu que isto aqui é um desfile de chapéus de Páscoa, e não uma boate?

— As princesas usam decotes tão provocantes assim?

— Aliás, uma tiara conta como chapéu de Páscoa?

— Acho que ela está tentando chamar a atenção do Sr. Whitby, coitadinha. Ele não está nem olhando.

Cecilia adorava eventos como aquele. Um desfile de chapéus de Páscoa resumia tudo o que ela amava em sua vida. A doçura e simplicidade de tudo. A noção de comunidade. Mas naquele dia o desfile parecia sem sentido; as crianças, ranhentas; as mães, irritantes. Ela levou a mão à boca, contendo um bocejo, e sentiu cheiro de óleo de gergelim nos dedos. Era o cheiro da sua vida agora. Foi surpreendida por outro bocejo. Ela e John-Paul tinham ficado acordados até tarde fazendo os chapéus das meninas num silêncio tenso.

A turma de Polly apareceu, liderada pela adorável Sra. Jeffers, que enfrentara uma dificuldade imensa ao vestir um gigantesco ovo de Páscoa embalado em papel laminado rosa brilhante. Polly vinha logo atrás da professora, empertigando-se como uma supermodelo, com o chapéu inclinado para o lado, caindo em um dos olhos. Para ela, John-Paul fizera um ninho com gravetos que pegara no jardim e o encheira de ovos de Páscoa. Um pintinho de pelúcia saía de um dos ovos, como se ele houvesse sido chocado.

— Meu *Deus*, Cecilia, você é mesmo um fenômeno. — Erica Edgecliff, que estava sentada na fileira na frente de Cecilia, se virou. — O chapéu da Polly está incrível.

— Foi John-Paul que fez. — Ela acenou para a filha.

— Sério? Aquele homem é surpreendente — falou Erica.

— Isso ele é mesmo — concordou Cecilia, percebendo uma cadência estranha em sua voz. Sentiu Mahalia se virando para olhar para ela.

— Você me conhece — continuou Erica. — Eu me esqueci completamente do desfile até o café da manhã de hoje, então enfiar uma velha caixa de ovos na cabeça de Emily e disse: “Isso vai ter que servir, filha.” — Erica se orgulhava do modo negligente com que criava a menina. — Lá está ela! Em! Uhuh! — Erica levantou-se um pouco, acenando de um jeito frenético, e depois se acalmou. — Viu o olhar fulminante que ela lançou para mim? Emily sabe que tem o pior chapéu do desfile. Alguém, por favor, me dê outro bombom daquele antes que eu me mate.

— Você está se sentindo bem, Cecilia? — Mahalia chegou mais perto dela, de modo que Cecilia pôde sentir o aroma familiar de musky de seu perfume.

Ela lançou um olhar rápido para Mahalia e logo o desviou.

Ah, não, não se atreva a ser legal comigo, Mahalia, com sua pele lisa e o branco dos seus olhos branco demais.

Cecilia notara minúsculas manchas vermelhas no branco dos seus olhos naquela manhã. Não era isso que acontecia com quem era estrangulado? Os vasos capilares dos olhos não estouravam? Como sabia disso? Ela estremeceu.

— Você está tremendo! — disse Mahalia. — Esse vento está *mesmo* congelante.

— Estou bem — reforçou Cecilia. O desejo de contar a alguém, qualquer um, secava-lhe a garganta como uma sede intensa. Ela pigarreou. — Devo estar ficando gripada.

— Aqui, use isto. — Mahalia puxou o xale em volta do pescoço e o colocou em cima dos ombros de Cecilia.

Era um xale bonito, e o aroma delicado de Mahalia pairou ao redor dela.

— Não, não — disse Cecilia, em vão.

Sabia exatamente o que Mahalia diria se lhe contasse. *É muito simples, Cecilia; diga a seu marido que ele tem vinte e quatro horas para confessar ou você mesma irá à polícia. Sim, você ama seu marido, e, sim, suas filhas vão sofrer, mas não é nada disso que importa. É muito simples.* Mahalia gostava muito da palavra “simples”.

— Raiz-forte e alho — disse ela. — Simples.

— O quê? Ah, sim. Para a gripe. Com certeza. Tenho um pouco disso em casa.

Cecilia viu Tess Curtis sentada do outro lado da quadra, com a cadeira de rodas da mãe estacionada ao lado da fileira de cadeiras dobráveis. Cecilia lembrou-se de que deveria agradecer a Tess por tudo o que ela fizera no dia anterior e pedir desculpas por nem sequer ter se oferecido para chamar um táxi. A pobrezinha devia ter subido a pé aquela ladeira toda até a casa da mãe. Além disso, ela prometera fazer uma laninha para Lucy! Talvez não estivesse fazendo as manobras em sua vida com tanta habilidade quanto pensara. Estava cometendo muitos errinhos que acabariam fazendo tudo ruir.

Tinha sido mesmo na terça-feira que Cecilia, ao levar Polly para a aula de balé, havia desejado que alguma grande emoção a surpreendesse? A Cecilia de dois dias atrás fora uma idiota. Ela queria aquela onda de emoção limpa e bonita que se sentia ao ver um filme de partir o coração com uma trilha sonora magnífica. Não quisera nada que machucasse de fato.

— Opa, opa, vai cair! — disse Erica.

Um menino da outra turma do primeiro ano usava uma gaiola de verdade na cabeça. O garotinho, Luke Lehaney (filho de Mary Lehaney; Mary frequentemente passava dos limites e uma vez cometera o erro de disputar com Cecilia o cargo de presidente da Associação de Pais e Amigos da St. Angela), estava andando como a Torre de Pisa, com o corpo todo inclinado para o lado, numa tentativa desesperada de manter a gaiola no lugar. De repente, como era inevitável, ela escorregou da cabeça dele, caindo no chão com um estrondo que fez Bonnie Emerson dar um pulo e perder o próprio chapéu. O rosto de Bonnie se franziu como se ela fosse chorar, enquanto Luke olhava horrorizado para sua gaiola destruída.

Quero a minha mãe também, pensou Cecilia ao ver as mães de Luke e de Bonnie correrem para resgatar seus filhos. *Quero que minha mãe me console, me diga que vai ficar tudo bem e que não há motivo para chorar.*

Normalmente, a mãe dela estaria no desfile de chapéus de Páscoa, tirando fotos tremidas das netas, cortando as cabeças, com sua câmera descartável, mas naquele ano ela tinha ido ao desfile de Sam, em sua pré-escola incomparável. Haveria champanhe para os adultos. “Não é a coisa mais idiota que você já ouviu?”, perguntara ela para Cecilia. “Champanhe no desfile de chapéus de Páscoa! É para isso que vai o

dinheiro de Bridget.” A mãe de Cecília adorava champanhe. Ela estava vivendo o melhor momento da sua vida, fazendo amizade com uma classe de avós melhor que as da St. Angela. Sempre fizera questão de fingir que não ligava para dinheiro, porque, na verdade, ligava bastante.

O que sua mãe diria se Cecília lhe contasse sobre John-Paul? Ela percebera que, à medida que a mãe envelhecia, sempre que ouvia algo estressante ou complicado demais, havia um instante perturbador em que seu rosto ficava murcho e apático, como se tivesse sofrido um derrame, como se sua mente se fechasse por um momento com o choque.

“John-Paul cometeu um crime”, começaria Cecília.

“Ah, querida, tenho certeza que não”, interromperia a mãe.

O que o pai de Cecília diria? Ele tinha pressão alta. Aquilo poderia até matá-lo. Ela imaginou a expressão de terror que atravessaria seu rosto suave e enrugado antes que ele se recuperasse, franzindo a testa com ferocidade enquanto tentava processar a informação em sua mente. “O que John-Paul acha disso?”, era provável que fizesse essa pergunta automaticamente, porque, quanto mais velhos seus pais ficavam, mais pareciam confiar na opinião de John-Paul.

Seus pais não seriam capazes de lidar com a ausência de John-Paul em suas vidas e jamais conseguiriam suportar saber o que ele fizera e a vergonha que sentiriam na comunidade.

Era preciso pesar o bem maior. A vida não era preto no branco. Confessar não traria Janie de volta. Não faria diferença alguma. Magoaria as filhas de Cecília. Magoaria seus pais também. John-Paul sofreria por um erro (ela passou depressa por essa palavrinha “erro”, pois sabia que não estava certa, que tinha de haver uma palavra melhor para o que John-Paul fizera) que cometera aos dezessete anos.

— Olhe a Esther ali!

Cecília se assustou quando Mahalia a cutucou. Havia se esquecido de onde estava. Ergueu os olhos a tempo de ver Esther assentir friamente para ela ao passar, o chapéu enfiado na cabeça, inclinado para trás, as mangas de seu cardigã puxadas para baixo, para cobrir suas mãos como luvas. Ela estava usando um velho chapéu de palha de Cecília, com flores artificiais e pequenos ovos de chocolates presos ao redor. Não era o melhor que Cecília podia fazer, mas isso não importava, porque Esther achava que o desfile de chapéus de Páscoa era um desperdício de seu valioso tempo.

— O que esse desfile de Chapéus de Páscoa nos ensina de verdade? — perguntara a Cecília no carro, pela manhã.

— Nada sobre o Muro de Berlim — respondera Isabel, com sagacidade.

Cecília fingia não notar que Isabel tinha passado rimel aquela manhã. Fizera um bom trabalho ao aplicá-lo. Havia também um delicado esfumado azul e preto logo abaixo de sua sobrancelha perfeita.

Olhou para a sacada do sexto ano e viu Isabel com as amigas, dançando ao ritmo da música.

Se um belo rapaz matasse Isabel e escapasse impune, e se esse garoto sentisse muito remorso e tivesse se tornado um bom e honrado membro da comunidade, bom pai e bom genro, ainda assim Cecília ia querer que ele fosse preso. Que fosse executado. Iria querer matá-lo com as próprias mãos.

O mundo girou.

Ela ouviu a voz de Mahalia muito distante:

— Cecília?

Tess se remexeu na cadeira e sentiu uma dorzinha gostosa na virilha. *Quão superficial é você? O que houve com o seu coração supostamente partido? Levou o quê, DOIS DIAS, para superar o fim de um casamento?* Estava sentada no Desfile de Chapéus de Páscoa da St. Angela, pensando em fazer sexo com um dos três jurados, que naquele exato momento estava do outro lado do pátio, usando um chapéu de bebê gigante amarrado no queixo e dançando o “Baile dos passarinhos” com um grupo de meninos do sexto ano.

— Não é uma gracinha? — comentou a mãe, ao seu lado. — Isso é adorável. Eu gostaria...

Ela parou e Tess se virou para observá-la.

— Gostaria de quê?

Lucy parecia se sentir culpada.

— Eu só queria que as circunstâncias fossem mais felizes... que você e Will tivessem decidido se mudar para Sydney, que Liam fosse ficar na St. Angela e eu pudesse vir sempre aos desfiles de chapéus de Páscoa. Desculpe-me.

— Não precisa pedir desculpas — disse Tess. — Também gostaria que fosse assim.

Gostaria mesmo?

Voltou a olhar para Connor. Os garotos do sexto ano agora estavam rindo tão desinibidos de algo que o professor dissera que Tess suspeitava que tivesse sido alguma piada escatológica.

— Como foi ontem à noite? — indagou Lucy. — Eu me esqueci de perguntar. Na verdade, nem ouvi você chegar.

— Foi bom — respondeu Tess. — Legal botar o papo em dia.

Ela teve então um vislumbre da imagem de Connor virando-a com um movimento brusco e sussurrando em seu ouvido: “Eu me lembro de que isso funcionava muito bem para a gente.”

Mesmo antes, quando ele era um jovem contador chato com um corte de cabelo nerd, antes de ter o corpo excepcional e a moto, era bom de cama. Tess era nova demais para reconhecer isso. Pensava que todo sexo fosse tão bom quanto aquele. Voltou a se mexer na cadeira. Devia estar prestes a desenvolver uma infecção urinária. O que teria que servir de lição. A última vez que fizera sexo três vezes seguidas — e, não por pura coincidência, a última vez que tivera uma infecção urinária — foi na época em que ela e Will tinham começado a namorar.

Pensar em Will e no início do relacionamento deles deveria doer, mas não, pelo menos não naquele exato momento. Ela se sentia zozza com uma satisfação sexual deliciosa, perversa e... o que mais? Vingança, era isso. A vingança é minha, assim disse Tess. Will e Felicity achavam que ela estava ali em Sydney acalentando um coração partido, quando, na verdade, estava fazendo um sexo maravilhoso com o ex-namorado. Sexo com um ex. Dava de mil em sexo no casamento. Então *tome essa*, Will.

— Tess, minha querida? — chamou Lucy.

— Hummm?

A mãe baixou o tom de voz.

— Aconteceu alguma coisa ontem à noite entre você e Connor?

— Claro que não — respondeu Tess.

“Eu não seria capaz”, ela dissera a Connor na terceira vez, e ele rebatera com um “Aposto que seria”, ao que ela havia murmurado “Não posso, não posso, não posso” repetidas vezes, até que ficasse estabelecido que podia, sim.

— Tess O’Leary! — exclamou a mãe, bem na hora em que a gaiola do garoto do primeiro ano escorregou da cabeça dele.

Tess encontrou o olhar da mãe e riu.

— Ah, querida. — Lucy segurou o braço dela. — Que bom para você. Aquele homem é mesmo um *gato*.

— Connor Whitby está muito bem-humorado hoje — disse Samantha Green. — Será que ele finalmente arranjou uma mulher?

Samantha Green, cuja filha mais velha estava no sexto ano, trabalhava em meio expediente como bibliotecária na escola. Ela cobrava por hora, e Rachel desconfiava de que a St. Angela pagava até mesmo pelo tempo que ela passava fora do escritório, ali do lado de Rachel, assistindo ao Desfile de Chapéus de Páscoa. Esse era o problema de ter uma das mães trabalhando na escola. Rachel não poderia ser direta e perguntar: “Você vai nos cobrar por este tempo, Samantha?” Ela só trabalhava lá três horas por dia, então não parecia mesmo necessário que parasse o trabalho para assistir ao desfile. A filha dela nem estava participando. É claro que Rachel tampouco tinha filhos no desfile e, ainda assim, *ela* interrompera o trabalho para assistir. Rachel suspirou. Sentia-se uma megera.

Olhou para Connor, sentado à mesa dos jurados, usando seu chapéu rosa de bebê. Havia algo de pervertido em um homem adulto vestido de bebê. Ele estava fazendo alguns dos garotos mais velhos rirem. Rachel pensou em seu rosto malévolo naquele vídeo. O olhar assassino que lançara a Janie. Sim, *tinha sido* assassino. A polícia devia colocar um psicólogo para assistir a fita. Ou algum especialista em leitura facial. Há especialistas em todos os tipos de coisa hoje em dia.

— Sei que as crianças o adoram — comentou Samantha, que gostava de esgotar por completo um assunto antes de passar para o seguinte. — E ele é sempre muito gentil conosco, com os pais, mas sempre senti que havia algo *não muito certo* com Connor Whitby. Entende o que quero dizer? Aah! Olhe a menininha da Cecília! Ela não é linda? Fico imaginando a quem terá puxado. Enfim, minha amiga Janet Tyler saiu com Connor algumas vezes depois de se separar, e disse que ele parecia uma pessoa depressiva fingindo não sofrer de depressão. Ele acabou dando um pé em Janet.

— Humm — gemeu Rachel.

— Minha mãe se lembra da mãe dele — continuou Samantha. — Ela era alcoólatra. Negligente com os filhos. O pai os abandonou quando Connor era um bebê. Meu Deus, quem é aquele com a gaiola na cabeça? O pobrezinho vai deixá-la cair daqui a pouco.

Rachel lembrava-se vagamente de Trish Whitby ter aparecido na igreja algumas vezes. As crianças estavam sempre imundas. Trish as repreendia em voz alta durante a missa e as pessoas se viravam para olhar.

— Uma infância como essa deve ter causado um impacto na personalidade dele, não é? De Connor, quero dizer.

— É — respondeu Rachel, num tom tão determinado que Samantha pareceu assustada.

— Mas ele está de bom humor hoje — insistiu a mulher, voltando ao assunto. — Encontrei com ele no estacionamento mais cedo, perguntei como estava e ele me respondeu: “Melhor impossível!” Bem, para mim isso parece um homem apaixonado. Ou pelo menos um homem que se deu bem ontem à noite.

Preciso contar a Janet. Quer dizer, talvez eu não deva contar à pobre da Janet. Acho que ela gostava dele, apesar de toda a estranheza. Ops! Lá se vai a gaiola. Sabia que isso ia acontecer.

Melhor impossível.

Amanhã era aniversário da morte de Janie, e Connor Whitby achava impossível sentir-se melhor.

Cecilia decidiu ir embora antes do fim do desfile. Precisava se movimentar. Quando ficava sentada, acabava pensando, e pensar era perigoso. Tanto Polly quanto Esther tinham visto que ela estivera lá, e só faltavam as notas dos jurados, sendo que as filhas de Cecilia não iriam ganhar, porque ela pedira aos juizes na semana anterior (mil anos atrás) que se certificassem de que isso não acontecesse. Se as meninas Fitzpatrick recebessem muitas honrarias, as pessoas ficariam ressentidas e desconfiariam de favorecimento, o que as faria ter menos vontade de oferecer seu tempo como voluntárias na escola.

Ela não concorreria de novo à presidência da Associação de Pais e Amigos no ano seguinte. A ideia lhe ocorreu como uma certeza absoluta quando ela se abaixou para pegar a bolsa ao lado da cadeira. Era um alívio ter certeza absoluta de alguma coisa sobre seu futuro. Não importava o que aconteceria em seguida, ou mesmo que nada acontecesse, ela não se candidataria outra vez. Simplesmente não seria possível. Ela já não era mais Cecilia Fitzpatrick. Deixara de existir no momento em que lera aquela carta.

— Estou indo — falou para Mahalia.

— Ok, vá para casa e descanse — disse ela. — Teve uma hora que cheguei até a pensar que você fosse desmaiar. Fique com o xale. Ficou lindo em você.

Ao atravessar a quadra, Cecilia viu Rachel Crowley assistindo ao desfile com Samantha Green na sacada da secretaria. Elas estavam olhando para o outro lado. Se Cecilia fosse rápida, conseguiria escapar sem que as duas a vissem.

— Cecilia! — gritou Samantha.

— Oi! — respondeu ela, com uma fieira de impropérios violentos passando pela sua cabeça.

Andou na direção delas com a chave do carro na mão bem à vista, para que percebessem que estava com pressa, e ficou tão longe das duas quanto sua educação lhe permitia.

— Queria mesmo encontrar você! — disse Samantha, inclinando-se no guarda-corpo da sacada. — Achei que você tivesse dito que eu receberia minha encomenda de Tupperware antes da Páscoa. É que vamos fazer um piquenique no domingo, se o tempo continuar bom assim! Então pensei...

— Claro — interrompeu Cecilia, dando mais um passo na direção delas. Era a essa distância que normalmente ficaria? Havia se esquecido completamente das entregas que pretendia fazer na véspera. — Desculpe-me. Esta semana está sendo... complicada. Entregarei esta tarde, depois de buscar as meninas.

— Perfeito — exclamou Samantha. — Bem, você me deixou tão animada com aquele conjunto de piquenique que mal posso esperar para pôr as mãos nele! Você já esteve em uma das reuniões da Tupperware promovidas pela Cecilia, Rachel? Essa mulher conseguiria até vender gelo para esquimós!

— Na verdade, fui a uma das reuniões de Cecilia anteontem à noite — respondeu Rachel, sorrindo para Cecilia. — Eu não tinha ideia da falta que a Tupperware estava fazendo na minha vida!

— Aliás, posso entregar seu pedido na mesma hora, se você quiser — sugeriu Cecilia.

— Jura? — perguntou Rachel. — Não esperava receber tão cedo. Você não precisa encomendar?

— Tenho um pequeno estoque de todos os produtos — revelou Cecília. — Para emergências.

Por que ela estava fazendo isso?

— Serviço vinte e quatro horas para os VIPs, é? — falou Samantha, que sem dúvida estava arquivando a informação para referências futuras.

— Não há problema algum — disse Cecília.

Tentou olhar Rachel nos olhos, mas achou impossível, mesmo daquela distância segura. Ela era uma mulher tão boa. Seria mais fácil de justificar se ela não fosse boa? Cecília fingiu se distrair com o xale de Mahalia escorregando de seus ombros.

— Se você puder, seria ótimo — disse Rachel. — Vou levar uma pavlova para o almoço de Páscoa na casa dos pais da minha nora, então um desses potinhos viria bem a calhar.

Cecília tinha quase certeza de que Rachel não havia encomendado nada que servisse para transportar uma pavlova. Ela encontraria alguma coisa e lhe daria de graça. *Está tudo bem, John-Paul, dei uns produtos da Tupperware para a mãe da sua vítima, e agora está tudo certo.*

— Vejo vocês à tarde — gritou ela, agitando a chave com tanta força que elas caíram de sua mão.

— Oh, oh! — exclamou Samantha.

Liam ficou em segundo lugar no Desfile de Chapéus de Páscoa.

— Olhe só o que acontece quando você dorme com um dos jurados — sussurrou Lucy.

— Mãe, shhh! — sibilou Tess, olhando acima do ombro em busca de pessoas que pudessem ter ouvido e ficado escandalizadas.

Além disso, não queria pensar em Liam relacionado a Connor. Isso confundia tudo. Liam e Connor pertenciam a caixas distintas, a prateleiras diferentes, muito, muito distantes uma da outra.

Ela viu seu filhinho se arrastar pelo pátio para receber o troféu dourado, cheio de minúsculos ovos de Páscoa. Ele se virou para Tess e Lucy com um sorriso animado e meio encabulado.

Tess mal podia esperar para contar a Will quando o encontrassem à tarde.

Espere. Eles não iriam vê-lo.

Bem. Ligariam para ele. Tess falaria com aquele tom de voz agradável, porém frio, que as mulheres costumavam usar quando conversavam com seus ex-maridos na frente dos filhos. Até sua mãe o usara. “Liam tem boas notícias!”, diria ela a Will, e então passaria o telefone para Liam dizendo: “Conte ao seu pai o que aconteceu hoje!” Will não seria mais o “papai”. Passaria a ser “o seu pai”. Tess conhecia aquele jogo. Ah, meu Deus, e como conhecia.

Era inútil tentar salvar o casamento pelo bem de Liam. Como ela fora ridícula. Iludida. Achando que era uma simples questão de estratégia. A partir daquele momento, Tess se comportaria com dignidade. Agiria como se aquela fosse uma separação comum, corriqueira, amigável e já prevista. Talvez tivesse sido *mesmo* prevista.

Do contrário, como ela poderia ter se comportado daquela forma na noite passada? E como Will poderia ter se apaixonado por Felicity? *Tinha* que haver problemas em seu casamento; problemas totalmente invisíveis para ela, pois ainda não conseguia identificá-los, mas, ainda assim, problemas.

Sobre o que ela e Will tinham discutido da última vez? Agora seria útil se concentrar nos aspectos mais negativos de seu casamento. Ela puxou da memória. A última discussão havia sido por causa de Liam. O problema com Marcus.

“Talvez devêssemos considerar trocá-lo de escola”, dissera Will, quando Liam parecia estar especialmente triste por causa de um incidente no colégio.

Tess rebatera:

“Isso parece um tanto dramático!”

Tiveram esse desentendimento acalorado enquanto colocavam os pratos e talheres usados no jantar no lava-louça. Tess fechara algumas gavetas com muita força. De um jeito ostensivo, Will rearrumara a frigideira que ela tinha acabado de pôr dentro da máquina. Ela acabara dizendo algo bobo como:

“Então você está querendo dizer que eu me importo menos com Liam do que você?”

E Will gritara:

“Deixe de ser idiota!”

Mas eles haviam feito as pazes poucas horas depois. Ambos pediram desculpas, e não sobrara ressentimento algum. Will não era turrão. Na verdade, era muito bom em negociar acordos. E quase nunca perdia o senso de humor e a capacidade de rir de si mesmo.

“Viu como arrumei a frigideira que você tinha colocado no lava-louça?”, comentara ele. “Foi um golpe de mestre, hein? Botei você no seu lugar, não foi?”

Por um instante, Tess sentiu sua estranha e inapropriada felicidade vacilar. Era como se estivesse equilibrando-se numa fenda estreita, cercada por um abismo de sofrimento. Um único pensamento errado e ela despencaria.

Não pense em Will. Pense em Connor. Pense em sexo. Tenha pensamentos maldosos, mundanos, primitivos. Pense no orgasmo que atravessou seu corpo ontem à noite, limpando sua mente.

Ela observou Liam voltar para a sala. Ele estava ao lado da única criança que Tess conhecia: Polly Fitzpatrick, a filha mais nova de Cecília, que era incrivelmente bonita e, ao lado do magrelo do Liam, lembrava muito uma amazona. Polly e Liam se cumprimentaram batendo as palmas das mãos, e ele parecia radiante de felicidade.

Droga. Will estava certo. Liam precisava *mesmo* mudar de escola.

Os olhos de Tess se encheram de lágrimas e, de repente, ela ficou com vergonha.

Por que vergonha?, perguntou-se, pegando um lenço na bolsa para assoar o nariz. Porque seu marido tinha se apaixonado por outra mulher? Porque ela não era suficientemente cativante, sexy ou qualquer outra coisa para satisfazer o pai de seu filho?

Ou será que, na verdade, estava com vergonha por causa da noite anterior? Por ter encontrado um jeito egoísta de desaparecer com a dor? Afinal, naquele exato momento ansiava por ver Connor de novo — ou, para ser mais honesta, por dormir com ele outra vez, sentir sua língua, seu corpo e suas mãos apagando de sua memória a imagem de Will e Felicity sentados à sua frente, contando aquele segredinho terrível? Lembrava-se de sentir sua espinha sendo pressionada nas tábuas do chão do corredor de Connor. Ele estava trepando com ela, mas, na verdade, era a eles que estava fodendo.

Houve uma explosão de risadas femininas vinda da fileira de mães bonitas e tagarelas sentadas ao lado de Tess. Mães que faziam sexo adequado com seus maridos, no leito conjugal. Mães que não estavam pensando na palavra “foder” enquanto assistiam ao Desfile de Chapéus de Páscoa de seus filhos. Tess estava com vergonha por não estar se comportando como uma mãe abnegada deveria.

Ou talvez estivesse com vergonha porque, no fundo, não sentia vergonha alguma.

— Muito obrigada por terem estado conosco hoje, mãães e papais, vovós e vovôs. Assim encerramos nosso Desfile de Chapéus de Páscoa! — disse a diretora ao microfone. Ela inclinou a cabeça para o lado e agitou os dedos em volta de uma cenoura imaginária, como se fosse o Pernalonga. — Isso é tudo, pessoal!

— O que você quer fazer esta tarde? — perguntou Lucy, enquanto todos aplaudiam e riam.

— Preciso comprar umas coisinhas.

Tess se levantou, se alongou e baixou os olhos para a mãe na cadeira de rodas. Sentia os olhos de Connor, do outro lado do pátio, fixos nela.

Lingerie nova: era disso que precisava. Lingerie extremamente cara, que seu marido jamais veria.

— Feliz Páscoa! — disse Trudy a Rachel, enquanto arrumavam o escritório naquela tarde. — Aqui, comprei uma coisinha para você.

— Ah! — exclamou Rachel, emocionada e chateada, porque nem lhe ocorrera comprar um presente para Trudy.

Nunca trocara presentes com o antigo diretor. Eles mal trocavam amenidades.

Trudy lhe estendeu uma linda cestinha cheia de ovos de Páscoa deliciosos que pareciam ter custado caro. Era o tipo de coisa que a nora de Rachel compraria para ela: algo caro, elegante e totalmente apropriado.

— Muito obrigada, Trudy. Eu não... — Ela agitou as mãos, indicando que não tinha comprado um presente.

— Não, não. — Trudy retribuiu o gesto, para dizer que não era necessário.

Ela passara o dia inteiro com sua fantasia de coelho e, na opinião de Rachel, estava ridícula.

— Só queria que você soubesse o quanto admiro seu trabalho, Rachel. Você cuida de tudo e me deixa ser... eu mesma. — Ela afastou uma das orelhas do olho e encarou Rachel de igual para igual. — Tive algumas secretárias que consideravam minha abordagem no trabalho um tanto incomum.

Aposto que sim, pensou Rachel.

— Você faz tudo pelas crianças — afirmou ela. — É por isso que estamos aqui.

— Bem, tenha um ótimo feriado — disse Trudy. — Aproveite o tempo com o seu neto maravilhoso.

— Vou aproveitar — respondeu Rachel. — Você vai... viajar?

Trudy não tinha marido nem filhos ou qualquer interesse fora da escola do qual Rachel soubesse. Nunca recebia telefonemas pessoais. Era difícil imaginar como passaria o feriado.

— Vou ficar por aqui mesmo — falou Trudy. — Leio muito. Adoro um bom suspense! Fico toda orgulhosa quando adivinho quem é o assassino... ah!

Seu rosto ficou vermelho de tanto nervosismo.

— Gosto muito de ficção histórica — atalhou Rachel depressa, evitando encontrar os olhos da diretora e fingindo estar muito distraída, pegando sua bolsa, seu casaco e a cestinha de ovos de Páscoa.

— Ah. — Trudy não conseguia recuperar a compostura. Seus olhos se encheram d'água.

A pobrezinha tinha apenas cinquenta anos, não muito mais velha do que Janie seria. Seu cabelo grisalho, excêntrico e crespo faziam-na parecer um bebê envelhecido.

— Tudo bem, Trudy — disse Rachel, baixinho. — Você não me aborreceu. Está tudo bem.

— Oi — Tess atendeu o telefone.

Era Connor. O corpo dela reagiu instantaneamente à voz dele, como um cão de Pavlov babão.

— O que você está fazendo? — perguntou ele.

— Estou comprando pãezinhos de passas — respondeu Tess.

Ela buscara Liam na escola e o levava ao shopping para comer um doce. Ao contrário do dia anterior, ele estava quieto e mal-humorado depois da escola, e não demonstrava interesse em conversar sobre o prêmio que ganhara no desfile. Ela também estava comprando uma lista de coisas para a mãe, que de repente se dera conta de que as lojas estariam fechadas no dia seguinte, por *um dia inteiro*, e entrara em pânico com a situação de sua despensa.

— Adoro pão de passas — disse Connor.

— Eu também.

— Sério? Temos tanta coisa em comum.

Tess riu. Notou que Liam a olhava curioso e então virou um pouco de costas para ele, para que o filho não visse seu rosto corado.

— Enfim — continuou Connor. — Não liguei por nenhum motivo especial. Só queria dizer que a noite passada foi muito... legal. — Ele tossiu. — Na verdade, legal é pouco.

Ai, meu Deus, pensou Tess. Pressionou a palma da mão na bochecha, que ardia.

— Sei que as coisas estão muito complicadas para você agora — prosseguiu Connor. — Não tenho nenhuma, hum... expectativa, juro. Não vou dificultar ainda mais a sua vida. Mas só queria que você soubesse que eu adoraria vê-la outra vez. Qualquer hora dessas.

— Mãe? — Liam puxou a bainha do seu cardigã. — É o papai?

Tess balançou a cabeça.

— Quem é? — insistiu o menino. Os olhos dele estavam arregalados e preocupados.

Tess afastou o telefone da orelha e levou um dedo aos lábios.

— É um cliente.

Liam perdeu o interesse na mesma hora. Estava acostumado a conversas com clientes.

Tess deu alguns passos para longe da multidão que esperava ser atendida na padaria.

— Tudo bem — disse Connor. — Como falei realmente não quero...

— Você está livre hoje à noite? — interrompeu-o Tess.

— Nossa, estou.

Ela aproximou a boca do telefone, como se fosse uma agente secreta.

— Irei à sua casa depois que Liam dormir. Vou levar pães de passas.

Rachel andava em direção ao carro quando viu o assassino de sua filha.

Ele falava ao celular, balançando o capacete que segurava com os dedos frouxos. Ao se aproximar, de repente ele jogou a cabeça para trás ao sol, como se tivesse recebido uma notícia inesperada e maravilhosa. A luz da tarde refletia em seus óculos escuros. Ele fechou o telefone e o guardou no bolso da jaqueta, sorrindo para si mesmo.

Rachel pensou mais uma vez no vídeo e na expressão dele ao se virar para Janie. Podia ver com tanta clareza. O rosto de um monstro: o olhar atravessado, malicioso, cruel.

E olhem só para ele agora. Connor Whitby estava bem vivo e bastante feliz, e por que não estaria, afinal *havia se safado*. Se a polícia não fizesse nada, como parecia ser o mais provável, ele jamais pagaria pelo crime que cometera.

Ela chegou ainda mais perto. Connor viu Rachel e seu sorriso desapareceu imediatamente, como se uma luz tivesse sido apagada.

Culpado, pensou ela. *Culpado*. *Culpado*. *Culpado*.

* * *

— Isso chegou via entrega expressa para você — disse Lucy assim que Tess voltara para casa e começara a tirar as compras das sacolas. — Parece que é do seu pai. Imagine só, ele mandando algo por *entrega expressa*.

Intrigada, Tess sentou-se à mesa da cozinha com a mãe e abriu o pequeno embrulho envolto em plástico-bolha. Lá dentro havia uma caixa fina e quadrada.

— Ele não lhe mandou joias, não é? — perguntou a mãe, esticando o pescoço para espiar.

— É uma bússola — revelou Tess. Era uma linda bússola antiquada de madeira. — Parece algo que o Capitão Cook usaria.

— Que peculiar — comentou sua mãe, torcendo o nariz.

Ao pegar a bússola, Tess viu um pequeno Post-it amarelo com um recado escrito à mão, preso ao fundo da caixa.

— Querida Tess — leu ela —, este provavelmente é um presente idiota para uma garota. Nunca sei o que comprar para você. Tentei pensar em algo que a ajudasse quando estivesse se sentindo perdida. Eu me lembro de me sentir assim. Foi horrível. Mas eu sempre tive você. Espero que encontre seu caminho. Com amor, papai.

Tess sentiu alguma coisa brotar em seu peito.

— Achei muito bonita — disse Lucy, pegando a bússola e girando-a de um lado para outro.

Tess imaginou o pai andando pelas lojas em busca do presente ideal para sua filha adulta. A expressão de leve terror que devia cruzar seu rosto calejado e enrugado sempre que alguém perguntava: “Posso ajudá-lo?” A maioria dos vendedores deve tê-lo considerado um velho grosseiro, carrancudo, bruto, que se recusava a olhá-los nos olhos.

“Por que você e o papai se separaram?”, Tess costumava perguntar à mãe. E Lucy respondia de forma suave, com um leve brilho nos olhos: “Ah, querida, éramos apenas duas pessoas muito *diferentes*.” Ela queria dizer: seu pai era diferente. (Quando Tess fez a mesma pergunta ao pai, ele dera de ombros, tossira

e dissera: “Você vai ter que perguntar isso à sua mãe, querida.”)

Passara pela cabeça de Tess que seu pai também devia sofrer de ansiedade social.

Antes do divórcio, a mãe ficava enlouquecida com a falta de interesse dele em socializar. “Mas nós *nunca vamos a lugar nenhum!*”, dizia ela, frustrada, sempre que o pai de Tess se recusava a ir a algum evento.

“Tess é um pouco tímida”, a mãe dizia às pessoas num sussurro audível, tapando a boca com a mão. “Acho que puxou ao pai.” Tess ouvira a crítica discreta na voz da mãe e passara a acreditar que toda timidez era errada — moralmente errada, na verdade. Você *deveria* querer ir a festas. Você *deveria* querer estar cercada de pessoas.

Não era de espantar que ela sentisse vergonha da própria timidez, como se fosse uma deficiência física constrangedora que precisava ser escondida a todo custo.

Ela olhou para a mãe.

— Por que você não ia sozinha?

— O quê? — Lucy ergueu os olhos da bússola. — Ir aonde?

— Deixa para lá — disse Tess e estendeu a mão. — Devolva a minha bússola. Eu adorei.

* * *

Cecilia parou o carro na frente da casa de Rachel Crowley e se perguntou por que estava fazendo aquilo consigo mesma. Ela poderia ter entregado a encomenda de Tupperware de Rachel na escola depois da Páscoa. Só prometera as entregas aos convidados da reunião na casa de Marla para depois do feriado. Parecia que ao mesmo tempo que ela queria ir atrás de Rachel também queria evitá-la a todo custo.

Talvez quisesse vê-la porque Rachel era a única pessoa no mundo que tinha o direito e a autoridade para dizer alguma coisa sobre o atual dilema de Cecilia. “Dilema” era uma palavra gentil demais. Egoísta demais. Implicava que os sentimentos de Cecilia tinham mesmo importância.

Ela pegou a bolsa plástica com Tupperware no banco do carona e abriu a porta do carro. Talvez o verdadeiro motivo para estar ali era porque sabia que Rachel tinha todos os motivos do mundo para odiá-la e não conseguia suportar a ideia de que alguém a odiasse. *Sou uma criança*, pensou ao bater à porta. *Uma criança de meia-idade, na pré-menopausa.*

A porta se abriu mais rápido do que Cecilia esperava. Ela ainda estava preparando sua expressão.

— Ah! — exclamou Rachel, parecendo desapontada. — Cecilia.

— Desculpe-me — disse Cecilia. *Eu sinto muito, muito mesmo.* — Você está esperando alguém?

— Na verdade, não — respondeu ela, se recuperando. — Como vai? Meu Tupperware! Que maravilha! Muito obrigada. Gostaria de entrar? Onde estão as suas filhas?

— Na casa da minha mãe — disse Cecilia. — Ela estava se sentindo culpada por não ter ido ao Desfile de Chapéus de Páscoa hoje. Então preparou um chá da tarde para elas. Enfim. Isso não vem ao caso! Não vou entrar, vim apenas...

— Tem certeza? Acabei de pôr a chaleira no fogo.

Cecilia sentiu-se fraca demais para discutir. Faria qualquer coisa que Rachel quisesse. Suas pernas mal conseguiam sustentá-la, de tanto que tremiam. Se Rachel gritasse: “Confesse!”, ela o faria. Quase

ansiava por isso.

Passou pelo vão da porta com o coração na boca, como se estivesse correndo perigo físico. A casa era muito parecida com a da família de Cecília, assim como tantas outras casas da Costa Norte.

— Venha até a cozinha — convidou Rachel. — Liguei o aquecedor lá. Tem feito muito frio à tarde.

— *Nós* tínhamos aquele linóleo — comentou Cecília seguindo-a até a cozinha.

— Tenho certeza de que era a última moda naquela época — afirmou Rachel, colocando saquinhos de chá nas xícaras. — Não sou do tipo que gosta de reformas, como pode ver. Simplesmente não me interessa por azulejos, carpetes, rodabancas e cores de tintas. Aqui está. Leite? Açúcar? Pode se servir.

— Essa é Janie? — perguntou Cecília.

Ela tinha parado na frente da geladeira. Era um alívio pronunciar o nome de Janie. Sua presença era gigantesca na mente de Cecília. Ela sentia que, se não dissesse seu nome normalmente, ele acabaria escapando de sua boca no meio de uma frase.

A foto na geladeira de Rachel estava presa de modo casual, com um ímã anunciando os serviços de Pete, Encanador 24 horas. Era uma foto colorida, pequena, esmaecida e descentralizada de Janie e seu irmão mais novo segurando latas de Coca-Cola em frente a uma churrasqueira. Os dois haviam se virado com uma expressão neutra, a boca entreaberta, como se o fotógrafo os tivesse surpreendido. Não era uma foto especialmente boa. De algum modo, a casualidade daquela imagem fazia parecer ainda mais impossível que Janie estivesse morta.

— Sim, é ela — respondeu Rachel. — Essa foto estava na geladeira quando Janie morreu, e nunca a tirei daí. Uma bobagem, eu sei. Tenho outras muito melhores. Pode se sentar. Tenho aqueles docinhos chamados macarons. Não macarrão, ah, não, se é isso que está pensando. Macarons. Você deve conhecê-los bem. Não sou muito sofisticada. — Cecília viu que ela se orgulhava disso. — Coma um! São mesmo muito bons.

— Obrigada.

Ela sentou-se e pegou um macaron. Não tinha gosto de nada, parecia poeira. Ela deu um gole rápido demais no chá e queimou a língua.

— Obrigada por trazer meu Tupperware — falou Rachel. — Estou louca para usá-lo. Acontece que amanhã é o aniversário da morte de Janie. Vinte e oito anos.

Cecília levou um tempo para compreender o que Rachel tinha dito. Não conseguiu entender a ligação entre o Tupperware e o aniversário de morte.

— Sinto muito — disse Cecília.

Ela observou, com um interesse quase científico, que sua mão tremia visivelmente, e, com cuidado, pousou a xícara no pires.

— Não, eu que sinto muito — emendou-se Rachel. — Não sei por que falei isso. É que tenho pensado muito nela hoje. Ainda mais que o normal. Às vezes me pergunto com que frequência pensaria nela se estivesse viva. Não penso tanto assim no pobre do Rob. Não me preocupo com ele. Seria de imaginar que, depois de perder uma filha, eu me preocupasse que algo acontecesse com o outro. Mas não sou muito preocupada. Isso não é horrível? Mas me preocupo que algo aconteça ao meu neto, Jacob.

— Acho que isso é natural — comentou Cecília.

De repente, ficou chocada com sua impressionante *ousadia*. Estava sentada ali naquela cozinha, fornecendo lugares-comuns junto com o Tupperware.

— Eu amo meu filho — disse Rachel, com a xícara na boca. — Odiaria que você pensasse que não me importo com ele.

— Claro que não penso isso!

Para seu horror, Cecilia notou que Rachel estava com um triângulo de macaron azul bem no meio do lábio inferior. Aquilo era humilhante demais e fazia Rachel parecer muito mais velha, quase como se tivesse demência senil.

— Apenas tenho a sensação de que agora ele pertence a Lauren. Como é mesmo que se diz? Um filho é da mãe até arranjar uma companheira; uma filha é da mãe pela vida inteira.

— Eu já... ouvi isso. Não sei se é verdade.

Cecilia estava agoniada. Não podia alertar Rachel sobre a migalha em seu lábio. Não enquanto ela falava de Janie.

Rachel levantou a xícara para tomar mais um gole, e Cecilia ficou tensa. Sem dúvida iria sumir agora. Rachel pousou a xícara. A migalha havia mudado de lugar e ficara ainda mais evidente. Ela precisava dizer alguma coisa.

— Não sei mesmo por que estou tagarelando sobre isso — disse Rachel. — Você deve estar pensando que perdi o fio da meada! Não sou eu mesma, como pode ver. Quando voltei para casa na outra noite, depois da sua reunião da Tupperware, encontrei uma coisa.

Ela lambeu os lábios e a migalha sumiu. Cecilia relaxou, aliviada.

— Encontrou uma coisa? — repetiu ela.

Tomou um grande gole de chá. Quanto mais rápido bebesse, mais cedo poderia ir embora. Estava muito quente. A água devia estar fervendo quando Rachel a despejou na xícara. A mãe de Cecilia também preparava chás quentes demais.

— Uma coisa que prova quem matou Janie — revelou Rachel. — É uma evidência. Uma nova evidência. Eu a entreguei à polícia... Ah! Ah, Cecilia, querida, você está bem? Depressa! Venha aqui e coloque a mão debaixo da pia.

Tess apertou os braços em volta da cintura de Connor enquanto a moto dele deslizava e se inclinava nas curvas. Os postes e as fachadas das lojas eram traços borrados de luz colorida em sua visão periférica. O vento rugia em seus ouvidos. A cada vez que eles arrancavam após parar no sinal, surgia um frio arrepiante na barriga, o mesmo que sentia quando estava num avião prestes a decolar.

— Não se preocupe, sou um motoqueiro de meia-idade, cauteloso e entediante — dissera-lhe Connor, ao ajustar o capacete para ela. — Fico abaixo do limite de velocidade. Ainda mais quando tenho uma carga valiosa.

Então ele baixou a cabeça e gentilmente bateu seu capacete no dela. Tess sentiu-se emocionada, querida e também idiota. Sem dúvida estava velha demais para batidinhas de capacete e outros flertes desse tipo. Era casada demais.

Ou talvez não.

Tentou se lembrar do que estava fazendo na noite da última quinta-feira, em Melbourne, quando ainda era a esposa de Will e a prima de Felicity. Tinha preparado muffins de maçã, recordou. Liam gostava de levá-los para comer de merenda de manhã na escola. E depois ela e Will haviam assistido à TV, com seus laptops no colo. Ela atualizara algumas ordens de serviço. Ele estivera trabalhando na campanha do xarope. Leram um pouco e foram para a cama. Espere. Não. Sim. Sim, definitivamente, sim. Fizeram sexo. Rápido, reconfortante e muito bom, como um muffin; nada parecido com sexo no corredor do apartamento de Connor, claro. Mas casamento era assim mesmo. O casamento era um muffin de maçã quentinho.

E durante toda aquela noite comum de quinta-feira, Will ficara pensando: *Estou apaixonado por Felicity. Não quero Tess. Quero Felicity. Não quero esta mulher na minha cama. Quero outra.*

Na mesma hora a dor se espalhou por todo o seu corpo, como uma rachadura no gelo. Ela apertou mais as pernas em volta de Connor e se inclinou para a frente, como se pudesse gravar seu corpo no dele. Quando pararam no sinal seguinte, Connor passou a mão para trás e acariciou a coxa dela, provocando-lhe uma súbita onda de prazer. Ocorreu a Tess que a dor que ela sentia por causa de Will e Felicity estava intensificando todas as sensações, por isso, o que era bom, como a inclinação da moto e a mão de Connor em sua coxa, ficava ainda melhor. Na última quinta-feira à noite, ela levava uma vidinha agradável, sem graça e sem sofrimento. Esta quinta-feira à noite lembrava a adolescência: estranhamente dolorosa e muito bonita.

Mas não importava o quanto doesse, ela não queria estar em casa em Melbourne, fazendo muffins, assistindo à TV e cuidando da área financeira da empresa. Era ali mesmo que queria estar, deslizando naquela moto, o coração disparado, para que ela soubesse que estava viva.

Já passava das nove da noite, e Cecília e John-Paul estavam no quintal, sentados no gazebo próximo à piscina. Era o único lugar onde não corriam o risco de que os escutassem. Suas filhas tinham uma habilidade extraordinária de ouvir o que não deviam. De onde estava, Cecília podia vê-las pela porta da varanda, seus rostos iluminados pela luz bruxuleante da TV. Era uma tradição que elas pudessem ficar acordadas até a hora que quisessem na primeira noite de um feriado, comendo pipoca e assistindo a filmes.

Cecília desviou os olhos das meninas e fitou o azul cintilante de sua piscina que tinha o formato de um rim, com a forte iluminação submersa: o símbolo perfeito da glória suburbana. Exceto por aquele barulho estranho e intermitente, que parecia um bebê engasgando, vindo do filtro. Ela podia ouvi-lo bem naquele momento. Cecília pedira a John-Paul que desse uma olhada nisso semanas antes de ele viajar para Chicago e, embora não o tivesse feito, ele ficaria furioso se ela chamasse algum técnico para consertar o filtro. Indicaria falta de confiança nas habilidades dele. É claro que quando ele *finalmente* desse uma olhada, veria que não era capaz de consertar, e ela teria que chamar o técnico de qualquer jeito. Era frustrante. Por que isso não tinha feito parte do ridículo programa de redenção dele? *Fazer imediatamente o que minha mulher pedir, para que ela não se sinta uma chata.*

Ela gostaria de estar ali fora tendo uma discussão comum com John-Paul sobre o maldito filtro da piscina. Mesmo uma discussão comum muito séria, na qual eles acabavam magoados, seria muito melhor do que aquela permanente sensação de terror. Ela podia sentir isso em toda parte: na barriga, no peito, até sua boca tinha um gosto terrível. O que aquilo estava fazendo com a sua saúde?

Ela limpou a garganta.

— Preciso lhe dizer uma coisa.

Ela ia contar o que Rachel Crowley lhe disse hoje sobre ter encontrado uma nova evidência. Como ele reagiria? Ficaria assustado? *Fugiria?* Se tornaria um foragido?

Rachel não tivera a oportunidade de lhe explicar qual era exatamente a natureza daquela evidência porque se distraíra com Cecília derramando o chá, e Cecília entrara em tamanho estado de pânico que não lhe ocorrera perguntar. *Deveria* ter perguntado, percebia agora. Poderia ser útil saber. Ela não estava se saindo muito bem em seu novo papel de esposa de um criminoso.

Rachel não teria como saber para *quem* a evidência apontava, ou não teria contado a Cecília. Não é? Era tão difícil pensar com clareza.

— O que foi? — perguntou John-Paul.

Ele estava sentado no banco de madeira em frente ao dela, usando calça jeans e um suéter de lã listrado que as meninas haviam dado de presente para ele no último Dia dos Pais. Ele se inclinou para a frente, as mãos pendendo soltas entre os joelhos. Havia algo estranho em seu tom de voz. Era daquele jeito suave, porém muito tenso, que ele respondia a uma das meninas quando estava começando a ter uma daquelas suas enxaquecas e ainda tinha esperança de que ela não o dominasse.

— Está começando a ter uma enxaqueca? — perguntou Cecília.

Ele balançou a cabeça.

— Estou bem.

— Que bom. Escute, hoje, durante o Desfile de Chapéus de Páscoa, vi...

— *Você* está bem?

— Estou — disse ela, impaciente.

— Não parece. Está péssima. É como se eu a tivesse deixado doente. — A voz dele tremeu. — A única coisa que sempre importou para mim era fazer você e as meninas felizes, e agora a coloquei nessa situação insuportável.

— É — concordou Cecília. Ela fechou os dedos em volta das ripas do banco e olhou para as filhas quando o rosto delas se dissolveram juntos numa gargalhada por causa de algo que viam na TV. — “Insuportável” é uma boa palavra para descrever isso.

— Passei o dia inteiro no trabalho pensando em como poderia consertar isso. Como poderia tornar as coisas melhores para você. — Ele se aproximou e se sentou ao lado dela. Cecília sentiu o agradável calor do corpo dele junto ao seu. — É óbvio que não posso melhorar nada. Não mesmo. Mas queria lhe dizer uma coisa: se você quiser que eu me entregue, farei isso. Não vou lhe pedir que carregue esse peso também, se não puder carregá-lo.

Ele pegou a mão da esposa e a apertou.

— Farei o que você quiser que eu faça, Cecília. Se quiser que eu vá direto à polícia ou até Rachel Crowley, então farei isso. Se quiser que eu vá embora, se não puder suportar morar na mesma casa que eu, então irei. Direi às meninas que estamos nos separando porque... Não sei o que vou dizer a elas, mas vou assumir a culpa, é claro.

Cecília sentia que todo o corpo de John-Paul tremia. A palma da mão dele suava em cima da dela.

— Quer dizer que você está disposto a ir para a cadeia. E a sua claustrofobia? — perguntou ela.

— Vou ter que lidar com isso — disse ele. A palma da sua mão ficou ainda mais suada. — É só coisa da minha cabeça, de qualquer jeito. Não é real.

Com uma súbita repulsa, ela empurrou a mão dele para longe e se levantou.

— Então por que não lidou com isso antes? Por que não se entregou antes mesmo que eu o conhecesse?

Ele ergueu as mãos e a encarou com uma expressão contorcida, implorante.

— Não consigo responder isso, Cecília. Já tentei explicar. Sinto muito...

— E agora está dizendo que sou eu que tenho que decidir. Não tem mais nada a ver com você. Agora é *minha* responsabilidade se Rachel terá ou não um desfecho para o caso da filha! — Ela pensou na migalha azul no lábio de Rachel e estremeceu.

— Não se você não quiser assim! — John-Paul estava quase chorando. — Eu estava tentando facilitar as coisas para você.

— Não percebe que está fazendo com que isso passe a ser problema meu? — gritou Cecília, mas a raiva já estava se dissipando, sendo substituída por uma grande onda de desespero.

A oferta de John-Paul de confessar não fazia diferença. Não mesmo. Ela já era cúmplice. No momento em que abriu aquela carta, tornou-se cúmplice.

Cecília deixou-se afundar no banco do outro lado do gazebo.

— Estive com Rachel Crowley hoje — contou ela. — Fui lhe entregar uma encomenda de Tupperware. Ela disse que encontrou uma nova evidência que indicava quem era o assassino de Janie.

John-Paul levantou a cabeça em um movimento brusco.

— Não é possível. Não há nada. Não há evidência alguma.

— Só estou lhe contando o que ela me falou.

— Muito bem então. — John-Paul oscilou um pouco, como se estivesse se sentindo tonto, e fechou os olhos depressa. Tornou a abri-los. — Talvez a decisão seja tomada por nós. Por mim.

Cecilia tentou lembrar-se das palavras exatas de Rachel. Algo como “encontrei uma coisa que prova quem matou Janie”.

— Essa evidência que ela encontrou — disse Cecilia, de repente — pode incriminar *outra pessoa*.

— Nesse caso, terei que me entregar — falou John-Paul simplesmente. — É óbvio que faria isso.

— É óbvio — repetiu Cecilia.

— Só parece improvável — comentou ele, soando exausto. — Não é? Depois de todos esses anos?

— Parece — concordou Cecilia.

Ela o observou levantar a cabeça e se virar para os fundos da casa, para ver as meninas. No silêncio, o barulho do filtro da piscina ficou mais alto. Não parecia mais um bebê engasgando. Parecia a respiração ofegante de algo monstruoso, como um ogro dos pesadelos das crianças, rastejando-se pela casa.

— Vou dar uma olhada nesse filtro amanhã — disse John-Paul, com os olhos fixos nas filhas.

Cecilia não falou nada. Sentou-se e respirou no ritmo do ogro.

— Isso é tipo o segundo encontro perfeito — disse Tess.

Ela e Connor estavam sentados num muro de tijolos baixo, com vista para a Dee Why Beach, bebendo chocolate quente em copos para viagem. A moto estava parada atrás deles, o cromado brilhando à luz da lua. Apesar da noite fria, Tess estava aquecida pela grande jaqueta de couro que Connor lhe emprestara. Cheirava a loção pós-barba.

— É, costuma funcionar como um feitiço — falou Connor.

— Só que você já me levou para a cama no primeiro encontro — disse Tess. — Por isso, você sabe, não precisa gastar todas as suas armas de sedução.

Ela soava estranha, como se estivesse experimentando a personalidade de outra pessoa: uma dessas mulheres audaciosas e exuberantes. Na verdade, era como se tentasse ser Felicity e não estivesse se saindo muito bem. As sensações mágicas e alegres que ela tivera na moto pareciam ter se dissipado, e agora Tess estava sem jeito. Era um exagero. O luar, a moto, a jaqueta de couro e o chocolate quente. Era terrivelmente romântico. Ela nunca gostara muito de momentos clássicos de romance. Eles a faziam rir.

Connor virou-se para ela com uma expressão muito séria.

— Então você quer dizer que a outra noite foi um primeiro encontro.

Seus olhos estavam cinza e sérios. Ao contrário de Will, Connor não ria muito. Isso tornava suas raras risadas ainda mais preciosas. *Viu, qualidade, não quantidade, Will.*

— Ah, bem... — começou Tess. Será que ele achava que os dois estavam *namorando*? — Não sei. Quero dizer...

Connor pôs a mão no braço dela.

— Eu estava brincando. Relaxe. Já lhe disse. Fico feliz só de passar algum tempo com você.

Tess deu um gole no chocolate e mudou de assunto:

— O que você fez esta tarde? Depois da escola?

Connor estreitou os olhos, como se estivesse pensando na resposta, depois deu de ombros.

— Dei uma corrida, tomei um café com Ben e a namorada dele e, ah, bem, fui à terapia. Tenho consulta toda quinta à tarde. Às seis horas. Há um restaurante indiano ao lado do consultório. Sempre como lá depois. Terapia e um maravilhoso cordeiro ao curry. Não sei por que insisto em lhe falar sobre a minha terapia.

— Você contou de mim para a sua terapeuta? — perguntou ela.

— Claro que não. — Ele sorriu.

— Contou, sim. — Ela cutucou a perna dele de leve.

— Tudo bem, contei. Desculpe-me. Era novidade. Gosto de parecer interessante para ela.

Tess pousou o copo com chocolate quente ao seu lado no muro.

— O que ela disse?

Connor a olhou de relance.

— Está claro que você nunca fez análise. Eles não dizem nada. Só falam coisas do tipo “Como você se sentiu em relação a isso?” e “Por que acha que fez aquilo?”

— Aposto que ela não me aprova — declarou Tess.

Ela analisou a si mesma pelos olhos da terapeuta: uma ex-namorada que partiu o coração dele anos atrás reaparece de repente em sua vida no meio de uma crise no casamento. Tess ficou na defensiva. *Mas não o estou enrolando. Ele é um homem adulto. De qualquer jeito, pode ser que isso chegue a algum lugar. É verdade que nunca pensei nele desde aquela época, mas talvez eu possa me apaixonar por ele. Na verdade, talvez eu esteja me apaixonando por ele. Sei que ele é todo traumatizado por causa da primeira namorada que foi assassinada. Mas não vou magoá-lo. Sou uma boa pessoa.*

Ela não era uma boa pessoa? Teve uma leve consciência de algo, quase como uma vergonha do modo como tinha levado a vida. Não havia um certo isolamento, até mesmo um egoísmo e uma maldade, no modo como se desligava das pessoas, escondendo-se atrás de sua conveniente timidez, de sua ansiedade social? Quando percebia sinais de amizade, demorava muito para retornar ligações e responder e-mails, e, por fim, as pessoas desistiam, e Tess sempre sentia-se aliviada. Se fosse uma mãe melhor, mais sociável, teria ajudado Liam a fazer amizade com outras crianças além de Marcus. Mas não, ela simplesmente se retraía com Felicity, dando risadinhas por sobre suas taças de vinho enquanto observavam. Ela e Felicity não toleravam as muito magras, os muito atléticos, os muito ricos ou os muito inteligentes. Riam das pessoas que tinham personal trainers e cachorros pequenos, das que postavam no Facebook comentários muito intelectuais ou com erros de grafia, das que usavam a frase “Estou num lugar muito bom neste momento” e das que sempre se “envolviam” — pessoas como Cecilia Fitzpatrick.

Tess e Felicity ficavam à margem da vida, zombando dos que viviam.

Se Tess tivesse uma rede de contatos sociais maior, talvez Will não acabasse se apaixonando por Felicity. Ou pelo menos teria um leque muito maior de possíveis amantes à disposição.

Quando sua vida desmoronou, não havia um amigo sequer para quem Tess pudesse ligar. Nenhum amigo. Era por isso que estava agindo daquela forma com Connor. Precisava de um *amigo*.

— Eu me encaixo no padrão, não é? — perguntou Tess, de repente. — Você insiste em escolher a mulher errada. Sou mais uma escolha errada. Sou terrível para você.

— Hummm — murmurou Connor. — E você nem trouxe os pães de passas que me prometeu.

Ele virou o copo de papel e tomou o resto do chocolate quente. Em seguida, o deixou de lado no muro e chegou para mais perto dela.

— Estou usando você — confessou Tess. — Sou uma pessoa ruim.

Ele colocou a mão quente em sua nuca e a puxou para tão perto que ela pôde sentir o cheiro do chocolate em seu hálito. Tirou o copo de papel da mão dela, que não ofereceu resistência.

— Estou usando você para me ajudar a não pensar no meu marido — esclareceu ela. Queria que Connor entendesse.

— Tess. Querida. Você acha que não sei disso?

Então ele a beijou de um modo tão intenso que ela sentiu que caía, flutuava, rodando, rodando, rodando, como Alice no País das Maravilhas.

6 DE ABRIL DE 1984

Janie não sabia que garotos coravam. Seu irmão, Rob, corava, mas é claro que ele não contava como garoto. Ela não sabia que um cara inteligente, bonito, de uma escola particular, como John-Paul Fitzpatrick, podia corar. Era fim de tarde e a luz estava mudando, tornando tudo indistinto e sombreado, mas ela ainda conseguia ver que o rosto de John-Paul brilhava. Até suas orelhas, notou ela, tinham um tom de rosa translúcido.

Ela acabara de fazer seu discurso sobre o outro garoto com quem estava saindo e sobre como ela queria “tipo, hum, ser a namorada dele”. Então não podia mais voltar a se encontrar com John-Paul, porque o outro cara queria “tornar as coisas meio oficiais”.

Ela tinha essa vaga impressão de que seria melhor fazer parecer que era culpa de Connor, como se ele a estivesse obrigando a terminar com John-Paul, mas agora, ao ver o rosto dele ficar vermelho, perguntou-se se no fim acabara sendo uma má ideia mencionar que havia outro garoto. Poderia ter colocado a culpa no pai. Poderia ter dito que estava com muito medo de que ele descobrisse que ela estava saindo com um garoto.

Mas parte dela queria que John-Paul soubesse que ela era desejada.

— Mas Janie... — A voz dele soou estridente como a de uma menina, como se ele estivesse prestes a chorar. — Achei que você fosse *minha* namorada.

Janie ficou horrorizada. Seu rosto corou em solidariedade, e ela desviou os olhos para os balanços e ouviu a própria risadinha. Uma risada estranha, aguda. Era um hábito terrível seu, esse de rir quando ficava nervosa, mesmo sem achar nada engraçado numa situação específica. Acontecera, por exemplo, quando Janie tinha treze anos e o diretor da escola entrara na sala de aula dela com uma expressão sombria e sofrida no rosto normalmente alegre, e contara a eles que o marido da professora de geografia tinha falecido. Janie ficara tão chocada e aflita que começara a rir. Era inexplicável. A turma inteira se voltara para ela, recriminando-a, e ela quase morrera de vergonha.

John-Paul foi para cima dela. Seu primeiro pensamento foi de que ele iria beijá-la e que aquela era sua técnica estranha, porém magistral, e por isso ficou satisfeita e animada. Ele não *permitiria* que ela terminasse o relacionamento deles. Iria lutar por ela!

Mas então as mãos dele agarraram seu *pescoco*. Ela tentou dizer: “Está machucando, John-Paul”, mas não conseguia falar, e quis esclarecer o terrível mal-entendido, explicar que, na verdade, gostava *mais* dele que de Connor e que nunca tivera a intenção de magoá-lo, e que queria ser sua namorada, e tentou transmitir tudo isso com os olhos, fixos nos dele, nos belos olhos dele, e por um segundo ela pensou ter visto uma mudança, um reconhecimento de choque, e sentiu as mãos se afrouxarem, mas havia algo mais acontecendo, algo muito errado e desconhecido estava acontecendo com seu corpo, e, naquele momento,

uma parte muito distante da sua mente lembrou que sua mãe iria buscá-la na escola para levá-la a uma consulta médica, mas ela se esquecera completamente e tinha ido para a casa de Connor. Sua mãe devia estar furiosa.

Seu último pensamento coerente foi: *Ai, merda.*

Depois disso não houve mais pensamentos, apenas o pânico inevitável e incontrolável.

SEXTA-FEIRA SANTA

— Suco! — pediu Jacob.

— O que você quer, querido? — sussurrou Lauren.

Suco, pensou Rachel. Ele quer suco. Você é surda?

Havia acabado de amanhecer, e Rachel, Rob e Lauren estavam reunidos num pequeno círculo sinistro no Wattle Valley Park, esfregando as mãos e batendo os pés, enquanto Jacob ziguezagueava entre as pernas deles. Estava todo encasacado, com uma parca que Rachel suspeitava ser pequena demais para ele, os braços finos aparecendo pela beira da manga como os de um boneco de neve.

Como era de se esperar, Lauren estava usando um *trench coat*, embora seu rabo de cavalo não estivesse tão perfeito quanto de costume — alguns fios escapavam por baixo do arco — e ela parecia cansada. Carregava uma única rosa vermelha, o que para Rachel era uma escolha idiota. Parecia aquelas rosas envoltas em papel celofane que os rapazes davam às garotas no Dia dos Namorados.

Rachel estava segurando um pequeno ramallete de ervilhas-de-cheiro que colhera em seu próprio quintal e amarrara com uma fita de veludo verde, como a que Janie usava quando era muito pequena.

— Você deixa as flores onde ela foi encontrada? Ao pé do escorrega? — perguntara Marla certa vez.

— Claro, Marla, eu as deixo ali para serem esmagadas por centenas de pezinhos — respondera Rachel.

— Ah, é, tem razão — dissera Marla, nem um pouco ofendida.

Nem era o mesmo escorrega. Todos os equipamentos velhos e feios de ferro haviam sido substituídos por coisas modernas, de aparência futurista, iguais às do parque perto da casa de Rachel, aonde ela levava Jacob, e o chão tinha uma superfície que parecia de borracha e conferia aos passos um leve saltitar como o dos astronautas.

— Suco! — repetiu Jacob.

— Não estou entendendo, querido. — Lauren afastou o rabo de cavalo de um dos ombros. — Cuco? Você viu um passarinho?

Pelo amor de Deus. Rachel suspirou. Ela nunca sentira de fato a presença de Janie quando estava ali. Não conseguia imaginar a filha naquele lugar, não podia imaginar como havia chegado ali. Nenhum dos amigos de Janie sabia que ela frequentava aquele parque. É óbvio que fora um garoto que a levava para lá. Um garoto chamado Connor Whitby. O mais provável era que ele quisesse sexo e Janie tinha dito não. Ela deveria ter feito sexo com ele. A culpa era de Rachel, por falar tanto sobre isso, como se perder a virgindade fosse uma coisa muito grave. Morrer era infinitamente pior. Deveria ter dito à filha: “Faça sexo com quem quiser, Janie. Mas faça com segurança.”

Ed nunca quisera ir ao parque onde ela fora encontrada. “Que merda de sentido há nisso?”,

perguntava ele. “Mas agora é tarde demais para ir lá, não é? Ela não está mais lá, porra!”

Porra, você estava certo, Ed.

Mas Rachel achava que devia a Janie passar lá ano após ano, com seu ramallete de flores, para pedir desculpas por não ter estado lá na hora, mas estava agora, para imaginar seus últimos momentos, homenagear o último lugar em que ela estivera viva, o último lugar em que ela havia respirado. Se ao menos Rachel pudesse estar lá para vê-la naqueles últimos minutos preciosos, para absorver a visão daquelas pernas e braços ridiculamente compridos e finos, a beleza estranha de seu rosto anguloso. Era uma ideia estúpida, porque, se tivesse estado lá, Rachel teria se ocupado de salvar a vida da filha, mas, ainda assim, desejava ter estado, mesmo que não fosse capaz de mudar o desfecho.

Talvez Ed estivesse certo. Não fazia sentido passar lá todos os anos. Parecia ainda mais sem sentido dessa vez, com Rob, Lauren e Jacob ao seu redor, como se esperassem algo acontecer, que a diversão começasse, que o ônibus chegasse.

— Suco! — disse Jacob.

— Desculpe, querido, mas não estou entendendo — falou Lauren.

— Ele quer suco — explicou Rob, de um jeito tão grosseiro que Rachel quase sentiu pena de Lauren. Rob soara igualzinho a Ed quando ficava de mau humor. Os homens da família Crowley eram tão ranzinzas. — Não temos suco, amigo. Aqui. Trouxemos sua garrafa d’água. Beba um pouco.

— Nós não bebemos suco, Jakey — disse Lauren. — Faz mal para os dentes.

Jacob segurou a garrafa d’água com as mãozinhas gorduchas, jogou a cabeça para trás e bebeu, sedento, lançando a Rachel um olhar que dizia: *Não vamos contar a ela sobre todo aquele suco que tomo na sua casa.*

Lauren apertou o cinto do seu *trench coat* e se virou para Rachel.

— Você costuma dizer alguma coisa? Ou, humm...

— Não, apenas penso nela — respondeu Rachel num tom seco, como quem diz “cale a boca”. Ela certamente não se permitiria extravasar seus sentimentos na frente de Lauren. — Podemos ir daqui a pouco? Está um frio terrível aqui. Não queremos que Jacob acabe ficando gripado.

Foi *ridículo* levar Jacob até lá. Naquele dia. Àquele parque. Talvez no futuro ela fizesse alguma outra coisa para marcar a data da morte de Janie. Visitar o túmulo, como faziam no dia do aniversário dela.

Ela apenas teria que superar aquele dia sem fim e então estaria acabado por mais um ano. *Vamos com isso. Andem, minutos. Passem logo até a meia-noite.*

— Você quer dizer alguma coisa, querido? — perguntou Lauren a Rob.

Rachel quase disse “é claro que ele não quer”, mas se deteve a tempo. Virou-se para Rob e viu que ele olhava para o céu, esticando o pescoço como um peru, trincando os dentes fortes e brancos, as mãos desajeitadas apertadas junto à barriga, como se estivesse tendo uma convulsão.

Ele nunca esteve aqui, percebeu Rachel. *Ele nunca veio ao parque desde que a encontraram.* Ela deu um passo na direção de Rob, mas Lauren chegou primeiro e pegou a mão dele.

— Tudo bem — murmurou ela. — Você está bem. Apenas respire, querido. Respire.

Rachel observou, impotente, aquela jovem mulher que ela não conhecia de verdade confortar seu filho, a quem ela também não devia conhecer muito bem. Viu como Rob se inclinou na direção da esposa, e pensou quão pouco sabia, porque nunca quisera realmente saber, do sofrimento do filho. Será que ele

acordava Lauren com pesadelos terríveis? Conversava baixinho com ela no escuro, contando-lhe histórias sobre a irmã?

Rachel sentiu uma mãozinha em seu joelho e olhou para baixo.

— Vovó — disse Jacob. Ele fez um gesto, chamando-a.

— O que foi? — Ela se abaixou e levou a mão em concha ao ouvido.

— Suco — sussurrou ele. — Por favor?

* * *

A família Fitzpatrick dormiu até tarde. Cecília foi a primeira a acordar. Esticou a mão para pegar seu iPhone que estava na mesinha de cabeceira e viu que eram nove e meia. A luz cinzenta da manhã entrava pela janela e inundava o quarto.

A Sexta-feira Santa e o Boxing Day, o dia seguinte ao Natal, eram as datas mais importantes do ano, quando nunca marcavam nada. No dia seguinte, ela estaria frenética preparando o almoço de Páscoa, mas hoje não havia convidados, dever de casa, correria nem compras a fazer. O ar estava frio, a cama, quente.

John-Paul matou a filha de Rachel Crowley. O pensamento alojou-se em seu peito, apertando seu coração. Nunca mais ela ficaria na cama na Sexta-feira Santa de manhã, relaxando pela graça de não ter nada a fazer e nenhum lugar para onde ir, porque, pelo resto da vida, sempre, sempre haveria alguma coisa para fazer. Uma confissão guardada. Um segredo horrível.

Ela estava deitada de lado, de costas para John-Paul. Sentia o peso e o calor do braço dele na sua cintura. Seu marido. Seu marido, o assassino. Será que ela deveria saber? Deveria ter adivinhado? Os pesadelos, as enxaquecas, as vezes em que ele se mostrava tão... teimoso e estranho. Não faria diferença alguma, mas de certa forma fazia com que ela se sentisse negligente. “Ele é assim”, dizia a si mesma. Continuava repassando lembranças de seu casamento, à luz do que sabia agora. Lembrou-se, por exemplo, de como ele se recusara a ter um quarto filho. “Vamos tentar um menino”, sugerira Cecília quando Polly ainda era bebê, ciente de que os dois ficariam bastante felizes se acabassem tendo quatro meninas. John-Paul a assustara ao se recusar terminantemente a pensar no assunto. Aquilo devia ser mais um exemplo de sua autopunição. Na verdade, ele devia ser louco para ter um menino.

Pense em outra coisa. Talvez ela devesse se levantar e começar a preparar o almoço de domingo. Como iria lidar com todos aqueles convidados, toda aquela conversa e toda aquela felicidade? A mãe de John-Paul se sentaria em sua poltrona favorita, sentindo-se muito correta, sendo bajulada, guardando o segredo. “Foi há tanto tempo”, dissera ela. Mas, para Rachel, devia parecer que tinha sido ontem.

De repente, Cecília lembrou que Rachel comentara que hoje era o aniversário da morte de Janie. Será que John-Paul sabia disso? Provavelmente não. Ele era péssimo com datas. Não se lembrava nem do próprio aniversário de casamento se ela não o avisasse; por que memorizaria a data em que matou uma garota?

— Meu Deus — disse ela baixinho para si mesma, ao sentir todos os sintomas de sua nova doença voltarem: a náusea, a dor de cabeça.

Ela precisava se levantar. De algum modo, precisava escapar daquilo. Mexeu-se para se livrar das

cobertas e sentiu John-Paul apertar mais o braço em volta dela.

— Vou me levantar — disse ela, sem se virar para ele.

— Como você acha que ficaríamos, em termos financeiros? — perguntou ele, próximo do pescoço dela. Sua voz saiu rouca, como se ele estivesse muito gripado. — Se eu for mesmo... sem o meu salário? Teríamos que vender a casa, certo?

— Nós sobreviveríamos — respondeu Cecilia, direta.

Ela cuidava das finanças. Sempre cuidara. John-Paul ficava feliz em ignorar as contas e as prestações da hipoteca.

— É mesmo? Sobreviveríamos? — Ele parecia duvidar.

Os Fitzpatrick eram relativamente ricos, e John-Paul crescera com a expectativa de se tornar melhor do que a maioria das pessoas que conhecia. Se havia dinheiro envolvido, era natural que ele presumisse que provinha dele. Cecilia não o tinha enganado de propósito a respeito de quanto dinheiro vinha ganhando nos últimos anos; apenas não tivera a oportunidade de abordar o assunto.

— Estava pensando que, se eu não estiver por aqui, poderíamos contratar um dos filhos de Pete para prestar alguns serviços para você. Como limpar as calhas. Isso é muito importante. Não pode deixar para lá, Cecilia. Ainda mais na época dos incêndios florestais. Vou ter que fazer uma lista. Não paro de me lembrar de coisas.

Ela ficou deitada, imóvel. Seu coração batia acelerado. Como era possível? Era um absurdo. Não podia ser. Eles estavam mesmo na cama, conversando sobre a possibilidade de John-Paul ser preso?

— Queria muito que fosse eu a ensinar as meninas a dirigir — disse ele. Sua voz falhou. — Elas têm que aprender como se virar em pistas molhadas. Você não sabe frear direito quando o chão está molhado.

— Sei, sim — protestou Cecilia.

Ela se virou para encará-lo e viu que ele soluçava, o rosto contorcido de um jeito horrível. Ele virou a cabeça para enterrar o rosto no travesseiro, como se quisesse esconder as lágrimas.

— Sei que não tenho direito. Nenhum direito de chorar. Só não consigo me imaginar sem vê-las todos os dias de manhã.

Rachel Crowley nunca mais vai ver a filha dela.

Mas ela não conseguia endurecer seu coração o suficiente. A parte dele de que mais gostava era justo a do pai que amava as filhas. As crianças haviam unido os dois de uma forma que ela sabia que nem sempre acontecia com outros casais. Dividir histórias sobre elas — rindo e imaginando seu futuro — era um dos maiores prazeres de seu casamento. Ela se casara com John-Paul porque sabia o tipo de pai que ele se tornaria um dia.

— O que elas vão pensar de mim? — Ele pressionou o rosto com as mãos. — Vão me odiar.

— Está tudo bem — disse Cecilia. Aquilo era insuportável. — Tudo vai ficar bem. Não vai acontecer nada. Nada vai mudar.

— Não sei, mas agora que falei isso em voz alta, agora que *voce* sabe, depois de todos esses anos, parece tão real, mais do que nunca. É hoje, você sabe. — Ele passou as costas da mão no nariz e olhou para ela. — Hoje é o dia. O dia em que fiz aquilo. Lembro todo ano. Odeio o outono. Mas este ano parece ainda mais chocante. Não consigo acreditar que era eu. Não acredito que fiz aquilo com a filha de alguém. E

agora as minhas filhas, minhas filhas... elas têm que pagar.

O remorso assolou todo o seu corpo, como a pior dor do mundo. O instinto de Cecilia era aliviar isso, resgatá-lo, dar um jeito de acabar com a dor. Ela o acolheu junto de seu corpo como se fosse uma criança e sussurrou palavras tranquilizadoras:

— Shhh. Está tudo bem. Vai dar tudo certo. Não é possível que haja uma nova evidência depois de todos esses anos. Rachel deve ter se enganado. Vamos, vamos. Respire fundo.

Ele enterrou o rosto no ombro dela e Cecilia sentiu as lágrimas do marido ensoparem sua camisola.

— Vai ficar tudo bem — disse a ele.

Ela sabia que isso não podia ser verdade, mas, ao acariciar o pescoço de John-Paul, sentindo a linha reta de seu cabelo grisalho cortado com precisão militar, finalmente entendeu algo sobre si mesma.

Jamais pediria a ele para confessar.

Parecia que toda aquela coisa de vomitar na sarjeta e chorar na despensa tinha sido uma encenação, porque, desde que ninguém mais fosse acusado, ela guardaria o segredo dele. Cecilia Fitzpatrick, que era sempre a primeira a se apresentar como voluntária, que nunca se acomodava quando algo precisava ser feito, que sempre levava panelas de comida e abria mão de seu tempo, que sabia a diferença entre o certo e errado, estava pronta para virar a cara e olhar para o outro lado. Ela podia e iria permitir que outra mãe sofresse.

Sua bondade tinha limites. Poderia muito bem ter passado a vida inteira sem conhecê-los, mas agora sabia exatamente quais eram.

— Não seja tão pão-dura com a manteiga — reclamou Lucy. — Pães de passas devem ser servidos com manteiga pingando. Será que não lhe ensinei nada?

— Nunca ouviu falar de “colesterol”? — rebateu Tess, mas pegou a faca da manteiga.

Ela, a mãe e Liam estavam sentados no quintal, ao sol da manhã, tomando chá e comendo pães de passas tostados. Lucy estava usando o roupão rosa acolchoado por cima da camisola, e Tess e Liam estavam de pijama.

O dia tinha começado melancólico, bem apropriado para uma Sexta-feira Santa, mas mudara de ideia de repente e decidira dar uma virada e mostrar todas as cores do outono. Havia uma brisa refrescante e encantadora, e o sol se derramava pelas folhas vermelhas do flamboyant de sua mãe.

— Mãe? — disse Liam, de boca cheia.

— Hum? — murmurou Tess.

Ela estava com o rosto voltado para o sol, os olhos fechados. Parecia em paz e sonolenta. Na noite anterior, fizera mais sexo no apartamento de Connor, depois que voltaram de moto da praia. Fora ainda mais espetacular do que da primeira noite. Ele tinha certas habilidades que eram mesmo... fora de série. Tinha lido um livro, talvez? *Will* nunca lera esse livro então. Era curioso como até a semana anterior o sexo era apenas um passatempo divertido e meio regular sobre o qual ela nunca pensava de fato. E agora, naquela semana, a consumia por completo, como se fosse tudo o que realmente importava em sua vida, como se aqueles momentos entre os encontros sexuais fossem irrelevantes, não fossem vida de verdade.

Ela sentia que estava ficando viciada em Connor, na curva característica do seu lábio superior, nos seus ombros largos, em seu...

— Mãe! — repetiu Liam.

— O quê?

— Quando é...

— Não fale de boca cheia.

— Quando é que papai e Felicity vão chegar? Para a Páscoa?

Tess abriu os olhos e encarou a mãe, que arqueou as sobrancelhas.

— Não tenho certeza — respondeu a Liam. — Tenho que ver com eles. Talvez precisem trabalhar.

— Eles não podem trabalhar na Páscoa! Quero ver o papai bater com a cabeça do meu coelho.

De algum modo, eles haviam criado aquela tradição um tanto violenta de começar o domingo de Páscoa com o ritual de bater com a cabeça de um coelho de chocolate. Will e Liam achavam o pobre rosto destruído do coelho incrivelmente engraçado.

— Bem — falou Tess.

Ela não tinha a menor ideia do que fazer com relação à Páscoa. Será que havia sentido em fazer a encenação da família feliz pelo bem de Liam? Eles não eram atores muito bons. Ele perceberia na hora.

Ninguém podia esperar isso dela, não é?

E se ela convidasse Connor? Sentaria-se no colo dele como uma adolescente querendo provar ao ex-namorado que tinha virado a página e agora estava com ninguém menos que o atleta musculoso da escola. Poderia pedir a ele que aparecesse com sua moto rugindo. *Ele* poderia fazer o ritual de bater com a cabeça do coelho de Liam. Poderia fazer isso melhor que Will.

— Vamos ligar para o papai mais tarde — disse ela a Liam. Sua sensação de paz tinha sido arruinada.

— Vamos ligar para ele agora! — Liam correu para dentro de casa.

— Não! — exclamou Tess, mas ele já tinha ido.

— Ai, meu Deus — falou a mãe dela, dando um suspiro e largando seu pão de passas.

— Não sei o que fazer — começou Tess, mas Liam voltou correndo com o celular dela estendido na mão.

O toque de mensagem soou quando ele estava indo lhe entregar o aparelho.

— É uma mensagem do papai? — perguntou o menino.

Tess pegou o telefone, em pânico.

— Não. Não sei. Vou ver.

A mensagem era de Connor. *Pensando em você. Bjs.* Tess sorriu. Assim que terminou de ler, o telefone tocou de novo.

— Dessa vez deve ser do papai!

Liam saltava na frente dela, na ponta dos pés, como se estivesse jogando futebol.

Tess leu a mensagem. Também era de Connor.

Está um dia ótimo para soltar pipa, se você quiser vir com Liam para a pista de corrida um pouquinho. Eu levo a pipa! (Mas entendo se você achar que não é uma boa ideia.)

— Não são do seu pai — disse ela ao filho. — São do Sr. Whitby. Você sabe. Seu novo professor de educação física.

Liam ficou inexpressivo. Lucy pigarreou.

— Sr. Whitby — repetiu Tess. — Ele é seu professor de...

— Por que ele está mandando mensagens para você? — perguntou o menino.

— Você vai terminar de comer seu pãozinho, Liam? — interrompeu Lucy.

— Na verdade, o Sr. Whitby é um velho amigo meu — explicou Tess. — Lembra-se de quando o encontrei na secretaria da escola? Eu o conheci anos atrás. Antes de você nascer.

— Tess — disse a mãe, com um tom de advertência.

— O que foi? — perguntou ela, irritada.

Por que ela não podia dizer a Liam que Connor era um velho amigo? Que mal havia nisso?

— O papai também conhece ele?

As crianças pareciam tão alheias aos relacionamentos dos adultos, até que quando menos se esperava elas diziam algo assim, algo mostrando que, de certa forma, entendiam tudo.

— Não — respondeu Tess. — Foi antes de eu conhecer o seu pai. Enfim, o Sr. Whitby me mandou uma mensagem porque ele tem uma pipa incrível e quer saber se você e eu gostaríamos de ir à pista de corrida para soltá-la.

— Hein? — Liam fez uma cara feia, como se ela tivesse sugerido que ele arrumasse o quarto.

— Tess, meu amor, você acha mesmo que é... você sabe. — A mãe dela ergueu a mão até um lado da boca, escondendo-a, e, em silêncio, articulou a palavra *apropriado*.

Tess a ignorou. Ela não aceitaria que a fizessem se sentir culpada por isso. Por que ela e Liam deveriam ficar em casa sem fazer nada, enquanto Will e Felicity faziam fosse lá o que estivessem fazendo hoje? Além disso, ela queria mostrar àquela terapeuta, aquela invisível presença crítica na vida de Connor, que não era apenas uma mulher louca e magoada usando-o para sexo. Ela era boa. Era *legal*.

— Ele tem uma pipa incrível — improvisou Tess. — E achou que você fosse gostar de empinar, só isso. — Olhou para a mãe. — Ele está sendo *simpático* porque sabe que somos novos na escola. — Tornou a se virar para Liam. — O que acha de irmos encontrá-lo? Só por meia hora?

— Tudo bem — concordou Liam, de má vontade. — Mas quero ligar para o papai primeiro.

— Assim que estiver pronto — falou Tess. — Vá vestir a calça jeans. E a camisa de rúgbi. Está mais frio do que eu pensava.

— Está *bem* — disse Liam, e saiu se arrastando.

Ela digitou uma mensagem para Connor: *Encontraremos você na pista em meia hora. Bjs.*

Antes de apertar o botão de enviar, apagou os beijos. Para o caso de a terapeuta achar que isso poderia encorajá-lo. Então pensou nos beijos *de verdade* que haviam trocado na noite anterior. Ridículo. Ela poderia muito bem mandar beijos na mensagem. Voltou a escrever o *bjs* e ia enviar, mas aí se perguntou se o plural era um exagero e mudou só para *bj*, mas isso parecia algo mesquinho se comparado ao que ele mandara, como se ela quisesse dizer alguma coisa. Estalou a língua, voltou a escrever o “s” e enviou. Ergueu os olhos e viu que a mãe a observava.

— O que foi? — perguntou ela.

— Cuidado — alertou a mãe.

— O que exatamente você quer dizer com isso? — Havia certa truculência no tom de voz de Tess, que ela reconheceu de sua adolescência.

— Só estou dizendo que você não vai querer ir longe demais por um caminho do qual não conseguirá voltar.

Tess olhou para a porta dos fundos, para se certificar de que Liam estava lá dentro.

— Não há nada para o que voltar! Claro que devia haver algo muito errado com nosso casamento...

— Besteira! — interrompeu a mãe, de forma tão veemente que Tess ficou surpresa. — Babaquice! Isso é um grande absurdo. O tipo de bobagem que se lê nas revistas femininas. Essas coisas acontecem na vida. As pessoas metem os pés pelas mãos. Somos feitos para nos sentirmos atraídos uns pelos outros. Isso definitivamente não significa que havia algo de errado com o seu casamento. Eu via você e Will juntos. Sei o quanto se amam.

— Mas, mãe, Will *se apaixonou* por Felicity. Não foi apenas um beijo quando ficaram bêbados na festa da firma. É amor. — Ela franziu os olhos, fitando as unhas, e baixou a voz até um sussurro: — E talvez eu esteja me apaixonando por Connor.

— E daí? As pessoas se apaixonam e desapaionam o tempo todo. Eu me apaixonei pelo genro de Beryl uma semana dessas. Não é um sinal de que seu casamento estava arruinado. — Lucy mordeu um

pedaço do pão de passas e disse, com a boca cheia: — É claro que ele está arruinado *agora*.

Tess deu uma gargalhada e ergueu as mãos, com as palmas para cima.

— Então pronto. Estamos de saco cheio.

— Não se os dois estiverem dispostos a deixar o ego de lado.

— Não se trata apenas de ego — disse Tess, irritada.

Aquilo era ridículo. A mãe dela não estava falando coisa com coisa. *O genro de Beryl*, pelo amor de Deus.

— Ah, Tess, minha querida, na sua idade tudo é uma questão de ego.

— Então, o que está sugerindo? Que eu deveria deixar meu orgulho para lá e *implorar* para Will voltar para mim?

Lucy revirou os olhos.

— Claro que não. Só estou dizendo para não fechar as portas, mergulhando de cabeça num relacionamento com Connor. Você tem que pensar em Liam. Ele...

Tess estava furiosa.

— Eu *estou* pensando em Liam! — Ela fez uma pausa. — Você pensou em mim quando se separou do papai?

A mãe abriu um sorrisinho humilde para ela.

— Talvez não tanto quanto deveria. — Ela pegou a xícara de chá, mas logo tornou a pousá-la. — Às vezes olho para trás e penso, meu Deus, nós levávamos nossos sentimentos *tão a sério*. Tudo era preto no branco. Ocupávamos nossas posições e ponto final. Ninguém iria ceder. Aconteça o que for, não se torne tão rígida, Tess. Esteja disposta a ser um pouco... flexível.

— Flexível — repetiu Tess.

A mãe dela ergueu uma das mãos e inclinou a cabeça.

— Isso foi a campainha?

— Não ouvi — disse Tess.

— Se for a chata da minha irmã aparecendo de surpresa de novo, vou ficar muito irritada. — Lucy se empertigou e estreitou os olhos. — Faça o que quiser, mas não lhe ofereça uma xícara de chá!

— Acho que foi impressão sua.

— Mãe! Vovó!

A porta de tela dos fundos da casa foi escancarada e Liam pulou para fora, ainda de pijama, o rosto iluminado.

— Vejam quem está aqui! — Ele segurou a porta, escancarando-a, e fez um gesto exagerado, como se apresentasse um show. — Tarãã!

Uma mulher loura e bonita entrou pela porta. Por uma fração de segundo Tess não a reconheceu e apenas admirou o efeito estiloso que ela produzia em contraste com as folhas do outono. Estava usando um daqueles cardigãs brancos volumosos com botões de madeira, um cinto de couro marrom, calça jeans *skinny* e botas.

— É *Felicity*! — gritou Liam.

— Apenas sente-se com sua mãe e relaxe — recomendou Lauren a Rob. — Vou trazer café e alguns pães de passas. Jacob. Venha comigo, rapazinho.

Rachel deixou-se afundar num sofá macio ao lado da lareira. Era confortável. O sofá era macio na medida certa, como era de se esperar. Graças ao gosto impecável de Lauren, tudo em seu chalé de dois quartos, reformado, datando da época da Federação da Austrália, era perfeitamente correto.

Para decepção de Lauren, a cafeteria que ela havia sugerido estava fechada. “Eu liguei *ontem* e confirmei a hora que iriam abrir”, dissera ela ao ver a placa de “Fechado” na porta. Rachel observou com interesse a nora quase perder o equilíbrio, mas ela conseguira se recompor e sugeriu que fossem então para a sua casa. Ficava mais perto que a de Rachel, que não conseguiu pensar num motivo para não aceitar o convite sem parecer grosseira.

Rob sentou-se numa poltrona listrada vermelha e branca em frente à mãe e bocejou. Rachel viu o bocejo e, na mesma hora, se empertigou. Não queria acabar cochilando na casa de Lauren, como uma velha.

Olhou o relógio de pulso. Mal passava das oito da manhã. Ainda faltavam horas e horas que devia suportar até que o dia acabasse. Neste momento, vinte e oito anos antes, Janie tomava seu último café da manhã. Metade de um biscoito Weet-Bix, provavelmente. Ela nunca gostara de tomar café.

Rachel deslizou a mão pelo tecido do sofá.

— O que vocês vão fazer com esses móveis adoráveis depois de se mudarem para Nova York? — perguntou a Rob, jogando conversa fora, em tom frio.

Ela podia falar sobre a iminente mudança para Nova York no dia do aniversário da morte de Janie. Ah, podia, sim.

Rob levou algum tempo para responder. Tinha o olhar fixo nos joelhos. Ela estava prestes a chamar o nome dele quando Rob enfim disse:

— Acho que vamos alugar a casa mobiliada. — Ele passava a impressão de que falar exigia um grande esforço. — Ainda estamos pensando em toda a logística.

— É, há muito no que pensar, imagino — comentou Rachel, cortante.

É, Rob, há muita logística envolvida no ato de levar meu neto para Nova York. Ela enterrou as unhas no tecido do sofá, como se ele fosse um animal macio e gordo que estivesse maltratando.

— Você sonha com Janie, mãe? — perguntou Rob.

Rachel ergueu os olhos. Soltou o sofá.

— Sonho — respondeu. — E você?

— Mais ou menos — disse Rob. — Tenho pesadelos de estar sendo estrangulado. Acho que sonho que sou Janie. É sempre igual. Acordo ofegante, tentando respirar. Os pesadelos são sempre piores nesta época do ano. Outono. Lauren achou que talvez se eu fosse ao parque com você... poderia... ser bom.

Para enfrentar isso. Não sei. Na verdade, não gostei de estar lá. Não estou conseguindo explicar direito. É claro que você também não *gosta* de estar lá. Só que achei aquilo difícil demais. Pensar no que ela passou. Como deve ter ficado assustada. Meu Deus.

Ele olhou para o teto e seu rosto se contorceu. Rachel de repente se lembrou de que Ed tentava conter as lágrimas exatamente daquele jeito.

Ed também tinha pesadelos. Rachel acordava e o ouvia gritando, repetidas vezes: “Corra, Janie! *Corra!* Pelo amor de Deus, querida, corra!”

— Sinto muito. Não sabia que você tinha pesadelos — disse Rachel. O que ela poderia ter feito quanto a isso?

Rob conseguiu recuperar o controle da sua expressão.

— São apenas sonhos. Não é grande coisa. Mas você não deveria ir ao parque todos os anos sozinha, mãe. Desculpe-me por nunca ter me oferecido para ir junto. Deveria ter feito isso.

— Querido, você se ofereceu — falou Rachel. — Não se lembra? Várias vezes. E eu sempre disse não. Era uma coisa minha. Seu pai achava que eu era louca. Ele nunca voltou àquele parque. Nunca nem passou de carro pela rua.

Rob esfregou o nariz com as costas da mão e fungou.

— Sinto muito — disse ele. — Era de se esperar que depois de todos esses anos... — Ele se deteve abruptamente.

Dava para ouvir Jacob na cozinha, cantando a música do *Bob, o Construtor*. Lauren cantava junto. Rob abriu um sorriso doce ao ouvir a canção. O cheiro de pães de passas invadiu a sala.

Rachel observou o rosto dele. Rob era um bom pai. Melhor do que o pai dele fora. Hoje em dia era assim, todos os homens eram pais melhores, mas Rob sempre fora um garoto de bom coração. Mesmo quando bebê, era adorável. Ela o pegava no berço depois de uma soneca e ele se aconchegava no peito dela e até dava tapinhas em suas costas, como se estivesse agradecendo por ela tê-lo pegado no colo. Tinha sido o bebê mais fofinho do mundo. Ela se lembrava de Ed dizendo, sem ressentimento: “Pelo amor de Deus, mulher, você está embevecida com esse menino”.

Era estranho se lembrar de Rob bebê, como pegar seu livro favorito depois de anos sem lê-lo. Ela quase nunca se dava o trabalho de pensar nas recordações de Rob. Em vez disso, estava sempre tentando resgatar mais alguma lembrança da infância de Janie, como se a de Rob não tivesse importância, porque ele sobrevivera.

— Você era o bebê mais lindo — disse ela. — As pessoas me paravam na rua para me dar os parabéns. Já lhe contei isso? Provavelmente uma centena de vezes.

Rob balançou a cabeça devagar.

— Você nunca me falou isso, mãe.

— Não? Nem quando Jacob nasceu?

— Não. — Havia uma expressão de surpresa no rosto dele.

— Bem, pois deveria ter contado. — Rachel suspirou. — Acho que eu deveria ter feito muitas coisas.

Rob se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Então eu era bonitinho, é?

— Você era lindo, querido — disse Rachel. — Ainda é, claro.

Rob bufou.

— Claro, está bem, mãe.

Mas não podia esconder a alegria que de repente se estampara em seu rosto, e Rachel mordeu o lábio inferior com força, arrependida de todas as coisas que fizera e o deixaram triste.

— Pães de passas!

Lauren apareceu com os pães perfeitamente tostados e já com manteiga numa linda bandeja que colocou na frente deles.

— Deixe-me ajudá-la — ofereceu-se Rachel.

— De jeito algum — atalhou Lauren, por cima do ombro, voltando para a cozinha. — Você nunca me deixa ajudar na sua casa.

— Ah.

Rachel sentiu-se estranhamente exposta. Sempre presumira que Lauren não reparava no que ela fazia ou que nem a considerava uma pessoa de verdade. Pensava em sua idade como um escudo que a protegia do olhar dos jovens.

Sempre fingia para si mesma que não deixava Lauren ajudar porque estava tentando ser a sogra perfeita, mas a verdade é que não deixar uma mulher ajudar é uma forma de mantê-la distante, de mostrar que ela não faz parte da família, de dizer *não gosto de você o bastante para permitir que entre na minha cozinha*.

Lauren voltou trazendo outra bandeja com três xícaras de café. A bebida estava perfeita, exatamente como Rachel gostava: quente e com dois torrões de açúcar. Lauren era a nora perfeita. Rachel, a sogra perfeita. Toda aquela perfeição escondia toda a antipatia.

Mas Lauren vencera. Nova York era sua vitória. Tinha conseguido. Bom para ela.

— Onde está Jacob? — perguntou Rachel.

— Está desenhando — respondeu Lauren ao se sentar. Ela pegou a xícara e lançou a Rob um olhar irônico. — Espero que não seja nas paredes.

Rob abriu um sorriso forçado, e Rachel teve outro vislumbre do mundo particular de sua vida conjugal. Parecia boa, em se tratando de casamentos.

Será que Janie teria gostado de Lauren? Será que Rachel seria uma sogra boa, comum, dominadora, se Janie tivesse sobrevivido? Era impossível dizer. O mundo no qual Lauren estava era muito diferente daquele em que Janie vivera. Parecia impossível que Lauren pudesse existir se Janie estivesse viva.

Olhou para a nora, com fios de cabelo claro escapando do rabo de cavalo. Era quase do mesmo tom de louro que o de Janie. Só que o de sua filha era ainda mais claro. Talvez tivesse acabado escurecendo com a idade.

Desde aquela primeira manhã depois que Janie morreu, quando Rachel acordou e o horror do que havia acontecido se abatera sobre ela, vinha imaginando obsessivamente outra vida correndo em paralelo com a sua, sua vida de verdade, aquela que lhe fora roubada, aquela em que Janie estava quentinha na cama.

Mas, conforme os anos se passaram, foi ficando cada vez mais difícil imaginar isso. Lauren estava sentada na frente dela, tão *viva*, o sangue pulsando em suas veias, seu peito subindo e descendo com a respiração.

— Você está bem, mãe? — perguntou Rob.

— Estou — disse Rachel.

Ela ia pegar sua xícara de café, mas percebeu que não tinha energia nem para levantar o braço.

Certas vezes, sentia a dor de um sofrimento puro e primitivo, em outras, havia raiva, o desejo frenético de arranhar, bater e matar, e outras vezes, como naquele momento, apenas uma tristeza comum, sombria, assolando-a de mansinho, sufocante, como uma névoa densa.

Ela apenas estava triste demais.

— Oi — disse Felicity.

Tess sorriu para ela. Não conseguia evitar. Era como dizer “obrigado” de um modo mecânico a um policial que está lhe dando uma multa por excesso de velocidade que você não quer e nem tem como pagar. Tess ficou automaticamente alegre por ver Felicity porque a amava, e ela parecia tão legal, e *tantas* coisas tinham lhe acontecido nos últimos dias que havia muito a contar a ela.

No instante seguinte, Tess se lembrou, e o choque e a traição pareceram inéditos. Lutou contra o desejo de partir para cima de Felicity, derrubá-la no chão, arranhar, socar e morder. Mas mulheres gentis de classe média como Tess não agiam assim, ainda mais na frente de uma criança pequena e impressionável; então ela não fez nada além de lamber os lábios engordurados por causa dos pães de passas e chegar mais para a frente na cadeira, puxando a parte da frente da blusa do pijama.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Tess.

— Sinto muito por simplesmente... — A voz de Felicity falhou. Ela tentou limpar a garganta e disse, rouca: — ...aparecer desse jeito. Sem avisar.

— É, teria sido melhor se você tivesse ligado — repreendeu Lucy.

Tess sabia que a mãe estava se esforçando para parecer hostil, mas soava apenas perturbada. Apesar de tudo o que Lucy dissera sobre Felicity, Tess sabia que ela amava a sobrinha.

— Como está o tornozelo? — perguntou-lhe Felicity.

— O papai vem também? — quis saber Liam.

Tess se empetigou. Felicity a encarou e desviou o olhar depressa. *É isso aí. Pergunte para Felicity. Ela vai saber quais são os planos de Will.*

— Daqui a pouco ele deve estar chegando — disse ela a Liam. — Na verdade, não vou demorar. Só queria conversar com a sua mãe sobre algumas coisas, e depois tenho que ir. Eu, hum, vou embora.

— Para onde? — perguntou Liam.

— Para a Inglaterra — respondeu Felicity. — Vou fazer uma travessia incrível. A Travessia Coast to Coast. Depois vou para a Espanha, para os Estados Unidos... Bem, vou ficar fora por um bom tempo.

— Você vai à Disney? — indagou Liam.

Tess encarou Felicity.

— Não estou entendendo.

Será que Will partiria com ela em alguma aventura romântica?

Manchas vermelhas aflitivas cobriam o pescoço de Felicity.

— Você e eu podemos conversar?

Tess se levantou.

— Venha.

— Vou também — disse Liam.

— Não — atalhou Tess.

— Você fica aqui fora comigo, querido — falou Lucy. — Vamos comer chocolate.

Tess a levou até seu antigo quarto. Era o único que tinha uma tranca. Elas ficaram de pé perto da cama, olhando uma para a outra. O coração de Tess estava disparado. Ela nunca se dera conta de que era possível passar a vida inteira olhando para quem amávamos de um jeito evasivo, indiferente, como se estivesse deliberadamente borrando a visão, até que algo assim acontecia, e então o simples fato de olhar para essa pessoa era apavorante.

— O que está acontecendo? — perguntou Tess.

— Acabou — esclareceu Felicity.

— Acabou?

— Bem, na verdade nunca começou. Depois que você e Liam foram embora, simplesmente...

— Não era mais tão empolgante?

— Posso me sentar? — indagou Felicity. — Minhas pernas estão tremendo.

As de Tess também estavam.

Ela deu de ombros.

— Claro. Sente-se.

Não havia onde sentar, além da cama ou do chão. Felicity deslizou para o chão. Sentou-se de pernas cruzadas, com as costas apoiadas na cômoda. Tess também se sentou, encostando-se na cama.

— Ainda é o mesmo tapete. — Felicity tocou o tapete azul e branco.

— É.

Tess olhou para as pernas magras e os pulsos finos de Felicity. Pensou na garotinha gorda que tantas vezes se sentara exatamente naquela posição durante a infância. Os lindos olhos verdes amendoados brilhando em seu rosto rechonchudo. Tess sempre soubera que havia uma princesa encantada presa dentro dela. Talvez Tess gostasse do fato de ela estar trancada.

— Você está bonita — disse Tess. Por algum motivo, aquilo precisava ser dito.

— Não comece — pediu Felicity.

— Eu não estava começando nada.

— Eu sei.

Elas ficaram sentadas em silêncio por alguns momentos.

— Então, me conte — disse Tess por fim.

— Ele não me ama — explicou Felicity. — Acho que na verdade nunca foi apaixonado por mim. Teve só uma quedinha. Sinceramente, aquilo tudo foi mesmo patético. Eu percebi na mesma hora. Assim que você e Liam foram embora, soube que não ia acontecer nada.

— Mas... — Tess ergueu as mãos, impotente.

Sentiu uma onda de humilhação. As coisas que tinham acontecido na semana anterior pareciam tão *estúpidas*.

— Mas para mim não era só uma quedinha — confessou Felicity. Ela ergueu o queixo. — Para mim foi de verdade. Eu o amo. Eu amo Will há anos. Desde a primeira vez que o vi.

— Isso é verdade? — perguntou Tess, estupidamente, mas aquilo não era nenhuma surpresa. Não

mesmo.

— Talvez ela sempre tivesse sabido. Na verdade, talvez até *gostasse* de sentir que Felicity era apaixonada por Will, porque isso fazia com que ele parecesse ainda mais desejável, e porque era perfeitamente seguro. Não havia a menor chance de Will sentir atração por Felicity. Será que Tess nunca tinha olhado de verdade para a prima? Tinha sido como todos os outros que não conseguiam enxergar além do peso dela?

— Mas todos esses anos — disse Tess. — Passando tanto tempo com a gente. Deve ter sido horrível.

Era como se ela pensasse que a obesidade de Felicity abafasse seus sentimentos, como se acreditasse que Felicity devia saber e ter aceitado que nenhum homem comum pudesse realmente amá-la! E ainda assim, Tess teria matado qualquer um que dissesse isso em voz alta.

— Era assim mesmo que eu me sentia. — Felicity plissou uma parte do tecido da calça jeans entre os dedos. — Eu sabia que ele só pensava em mim como uma amiga. Sabia que Will gostava de mim. Até me amava, mas como uma irmã. Para mim bastava só passar algum tempo com ele.

— Você deveria... — começou Tess.

— O quê? Ter contado a você? O que você poderia fazer além de sentir pena de mim? O que eu deveria ter feito era ir embora para viver a minha vida, em vez de apenas ser sua fiel e gorda dama de companhia.

— Nunca pensei em você desse jeito! — Tess estava magoadas.

— Não estou dizendo que pensava assim. Eu é que me via como sua dama de companhia. Como se não fosse magra o bastante para ter uma vida de verdade. Mas aí, depois que emagreci, comecei a reparar que os homens olhavam para mim. Sei que, como boas feministas, não deveríamos gostar disso, de ser tratada como um objeto, mas quando nunca se teve essa experiência, é como, não sei, cocaína. Adorei. Eu me sentia tão poderosa. Parecia que eu estava em um daqueles filmes, quando o super-herói descobre os poderes que tem. E então pensei: *Será que consigo fazer Will me notar, como esses homens me notam?* ... E aí, bem, aí...

Ela parou. Acabou ficando envolvida na história que contava e esqueceu que para Tess não era muito conveniente ouvi-la. Fazia apenas poucos dias que Tess não falava com a prima, enquanto Felicity passara todos aqueles anos sendo incapaz de dividir seu maior segredo.

— E aí ele notou — completou Tess. — Você testou seus superpoderes e eles funcionaram.

Felicity deu de ombros de um jeito modesto e autodepreciativo. Era engraçado como todos os gestos dela pareciam diferentes agora. Tess tinha certeza de que nunca vira aquele dar de ombros específico — meio vulgar e paquerador.

— Acho que Will ficou tão mal por se sentir, você sabe, um pouco atraído por mim que convenceu a si mesmo de que estava apaixonado — disse Felicity. — Depois que você e Liam foram embora, tudo mudou. Acho que ele perdeu o interesse em mim assim que você saiu pela porta.

— Assim que saí pela porta — repetiu Tess.

— É.

— Besteira.

Felicity ergueu a cabeça.

— É verdade.

— Não é, não.

Parecia que Felicity estava tentando absolver Will de todos os pecados, insinuar que ele havia apenas se desviado do caminho por um breve momento, como se o que acontecera não fosse diferente da traição de um bêbado que beijou alguém na festa da firma.

Tess pensou no rosto pálido de Will na segunda-feira à noite. Ele não era tão superficial ou estúpido assim. Seus sentimentos por Felicity tinham sido verdadeiros o bastante para ele começar a dismantelar toda a sua vida.

Era por causa de Liam, pensou ela. No momento em que Tess saiu pela porta com Liam, Will finalmente entendeu o que estava sacrificando. Se não houvesse uma criança envolvida, essa conversa não estaria acontecendo. Ele amava Tess — presumia-se que sim —, mas agora estava *apaixonado* por Felicity, e todo mundo sabia qual desses era o sentimento mais poderoso. Não era uma luta justa. Por isso que casamentos chegavam ao fim. Era por isso que, se você valorizava seu casamento, devia fazer uma barricada em torno de si mesmo, dos seus sentimentos e pensamentos. Não deixar seu olhar se demorar. Não ficar para um segundo drinque. Manter o flerte na zona de segurança. Não se aventurar. Em algum momento, Will escolheu observar Felicity com os olhos de um homem solteiro. Fora aí que ele traía Tess.

— É claro que não estou pedindo que você me perdoe — disse Felicity.

Está, sim, pensou Tess. *Mas não vai conseguir.*

— Porque eu poderia ter seguido em frente — continuou Felicity. — Quero que saiba disso. Por algum motivo, acho importante que você saiba que para mim era sério. Eu me sentia péssima, mas não a ponto de não continuar com aquilo. Eu conseguiria conviver com a culpa.

Tess a encarou, chocada.

— Só quero ser completamente honesta com você — justificou-se Felicity.

— Obrigada, eu acho.

Felicity desviou o olhar primeiro.

— Enfim. Achei que a melhor coisa a fazer seria sair do país, ir para o mais longe possível. Assim você e Will podem se acertar. Ele queria conversar com você primeiro, mas achei que faria mais sentido se...

— Onde ele está agora? — perguntou Tess. Seu tom de voz estava estridente. O fato de Felicity conhecer o paradeiro e os planos dele a deixava furiosa. — Ele está em Sydney? Vocês vieram para cá juntos?

— Bem, sim, viemos, mas... — começou Felicity.

— Isso deve ter sido muito traumático para vocês dois. Seus últimos momentos juntos. Ficaram de mãos dadas no avião?

A hesitação nos olhos de Felicity era inegável.

— Ficaram, não foi? — falou Tess.

Ela podia muito bem imaginar. A *agonia*. Os amantes maldadados se agarrando um ao outro, imaginando se deveriam fugir — voar para Paris! — ou fazer a coisa certa, a coisa chata. Tess era a coisa chata.

— Não quero mais Will — disse ela para Felicity. Não suportava seu papel de esposa enfadonha,

indesejada. Queria que Felicity soubesse que ela não tinha nada de enfadonho. — Pode ficar com ele. Fique com ele! Estou dormindo com Connor Whitby.

Felicity ficou boquiaberta.

— Sério?

— Sério.

Felicity suspirou.

— Bem, Tess, isso é... eu não sei. — Ela olhou ao redor do quarto em busca de inspiração e depois voltou a fitar Tess. — Três dias atrás você disse que não permitiria que Liam crescesse com pais separados. Falou que *queria seu marido de volta*. Fez com que eu me sentisse a pior pessoa do mundo. E agora está me contando que já engatou um caso com Connor Whitby, enquanto Will e eu... nós nunca nem... *Meu Deus!* — Ela socou a lateral da cama de Tess. Estava vermelha, os olhos brilhando de raiva.

A injustiça, e talvez a justiça, das palavras de Felicity deixaram Tess sem fôlego.

— Não se faça de santinha. — Ela empurrou a coxa magra de Felicity o mais forte que pôde, de um jeito infantil, como se fosse uma criança num ônibus escolar. Foi estranhamente bom. Ela repetiu o gesto com mais força. — Você é a pior pessoa do mundo. Acha que eu sequer *olharia* para Connor se você e Will não tivessem me dito aquelas coisas?

— Mas você não ficou se lamentando muito, não é? Puta merda, pare de me *bater!*

Tess deu um último empurrão e sentou-se direito. Nunca sentira um desejo tão forte de bater em alguém. E sem dúvida jamais cedera a ele. Parecia que toda a gentileza que fazia dela uma adulta socialmente apta havia desaparecido. Semana passada, era profissional e mãe. Agora fazia sexo em corredores e batia na prima. O quer viria em seguida?

Ela inspirou fundo, trêmula. “No calor do momento”, como diziam. Ela nunca tinha se dado conta de quão quente o calor do momento poderia ser.

— Enfim — disse Felicity. — Will quer se acertar com você e eu estou saindo do país. Então, faça o que quiser.

— Obrigada — falou Tess. — Muito obrigada. Por tudo.

Ela quase podia sentir fisicamente a raiva escoando de seu corpo, deixando-a limpa e imparcial.

Houve um momento de silêncio.

— Ele quer ter outro filho — disse Felicity.

— Não me diga o que ele quer.

— Ele quer *mesmo* ter outro filho.

— E suponho que você iria gostar de lhe dar um — provocou Tess, maldosa.

Os olhos de Felicity se encheram d'água.

— Sim. Sinto muito, mas gostaria, sim.

— Pelo amor de Deus, Felicity. Não me faça sentir mal por você. Não é justo. Por que você tinha que se apaixonar pelo *meu* marido? Por que não podia ter sido pelo marido de outra pessoa?

— Nós nunca víamos outras pessoas.

Felicity riu e as lágrimas escorreram pelo seu rosto. Ela limpou o nariz com as costas da mão.

Aquilo era verdade.

— Ele acha que não pode lhe pedir para engravidar outra vez porque você enjoou muito — disse Felicity. — Mas não deve ser tão ruim na segunda gravidez, certo? Cada gestação é diferente das outras, não é? Você deveria ter outro filho.

— Você acha mesmo que vamos ter um bebê agora e viver felizes para sempre? — perguntou Tess. — Um filho não conserta um casamento. Não que eu soubesse que meu casamento precisava de conserto.

— Eu sei, só pensei...

— Não é por causa dos enjoos que eu não queria outro bebê — explicou ela a Felicity. — É por causa das pessoas.

— Das pessoas?

— Das outras mães, dos professores, das *pessoas*. Eu não sabia que ter um filho envolvia tanta atividade social. Você passa o tempo todo *falando* com as pessoas.

— E daí? — Felicity parecia perplexa.

— Tenho esse distúrbio. Fiz um teste numa revista. Eu tenho... — Tess baixou a voz. — Tenho ansiedade social.

— Não tem nada — disse Felicity, com desdém.

— Tenho, sim! Fiz o teste...

— Você está mesmo se autodiagnosticando a partir de um teste de revista?

— Era a *Reader's Digest*, não a *Cosmopolitan*. E é verdade! Não suporto conhecer gente nova. Passo mal. Meu coração dispara. Não suporto festas.

— Muitas pessoas não gostam de festas. Aceite isso.

Tess foi pega de surpresa. Ela esperava compaixão.

— Você é tímida — disse Felicity. — Não é de falar muito, nem é extrovertida. Mas as pessoas gostam de você. Gostam de verdade. Nunca percebeu isso? Quero dizer, meu Deus, Tess, como você poderia ter tido todos aqueles namorados se fosse tão tímida e nervosa assim? Você teve uns trinta namorados antes dos vinte e cinco anos.

Tess revirou os olhos.

— Não tive nada.

Como poderia explicar a Felicity que sua ansiedade era como um animalzinho de estimação estranho e inconstante do qual era obrigada a tomar conta? Às vezes, estava silencioso e dócil; em outros dias, enlouquecia, corria em círculos e latia alto em seu ouvido. Além disso, namorar era diferente. Namoros tinham regras próprias e bem definidas. Ela podia namorar. O primeiro encontro com um cara novo nunca fora um problema. (Desde que ele a convidasse, é claro. Ela jamais fazia o convite.) Era quando o cara a convidava para conhecer sua família e seus amigos que a ansiedade deixava sua cabecinha esquisita agitada.

— Além do mais, se você tem mesmo essa “ansiedade social”, por que nunca me contou? — perguntou Felicity, absolutamente confiante de que sabia tudo o que havia para saber sobre Tess, mesmo que o contrário não fosse verdade.

— Antes eu não sabia o nome — explicou Tess. — Não tinha as palavras certas para descrever o que eu sentia até poucos meses atrás.

E porque você fazia parte do meu disfarce, pensou ela. Porque, juntas, nós duas fingíamos que não nos importávamos com o que os outros pensavam de nós, que éramos superiores a todo mundo. Se eu admitisse para você como me sentia, teria que admitir não só que me importava com o que as pessoas pensavam, mas que me importava muito.

— Sabe de uma coisa? Entrei numa aula de aeróbica quando tinha pelo menos o dobro do tamanho de qualquer pessoa da sala. — Felicity se inclinou para a frente e olhou-a, furiosa. — As pessoas não conseguiam olhar para mim. Vi uma garota cutucar a amiga para que desse uma olhada em mim, e as duas tiveram vontade de rir. Ouvi um cara dizer: “Cuidado com a vaca.” Então, não venha me falar de ansiedade social, Tess O’Leary.

Bateram à porta.

— Mamãe! Felicity! — berrou Liam. — Por que vocês trancaram a porta? Quero entrar!

— Vá embora, Liam — gritou Tess de volta.

— Não! Vocês já fizeram as pazes?

As duas se entreolharam. Felicity deu um sorriso fraco e Tess desviou o olhar.

Ouviram a voz de Lucy do outro lado da casa:

— Liam, volte aqui! Falei para deixar sua mãe em paz! — Ela estava em desvantagem por causa das muletas.

Felicity se levantou.

— Tenho que ir. Meu voo é às duas horas. Minha mãe vai me levar ao aeroporto. Ela está uma pilha. Ao que parece, papai não está falando comigo.

— Você vai mesmo embora hoje? — Tess ergueu os olhos do chão para a prima.

Pensou rapidamente nos negócios: os clientes que ela se esforçara tanto para conseguir, o fluxo de caixa que lutavam para manter, a confusão e a preocupação com os lucros e prejuízos, como se aquilo fosse uma plantinha delicada, a planilha de “trabalhos em andamento” que analisavam todas as manhãs. Seria o fim da Agência TWF? Todos aqueles sonhos. Todos aqueles materiais de escritório.

— Vou — respondeu Felicity. — Era o que eu deveria ter feito há anos.

Tess também se levantou.

— Eu não perdoo você.

— Eu sei — concordou Felicity. — Também não me perdoo.

— Mamãe! — gritou Liam.

— Espere um pouco, Liam! — retrucou Felicity. Ela segurou o braço de Tess e sussurrou em seu ouvido: — Não conte a Will sobre Connor.

Por um breve e estranho momento elas se abraçaram, então Felicity se virou e abriu a porta.

— Não tem manteiga — comunicou Isabel. — Nem margarina.

Ela estava diante da geladeira e se virou para a mãe, com um olhar cheio de expectativa.

— Tem certeza? — perguntou Cecília.

Como isso podia ter acontecido? Ela nunca se esquecia dos mantimentos básicos. Seu sistema era infalível. Sua geladeira e sua despensa estavam sempre perfeitamente abastecidas. Às vezes John-Paul ligava a caminho de casa e perguntava se ela queria que ele “levasse leite ou qualquer outra coisa”, e ela sempre respondia: “Hum, não?”

— Mas não vamos comer pães de passas? — falou Esther. — Sempre comemos pães de passas no café da manhã na Sexta-feira Santa.

— Ainda podemos comer isso — disse John-Paul. Ele acariciou automaticamente as costas de Cecília com os dedos ao passar por ela em direção à mesa da cozinha. — Os pães de passas da sua mãe são tão gostosos que nem precisam de manteiga.

Cecília olhou para ele. Estava pálido e um pouco trêmulo, como se estivesse se recuperando de uma gripe, e parecia tão delicado e assustado.

Ela pegou-se esperando que algo acontecesse: o toque estridente do telefone, uma batida pesada na porta, mas o dia continuava encoberto por um silêncio suave e seguro. Nada aconteceria numa Sexta-feira Santa. A Sexta-feira Santa tinha sua própria bolha protetora.

— Sempre comemos nossos pães de passas quentes com muita, muita manteiga — lembrou Polly, sentada à mesa da cozinha com seu pijama de flanela cor-de-rosa, o cabelo preto despenteado, o rosto sonolento. — É uma *tradição* de família. Mãe, vá ao mercado comprar manteiga.

— Não fale assim com a sua mãe. Ela não é sua escrava — repreendeu-a John-Paul.

Ao mesmo tempo, Esther ergueu os olhos do livro da biblioteca e disse:

— As lojas estão fechadas, sua idiota.

— Tanto faz. — Isabel suspirou. — Vou ligar o Skype para falar com...

— Não vai, não — ordenou Cecília. — Nós *todos* vamos comer mingau e depois vamos *todos* caminhar até a pista de corrida da escola.

— Caminhar? — perguntou Polly, com desdém.

— Sim, caminhar. O dia está lindo. Ou podem ir de bicicleta. Vamos levar a bola de futebol.

— Estou no time do papai — anunciou Isabel.

— Depois, na volta, paramos na loja de conveniência, compramos manteiga e comemos os pães de passas quando chegarmos em casa.

— Perfeito — concordou John-Paul. — Parece perfeito.

— Vocês sabiam que algumas pessoas queriam que o Muro de Berlim não caísse nunca? — perguntou Esther. — Não é estranho? Por que alguém iria querer ficar preso atrás de um muro?

— Bem, foi tudo ótimo, mas tenho mesmo que ir — disse Rachel.

Ela deixou a xícara de café na mesinha de centro. Tinha cumprido seu dever. Chegou mais para a frente e respirou fundo. Era mais um daqueles sofás incrivelmente baixos. Será que conseguiria se levantar sozinha? Lauren seria a primeira a se aproximar se visse que Rachel estava tendo dificuldade. Rob estava sempre um instante atrasado.

— O que você vai fazer no resto do dia? — perguntou Lauren.

— Nada de especial — respondeu Rachel. *Vou só contar os minutos.* Ela estendeu a mão para Rob. — Me dê uma ajudinha, sim, querido?

Quando Rob estava indo ajudá-la, Jacob se aproximou com seus passinhos, levando até Rachel uma foto emoldurada que havia pegado na estante.

— Papai — disse ele, claramente.

— Isso mesmo — concordou Rachel.

Era uma foto de Rob e Janie num acampamento a que tinham ido na Costa Sul, um ano antes da morte dela. Eles estavam de pé na frente de uma barraca, e Rob fazia chifrinho em Janie. Por que as crianças insistiam em fazer isso?

Rob parou ao lado deles, apontou para a irmã e perguntou:

— E quem é essa, amigão?

— Tia Janie — respondeu Jacob, com clareza.

Rachel prendeu a respiração. Nunca o ouvira dizer “tia Janie”, embora ela e Rob tivessem mostrado quem ela era nas fotos desde que Jacob era um bebezinho.

— Garoto esperto. — Ela bagunçou o cabelo dele. — Sua tia Janie ia amar você.

Embora, na verdade, Janie nunca tenha se interessado muito por crianças. Preferia construir cidades com os blocos de Lego de Rob a brincar de boneca.

Jacob lançou-lhe um olhar clínico, como se já soubesse daquilo, e se afastou balançando perigosamente o porta-retratos entre as pontas dos dedos. Rachel pôs a mão por cima da de Rob e ele a ajudou a se levantar.

— Bem, muito obrigada, Lauren... — começou ela e ficou surpresa ao ver que a nora tinha os olhos fixos no chão, como se estivesse fingindo não estar ali.

— Desculpe-me. — Ela abriu um sorriso sem graça. — É que é a primeira vez que ouço Jacob dizer “tia Janie”. Não sei como você consegue enfrentar este dia, Rachel, todo ano, realmente não sei. Eu gostaria de poder *fazer* alguma coisa.

Você poderia não levar meu neto para Nova York, pensou Rachel. *Poderia ficar aqui e ter outro filho.* Mas apenas sorriu de modo educado e disse:

— Obrigada, querida. Eu estou bem, de verdade.

Lauren se levantou.

— Gostaria de tê-la conhecido. Minha cunhada. Sempre quis ter uma irmã. — O rosto dela estava rosado e suave.

Rachel desviou os olhos. Não podia suportar aquilo. Não queria ver nenhum indício da vulnerabilidade de Lauren.

— Tenho certeza de que ela adoraria você. — Rachel parecia falsa até para si mesma, então tossiu, constrangida. — Bem. Vou embora. Obrigada por terem ido comigo ao parque hoje. Significou muito para mim. Vou esperar ansiosa para vê-los no domingo de Páscoa. Na casa dos seus pais!

Ela se esforçou ao máximo para pôr algum entusiasmo na voz, mas Lauren tinha voltado a fechar a cara e recuperara a compostura.

— Que ótimo — disse Lauren, fria, e inclinou-se para a frente para tocar de leve o rosto de Rachel com os lábios. — A propósito, Rachel, Rob comentou que lhe pediu para levar uma pavlova, mas não precisa *mesmo*.

— Não é trabalho algum, *Lauren* — falou Rachel.

Ela pensou ter ouvido Rob suspirar.

* * *

— Então agora Will vai aparecer? — Lucy apoiava-se pesadamente no braço de Tess enquanto estavam na varanda da frente, observando o táxi de Felicity dobrar a esquina no fim da rua. Liam estava em algum lugar dentro de casa. — Parece uma peça de teatro. A amante malvada deixa o palco pela direita. Entra o marido arrependido.

— Ela não é uma amante malvada — defendeu Tess. — Disse que é apaixonada por ele há anos.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Lucy. — Que boba. Cheio de homem por aí! Por que ela tinha que querer o seu?

— Ele é um partidão, acho.

— Então quer dizer que você o perdoou?

— Não sei. Não sei se consigo. Sinto que ele só está me escolhendo por causa de Liam. Acho que está se conformando comigo. Como uma segunda opção.

A ideia de ver Will a deixou insuportavelmente confusa. Iria chorar? Gritar? Atirar-se nos braços dele? Dar-lhe um tapa na cara? Oferecer a ele um pão de passas? Ele adorava pães de passas. Mas é claro que não merecia um. “Você não vai ganhar um pãozinho, querido.” Essa era a questão. Era apenas *Will*. Era impossível imaginar como ela iria manter o drama e a compostura que a situação exigia. Ainda mais com Liam ali. Só que, na verdade, aquele não era Will, porque o verdadeiro Will jamais permitiria que aquilo acontecesse. Então era um estranho.

A mãe a observou. Tess esperou um comentário sábio e amoroso.

— Imagino que você não vai recebê-lo usando esse *pijama* velho e esfarrapado, não é, querida? E vai dar uma boa escovada no cabelo, espero.

Tess revirou os olhos.

— Ele é meu marido. Sabe como é a minha aparência quando acordo. E, se ele é tão superficial *assim*, não o quero.

— É, você está certa, claro — falou Lucy. Ela bateu com o dedo no lábio inferior. — Nossa, Felicity

estava *especialmente* bonita hoje, não estava?

Tess riu. Talvez se sentisse mais resiliente se estivesse arrumada.

— Tudo bem, mãe, vou pôr uma fita no cabelo e beliscar as bochechas. Venha, sua manquinha. Não sei por que você tinha que sair para vê-la ir embora.

— Não queria perder nenhuma parte do espetáculo.

— Sabe, eles nunca dormiram juntos — sussurrou Tess, segurando a porta de tela com uma das mãos e o cotovelo da mãe com a outra.

— Sério? — perguntou Lucy. — Que interessante. No meu tempo, infidelidade era uma coisa muito mais obscena.

— Estou pronto! — Liam veio correndo depressa pelo corredor.

— Para o quê? — perguntou Tess.

— Para soltar pipa com aquele professor. Sr. Whatby, ou seja lá qual for o nome dele.

— *Connor!* — Tess perdeu o fôlego e quase deixou a mãe cair. — Merda. Que horas são? Eu esqueci.

* * *

O celular de Rachel tocou assim que ela chegou ao fim da rua de Rob e Lauren. Ela parou o carro para atender. Devia ser Marla, ligando por causa do aniversário da morte de Janie. Rachel ficava feliz de poder conversar com ela. Tinha com quem reclamar dos pães de passas perfeitamente tostados de Lauren.

— Sra. Crowley? — Não era Marla. A voz era de uma mulher, mas parecia com a da secretária arrogante de um consultório médico: nasalada e cheia de si. — Aqui é a sargento-detetive Strout, da Divisão de Homicídios. Eu deveria ter ligado ontem à noite, mas perdi a hora, então pensei que poderia tentar entrar em contato esta manhã.

O coração de Rachel deu um pulso. O vídeo. Ela estava ligando na Sexta-feira Santa. Um feriado. Só podia ser uma boa notícia.

— Oi — falou, cordialmente. — Obrigada por ligar.

— Bem, gostaria de lhe informar que recebemos o vídeo do detetive Bellach e que, hum... assistimos a ele. — A sargento-detetive Strout era mais jovem do que aparentara no primeiro momento. Ela usava seu tom mais profissional. — Sra. Crowley, entendo que a senhora deve ter criado grandes expectativas, que tenha chegado a achar que fariamos algum progresso. Por isso, lamento desapontá-la, mas preciso lhe dizer que, a esta altura, não interrogaremos Connor Whitby de novo. Não achamos que o vídeo justifique isso.

— Mas é o motivo dele — disse Rachel, desesperada. Olhou pelo para-brisa para uma magnífica árvore de folhas douradas erguendo-se em direção ao céu. — Vocês não veem? — Enquanto olhava, uma única folha se soltou e começou a cair, girando rápido no ar.

— Sinto muito mesmo, Sra. Crowley. A esta altura, não há mais nada que possamos fazer.

Havia compaixão na voz dela, sim, mas Rachel também podia perceber uma certa condescendência de uma jovem profissional para com uma pessoa velha e ociosa. *A mãe da vítima. Sem dúvida emotiva demais para ser objetiva. Não entende o procedimento da polícia. Parte do trabalho é tentar acalmá-la.*

Os olhos de Rachel se encheram de lágrimas. A folha sumiu de vista.

— Se quiser que eu vá conversar com a senhora depois da Páscoa — disse a sargento-detetive Strout —, ficarei feliz de marcar uma hora que lhe seja conveniente.

— Não será necessário — retrucou Rachel, fria. — Obrigada por ter ligado.

Ela desligou e atirou o telefone longe, que caiu no chão na frente do banco do carona.

— Sua coisinha inútil, arrogante, miserável... — Sentiu um nó na garganta. Então girou a chave na ignição.

* * *

— Olhem a pipa daquele homem! — disse Isabel.

Cecilia ergueu os olhos e viu um homem no topo da colina carregando uma pipa enorme, no formato de um peixe. Ele a deixava sacolejar atrás de si, como um balão de ar.

— Parece que ele está levando o peixe para passear — zombou John-Paul.

Ele estava curvado, quase dobrado ao meio, empurrando a bicicleta de Polly, porque ela acabara de reclamar que suas pernas estavam bambas. Ela estava sentada ereta, com um capacete rosa e óculos escuros de plástico, de roqueira, com as lentes em forma de estrela. Enquanto Cecilia a observava, ela curvou-se para a frente, para tomar um gole de isotônico de limão de uma garrafinha roxa que trazia na cestinha branca da bicicleta.

— Peixes não andam — falou Esther, sem tirar os olhos do livro. Ela tinha a incrível habilidade de ler e andar ao mesmo tempo.

— Você poderia pelo menos pedalar um pouquinho, princesa Polly — disse Cecilia.

— Minhas pernas ainda estão bambas — retrucou Polly, em tom delicado.

John-Paul sorriu para a esposa.

— Tudo bem. É um bom exercício para mim.

Cecilia respirou fundo. Havia algo de cômico e extraordinário em ver aquela pipa em forma de peixe nadando alegremente no ar atrás do homem que seguia na frente deles. A atmosfera tinha um cheiro doce. O sol quente batia nas suas costas. Isabel arrancava dentes-de-leão amarelos das cercas vivas e os espetava na trança de Esther. Isso fez Cecilia se lembrar de alguma coisa. Um livro ou um filme de sua infância. Algo a ver com uma menininha que morava nas montanhas e usava flores nas tranças. Heidi?

— Lindo dia! — gritou um homem sentado na varanda, tomando chá.

Cecilia se lembrava vagamente de seu rosto da igreja.

— Maravilhoso! — respondeu ela, animada.

O homem com a pipa na frente deles parou. Pegou o telefone no bolso e levou-o à orelha.

— Não é um homem qualquer. — Polly se endireitou. — É o Sr. Whitby!

* * *

Rachel dirigia para casa de modo automático, tentando esvaziar a mente de quaisquer pensamentos.

Parou num sinal vermelho e olhou as horas no relógio do painel. Eram dez da manhã. A esta hora, vinte e oito anos atrás, Janie devia estar na escola, e Rachel provavelmente estava passando o vestido para

seu compromisso com Toby Murphy. O maldito vestido que Marla a convencera a comprar porque deixava suas pernas à mostra.

Apenas sete minutos atrasada. É provável que não tenha feito diferença. Ela nunca saberia.

“Não há mais nada que possamos fazer.” Ela tornou a ouvir a voz do sargento-detetive Strout. Viu o rosto congelado de Connor Whitby quando ela pausou o vídeo. Pensou na culpa inconfundível em seus olhos.

Foi ele.

Ela gritou. Um grito feio, apavorante, que reverberou pelo carro. Bateu com os punhos uma única vez no volante. Isso a assustou e a envergonhou.

O sinal abriu. Ela pisou no acelerador. Aquele era o pior aniversário de todos ou era sempre tão ruim assim? Devia ser sempre assim. Era muito fácil esquecer o quanto as coisas eram ruins. Como o inverno. Como uma gripe. Como o parto.

Podia sentir o sol no rosto. O dia estava lindo, como aquele em que Janie morreria. As ruas estavam desertas. Não parecia haver ninguém por ali. O que as pessoas fazem na Sexta-feira Santa?

A mãe de Rachel costumava ler a passagem da Via Crucis. Será que Janie teria seguido o catolicismo? Provavelmente não.

Não imagine a mulher que Janie teria se tornado.

Não pense em nada. Não pense em nada. Não pense em nada.

Quando eles levarem Jacob para Nova York, não haverá mais nada. Será como a morte. Todos os dias serão tão ruins quanto este. Também não pense em Jacob.

Seus olhos seguiram um monte de folhas vermelhas que flutuavam como minúsculos pássaros frenéticos.

Marla disse que sempre pensava em Janie quando via um arco-íris. E Rachel perguntou: “Por quê?”

A rua vazia se abria à sua frente, e o sol brilhava. Ela estreitou os olhos e abaixou o quebra-sol. Sempre esquecia os óculos escuros.

No fim das contas havia alguém na rua.

Ela se agarrou a essa distração. Era um homem. Ele estava na calçada, carregando um balão de cores berrantes. Parecia um peixe. Como aquele de *Procurando Nemo*. Jacob iria adorar aquele balão.

O homem falava ao telefone, olhando para o balão.

Mas não era um balão. Era uma pipa.

* * *

— Sinto muito, mas não vamos conseguir nos encontrar com você — disse Tess.

— Tudo bem — falou Connor. — Fica para a próxima.

A ligação estava perfeita. Ela podia ouvir com clareza o peso e o timbre da voz dele, mais grave que pessoalmente, um pouco rouca. Ela apertou o telefone na orelha, como se pudesse envolver-se com a voz dele.

— Onde você está? — perguntou ela.

— Parado na calçada, carregando uma pipa em forma de peixe.

Ela sentiu uma onda de arrependimento e também uma decepção pura e infantil, como se tivesse perdido uma festa de aniversário por causa de uma aula de piano. Queria dormir com ele mais uma vez. Não queria sentar-se na casa fria de sua mãe e ter uma conversa complicada e dolorosa com o marido. Queria correr sob o sol pela pista de sua antiga escola, com uma pipa em forma de peixe. Desejava se apaixonar, não consertar uma relação arruinada. Queria ser a primeira escolha de alguém, não a segunda.

— Sinto muito — disse Tess.

— Tudo bem.

Houve uma pausa.

— O que está acontecendo? — perguntou ele.

— Meu marido está vindo aqui.

— Ah.

— Parece que ele e Felicity terminaram antes mesmo de terem começado.

— Então acho que nós também. — Ele não fez aquilo parecer uma pergunta. Tess conseguia ver Liam brincando no jardim. Tinha dito a ele que Will estava vindo. Ele corria de um lado para outro, tocando a cerca viva e, depois, a de madeira, como se estivesse treinando para uma competição de vida ou morte.

— Não sei o que vai acontecer. É só que, com Liam, você entende, eu tenho ao menos que tentar. Dar uma chance, pelo menos.

Pensou em Will e Felicity sentados no voo vindo de Melbourne, as mãos entrelaçadas, os rostos estoicos. Puta que pariu.

— Claro que sim. — Ele parecia tão gentil e adorável. — Não precisa explicar.

— Eu nunca deveria...

— Por favor, não se arrependa.

— Tudo bem.

— Diga a ele que, se voltar a tratá-la mal, vou arrebentar os joelhos dele.

— Ok.

— Sério, Tess. Não dê mais nenhuma chance a ele.

— Não.

— E se as coisas não derem certo, bem. Você sabe. Deixe a minha ficha de inscrição no arquivo.

— Connor, alguém vai...

— Não faça isso — pediu ele, cortante. Tentou suavizar a voz: — Não se preocupe. Como eu já disse, tem uma fila de mulheres atrás de mim.

Ela riu.

— É melhor eu deixar você ir — disse ele —, pois o sujeito já deve estar chegando.

Agora ela ouvia a decepção dele com clareza. Isso o fazia soar brusco, quase agressivo, e parte dela queria mantê-lo esperando, queria flertar com ele, para garantir que a última coisa que ele dissesse fosse gentil e sensual, e então poderia ser ela a encerrar a ligação, de forma que pudesse arquivar esses últimos dias em sua memória na categoria que mais lhe conviesse. (Que categoria era essa? “Escapadinhas divertidas das quais ninguém sai magoad”?)

Mas ele tinha o direito de ser rude, e ela já se aproveitara bastante dele.

— Ok. Bem. Tchau.

— Tchau, Tess. Cuide-se.

* * *

— Sr. Whitby — gritou Polly.

— Ai, meu Deus. Mãe, faça ela parar! — Isabel baixou a cabeça e tapou os olhos.

— Sr. *Whitby*! — berrou Polly.

— Ele está longe demais para ouvir você. — Isabel suspirou.

— Querida, deixe-o em paz. Ele está no telefone — disse Cecilia.

— Sr. Whitby! Sou eu! Oi! Oi!

— Ele está fora do horário de trabalho — comentou Esther. — Não é obrigado a falar com você.

— Ele *gosta* de falar comigo! — Polly agarrou o guidom e pedalou para longe do pai, as rodas se equilibrando precariamente na calçada. — Sr. Whitby!

— Parece que as pernas dela estão melhores! — John-Paul massageou a lombar.

— Coitado — disse Cecilia. — Aproveitando a Sexta-feira Santa e sendo perseguido por uma aluna.

— Acho que é um risco profissional, se ele decide morar perto da escola — opinou John-Paul.

— Sr. Whitby! — Polly se afastava. Suas pernas pedalavam. As rodas cor-de-rosa giravam.

— Pelo menos ela está fazendo um pouco de exercício — disse John-Paul.

— Isso é tão constrangedor! — lamentou Isabel. Ela se deteve e chutou a cerca de uma casa. — Vou esperar aqui.

Cecilia parou e se virou para olhar para ela.

— Venha. Não vamos deixar que ela o incomode por muito tempo. Pare de chutar essa cerca.

— Por que está com vergonha, Isabel? — perguntou Esther. — Também está apaixonada pelo Sr. Whitby?

— Claro que não! Não seja desagradável! — Isabel ficou vermelha.

John-Paul e Cecilia se entreolharam.

— Afinal, o que esse cara tem de tão especial? — perguntou John-Paul. Ele provocou Cecilia: — Você também está apaixonada por ele?

— Mães não podem se apaixonar — disse Esther. — São velhas demais.

— Muito obrigada — agradeceu Cecilia. — Venha, Isabel.

Ela se virou de volta para Polly bem na hora em que Connor Whitby saía da calçada e pisava na rua, a pipa flutuando acima dele.

Polly jogou a bicicleta para uma entrada de carros íngreme, na direção da rua.

— Polly! — chamou Cecilia.

Ao mesmo tempo, John-Paul gritou:

— Pare agora mesmo, Polly!

Rachel viu o homem com a pipa descer do meio-fio. *Cuidado com o trânsito, cara. Isso aí não é uma faixa de pedestres.*

Ele virou a cabeça na direção dela.

Era Connor Whitby.

Estava olhando direto para ela, mas parecia que o carro de Rachel era invisível, como se ela não existisse, como se fosse completamente irrelevante para ele, como se ele tivesse a escolha de incomodá-la e obrigá-la a diminuir a velocidade se assim quisesse. Ele atravessou a rua depressa, alegre, com certeza absoluta de que ela iria parar. Uma rajada de vento soprou, fazendo a pipa girar de modo preguiçoso.

O pé de Rachel deixou o pedal do acelerador e pairou acima do freio.

Então caiu de novo no acelerador como um tijolo.

* * *

Não aconteceu em câmera lenta. Foi tudo num instante.

Não havia carro algum. A rua estava vazia. E então, do nada, surgiu um carro. Um veículo azul pequeno. Mais tarde, John-Paul iria dizer que sabia que tinha um carro vindo atrás deles, mas, para Cecília, ele simplesmente se materializou do nada.

Sem carro. Carro.

O pequeno veículo azul parecia uma bala. Não tanto pela velocidade, mas porque dava a impressão de estar numa trajetória irrefreável, como se tivesse sido lançado por alguma coisa.

Cecília viu Connor Whitby correr. Como um homem numa cena de filme de ação, pulando de um prédio para outro.

Um segundo depois, Polly foi com a bicicleta direto para a frente do carro e desapareceu debaixo dele.

Os barulhos foram baixos. Um baque. Um som metálico. O guincho longo e agudo dos freios.

E então o silêncio. Normalidade. O canto de um pássaro.

Cecília não sentiu nada além de confusão. O que tinha acabado de acontecer?

Ouviu passos pesados e se virou para ver John-Paul correndo. Ele passou direto por ela. Esther gritava. Sem parar. Um som feio, terrível. *Para com isso, Esther*, pensou Cecília.

Isabel agarrou o braço da mãe.

— O carro pegou Polly!

Um abismo se abriu em seu peito.

Ela se livrou da mão de Isabel e correu.

* * *

Uma garotinha. Uma garotinha de bicicleta.

Rachel continuava com as mãos no volante. Seu pé ainda pisava com força no freio. O pedal estava tão fundo que encostava no chão do carro.

Devagar, com cuidado, tirou a mão esquerda trêmula do volante e puxou o freio de mão. Levou a mão esquerda de volta ao volante e, com a direita, girou a chave na ignição, desligando o motor. Então, com muita cautela, tirou o pé do freio.

Olhou pelo retrovisor. Talvez a garotinha estivesse bem.

(Só que ela havia sentido. A suave lombada sob as rodas. Sabia com uma certeza absoluta e terrível o que fizera. O que deliberadamente fizera.)

Viu uma mulher correndo, os braços balançando de um jeito estranho ao lado do corpo, como se estivessem paralisados. Era Cecilia Fitzpatrick.

Garotinha. Capacete rosa cintilante. Rabo de cavalo preto. Freio. Freio. *Freio*. Seu rosto de perfil. A menina era Polly Fitzpatrick. A pequena e linda Polly Fitzpatrick.

Rachel uivou como um cão. Em algum lugar ao longe, alguém gritava sem parar.

* * *

— Alô?

— Will?

Liam não parava de perguntar quando o pai chegaria, e, de repente, Tess sentiu-se furiosa com sua passividade, esperando que Felicity e Will aparecessem da forma que haviam programado. Ela tinha ligado para o celular dele. Seria fria, controlada e lhe daria uma primeira ideia da tarefa hercúlea que o aguardava.

— Tess — disse Will. Ele parecia perturbado e estranho.

— Felicity falou que você está vindo para cá...

— Estou — interrompeu Will. — Estava. Num táxi. Tivemos que parar. Houve um acidente justo na esquina da casa da sua mãe. Eu vi tudo. Estamos esperando a ambulância. — A voz dele falhou e ficou abafada: — Foi terrível, Tess. Uma garotinha de bicicleta. Mais ou menos da mesma idade de Liam. Acho que ela está morta.

SÁBADO

O médico lembrava a Cecília um padre ou um político. Era especialista em compaixão profissional. Seus olhos eram amigáveis e compreensivos, e ele falava devagar e com clareza, autoridade e paciência, como se Cecília e John-Paul fossem seus alunos e ele precisasse que os dois entendessem perfeitamente um conceito difícil. Cecília queria se jogar a seus pés e agarrar suas pernas. Para ela, aquele homem detinha o poder absoluto. Ele era Deus. Aquele homem asiático, de óculos e fala suave, com uma camisa listrada azul e branca muito parecida com uma que John-Paul tinha, era Deus.

Durante todo o dia e toda a noite anterior, tanta gente conversara com eles: os paramédicos, os médicos e as enfermeiras da emergência. Todos tinham sido gentis, mas apressados e cansados, com olhares evasivos. Havia barulho e luzes brancas brilhavam o tempo todo em seu campo de visão periférico, mas agora estavam falando com o Dr. Yue naquele ambiente tão silencioso quanto uma igreja que era a UTL. Estavam de pé do lado de fora do quarto com painel de vidro onde Polly se encontrava deitada num leito alto e individual, ligada a um monte de aparelhos. Estava totalmente sedada. Um cateter intravenoso tinha sido colocado em seu braço esquerdo. O direito estava enfaixado. Em algum momento uma enfermeira afastara seu cabelo da testa, prendendo-o de lado, de modo que a menina não parecia mais ela mesma.

O Dr. Yue passava a impressão de ser muito inteligente porque usava óculos, e talvez por ser asiático, o que era um estereótipo racial, mas Cecília não ligava. Esperava que a mãe dele fosse uma daquelas mães-tigres. Torcia para que o pobre Dr. Yue não tivesse interesse algum além da medicina. Ela amava o Dr. Yue. Amava a mãe do Dr. Yue.

Mas o maldito John-Paul! Ele parecia não entender que estavam falando com Deus. Insistia em interrompê-lo. Soava muito ríspido. Quase grosseiro! Se John-Paul ofendesse o Dr. Yue, ele poderia não se esforçar ao máximo por Polly. Cecília sabia que, para ele, aquilo era apenas um trabalho, que Polly era só mais uma de suas pacientes, e que eles não passavam de mais um casal de pais nervosos, e todos sabiam que os médicos, assim como os pilotos de avião, trabalhavam demais, ficavam exaustos e cometiam pequenos erros que podiam ser catastróficos. Cecília e John-Paul precisavam se diferenciar de alguma forma. Ela tinha que fazer o Dr. Yue ver que Polly não era só mais uma paciente, era *Polly*, era a garotinha de Cecília, era sua menininha engraçada, irritante e encantadora. Por um momento, Cecília não conseguiu respirar.

O Dr. Yue deu um tapinha de leve no braço dela.

— Isso é muito doloroso para você, Sra. Fitzpatrick, e sei que passou uma longa noite sem dormir.

John-Paul olhou pelo canto do olho para Cecília, como se tivesse se esquecido de que ela também estava ali. Segurou a mão da esposa.

— Por favor, continue — pediu ele.

Cecilia abriu um sorriso gentil para o Dr. Yue.

— Estou bem — disse ela. — Obrigada.

Veja como somos simpáticos e pouco exigentes!

O Dr. Yue percorreu sobre os ferimentos de Polly. Uma concussão séria, mas a tomografia computadorizada não mostrou nenhum sinal de dano grave ao cérebro. O capacete rosa cintilante tinha cumprido seu propósito. Como já sabiam, hemorragia interna era uma preocupação, mas estavam monitorando e, até o momento, tudo ia bem. Já estavam cientes de que Polly sofrera escoriações graves, fraturara a tíbia e rompera o braço, que já fora retirado. Muitas pessoas viviam sem o braço. Ela corria o risco de ter a imunidade mais baixa, e eles prescreveriam antibióticos, no caso de...

— O braço dela — interrompeu John-Paul. — Durante a noite, a maior preocupação parecia ser o braço direito dela.

— É. — O Dr. Yue olhou Cecilia nos olhos, inspirou e expirou profundamente, como se fosse um professor de ioga demonstrando técnicas respiratórias. — Sinto muito em dizer que o membro não pode ser recuperado.

— Desculpe-me? — perguntou Cecilia.

— Ai, meu Deus! — exclamou John-Paul.

— Desculpe-me — repetiu Cecilia, ainda tentando ser gentil, mas sentindo uma onda de raiva. — O que você quer dizer com “não pode ser recuperado”?

Daquela forma, parecia que o braço de Polly estava no fundo do mar.

— Ela sofreu danos irreparáveis no tecido, uma fratura dupla, e não há mais transferência de sangue suficiente. Gostaríamos de fazer o procedimento esta tarde.

— Procedimento? — Cecilia ecoou a palavra que ele dissera. — Por “procedimento” o senhor quer dizer...

Ela não conseguia pronunciar aquela palavra. Era obscenamente impronunciável.

— Amputação — esclareceu o Dr. Yue. — Logo acima do cotovelo. Sei que essa é uma notícia terrível para vocês e solicitei que um psicólogo viesse...

— Não — afirmou Cecilia, firme. Ela não iria consentir com aquilo. Não fazia ideia de qual era a função do braço, mas sabia muito bem o que um braço direito fazia. — Sabe, Dr. Yue, ela é destra. Tem seis anos. Não pode viver sem o braço! — Sua voz descambou para a terrível histeria maternal da qual tanto vinha tentando poupar-lo.

Por que John-Paul não falava nada? As interrupções grosseiras haviam cessado. Ele tinha virado as costas para o Dr. Yue e olhava para Polly pelo painel de vidro.

— Pode, sim, Sra. Fitzpatrick — disse o Dr. Yue. — Sinto muito mesmo, mas ela pode.

* * *

Havia um corredor largo e comprido em frente às pesadas portas de madeira que levavam à UTI, atrás da qual apenas os parentes eram admitidos. Uma fileira de janelas altas permitia que raios solares salpicados

de poeira entrassem, fazendo Rachel se lembrar da igreja. Pessoas sentavam-se em cadeiras de couro marrom por toda a extensão do corredor: lendo, enviando mensagens de texto, falando nos celulares. Parecia uma versão mais silenciosa de um terminal de aeroporto. Pessoas aguentando esperas insuportáveis, seus rostos tensos e cansados. Explosões de emoções repentinas e abafadas.

Rachel sentou-se em uma das cadeiras de couro, de frente para as portas de madeira, os olhos atentos, esperando Cecilia e John-Paul Fitzpatrick.

O que se dizia para os pais de uma criança que você atropelou e quase matou?

As palavras “sinto muito” pareciam quase um insulto. Dizia-se “sinto muito” quando se esbarrava no carrinho de alguém no supermercado. Tinha que haver palavras mais significativas.

Estou profundamente arrependida. Sinto um remorso terrível. Por favor, saibam que nunca vou me perdoar.

O que dizer quando se sabe a verdadeira extensão da sua culpa, que era muito maior do que a atribuída a ela pelos paramédicos estranhamente jovens e pelos policiais que tinham estado no local do acidente no dia anterior? Eles haviam tratado Rachel como uma velha debilitada que se envolvera num acidente trágico. As palavras continuavam martelando em sua cabeça: *Vi Connor Whitby e pisei fundo no acelerador. Vi o homem que matou minha filha e quis feri-lo.*

Ainda assim, algum instinto de autopreservação a impedira de falar isso em voz alta, porque senão ela sem dúvida acabaria presa por tentativa de homicídio.

Tudo o que se lembrava de dizer era:

— Não vi Polly. Não a vi até que fosse tarde demais.

— A que velocidade estava dirigindo, Sra. Crowley? — fizeram essa pergunta para ela de um modo muito gentil e respeitoso.

— Não sei — respondera ela. — Desculpe-me. Não sei.

Era verdade. Ela não sabia. Mas sabia que houvera tempo suficiente para pisar no freio, permitindo que Connor Whitby atravessasse a rua.

Disseram-lhe que era improvável que ela fosse acusada. Parecia que um homem num táxi tinha visto a garotinha ir com a bicicleta direto para a frente do carro. Havia lhe perguntado para quem podiam ligar, para que fosse buscá-la. Insistiram nisso, embora uma segunda ambulância tenha sido chamada para ela e, depois de examiná-la, o paramédico dissera que não havia necessidade de levá-la para o hospital. Rachel deu à polícia o telefone de Rob, e ele chegou bem rápido (devia ter ido em alta velocidade), com Lauren e Jacob no carro. Rob estava pálido. No banco de trás, Jacob sorriu e acenou com a mãozinha gorducha. O paramédico disse a Rob e Lauren que Rachel provavelmente devia estar num leve estado de choque, que ela deveria descansar e ficar aquecida, e que não a deixassem sozinha. Devia ir se consultar com seu médico o mais rápido possível para fazer um checkup.

Foi horrível. Rob e Lauren cumpriram as ordens obedientemente, e Rachel não conseguia se livrar deles, não importava o quanto tentasse. Não conseguia ordenar seus pensamentos enquanto eles a rondavam, levando-lhe xícaras de chá e almofadas. Em seguida, o jovem e alegre Padre Joe apareceu, muito chateado por membros de seu rebanho terem atropelado uns aos outros.

— O senhor não deveria estar celebrando a missa da Sexta-feira Santa? — perguntou Rachel, ingrata.

— Está tudo sob controle, Sra. Crowley — respondeu ele. Depois, pegou a mão dela e disse: — Bem,

a senhora sabe que foi um acidente, não é, Sra. Crowley? Acidentes acontecem. Todos os dias. A senhora não deve se culpar.

Ela pensou: *Ah, seu juvenzinho doce e inocente, você não sabe nada sobre culpa. Não faz ideia do que os seus paroquianos são capazes. Acha mesmo que algum de nós confessa nossos verdadeiros pecados para você? Nossos pecados mais horríveis?*

Pelo menos ele era útil para dar informações. Prometeu a ela que a manteria constantemente informada sobre o progresso de Polly, e estava cumprindo com sua palavra.

Ela ainda está viva, Rachel ficava repetindo para si mesma, a cada nova notícia que recebia. *Eu não a matei*. Não era algo irreparável.

Por fim, Lauren e Rob levaram Jacob para casa depois do jantar, e Rachel passou a noite relembrando aqueles momentos repetidas vezes.

A pipa em forma de peixe. Connor Whitby atravessando a rua, ignorando-a. Seu pé no acelerador. O capacete rosa cintilante de Polly. Freio. Freio. Freio.

Connor estava bem. Não sofrera nenhum arranhão.

O Padre Joe ligara de manhã para dizer que não tinha novidade, apenas que Polly estava na UTI do Westmead Children's Hospital, recebendo o melhor tratamento possível.

Rachel agradecera a ele, pusera o telefone no gancho e o pegara de novo logo em seguida, pois queria chamar um táxi para levá-la ao hospital. Não tinha ideia se conseguiria ver os pais de Polly ou se eles iriam querer falar com ela — provavelmente não —, mas sentia que precisava estar lá. Não podia apenas ficar sentada em casa, confortável, como se a vida continuasse.

As portas duplas que levavam à UTI se abriram e Cecilia Fitzpatrick irrompeu por ela, como se fosse uma cirurgiã indo salvar uma vida. Andou depressa pelo corredor, passou por Rachel, e então parou e olhou de volta para ela, piscando, confusa, como se fosse uma sonâmbula acordando.

Rachel se levantou.

* * *

— Cecilia?

Uma senhora idosa de cabelo branco se materializou na frente dela. Parecia oscilar e instintivamente Cecilia pôs a mão no cotovelo dela para apoiá-la.

— Oi, Rachel — disse Cecilia, reconhecendo-a de repente, e, por um momento, viu apenas Rachel Crowley, a eficiente secretária da escola, gentil porém sempre distante.

Então uma grande parte da sua memória voltou ao lugar: John-Paul, Janie, o terço de contas nas mãos dela. Não havia pensado em nada disso desde o acidente.

— Sei que sou a última pessoa que você gostaria de ver agora — confessou Rachel. — Mas eu precisava vir.

Estupidamente Cecilia lembrou que Rachel Crowley estava dirigindo o carro que atropelou Polly. Havia registrado essa informação na hora, mas não era algo relevante para ela. Era como se o pequeno veículo azul tivesse sido uma força da natureza: um tsunami, uma avalanche. Como se ninguém o estivesse

dirigindo.

— Sinto muito — disse Rachel. — Estou muito, terrivelmente triste com tudo isso.

Cecilia não conseguia entender direito o que ela queria dizer. Estava entorpecida demais pela exaustão e pelo choque do que o Dr. Yue acabara de lhe dizer. Suas células cerebrais, normalmente confiáveis, estavam confusas, e era com muita dificuldade que ela as fazia funcionar.

A pessoa ao volante devia se sentir péssima.

Você precisa fazer com que ela se sinta melhor.

— Foi um acidente — afirmou ela, com o alívio de alguém que acabava de se lembrar da frase perfeita em um idioma estrangeiro.

— Foi — disse Rachel. — Mas...

— Polly estava indo atrás do Sr. Whitby — contou Cecilia. As palavras começaram a sair com mais facilidade. — Ela não olhou. — Fechou os olhos por um instante e viu Polly desaparecer debaixo do carro. Tornou a abri-los. Outra frase perfeita lhe ocorreu: — Você não deve se culpar.

Rachel balançou a cabeça com impaciência e agitou a mão no ar, como se um inseto a perturbasse. Ela segurou o braço de Cecilia com força.

— Por favor, me diga. Como ela está? Quão graves são os... os ferimentos?

Cecilia olhou para a mão enrugada e nodosa de Rachel em seu braço. Teve um vislumbre do braço de menininha de Polly, bonito, saudável, fino, e se viu indo de encontro a um muro macio de resistência. Era inaceitável. Aquilo simplesmente não podia acontecer. Por que não o braço de *Cecilia*? Seu braço comum, nada atrativo com sardas desbotadas e manchas de sol. Aqueles malditos podiam ficar com ele, se precisassem de um braço.

— Disseram que ela vai ter que amputar o braço — sussurrou ela.

— Não. — Rachel a apertou com mais força.

— Não posso. Simplesmente não posso.

— Ela sabe?

— Não.

Aquilo tudo era algo interminável e gigantesco, com tentáculos que rastejavam, se curvavam e enrolavam, porque ela ainda nem tinha começado a pensar em como diria a Polly, ou, para falar a verdade, no que esse ato bárbaro representaria para *Polly*, porque estava mortificada com o que representava para ela, como *ela* não podia suportar, como parecia que um crime violento estava sendo cometido contra *Cecilia*. Esse era o preço pelo prazer delicioso e sensual e pelo orgulho que sempre tivera do corpo das filhas.

Como estaria o braço de Polly naquele exato momento, debaixo das bandagens? *O membro não pode ser recuperado.* O Dr. Yue garantira a ela que estavam administrando a dor de Polly.

Cecilia levou um instante para perceber que Rachel estava caindo, os joelhos se dobrando. Segurou-a bem a tempo, agarrando seus braços e suportando todo o seu peso. O corpo de Rachel era surpreendentemente leve para uma mulher alta; era como se seus ossos fossem porosos. Mas mesmo assim era difícil mantê-la de pé, parecia estar segurando um pacote grande e desajeitado.

Um homem que passava carregando um buquê de cravos cor-de-rosa parou, colocou as flores

debaixo do braço e ajudou Cecilia a levar Rachel até uma cadeira ali perto.

— Quer que eu chame um médico? — perguntou ele. — Devo conseguir um. Estamos no lugar certo!

Rachel balançou a cabeça com firmeza. Estava pálida e trêmula.

— Foi só uma tontura.

Cecilia se ajoelhou ao lado dela e sorriu educadamente para o homem.

— Obrigada pela ajuda.

— Sem problema. Já vou indo. Minha mulher acabou de ter nosso primeiro filho. Há três horas.

Uma menininha.

— Parabéns! — disse Cecilia, um pouco tarde demais.

Ele já tinha ido embora, afastando-se a passos alegres, tendo o dia mais feliz de sua vida.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou Cecilia a Rachel.

— Eu sinto tanto!

— Não foi culpa sua — disse Cecilia, sentindo uma onda de impaciência.

Ela saíra para tomar um ar, para se impedir de gritar, mas agora tinha que voltar. Precisava começar a coletar dados. Não precisava conversar com uma droga de psicólogo, muito obrigada, tinha que ver o Dr. Yue de novo, e dessa vez faria anotações e perguntas, sem se preocupar em ser gentil.

— Você não entende — disse Rachel. Ela encarou Cecilia com os olhos vermelhos e lacrimejantes. Sua voz estava alta e fraca. — É culpa minha. Eu pisei no acelerador. Estava tentando matá-lo, porque ele matou Janie.

Cecilia agarrou-se à lateral da cadeira de Rachel, como se fosse um precipício do qual ela estava sendo empurrada.

— Você estava tentando matar John-Paul?

— Claro que não. Tentei matar Connor Whitby. Ele assassinou Janie. Encontrei aquele vídeo, sabe?

Uma prova.

Era como se alguém tivesse agarrado Cecilia pelos ombros, a houvesse girado e obrigado a encarar a evidência de uma atrocidade.

Não havia como se confundir. Ela entendeu tudo num instante.

O que John-Paul fizera.

O que ela fizera.

A responsabilidade deles pelo que acontecera com sua filha. A penalidade que teriam que cumprir por seu crime.

Todo o seu corpo pareceu ser esvaziado por uma explosão nuclear. Sobrara apenas a casca da mulher que havia sido. Ainda assim, não tremeu. Suas pernas não cederam. Ela continuou absolutamente imóvel.

Nada mais tinha importância. Nada poderia ser pior do que aquilo.

A única coisa que importava agora era a verdade nua e crua. Isso não salvaria Polly. Não os redimiria de forma alguma. Mas era absolutamente necessário. Era uma tarefa urgente que Cecilia precisava riscar de sua lista *naquele exato momento*.

— Connor não matou Janie — declarou Cecilia.

Podia sentir seu maxilar subir e descer enquanto falava. Ela era uma marionete de madeira.

Rachel ficou imóvel. A textura de seus olhos suaves e úmidos mudou, endurecendo visivelmente.

— O que você quer dizer com isso?

Cecilia ouviu as palavras saírem de sua boca seca e com gosto amargo:

— Meu marido matou a sua filha.

Cecilia estava agachada perto da cadeira de Rachel, falando baixinho, mas com clareza, os olhos a apenas alguns centímetros de distância. Rachel conseguia ouvir e entender cada palavra que ela dizia, mas parecia não estar acompanhando. A mensagem não era absorvida. As palavras pareciam escorregar da superfície de sua mente. Ela tinha uma sensação apavorante, como se corresse desesperadamente para alcançar alguma coisa de importância vital.

Espere, ela queria dizer. *Espere. Cecilia. O quê?*

— Só descobri esses dias — afirmou Cecilia. — Na noite da reunião da Tupperware.

John-Paul Fitzpatrick. Ela estava tentando lhe dizer que John-Paul Fitzpatrick matara Janie? Rachel agarrou o braço de Cecilia com força.

— Você está dizendo que não foi Connor — confirmou ela. — Tem certeza de que não foi Connor? Que ele não teve nada a ver com isso?

Uma tristeza profunda atravessou o rosto de Cecilia.

— Tenho certeza — ratificou ela. — Não foi Connor. Foi John-Paul.

John-Paul Fitzpatrick. Filho de Virginia. Marido de Cecilia. Um homem alto, bonito, bem-vestido e educado. Um conhecido e respeitado membro da comunidade escolar. Rachel o cumprimentaria com um aceno e um sorriso se o visse no mercado do bairro ou num evento da St. Angela. John-Paul sempre liderava o grupo de pais voluntários nos projetos de reforma da escola. Usava um cinto de ferramentas e um boné simples, preto, e segurava a trena com uma confiança impressionante. No mês passado, Rachel vira Isabel Fitzpatrick correr direto para os braços do pai quando ele foi buscá-la após o acampamento do sexto ano. Rachel ficara impressionada com a alegria no rosto de Isabel ao ver John-Paul, e também com a semelhança que a menina tinha com Janie. John-Paul girara a filha descrevendo um arco no ar, as pernas dela voando, como se ela fosse muito mais nova, e Rachel sentiu um arrependimento terrível por Janie nunca ter sido aquele tipo de filha, e Ed nunca ter sido aquele tipo de pai. Sua preocupação com o que as outras pessoas iriam pensar parecia uma bobagem. Por que haviam sido tão cuidadosos e contidos com suas demonstrações de amor?

— Eu deveria ter lhe contado — disse Cecilia. — Deveria ter lhe contado assim que descobri.

John-Paul Fitzpatrick.

Ele tinha um *cabelo* tão bom. De aparência respeitável. Diferente da cabeça careca de Connor, que o fazia parecer ardiloso. John-Paul dirigia um carro de família, limpo e brilhante. Connor circulava por aí com sua moto suja rugindo. Aquilo não poderia estar certo. Cecilia devia ter entendido errado. Rachel não conseguiria desviar seu ódio de Connor Whitby. Ela o odiara por tanto tempo, mesmo quando não tinha certeza, mesmo quando só suspeitava, ela o odiara pela *possibilidade* de ele ter feito aquilo. Ela o odiara por simplesmente ter existido na vida de Janie. Ela o odiara por ter sido o último a vê-la com vida.

— Eu não entendo — disse ela a Cecilia. — Janie conhecia John-Paul?

— Eles tinham uma espécie de relacionamento secreto. Estavam namorando, acho que podemos afirmar isso — falou Cecília.

Ela continuava agachada no chão perto de Rachel, e seu rosto, que tinha perdido a cor, agora estava bastante corado.

— John-Paul estava apaixonado por Janie, mas aí ela disse que havia outro, e ela acabou escolhendo o outro garoto, e então ele... Bem. Ele perdeu a cabeça. — As palavras dela sumiram. — Ele tinha dezessete anos. Foi um momento de loucura. Parece que estou dando uma desculpa. Juro que não estou tentando justificar o que ele fez. *É óbvio que não.* É claro que não tem desculpa. Sinto muito. Tenho que me levantar. Meus joelhos. Meus joelhos estão doendo.

Rachel observou Cecília ficar de pé com dificuldade, olhar ao redor procurando outra cadeira e arrastá-la para perto antes de se sentar e se inclinar na sua direção, com as sobranceiras tão franzidas que mais parecia um bebê com prisão de ventre.

Janie dissera a John-Paul que havia outro garoto. Então o outro garoto era Connor Whitby.

Havia *dois* rapazes interessados em Janie, e Rachel não fazia a menor ideia disso. O que Rachel fizera de errado como mãe para saber tão pouco sobre a vida da filha? Por que elas não trocaram confidências enquanto comiam biscoitos e bebiam leite de tarde, depois da escola, como faziam as mães e filhas dos seriados americanos? Rachel só cozinhava sob pressão. Janie comia biscoitos com manteiga no chá da tarde. Se ao menos ela *cozinhasse* um lanche para Janie, pensou com uma súbita explosão de autodesprezo. Por que ela *não tinha* cozinhado um lanche? Se tivesse feito isso, se Ed tivesse girado a filha no ar daquela forma, então talvez tudo pudesse ter sido diferente.

— Cecília?

As duas ergueram os olhos. Era John-Paul.

— Cecília. Eles querem que a gente assine alguns formulários... — Ele interrompeu a frase ao ver Rachel. — Oi, Sra. Crowley.

— Oi — disse Rachel.

Ela não conseguiu se mexer. Era como se estivesse anestesiada. Ali estava o assassino de sua filha, bem na sua frente. Um pai de meia-idade, exausto e angustiado, com os olhos vermelhos e a barba grisalha por fazer. Era impossível. Ele não tinha nada a ver com Janie. Era velho demais. Adulto demais.

— Eu contei a ela, John-Paul — disse Cecília.

Ele deu um passo para trás, como se alguém tivesse tentado atingi-lo.

Fechou os olhos por um instante, então tornou a abri-los e fitou Rachel diretamente com tamanho arrependimento nos olhos que, para ela, não restou mais nenhuma dúvida.

— Mas por quê? — perguntou Rachel, assustada com a sua voz que parecia comum e civilizada, discutindo o assassinato da filha no meio do dia, enquanto dezenas de pessoas passavam por ali, ignorando-os, achando que aquela era apenas mais uma conversa rotineira. — Você poderia ao menos me dizer por que faria uma coisa dessas? Ela era só uma garotinha.

John-Paul baixou a cabeça e passou ambas as mãos pelo belo cabelo respeitável e, quando voltou a erguer os olhos, era como se seu rosto tivesse se despedaçado em mil partes.

— Foi um acidente, Sra. Crowley. Nunca tive a intenção de machucá-la, porque, entenda, eu a amava.

Eu a amava de verdade. — Ele passou as costas da mão no nariz, num gesto descuidado, impotente, como um bêbado numa esquina. — Eu era um adolescente idiota. Ela me disse que estava saindo com outra pessoa e depois riu de mim. Sinto muito, mas é o único motivo que tenho. Sei que não é nem de longe um motivo. Eu a amava, e ela riu de mim.

* * *

Cecilia tinha uma leve consciência de que as pessoas continuavam andando pelo corredor onde elas estavam sentadas. Corriam ou passeavam, gesticulavam e riam, conversavam animadamente nos celulares. Ninguém parava para observar a mulher de cabelos brancos sentada com as costas eretas na cadeira de couro marrom, as mãos nodosas apertando as laterais, os olhos fixos no homem de meia-idade de pé na frente dela, com a cabeça baixa numa profunda contrição, o pescoço à mostra, os ombros curvados. Ninguém pareceu notar nada de extraordinário em seus corpos congelados, em seu silêncio. Estavam numa bolha própria, isolados do restante da humanidade.

Cecilia sentiu o couro da cadeira, frio e macio, embaixo de suas mãos, e, de repente, o ar saiu de seus pulmões.

— Preciso voltar para ficar com Polly — anunciou ela, se levantando tão rápido que sua cabeça pareceu girar.

Quanto tempo havia se passado? Quanto tempo fazia que estavam lá fora? Sentiu um certo pânico, como se tivesse abandonado Polly. Olhou para Rachel e pensou: *Não posso me preocupar com você agora.*

— Preciso falar com o médico de Polly de novo — disse ela a Rachel.

— Claro — respondeu ela.

John-Paul mostrou as palmas das mãos para Rachel, os pulsos virados para cima, como se esperasse ser algemado.

— Sei que não tenho nenhum direito de lhe pedir isso, Rachel, Sra. Crowley, não tenho o direito de lhe pedir nada, mas, olhe, Polly precisa de nós dois neste momento, então só quero um tempo...

— Não vou tirar você de perto da sua filha — interrompeu Rachel. Ela soava fria e furiosa, como se Cecilia e John-Paul fossem dois adolescentes que não vinham se comportando direito. — Eu já... — Ela parou, engoliu em seco e olhou para o teto, como se estivesse tentando controlar uma ânsia de vômito. Dispensou-os com um gesto. — Vão. Vão logo ficar com a sua menininha. Os dois.

Era tarde da noite de sábado e Will e Tess estavam escondendo ovos de Páscoa no quintal da casa da mãe dela. Os dois carregavam sacos de ovinhos embrulhados em papel laminado colorido.

Quando Liam era muito pequeno, eles deixavam os ovos bem à vista, ou só os espalhavam pela grama; mas depois que ele crescera um pouco, passara a preferir o desafio de uma difícil caça aos ovos de Páscoa, com Tess cantarolando a música tema de *Missão impossível* e Will cronometrando o tempo.

— Acho que podíamos colocar alguns na calha. — Will ergueu os olhos para o telhado. — Podemos deixar uma escada à mão.

Tess deu aquela risadinha educada que reservava a um conhecido ou um cliente.

— Ou não — falou Will.

Ele suspirou e, com cuidado, deixou um ovo azul no canto do peitoril de uma janela. Para encontrá-lo, Liam teria que ficar na pontinha dos pés.

Tess desembulhou um ovo e o comeu. A última coisa de que Liam precisava era mais chocolate. A doçura encheu sua boca. Ela própria havia comido tanto chocolate naquela semana que, se não tomasse cuidado, acabaria do tamanho de Felicity.

O pensamento casual e cruel lhe veio à mente de modo automático, como a letra de uma canção antiga, e ela reparou na frequência com que já devia ter pensado aquilo. “O tamanho de Felicity” continuava sendo seu conceito para o que era inaceitavelmente gordo, mesmo depois de Felicity ter conquistado um corpo magro e lindo, melhor que o dela.

— Não acredito que você achou que nós três poderíamos morar juntos! — explodiu ela, vendo Will se enrijecer.

Tinha sido assim desde que ele aparecera na casa da mãe dela no dia anterior, pálido e nitidamente mais magro do que da última vez que o vira. O humor dela continuava oscilando. Em um minuto era fria e sarcástica, no seguinte, ficava histérica e chorosa. Parecia incapaz de se controlar.

Will se virou para ela, o saco de ovos de chocolate na palma da mão.

— Não achei de verdade — falou.

— Mas você sugeriu isso! Na segunda-feira, você sugeriu.

— Foi uma idiotice. Desculpe-me. Tudo o que posso fazer é ficar repetindo que sinto muito.

— Você parece um robô — disse Tess. — Nem sabe mais o que está dizendo. Só fica repetindo as palavras na esperança de que eu finalmente cale a boca. — E ela continuou, monocórdia: — “Sinto muito. Sinto muito. Sinto muito.”

— Eu sei o que estou dizendo, sim — rebateu Will, cansado.

— Shhh — sussurrou Tess, embora ele nem tivesse falado tão alto assim. — Você vai acordar os dois.

Liam e a mãe dela já estavam na cama, dormindo. Os quartos deles ficavam na frente da casa, e ambos

tinham sono pesado. Tess e Will provavelmente não os acordariam nem se comesçassem a gritar um com o outro.

Mas não houve gritaria. Ainda não. Apenas aquelas conversas breves e inúteis, de mão única. O reencontro no dia anterior tinha sido surreal e trivial, um confronto exasperado de personalidades e emoção. Para começar, havia Liam, que estava louco de animação. Parecia que ele tinha sentido o risco de perder o pai e a estrutura segura de sua vidinha, e agora seu alívio com o retorno de Will se manifestava na loucura de um menino de seis anos. Ele falava com vozes bobas e irritantes, ria como um maníaco, queria lutar com Will o tempo todo. Will, por sua vez, estava completamente traumatizado por ter testemunhado o acidente de Polly Fitzpatrick.

— Você tinha que ter visto a expressão dos pais — ficava repetindo baixinho para Tess. — Imagine se fosse Liam. Imagine se fosse com a gente.

A notícia chocante do acidente de Polly deveria ter feito Tess ver tudo por outra perspectiva e, de certo modo, fez. Se algo desse tipo acontecesse com Liam, então nada mais importaria. Mas ao mesmo tempo era como se agora seus próprios sentimentos fossem banais, e isso a deixava agressiva e tentando se defender.

Ela não encontrava palavras para descrever a extensão e a profundidade de suas emoções. *Você me magoou. Você me magou de verdade. Como pôde fazer isso comigo?* Era tão simples na sua cabeça, mas se tornava tão complexo quando ela abria a boca.

— Você queria estar num avião com Felicity agora — afirmou Tess. Ele queria. Sabia que ele queria, porque ela preferia estar no apartamento de Connor. — Voando para Paris.

— Você cismou com Paris — observou Will. — Por que Paris? — Ela ouviu uma alusão ao Will de sempre, ao Will que ela amava, na voz dele. O Will que achava graça em tudo. — *Você quer ir a Paris?*

— Não — respondeu Tess.

— Liam adora croissants.

— Não.

— Só que teríamos que levar um pote de Vegemite.

— Não quero ir a Paris.

Ela atravessou o gramado até a cerca dos fundos para esconder um ovo perto de uma das tábuas de madeira, mas mudou de ideia, preocupada que ali pudesse ter aranhas.

— Eu deveria aparar a grama para a sua mãe amanhã — disse Will.

— Um garoto que mora no fim da rua faz isso para ela a cada duas semanas — falou Tess.

— Está bem.

— Sei que você só está aqui por causa do Liam.

— O quê?

— Você entendeu.

Ela já dissera isso antes, na noite anterior na cama e naquela manhã, quando saíram para dar uma caminhada. Estava sendo repetitiva. Agindo como uma chata, louca e irracional, como se quisesse fazer com que ele se arrependesse da sua decisão. Por que continuava tocando no assunto? Ela também estava ali pelo mesmo motivo. Sabia que, se não fosse por Liam, naquele exato momento estaria na cama com Connor.

Não se daria o trabalho de tentar consertar as coisas. Ela se deixaria mergulhar em algo novo, revigorante e delicioso.

— Estou aqui por causa de Liam — confessou Will. — E estou aqui por causa de você. Você e Liam são a minha família. São tudo para mim.

— Se fôssemos tudo mesmo, você não teria se apaixonado por Felicity, para início de conversa — falou Tess.

Era tão fácil fazer papel de vítima. As palavras de acusação saíam de sua boca com uma facilidade prazerosa e irresistível.

Mas elas não sairiam com a mesma facilidade se Tess contasse a ele o que andara fazendo com Connor, enquanto seu marido e Felicity resistiam bravamente à tentativa. Supôs que aquilo iria magoá-lo, e queria magoá-lo. A informação era como uma arma secreta escondida no bolso dela, que Tess segurava na palma da mão, acariciando seu contorno e avaliando seu poder.

“Não conte a ele sobre Connor”, a mãe dissera com urgência em seu ouvido, puxando-a de lado quando o táxi de Will parou na frente da casa dela e Liam correu para recebê-lo. “Isso só vai deixá-lo chateado. Não tem sentido. A honestidade é supervalorizada. Acredite em mim.”

Acreditar nela. Será que estava falando por experiência própria? Um dia perguntaria à mãe. Naquele momento, não estava muito interessada em saber, ou não se importava.

— Não me apaixonei de verdade por Felicity — disse Will.

— Sim, se apaixonou — retorquiu Tess, embora o verbo “se apaixonar” de repente parecesse infantil e ridículo, como se ela e Will fossem velhos demais para usar esse termo.

Quando se é jovem, fala-se em paixão com uma seriedade impressionante, como se fosse algo real, memorável, quando, na verdade, era o quê? Química. Hormônios. Um truque da nossa mente. Ela poderia ter se apaixonado por Connor. Facilmente. Apaixonar-se era fácil. Podia acontecer com qualquer um. Difícil era manter o amor.

Ela poderia arruinar seu casamento agora mesmo, se quisesse; destruir a vida de Liam com algumas palavras simples. *Quer saber, Will? Também me apaixonei por outra pessoa. Então está tudo ótimo. Vá embora.* Bastavam algumas palavras e cada um poderia seguir seu caminho.

O que ela não conseguia perdoar era a *pureza* revoltante do que acontecera entre Will e Felicity. O amor não consumado era muito poderoso. Tess saíra de Melbourne para que eles pudessem ter um caso, droga. Em vez disso, era *ela* que guardava um segredinho sujo.

— Acho que não posso fazer isso — disse ela, baixinho.

— O quê?

Will estava agachado e ergueu os olhos, empurrando com cuidado alguns ovos para dentro da treliça do encosto de uma das cadeiras de Lucy.

— Nada — respondeu ela.

Ela caminhou até a cerca lateral e colocou uma fileira de ovos em intervalos calculados ao longo da ripa do meio, escondidos embaixo da hera.

— Felicity disse que você queria ter outro filho.

— É, bem, você sabia disso — Will soava exausto.

— Foi só porque ela ficou bonita? Felicity? Foi isso?

— Hein? O quê?

Tess quase riu diante da expressão de pânico dele. Pobre Will. Mesmo em dias normais, ele preferia que as conversas seguissem certa linearidade, mas agora não podia reclamar como faria normalmente, dizendo: “Você não está falando coisa com coisa!”

— Não havia nada de errado com nosso casamento, havia? — perguntou ela. — Nós não brigamos. Estávamos no meio da quinta temporada de *Dexter*! Como você poderia se separar de mim no meio da quinta temporada?

Will abriu um sorriso cauteloso e apertou o saco de ovos.

De repente, ela não conseguiu parar de falar. Era como se estivesse bêbada.

— E nossa vida sexual não era boa? Achei que estivesse indo bem. Pensava que era muito boa.

Ela se lembrou das pontas dos dedos de Connor deslizando lenta e suavemente pelas suas costas e teve um tremor violento. A testa de Will estava franzida, como se alguém tivesse segurado seu saco e o estivesse apertando, com gentileza a princípio, mas então cada vez mais forte. Logo ela faria com que ele caísse no chão.

— Nós não brigávamos. Ou brigávamos, mas eram discussões normais, cotidianas, não? Por que brigávamos? Por causa do lava-louça? Do modo como eu coloquei a frigideira lá dentro e ela bateu em sei lá o quê? Você achava que vínhamos a Sydney com muita frequência? Mas isso são só coisas bobas, não são? Não éramos felizes? Eu era feliz. Achei que nós dois fôssemos. Você deve ter achado que eu era uma idiota. — Ela levantou os braços e a perna como uma marionete. — Lá vem a boba da Tess vivendo bobamente seu dia. Oh, tra-la-lá, meu casamento é tão feliz, é sim!

— Tess. Não faça isso. — Os olhos de Will brilhavam.

Ela parou e sentiu um gosto salgado na boca, junto com o chocolate. Esfregou o rosto com as costas da mão, impaciente. Não tinha se dado conta de que estava chorando. Will deu um passo na direção dela, como se quisesse confortá-la, mas Tess ergueu as palmas das mãos para impedi-lo de chegar mais perto.

— E agora Felicity foi embora. Nunca fiquei mais de duas semanas longe dela desde, meu Deus, desde que nascemos. É estranho, não é? Não é de espantar que você chegou a pensar que poderia ficar com nós duas. Éramos como irmãs siamesas.

Era por isso que ela estava tão furiosa por ele ter pensado que os três poderiam morar juntos: porque não era totalmente absurdo, não para eles. Ela *entendia* por que eles acharam que seria possível, e isso tornava tudo mais irritante, porque, como seria isso?

— Vamos acabar de esconder esses malditos ovos — disse ela.

— Espere. Podemos nos sentar por um instante?

Will pegou a mão dela e levou-a até a mesa à qual ela se sentara para comer pão de passas e mandar mensagens para Connor sob o sol da manhã do dia anterior, um milhão de anos atrás. Tess sentou-se, deixou o saco de ovos na mesa e cruzou os braços, enfiando as mãos debaixo das axilas.

— Está com muito frio? — perguntou Will, ansioso.

— Não está muito agradável — disparou Tess. Ela tinha o olhar gélido e indiferente. — Mas tudo bem. Vá em frente. Diga o que quer dizer.

Will falou:

— Você está certa. Não havia nada de errado com nosso casamento. Eu estava feliz com nós dois. O problema era que estava meio infeliz comigo mesmo.

— Como? Por quê?

Tess ergueu o queixo. Já estava na defensiva. Se ele estava infeliz, então a culpa só podia ser dela. Sua comida, suas conversas, seu corpo. Alguma coisa não era satisfatória.

— Isso vai parecer muito idiota — disse Will. Ele ergueu o olhar para o céu e respirou fundo. — Não é uma desculpa, *de jeito nenhum*. Não pense isso nem por um segundo. Mas há cerca de seis meses, depois do meu aniversário de quarenta anos, comecei a me sentir tão... as únicas palavras em que consigo pensar são “sem graça”. Talvez “desinteressante” seja um termo melhor.

— Desinteressante — repetiu Tess.

— Lembra que tive todos aqueles problemas no joelho? E depois nas costas? Pensei: *Meu Deus, a vida vai ser assim agora? Médicos, remédios, dor e malditas compressas quentes? Mas já? Está tudo acabado?* Então era isso e um dia... Ok, isso é bastante constrangedor. — Ele mordeu o lábio e continuou: — Cortei o cabelo, não foi? E o barbeiro que costuma me atender não estava lá e, por algum motivo, a garota levantou aquele *espelhinho* para mostrar a parte de trás da minha cabeça. Não sei por que ela sentiu necessidade de fazer aquilo. Juro para você: quase cai da cadeira quando vi minha careca. Achei que fosse a cabeça de outro cara. Eu parecia o maldito Frei Tuck, do Robin Hood. E não fazia nem ideia.

Tess explodiu numa gargalhada e Will abriu um sorriso triste.

— Eu sei — disse ele. — Eu sei. Mas comecei a sentir que estava... na meia-idade.

— Você *está* na meia-idade.

Ele se encolheu.

— Obrigado. Eu sei. Enfim, aquela sensação de ser desinteressante. Ela ia e vinha. Não era nada de mais. Estava esperando que passasse. Torcendo para que passasse. E então... — ele parou.

— E então Felicity — completou Tess.

— Felicity — disse Will. — Sempre gostei dela. Você sabe como éramos juntos. Como implicávamos um com o outro. Quase um flerte. Nunca foi sério. Mas aí, depois que ela emagreceu, comecei a sentir aquela... vibração emanando dela. E acho que fiquei lisonjeado, e isso não parecia ser um problema, porque era *Felicity*, não uma mulher qualquer. Era seguro. Não sentia que estava traindo você. Era mais como se ela fosse você. Mas aí, de algum modo, a coisa fugiu ao controle e me vi... — Ele se deteve.

— Apaixonado por ela — terminou Tess.

— Não, não de verdade. Não acho que fosse amor. Não era nada. Assim que você e Liam saíram pela porta, eu soube que não era nada. Não passava de uma quedinha idiota, uma...

— Pare.

Tess levantou a mão, como se quisesse tapar a boca dele. Não queria ouvir mentiras, mesmo que fossem mentiras brancas, ou mesmo que ele não soubesse que eram mentiras, e ela também sentia um estranho senso de fidelidade para com Felicity. Como ele poderia dizer que não era nada quando os sentimentos de Felicity eram tão fortes e verdadeiros? Will estava certo. Ela não era uma mulher qualquer. Era Felicity.

— Por que você nunca me disse que se achava desinteressante? — perguntou ela.

— Não sei — disse Will. — Porque era uma idiotice. Ficar deprimido por causa da minha careca. *Meu Deus*. — Ele deu de ombros. Tess não tinha certeza se era só a luz, mas ele parecia mais corado. — Porque eu não queria perder o seu respeito.

Tess apoiou as mãos na mesa e olhou para elas.

Pensou em como uma das funções da publicidade era dar ao consumidor motivos racionais para suas compras irracionais. Será que Will tinha parado para pensar em sua “coisa” com Felicity e se perguntado: *Por que eu fiz isso?* E então criaria aquela história para si mesmo, vagamente baseada na realidade? Do mesmo jeito que ela ainda estava tentando racionalizar por que tinha arriscado tudo dormindo com Connor?

— Bem, a propósito, tenho ansiedade social — disse ela, como se estivesse só batendo papo.

— Como é que é? — Will franziu a testa, como se tivessem acabado de lhe dar uma charada difícil.

— Fico muito ansiosa, exageradamente ansiosa, com certas atividades sociais. Não todas. Só algumas coisas. Não é nada de mais. Só às vezes.

Will pressionou a testa com as pontas dos dedos. Ele parecia confuso e quase amedrontado.

— Bem, sei que você não gosta muito de festas, mas eu mesmo não adoro ficar por aí jogando conversa fora.

— Tenho palpitações por causa da noite do *quiz* na escola — admitiu Tess. Ela olhou-o nos olhos. Sentia-se nua. Mais do que já ficara na frente dele.

— Mas nós não vamos ao *quiz* da escola.

— Eu sei. É por isso que não vamos.

Will ergueu as mãos.

— Não temos que ir! Não me importo de não ir.

Tess sorriu.

— Mas eu me importo um pouco. Quem sabe? Pode ser divertido. Pode ser chato. Gostaria de começar a ser um pouco mais... aberta para a vida.

— Não estou entendendo — disse Will. — Você não é extrovertida, mas é quem sai e consegue novos clientes para a gente. *Eu* acharia isso difícil!

— Quase morro de medo — confessou Tess. — Odeio fazer isso, mas ao mesmo tempo, adoro. Só queria não perder tanto tempo me sentindo mal.

— Mas...

— Li um artigo há pouco tempo. Há centenas de nós andando por aí com esse segredinho neurótico. Pessoas que você não imaginaria: CEOs que conseguem fazer grandes apresentações para os sócios, mas não são capazes de trocar amenidades na confraternização de Natal; atores com uma timidez paralisante; médicos que têm pavor de fazer contato visual. Eu sentia que precisava esconder isso de todo mundo e, quanto mais eu escondia, pior ficava. Conte para Felicity ontem e ela fez pouco caso. Ela disse “aceite isso”. Na verdade, ouvir ela dizendo isso foi estranhamente libertador. Foi como se eu enfim tivesse tirado uma grande aranha peluda de dentro de uma caixa e alguém tivesse olhado para ela e dito: “Isso não é uma aranha.”

— Não quero fazer pouco caso — comentou Will. — Quero esmagar a aranha. Quero acabar com

essa coisa horrível.

Tess sentiu as lágrimas brotarem de novo.

— Também não quero fazer pouco caso do que você sente.

Will esticou-se por cima da mesa e estendeu a mão para ela, com a palma para cima. Ela ficou só observando por um tempo, ponderando, e então colocou a mão em cima da dele. O súbito calor da mão de Will, ao mesmo tempo familiar e estranho, o modo como envolvia a dela, a lembraram da primeira vez que se viram, quando foram apresentados na recepção da empresa onde Tess trabalhava, e seu usual nervosismo ao conhecer novas pessoas fora sobrepujado pela poderosa atração que ela sentira por aquele homem baixo e sorridente, que ria com aqueles olhos dourados, fitando diretamente os dela.

Eles ficaram sentados em silêncio, de mãos dadas, sem se olhar, e Tess pensou no modo como os olhos de Felicity hesitaram quando lhe perguntara se ela e Will tinham vindo de mãos dadas no voo de Melbourne, então quase puxou sua mão de volta; mas lembrou-se de estar do lado de fora do pub com Connor, o polegar dele acariciando a palma da sua mão, e por alguma razão também pensou em Cecília Fitzpatrick sentada num quarto de hospital com a pobrezinha da Polly, aquela menina linda, e pensou em Liam, seguro no andar de cima, com seu pijama azul de flanela, sonhando com ovos de chocolate. Ergueu os olhos para o céu estrelado e imaginou Felicity no avião em algum lugar acima deles, voando para um dia diferente, uma estação diferente, uma vida diferente, assistindo a um filme a bordo, lendo um livro, imaginando como podia ter chegado àquele ponto.

A lâmpada com sensor de movimento na varanda dos fundos da casa da mãe dela se apagou e, de repente, eles ficaram no escuro. Nenhum dos dois se mexeu.

Havia tantas decisões a serem tomadas. Como organizariam a próxima etapa de suas vidas? Ficariam em Sydney? Manteriam Liam na St. Angela? Impossível. Ela veria Connor todos os dias. E quanto à agência? Iriam colocar alguém no lugar de Felicity? Isso também parecia impossível. Na verdade, tudo parecia impossível. Insuperável.

E se Will e Felicity realmente tivessem que ficar juntos? E se ela e Connor tivessem que ficar juntos? Talvez não houvesse respostas para perguntas como essas. Talvez nada “tivesse que ser”. Havia apenas a vida, o momento e a tentativa de fazer o melhor. Sendo um pouco “flexível”.

— Vamos tentar até o Natal — disse Tess após um instante. Se você ainda estiver sentindo falta dela no Natal, se ainda a quiser, então deverá ir atrás dela.

— Não diga isso. Eu já falei. Eu não...

— Shhh.

Ela segurou a mão dele com mais força, e eles ficaram sentados ao luar, agarrando-se às ruínas de seu casamento.

Estava feito.

Cecilia e John-Paul estavam sentados lado a lado, observando as pálpebras cerradas de Polly se agitarem e se acalmarem, se agitarem e se acalmarem, como se eles estivessem acompanhando seus sonhos.

Cecilia segurava a mão esquerda da filha, ignorando as lágrimas que escorriam pelo rosto e pingavam do queixo. Lembrava-se de ter se sentado com John-Paul em outro hospital, ao amanhecer de outro dia de outono, depois de duas horas de trabalho de parto intenso. (Cecilia dera à luz com eficiência; com um pouco de eficiência demais na terceira filha.) Ela e John-Paul tinham contado os dedos das mãos e dos pés de Polly, da mesma forma que fizeram com Isabel e Esther, um ritual, como abrir e conferir um presente maravilhoso.

Agora seus olhos não paravam de se voltar para o lugar onde o braço direito de Polly deveria estar. Era uma anomalia, uma estranheza, uma discrepância óptica. De agora em diante, não seria mais sua beleza que atrairia o olhar das pessoas no shopping.

Cecilia deixou as lágrimas escorrerem. Precisava chorar tudo o que tivesse para chorar, porque estava determinada a não permitir que Polly jamais a visse derramar uma lágrima. Cecilia estava prestes a começar uma nova vida: como mãe de uma amputada. Mesmo enquanto chorava, sentia seus músculos se retesarem, de prontidão, como se ela fosse uma atleta a ponto de começar uma maratona. Em breve seria fluente numa nova linguagem de próteses, membros artificiais e sabe Deus o que mais. Ela moveria céus e terras, faria muffins e elogios falsos para conseguir os melhores resultados para sua filha. Ninguém era mais qualificado para essa função do que Cecilia.

Mas Polly estava preparada? Essa era a questão. Será que alguma criança de seis anos estaria preparada? Ela tinha a força de vontade para viver com esse tipo de deficiência num mundo que valorizava tanto a aparência das mulheres? *Ela ainda é linda*, pensou Cecilia, furiosa, como se alguém tivesse dito o contrário.

— Ela é forte — falou para John-Paul. — Você se lembra daquele dia na piscina quando ela queria provar que podia nadar até tão longe quanto Esther?

Ela pensou nos braços de Polly furando a água azul e com cloro da piscina, iluminada pelo sol.

— Meu Deus. *Nadar*. — Todo o corpo de John-Paul se retesou e ele levou a mão ao peito, como se estivesse sofrendo um ataque cardíaco.

— Não caia morto na minha frente — disse Cecilia, em tom cortante.

Ela apertou os olhos com a base das mãos e fez movimentos circulares. Sentia um gosto tão salgado por causa das lágrimas que parecia estar nadando no mar.

— Por que você contou a Rachel? — perguntou John-Paul. — Por que agora?

Ela baixou as mãos do rosto e olhou para ele. Diminuiu o tom de voz para um sussurro:

— Porque ela achava que Connor Whitby havia matado Janie. Ela estava tentando *atropelar* Connor.

Ela observou o rosto de John-Paul enquanto ele ligava os pontos e enfim chegava à horrenda conclusão de sua responsabilidade.

Ele pressionou o punho na boca.

— Merda — disse ele baixinho, a voz abafada pelos nós dos dedos, e começou a se balançar para a frente e para trás, como uma criança autista. — A culpa foi minha — murmurou, ainda com a mão na boca. — Eu provoqueei isso. Ai, meu Deus, Cecília. Eu devia ter confessado. Devia ter contado a Rachel Crowley.

— Pare com isso — sussurrou Cecília. — Ela pode ouvir.

Ele se levantou e foi até a porta do quarto. Virou-se e olhou para Polly, o rosto desfigurado pelo desespero. Desviou o olhar, puxando inutilmente o tecido da camisa. De repente, se agachou, a cabeça baixa, as mãos entrelaçadas na nuca.

Cecília o observou, sem esboçar emoção. Lembrava-se de como ele havia soluçado na manhã da Sexta-feira Santa. A dor e o arrependimento que sentia pelo que tinha feito à filha de outro homem não era nada comparado ao que sentia por sua própria filha.

Ela desviou o olhar dele, direcionando-o de volta para Polly. Você podia se esforçar o quanto quisesse para tentar imaginar a tragédia de outra pessoa — afogar-se em águas congelantes, viver numa cidade dividida por um muro —, mas nada dói de verdade até acontecer com você. Pior ainda, com seu filho.

— Levante-se, John-Paul — ordenou ela, sem olhar para o marido. Seus olhos continuavam fixos em Polly.

Cecília pensou em Isabel e Esther, que estavam em casa com os avós. Os irmãos sempre acabam sendo negligenciados quando algo assim acontece a uma família. Ela tinha que encontrar um jeito de ser mãe das três apesar de tudo. Deixaria a Associação de Pais e Amigos. Deixaria de trabalhar para a Tupperware. Eles não precisavam daquele dinheiro.

Tornou a olhar para John-Paul, que ainda estava de cócoras no chão, como se tentasse se proteger da explosão de uma bomba.

— Levante-se — repetiu ela. — Você não pode desabar. Polly precisa de você. Todas nós precisamos de você.

John-Paul tirou as mãos da nuca e a encarou com olhos injetados.

— Mas eu não estarei com vocês — percebeu ele. — Rachel vai contar à polícia.

— Talvez — disse Cecília. — Talvez ela conte. Mas acho que não. Não acredito que Rachel vá separar você da sua família. — Não havia prova alguma disso, ela apenas sentia de algum modo, pelo menos por ora, que era verdade. — Não agora, de qualquer jeito.

— Mas...

— Acho que já pagamos — disse Cecília, a voz baixa e cruel. Ela gesticulou para Polly. — Veja como pagamos.

Rachel estava sentada em frente à TV, vendo a sequência de imagens e rostos coloridos e hipnóticos. Se alguém desligasse a TV e lhe perguntasse a que estava assistindo, ela não saberia responder.

Poderia pegar o telefone naquele exato momento e fazer com que John-Paul fosse preso por assassinato. Poderia fazer isso nesse instante, em uma hora ou pela manhã. Podia esperar até que Polly tivesse alta do hospital, ou mais alguns meses. Seis meses. Um ano. Dar a ela mais um ano com o pai e depois levá-lo embora. Poderia esperar até que o acidente ficasse no passado e fosse apenas uma lembrança. Poderia esperar as meninas Fitzpatrick crescerem um pouco mais, tirarem carteira de habilitação e não precisarem mais do pai.

Era como se tivessem lhe dado uma arma carregada, junto com a permissão para atirar no assassino de Janie a qualquer momento. Se Ed ainda fosse vivo, o gatilho já teria sido puxado. A polícia já teria sido chamada há horas.

Pensou nas mãos de John-Paul em volta do pescoço de Janie e sentiu aquela antiga e conhecida raiva brotar em seu peito. *Minha garotinha.*

Pensou na garotinha dele. No capacete rosa cintilante. *Freio. Freio. Freio.*

Se contasse à polícia sobre a confissão de John-Paul, será que os Fitzpatrick revelariam a confissão que ela fizera? Será que seria presa por tentativa de homicídio? Foi pura sorte ela não ter matado Connor. Será que seu pé no acelerador era um pecado equivalente às mãos de John-Paul no pescoço de Janie? Mas o que aconteceu com Polly foi um acidente. Todo mundo sabia disso. Ela foi com a bicicleta direto para a frente do carro. Deveria ter sido Connor. E se Connor tivesse morrido esta noite? A família *dele* recebendo o telefonema, aquele que faria com que, pelo resto da vida, eles nunca mais ouvissem o toque do telefone ou a campainha sem sentir um calafrio.

Connor estava vivo. Polly estava viva. Só Janie havia morrido.

E se ele ferisse mais alguém? Ela se lembrou do rosto dele no hospital, devastado de preocupação diante do corpo mutilado da filha. “Ela riu de mim, Sra. Crowley.” *Ela riu de você? Seu filho da mãe idiota, egoísta. Isso bastou para que você a matasse? Para que acabasse com a vida dela? Acabasse com todos os dias que ela poderia ter vivido, os diplomas que nunca ganhou, os países que nunca visitou, o marido com quem nunca se casou, os filhos que nunca teve?* Rachel tremia tanto que sentia os dentes batendo.

Ela se levantou. Foi até o telefone e o tirou do gancho. Seu polegar pairou sobre as teclas. Lembrou-se de quando ensinou Janie a ligar para a polícia em caso de emergência. Na época ainda tinham aquele velho telefone verde de disco. Ela deixara a filha treinar discando os números, e depois desligava antes que começasse a chamar. Janie queria fazer uma encenação completa. Fez Rob se deitar no chão da cozinha enquanto ela gritava ao telefone: “Preciso de uma ambulância! Meu irmão não está respirando! Pare de respirar”, ordenou ela. “Rob, consigo ver que você está respirando.” Seu irmão quase desmaiara tentando agradá-la.

A pequena Polly Fitzpatrick não teria mais a mão direita. Será que era destra? Provavelmente. A maioria das pessoas é destra. Janie era canhota. Uma das freiras tentara fazer com que ela escrevesse com a mão direita, e Ed fora à escola e dissera: “Irmã, com todo o respeito, quem a senhora acha que a fez canhota? Foi Deus! Então vamos deixar ela ser assim.”

Rachel apertou uma tecla.

— Alô? — Atenderam muito mais rápido do que ela estava esperando.

— Lauren — disse Rachel.

— Rachel. Rob já vai sair do banho. Está tudo bem?

— Sei que é tarde — reconheceu Rachel, sem nem mesmo olhar a hora. — E sei que eu não deveria incomodar tanto assim, depois de todo o tempo que vocês passaram comigo ontem, mas eu estava pensando se poderia passar a noite aí. Só dessa vez. Por algum motivo, não sei qual, mas não me sinto capaz de...

— Claro que pode — disse Lauren e, de repente, gritou: — Rob! — Rachel ouviu o som grave da voz do filho ao fundo. Escutou Lauren falar: — Vá buscar sua mãe.

Pobre Rob. Em rédea curta, teria dito Ed.

— Não, não — interveio Rachel. — Ele acabou de sair do banho. Eu mesma vou de carro.

— De jeito nenhum — retrucou Lauren. — Ele já está indo. Não estava fazendo nada! Vou arrumar o sofá-cama. É incrivelmente confortável! Jacob vai ficar tão feliz de vê-la amanhã de manhã. Mal posso esperar para ver o rostinho dele.

— Obrigada — disse Rachel.

Ela sentia-se ao mesmo tempo aquecida e sonolenta, como se alguém tivesse colocado um cobertor em cima dela.

— Lauren? — disse ela, antes de desligar. — Você não tem mais daqueles macarons, não é? Iguais aos que trouxe para mim segunda à noite? Estavam divinos. Absolutamente divinos.

Houve uma pausa quase imperceptível.

— Na verdade, tenho, sim. — A voz de Lauren tremeu. — Podemos comer alguns com uma xícara de chá.

DOMINGO DE PÁSCOA

Tess acordou com o barulho da chuva forte. Ainda estava escuro, devia ser por volta das cinco da manhã, acreditava ela. Will estava deitado de lado perto dela, virado para a parede e roncando baixinho. A forma, o cheiro e a sensação dele por perto eram tão comuns e conhecidos que os acontecimentos da última semana pareciam inconcebíveis. Ela poderia ter obrigado Will a dormir no sofá da mãe dela, mas aí teria que lidar com as perguntas de Liam. Ele já tinha percebido que as coisas não estavam muito normais; esta noite, à mesa de jantar, ela notara os olhos do filho movendo-se constantemente entre ela e Will, monitorando a conversa deles. Seu rostinho desconfiado partiu o coração dela, e a deixou tão furiosa com Will que mal conseguia encará-lo.

Ela se moveu um pouco para longe de Will, para que seus corpos não se tocassem. Era útil ter aquele segredo culposos. Ajudava-a a normalizar sua respiração durante esses súbitos acessos de raiva. Ele a enganara. Ela dera o troco.

Será que ambos estavam passando por uma espécie de insanidade temporária? Afinal, se isso servia de defesa para assassinos, por que não para casais? O casamento era uma forma de loucura; o amor pairava sempre no limite da irritação.

Connor deveria estar dormindo agora, em seu apartamento arrumado, cheirando a alho e sabão em pó, já dando início ao processo de seguir em frente e esquecer-la pela segunda vez. Será que estava se punindo por ter se envolvido de novo com uma mulher má, sem coração?

Por que ela estava falando como se fosse a mulher de uma música country? Para atenuar o que fizera, provavelmente; para tornar seu comportamento mais delicado e melancólico, não vulgar. Ela tinha a impressão de que Connor gostava de música country, mas ela poderia estar enganada, confundindo-o com outro ex-namorado. Não o conhecia de verdade.

Will não suportava música country.

Era por isso que o sexo com Connor tinha sido tão bom: porque eram praticamente estranhos. Ele era novidade. Isso fez tudo — seus corpos, suas personalidades, seus sentimentos — parecerem mais bem definidos e, em consequência, melhores. Não tinha lógica, mas, quanto mais se conhecia alguém, menos nítida essa pessoa ficava. O acúmulo de informações a fazia desaparecer. Era mais interessante imaginar se alguém gostava ou não de música country do que saber a resposta.

Ela e Will deviam ter feito amor, o quê, umas mil vezes? Pelo menos. Tess começou a calcular, mas estava cansada demais. A chuva ficou mais forte, como se alguém tivesse aumentado o volume. Liam teria que ir procurar os ovos de Páscoa de galochas e guarda-chuva. Já devia ter chovido em um domingo de Páscoa, mas todas as lembranças que Tess tinha eram de céu azul e ensolarado, como se aquela fosse a primeira Páscoa triste e chuvosa da sua vida.

Liam não se importaria com a chuva. Provavelmente iria adorar. Ela e Will olhariam um para o outro e ririam, depois desviariam o olhar depressa, ambos pensando em Felicity e em como era estranho estar ali sem ela. Será que conseguiriam fazer isso? Consequiriam fazer dar certo pelo bem de um lindo garotinho de seis anos?

Ela começou a pegar no sono.

Talvez minha mãe estivesse certa, pensou Tess, com a mente embotada. *É tudo uma questão de ego*. Sentiu que estava prestes a entender algo importante. Poderiam se apaixonar por pessoas novas, diferentes, ou poderiam ter a coragem e a humildade de arrancar algumas camadas essenciais de si mesmos e revelar um ao outro um novo nível de diversidade, um nível que ia muito além de que tipo de música gostavam. Para ela, parecia que todo mundo tinha autopreservação e orgulho demais para simplesmente desnudar a alma na frente de parceiros de longa data. Era mais fácil fingir que não havia mais nada a conhecer, criar um companheirismo despreocupado. Era quase constrangedor ser íntimo de verdade de seu cônjuge; como era possível ver alguém usar o fio dental num minuto e, no seguinte, dividir com essa pessoa sua mais profunda paixão ou seus medos mais ridículos e banais? Era quase mais fácil falar sobre esse tipo de coisa *antes* de dividir o banheiro e a conta bancária e discutir sobre como colocar a louça na máquina. Mas agora que aquilo havia acontecido, ela e Will não tinham mais escolha; senão acabariam se odiando pelo que estavam sacrificando em prol de Liam.

E talvez já tivessem começado na noite passada, quando dividiram suas histórias sobre carecas e o *quiz* da escola. Na mesma medida que achava graça, ela também sentia ternura ao pensar na expressão chocada de Will quando a cabeleireira ergueu o espelho para mostrar a ele a parte de trás de sua cabeça.

A bússola que o pai lhe dera estava na mesinha de cabeceira. Ela se perguntou o que teria acontecido com o casamento dos pais caso tivessem decidido ficar juntos por causa dela. Se houvessem tentado de verdade, por amor a ela, será que teriam conseguido? Provavelmente não. Mas estava convencida de que a felicidade de Liam era a melhor razão do mundo para que ela e Will estivessem ali naquele momento.

Lembrou-se de Will dizendo que queria esmagar a aranha que a assustava. Ele queria matar o que a amedrontava.

Talvez ele não estivesse ali só pelo bem de Liam.

Talvez ela tampouco.

O vento uivou e o vidro da janela do quarto tremeu. A temperatura ali dentro parecia despencar, e, de repente, Tess sentiu um frio violento. Graças a Deus Liam estava usando seu pijama quentinho e ela tinha colocado um cobertor extra em cima dele; do contrário, teria que se levantar no frio para ir verificar como o filho estava. Rolou para perto de Will e pressionou o corpo nas costas dele. O calor era um alívio maravilhoso, e ela sentiu que estava voltando a pegar no sono, mas ao mesmo tempo tocou o pescoço dele com os lábios, sem querer, por reflexo. Sentiu Will se mexendo, jogando a mão para trás, para acariciar o quadril dela. E, sem que nenhum dos dois decidisse ou perguntasse, viram-se fazendo amor — um sexo calmo, sonolento, casado, e cada movimento parecia doce, simples e familiar, só que normalmente eles não choravam.

— Vovó! Vovó!

Devagar, Rachel despertou de um sono profundo, sem sonhos. Era a primeira vez em anos que dormia sem as luzes acesas. O quarto de Jacob tinha cortinas pesadas e escuras na janela, como as de um hotel, e Rachel dormira quase de imediato no sofá-cama ao lado da minicama dele. Lauren tinha razão; o sofá-cama era surpreendentemente confortável. Rachel não se lembrava de quando tinha sido a última vez que dormira tão pesado; era como uma habilidade do passado que ela acreditava ter perdido para sempre, como dar estrela.

— Oi — disse ela.

Rachel só conseguia distinguir o contorno do corpinho de Jacob de pé junto a sua cama. O rosto dele estava na mesma altura do dela, seus olhinhos brilhando no escuro.

— Você *aqui*! — Ele estava surpreso.

— Eu sei — afirmou ela.

Até ela estava surpresa, pois Lauren e Rob a tinham convidado para passar a noite lá tantas vezes, e ela sempre recusara na mesma hora e com firmeza, como se aquilo fosse contra a sua religião.

— Chovendo — anunciou Jacob, solene, e ela percebeu o barulho da chuva forte.

Não havia relógio no quarto, mas parecia que eram cerca de seis da manhã, cedo demais para começar o dia. Ela lembrou, com um leve aperto no peito, que havia combinado de ir à casa dos pais de Lauren para o almoço de Páscoa. Talvez fingisse que estava se sentindo mal. Afinal de contas, tinha passado a noite lá; na hora do almoço, eles já estariam cansados dela, e ela, cansada deles.

— Quer subir aqui comigo? — perguntou ela a Jacob.

O menino gargalhou, como se ela fosse uma avó maluca, e se alçou para cima da cama. Subiu na avó e enterrou o rosto em seu pescoço. Seu corpinho estava quente e pesado. Ela beijou a pele sedosa de seu rosto.

— Será que... — Ela se deteve quando estava prestes a dizer: *Será que o Coelhinho da Páscoa já passou por aqui?*

Isso faria Jacob pular da cama e sair correndo pela casa à procura dos ovos, acordando Rob e Lauren, e Rachel seria a sogra e hóspede inconveniente que havia lembrado à criança de que era Páscoa.

— Será que não deveríamos voltar a dormir? — corrigiu-se ela, apesar de achar que era muito improvável que qualquer um dos dois conseguisse.

— Não — respondeu ele.

Rachel sentiu os cílios do neto se agitando suavemente em seu pescoço.

— Tem ideia de como vou sentir sua falta quando você for para Nova York? — perguntou ela, no ouvido dele.

Aquilo não fazia o menor sentido para ele, é claro. Jacob ignorou a pergunta e se acomodou numa

posição mais confortável.

— Vovó — disse ele, alegre.

— Ai — reclamou ela, quando o neto afundou o joelho em sua barriga.

A chuva ficou mais forte, e de repente o quarto pareceu mais frio. Ela ajeitou os cobertores em volta de seus corpos, segurou Jacob mais perto e cantou em seu ouvido:

— A dona aranha subiu pela parede, veio a chuva forte e a derrubou. Já passou a chuva, o sol já vem surgindo, e a dona aranha continua a subir.

— De novo — pediu Jacob.

E ela cantou mais uma vez.

A pequena Polly Fitzpatrick acordaria naquela manhã com um corpo que nunca mais seria o mesmo por causa do que Rachel tinha feito. Aquilo pareceria cruel para John-Paul e Cecília. Eles ficariam em choque durante meses, até enfim aprenderem, como Rachel havia aprendido, que o impensável acontecia, e o mundo continuava girando, as pessoas ainda comentavam muito sobre o clima, ainda havia engarrafamentos e contas de luz, escândalos envolvendo celebridades e golpes políticos.

Em algum momento, quando Polly já tivesse saído do hospital e estivesse em casa, Rachel pediria a John-Paul que fosse à sua casa e descrevesse os últimos momentos de Janie. Ela podia imaginar exatamente como seria. O rosto dele, tenso e assustado, quando ela abrisse a porta. Prepararia uma xícara de chá para o assassino de sua filha, e ele se sentaria à mesa da cozinha e contaria como foi. Ela não lhe garantiria absolvição, mas faria uma xícara de chá para ele. Jamais o perdoaria, mas talvez nunca o denunciasse nem pedisse para se entregar. Depois que ele fosse embora, ela se sentaria no sofá, se balançaria, choraria e gritaria. Uma última vez. Nunca deixaria de chorar por Janie, mas aquela seria a última vez que iria chorar daquele jeito.

Então prepararia mais uma xícara de chá e decidiria. Tomaria sua decisão final sobre o que tinha que ser feito, qual seria o preço a pagar, ou se, de fato, já havia sido pago.

— ...já passou a chuva, o sol já vem surgindo e a dona aranha continua a subir.

Jacob estava dormindo. Rachel tirou-o de cima dela e o puxou mais para cima, para que pudessem dividir o travesseiro.

Na terça-feira diria a Trudy que iria se aposentar da St. Angela. Não poderia arriscar ir para a escola e ver a pequena Polly Fitzpatrick e seu pai. Seria impossível. Era hora de vender a casa, as lembranças e a dor.

Seus pensamentos se voltaram para Connor Whitby. Houve mesmo um momento em que seus olhos encontraram os dela e ele corraera para o outro lado da rua? Um momento em que ele percebera sua intenção assassina e corraera para salvar a própria vida? Ou ela tinha imaginado isso? Ele era o garoto que Janie escolheu em vez de John-Paul Fitzpatrick. *Escolheu o garoto errado, querida.* Ela ainda estaria viva se tivesse escolhido John-Paul.

Ela se perguntou se Janie realmente havia amado Connor. Será que Connor seria o genro que Rachel estava destinada a ter naquela vida paralela fantasiosa que ela nunca viveria? E será que Rachel devia à memória de Janie fazer alguma coisa boa para Connor? Convidá-lo para jantar? Ela estremeceu com a ideia. Definitivamente não. Ela não podia apagar seus sentimentos como quem apaga a luz. Ainda podia ver a raiva no rosto dele naquele vídeo, e como Janie se encolhera. Ela sabia, pelo menos racionalmente, que aquilo

não passava de um adolescente comum desesperado por uma resposta direta de uma garota, mas isso não significava que ela o perdoava.

Pensou em como Connor sorrira para Janie no vídeo, antes de perder a paciência. O sorriso genuinamente apaixonado. Também se lembrou da foto no álbum de Janie: aquela em que Connor ria com tanto carinho de algo que Janie dissera.

Talvez um dia enviasse a Connor uma cópia daquela foto com um cartão. *Achei que você poderia gostar de ter isto.* Um sutil pedido de desculpas pela forma como o tratara durante todos aqueles anos, e, ah, sim, um sutil pedido de desculpas por ter tentado matá-lo. Não vamos nos esquecer disso. Ela sorriu no escuro, virou a cabeça e pressionou os lábios no couro cabeludo de Jacob, procurando consolo.

Amanhã irei ao correio e pegarei um formulário de requerimento de passaporte, pensou ela. *Irei visitá-los em Nova York. Talvez eu até faça um daqueles cruzeiros para o Alasca. Marla e Mac podem ir comigo. Elas não se incomodariam com o frio.*

Agora volte a dormir, mãe, disse Janie. Por um momento, Rachel pôde ouvi-la com bastante clareza. A mulher de meia-idade que teria se tornado, tão segura de si e de seu lugar no mundo, mandona e carinhosa, condescendente e impaciente com sua velha e querida mãe, ajudando-a a tirar seu primeiro passaporte.

Não consigo dormir, disse Rachel.

Consegue, sim, insistiu Janie.

Rachel dormiu.

* * *

A demolição oficial do Muro de Berlim aconteceu com tanta eficiência quanto sua construção. Em 22 de junho de 1990, o Checkpoint Charlie, o famoso símbolo da Guerra Fria, foi desmantelado numa cerimônia estranhamente prosaica. Um guindaste gigantesco ergueu toda a famosa cabana de metal bege diante de ministros estrangeiros e outros dignitários sentados em fileiras de cadeiras de plástico.

No mesmo dia, em outro hemisfério, Cecília Bell, recém-chegada de sua viagem à Europa com a amiga Sarah Sacks e extremamente preparada para ter um namorado e uma vida estruturada de forma apropriada, foi a um open house num apartamento de dois quartos lotado, em Lane Cove.

— Você deve conhecer John-Paul Fitzpatrick, não é, Cecília? — gritou o anfitrião, mais alto que o barulho da música.

— Oi — disse John-Paul.

Cecília pegou a mão dele, fitou seus olhos sérios e sorriu, como se tivesse acabado de garantir sua liberdade.

* * *

— Mamãe.

Cecília acordou ofegante, como se estivesse se afogando. Estava sonhando com o pequeno Homem-Aranha. Só que no sonho ele era Polly. Sua boca estava seca e parecia oca. Ela devia estar dormindo de boca aberta, com a cabeça para trás, apoiada na cadeira ao lado da cama de Polly. John-Paul fora para casa ficar com as meninas e buscar roupas limpas para eles. Mais tarde naquela manhã, se Cecília assim o instruisse, ele traria Isabel e Esther para uma visita.

— Polly — disse ela, frenética.

“Cuidado com a sua linguagem corporal”, alertara a assistente social na noite anterior. “As crianças nos interpretam muito melhor do que imaginamos. Seu tom de voz. Suas expressões faciais. Seus gestos.”

Sim, obrigada, sei o que é linguagem corporal, pensara Cecília. A assistente social tinha o cabelo preso para trás por um par de óculos escuros grande demais, como se estivesse numa festa na praia, e não em um hospital, às seis da tarde, conversando com pais que enfrentavam seu pior pesadelo. Cecília não conseguia perdoá-la pela irreverência daqueles malditos óculos escuros.

Você não teria como saber disto, mas a Sexta-feira Santa era o pior momento para seu filho sofrer uma ferida traumática. Muitos membros da equipe regular estavam de folga por causa do feriado, então levaria alguns dias para Cecília conhecer todo mundo que fazia parte da “equipe de reabilitação” de Polly, incluindo uma fisioterapeuta, uma terapeuta ocupacional, uma psicóloga e um especialista em próteses. Era ao mesmo tempo reconfortante e aterrorizante saber que havia procedimentos para esse tipo de coisa, com panfletos informativos e “dicas preciosas”, e que eles iriam percorrer um caminho já trilhado por muitos

outros pais. Sempre que alguém falava com Cecília, com autoridade e frieza, sobre o que a aguardava, havia um momento em que ela não prestava atenção em parte do que eles estavam dizendo, porque, de súbito, ficava paralisada pelo choque. Ninguém no hospital estava *surpreso* com o que acontecera a Polly. Nenhum dos médicos ou enfermeiros segurara o braço dela e falara: “Meu Deus, não acredito. Não consigo acreditar.” Seria desconcertante se fizessem isso, mas também era um pouco desconcertante que não o fizessem.

Por isso era reconfortante ouvir as dezenas de mensagens deixadas no celular por parentes e amigos; ouvir sua irmã, Bridget, falando de modo incoerente por causa do choque; ouvir a voz de Mahalia, normalmente imperturbável, falhar; ouvir a diretora da escola, a querida Trudy McDuff, chorando, pedir desculpas, e depois ligar de novo e repetir tudo. (A mãe dela dissera que nada menos que *quatorze* panelas de comida já tinham sido entregues pelas mães da escola. Toda aquela comida que ela fizera ao longo dos anos estava enfim voltando para casa.)

— Mamãe — murmurou Polly mais uma vez, mas seus olhos estavam fechados.

Parecia que ela estava falando dormindo. Ela estremeceu e sua cabeça balançou de um lado para o outro, agitada, como se estivesse com dor ou com medo. A mão de Cecília pairou no botão de emergência, mas então o rosto de Polly se acalmou.

Cecília soltou o ar. Não tinha percebido que estava prendendo a respiração. Isso também vinha acontecendo com frequência. Ela precisava se lembrar de respirar.

Ela voltou a se sentar na cadeira e imaginou como John-Paul estaria se virando com as meninas e, sem aviso, foi assolada por um violento espasmo de ódio que não se parecia com nada que já tivesse sentido na vida. Ela o odiava pelo que ele fizera com Janie Crowley tantos anos atrás. Ele era o responsável pelo pé de Rachel Crowley no acelerador. O ódio se espalhou pelo seu corpo como um veneno de ação rápida. Ela queria chutá-lo, bater nele, matá-lo. Deus do céu. Ela não suportaria ficar no mesmo cômodo que ele. Respirou superficialmente e olhou em volta, desesperada, procurando algo para quebrar ou no que bater. *Este não é o momento*, disse a si mesma. *Isso não vai ajudar Polly.*

Ela está se culpando, lembrou-se. Pensar que ele estava sofrendo lhe deu algum alívio. Aos poucos, o ódio foi diminuindo, até chegar a um nível controlável. Ela sabia que a sensação voltaria, e que, à medida que Polly fosse sofrendo a cada nova etapa, Cecília iria procurar alguém a quem culpar — alguém que não ela própria. Esta era a origem do ódio: saber de sua responsabilidade. Sua decisão de sacrificar Rachel Crowley por sua família tinha culminado naquele momento no quarto de hospital.

Ela sabia que seu casamento estava fundamentalmente arruinado, mas também sabia que, pelo bem de Polly, eles continuariam juntos, aos trancos e barrancos, como soldados feridos. Ela aprenderia a conviver com as ondas de ódio. Este seria seu segredo. Seu segredo abominável.

E, assim que as ondas passassem, ainda haveria amor. Era completamente diferente da adoração descomplicada e incondicional que sentira quando era uma jovem noiva, caminhando para o altar, em direção àquele homem tão bonito e sério. Mas ela sabia que, não importava o quanto o odiasse pelo que ele fizera, o amor ainda estaria ali, como uma profunda mina de ouro em seu coração. Sempre estaria ali.

Pense em outra coisa. Ela pegou seu iPhone e começou a fazer uma lista. Para começar, o aniversário de sete anos de Polly. Será que poderiam fazer uma festa de pirata no hospital? Claro que poderiam. Seria a

festa mais maravilhosa e mágica de todos os tempos. Ela faria as enfermeiras usarem tapa-olhos.

— Mãe? — Polly abriu os olhos.

— Oi, princesa Polly — disse Cecília. Desta vez estava pronta, como uma atriz prestes a entrar no palco. — Adivinhe quem deixou uma coisa para você ontem à noite?

Ela tirou um ovo de Páscoa de baixo do travesseiro de Polly. Estava embrulhado num papel dourado brilhante, com uma fita vermelha de veludo amarrada no meio.

Polly sorriu.

— O Coelho da Páscoa?

— Muito melhor. O Sr. Whitby.

Polly estendeu a mão para pegar o ovo, e uma expressão confusa atravessou seu lindo rosto. Franziu a testa para a mãe, esperando que ela consertasse as coisas.

Cecília pigarreou, sorriu e segurou a mão esquerda de Polly com firmeza em cima da sua.

— Querida — disse ela.

E então começou.

Há tantos segredos em nossas vidas que nunca conheceremos.

Rachel Crowley nunca saberá que seu marido não estava visitando clientes em Adelaide no dia que Janie foi assassinada, como lhe dissera. Ele estava numa quadra de tênis, fazendo aulas intensivas com a esperança de aprender a quebrar o maldito saque de Toby Murphy. Ed não havia contado a Rachel antes porque sentia-se constrangido por sua motivação (tinha visto como Toby olhava para sua esposa, e como Rachel retribuía o olhar), e não lhe contara depois porque estava profundamente envergonhado e se culpando, ainda que isso não tivesse lógica, por não ter estado junto de Janie. Ele nunca mais tocou na raquete, e levou seu segredo bobo para o túmulo.

Por falar em tênis, Polly Fitzpatrick nunca saberá que, se não tivesse ido com a bicicleta para a frente do carro de Rachel Crowley naquele dia, teria ganhado de sua tia Bridget uma raquete de presente pelo seu sétimo aniversário. Duas semanas depois, teria ido à primeira aula e, após vinte minutos, seu treinador teria procurado o chefe dele na quadra ao lado e dito: “Venha ver a direita dessa menina”, e a virada de sua raquete teria mudado sua vida tão depressa quanto a virada do guidom ao seguir o Sr. Whitby.

Polly também nunca saberá que o Sr. Whitby a ouvira chamar por ele naquela terrível Sexta-feira Santa, mas fingira não ter escutado porque estava louco para chegar em casa e guardar aquela pipa ridícula em forma de peixe de volta no armário, junto com sua igualmente ridícula esperança de ter outra chance com sua maldita ex-namorada Tess O’Leary. A culpa paralisante que Connor sentia pelo acidente de Polly ajudará sua terapeuta a bancar os estudos de sua filha no nono ano de uma escola particular, e só começará a diminuir no dia que ele enfim erguer os olhos e encarar a linda dona do restaurante indiano onde ele come seu prato com curry pós-terapia.

Tess nunca terá certeza se seu marido, Will, é o pai biológico de sua segunda filha, fruto de uma gravidez acidental concebida numa estranha semana de abril, em Sydney. As pilulas só funcionam se são tomadas, e ela esquecera a cartela em Melbourne, ao fugir para Sydney. Nem uma palavra acerca dessa possibilidade jamais será mencionada, embora, quando a adorada filha adolescente de Tess mencionar num almoço de Natal que decidiu se tornar professora de educação física, sua avó vá se engasgar com um pedaço de peru e a prima de sua mãe vá derrubar champanhe no colo de seu belo marido francês.

John-Paul Fitzpatrick jamais saberá que, se Janie tivesse se lembrado da consulta naquele dia de 1984, sua médica a teria escutado descrever seus sintomas e, depois de observar seu corpo incomumente alto, comprido e magro, teria desconfiado do diagnóstico de síndrome de Marfan, um distúrbio genético incurável das membranas conjuntivas, do qual supunha-se que Abraham Lincoln sofrera, cujas características eram membros alongados, dedos finos e compridos e complicações cardiovasculares. Os sintomas incluem fadiga, falta de ar, pulsação acelerada e mãos e pés frios por causa da má circulação, todos eles sentidos por Janie no dia que morreu. É uma doença hereditária, que Petra, tia de Rachel, que caiu morta aos vinte anos, também deveria ter. A médica, que, graças a uma mãe autoritária, era muito

determinada e excelente profissional, conseguiria marcar uma consulta de emergência para Janie no hospital, onde um ultrassom teria confirmado suas suspeitas e salvado a vida dela.

John-Paul nunca saberá que foi um aneurisma da aorta que matou Janie, não asfixia traumática, e que, se o legista que fizera a autópsia de Janie não estivesse com uma gripe terrível naquele dia, não estaria tão disposto a concordar com a solicitação da família Crowley para que o exame fosse o menos invasivo possível. Outro legista teria feito a autópsia completa e visto a evidência, clara como o dia, do aneurisma da aorta, causa indiscutível da morte de Janie.

Se tivesse sido qualquer outra garota que não Janie Crowley no parque naquele dia, teria cambaleado, ofegante, quando John-Paul baixasse as mãos ao perceber o que estava fazendo antes dos sete a quatorze segundos necessários para um homem mediano estrangular uma mulher mediana, e ela teria saído correndo, as lágrimas escorrendo, ignorando seus pedidos de desculpas gritados. Outra garota teria denunciado John-Paul à polícia, acusando-o de agressão, fazendo sua vida seguir um caminho completamente diferente.

John-Paul jamais saberá que, se Janie tivesse ido à consulta naquela tarde, teria passado na mesma noite por uma cirurgia de emergência que salvaria sua vida, e enquanto se recuperava, ela teria ligado para John-Paul e partido seu coração por telefone. Teria se casado com Connor Whitby jovem demais e se divorciado dez dias depois do segundo aniversário de casamento.

Menos de seis meses depois, Janie teria esbarrado em John-Paul Fitzpatrick num *open house* em Lane Cove, apenas alguns momentos antes de Cecilia Bell entrar pela porta.

Nenhum de nós conhece todos os possíveis cursos que nossas vidas poderiam ter tomado. E provavelmente é melhor assim. Alguns segredos devem ficar guardados para sempre. Pergunte a Pandora.

AGRADECIMENTOS

Eu tinha poucos leitores nos Estados Unidos até ter a sorte de ser colocada sob as asas da talentosa e incrível Amy Einhorn. Obrigada a todos da Amy Einhorn Books pelo apoio, com um agradecimento especial a Elizabeth Stein. Agradeço também à minha agente, Faye Bender, e a Cate Paterson, Samantha Sainsbury e Alexandra Nahlous, na Austrália, Samantha Humphreys e Celine Kelly, no Reino Unido e Daniela Jarzynka, na Alemanha.

Sou muito grata à minha amiga Lena Spark, que me deu aconselhamento especializado nos assuntos médicos e respondeu às minhas perguntas um tanto pavorosas enquanto empurrávamos nossos filhos no balanço do parquinho. Quaisquer erros são inteiramente responsabilidade minha.

Obrigada às minhas irmãs por serem minhas irmãs: Jaclyn Moriarty, Katrina Harrington, Fiona Ostric e Nicola Moriarty. Obrigada a Adam pelas xícaras de chá, e a George e Anna por me deixarem “trabalhar no computador”. Obrigada, Anna Kuper, por gentilmente incentivar George e Anna a me deixarem trabalhar no computador.

Obrigada a meus amigos e companheiros autores, Dianne Blacklock e Ber Carroll. Caminhar com vocês ao meu lado é sempre muito divertido.

Acima de tudo, obrigada aos leitores que encontram tempo para me escrever. Sou viciada em seus e-mails, páginas do Facebook e blogs. Acho que tenho os leitores mais adoráveis e generosos do mundo.

A obra *Berlin Rising: Biography of a City*, de Anthony Read e David Fisher, teve um valor inestimável para mim enquanto escrevia este livro.

SOBRE A AUTORA



Liane Moriarty é autora de cinco romances e de uma série de livros infantis. Ela mora em Sydney, na Austrália, com o marido e dois filhos pequenos e barulhentos.